

Você acredita em contos de fadas?



Enquanto  
**BELA**  
dormia

ELIZABETH BLACKWELL









## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.



Enquanto  
**BELA**  
dormia



ELIZABETH BLACKWELL





Título original: *While Beauty Slept*

Copyright © 2014 por Elizabeth Blackwell  
Copyright da tradução © 2016 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicado mediante acordo com Amy Einhorn Books, editado por  
G.P. Putnam's Sons, membro do Penguin Group Inc. (EUA).

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro  
pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer  
meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

*tradução:* Vera Ribeiro

*preparo de originais:* Taís Monteiro

*revisão:* Cristhiane Ruiz e Juliana Souza

*projeto gráfico e diagramação:* Valéria Teixeira

*capa:* Christiano Menezes/Retina 78

*adaptação para eBook:* [Hondana](#)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

B571e Blackwell, Elizabeth  
Enquanto bela dormia [recurso eletrônico]/Elizabeth Blackwell  
[tradução de Vera Ribeiro].  
São Paulo: Arqueiro, 2016.  
recurso digital

Tradução de: *While beauty slept*  
Formato: epub  
Requisitos do sistema: adobe digital editions  
Modo de acesso: world wide web  
ISBN 978-85-8041-449-3 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Ribeiro, Vera. II. Título.

CDD:

15-28505

813

CDU:

821.111(73)-3

---

Todos os direitos reservados, no Brasil, por  
Editora Arqueiro Ltda.  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)  
[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)

Para mamãe, papai e Rachel,  
meus primeiros leitores

## PRÓLOGO

Ela já se tornou lenda. A moça bonita e voluntariosa que conheci partiu para sempre, sua vida transformada em mito. A princesa que espetou o dedo numa roca e adormeceu por cem anos, para ser acordada apenas pelo beijo do verdadeiro amor.

Ouvi essa história ontem à noite, quando passava arrastando os pés pelo quarto das crianças, indo me deitar. Minha audição já não é a mesma, mas a voz de Raimy saía com bastante clareza pela porta. Ela com certeza se movia de um lado para outro ao fazer a narração, pois ouvi os rangidos reveladores das tábuas do assoalho. É raro minha bisneta se contentar em apenas contar uma história: tem que encená-la, como se seu corpo inteiro participasse da narrativa.

Ouvi sua risada malévola ao encarnar a bruxa que lançou o feitiço, depois seu arquejo no momento em que a princesa tocou no fuso fatal. Era quase tudo bobagem, é claro, mas fiquei paralisada no corredor, apesar da dor surda nos joelhos e nos tornozelos. O irmão e a irmã de Raimy deviam estar igualmente extasiados, pois não emitiram um único som enquanto ouviam a história.

– No primeiro dia do centésimo ano, um príncipe chegou à região, um príncipe mais bonito e corajoso do que qualquer outro antes dele – ouvi Raimy dizer. – Ele não sossegaria enquanto não visse a lendária princesa adormecida. Quando cavalgou em direção à muralha de árvores espinhosas, os galhos se abriram e ele a cruzou, avistando à frente o castelo de pedra e mármore que reluzia ao sol.

Ela fez uma pequena pausa e depois prosseguiu:

– Ele entrou no grande salão e deparou com uma visão espantosa: a corte inteira entregue a um sono que lembrava a morte. Correu pelo castelo até chegar à torre mais alta. Lá, numa cama no centro do aposento, achava-se a Bela Adormecida, com os cabelos dourados espalhados sobre o travesseiro e as faces ainda rosadas. O príncipe não conseguiu resistir. Curvou a cabeça e a beijou. Nesse momento, o encanto se quebrou. A Bela Adormecida acordou e o castelo voltou à vida. O rei e a rainha choraram de alegria ao reencontrarem a filha, e restabeleceu-se a felicidade no reino. O príncipe casou-se com a princesa e eles viveram felizes para sempre.

Hum! Seria mesmo um belo truque derrubar uma filha da realeza com um fuso pontiagudo, depois vê-la renascer com um único beijo. Se existe esse tipo de mágica, ainda não a conheci. O horror do que realmente aconteceu perdeu-se, e não é de admirar. A verdade está longe de ser história de criança.

No dia seguinte, perguntei a Raimy onde ela ouvira aquele conto.

– Um menestrel o cantou na feira. – Seus olhos brilharam com a lembrança, e pude visualizá-la na praça da aldeia, abrindo caminho para chegar à frente da multidão. – Já imaginou? A princesa completamente sozinha na torre, à espera do

verdadeiro amor? Sinto arrepios só de pensar.

Também senti arrepios, embora Raimy nunca pudesse adivinhar a razão. Será que alguém acredita que uma mulher seja capaz de sobreviver a um sono semelhante à morte e sair dele ilesa? Ah, como tentamos curá-la, nós que mais a amávamos! No entanto, alguns estragos são profundos demais para serem consertados.

– É melhor encher sua cabeça de versículos da Bíblia do que dessas bobagens – resmungou o pai dela.

Nunca gostei dele. A mãe de Raimy, minha neta Thelyn, trata-me com gentileza e carinho, como quem cuida de um bicho de estimação fraco que não tem mais muito tempo de vida, mas seu marido reclama da quantidade de comida que consumo – como se meu corpo encarquilhado não devesse ser alimentado! – e me chama de bruxa velha quando pensa que não estou ouvindo.

Raimy fez um muxoxo para o pai.

– É só uma história! – protestou.

Perto dos 14 anos e já muito bonita, ela se irrita com sua vida na fazenda. Ao fitá-la nesse momento, surpreendi-me tendo uma visão de Rosa na mesma idade: lábios curvados num sorriso travesso, o piscar rápido dos cílios longos. Senti uma pontada de adoração, tanto por Raimy quanto pela princesa que um dia conheci. Embora eu costume lutar para lembrar o nome dos meus outros bisnetos, Raimy sempre foi minha favorita. Segura de si e dona de uma intensa curiosidade, parece mais cheia de vida do que as pessoas que a cercam.

É também perspicaz o bastante para notar quando sua tagarelice provoca reações inesperadas. Nos dias que se seguiram, voltou várias vezes à sua história da princesa adormecida, com olhadelas de expectativa na minha direção, enquanto eu tentava manter uma expressão de desinteresse. Uma noite, irritada por ela não reaparecer com uma touca que eu lhe pedira para buscar, capenguei até o quarto que Thelyn e o marido haviam me cedido – outra causa, sem dúvida, dos resmungos contínuos do homem sobre a minha presença. Ao entrar, vi que o pequeno baú que continha minhas posses tinha sido aberto e que minhas roupas tinham sido displicentemente jogadas de lado. Raimy, ajoelhada diante do baú, levantou a cabeça num susto, e seu arquejo se igualou ao meu quando vi o que ela segurava.

Mesmo naquele espaço mal iluminado, as esmeraldas e os rubis incrustados no cabo do punhal cintilavam. A lâmina afiada e cruel conservava seu brilho de prata, e senti uma onda de asco ao recordar aquela mesma superfície coberta de sangue. Haveria ainda alguma gota minúscula grudada naquelas pedras preciosas, ao alcance da tenra pele de Raimy?

Qualquer outra criança flagrada remexendo sem autorização nos pertences de um adulto se mostraria envergonhada e arrependida. Mas não Raimy.

– O que é isto? – perguntou-me, com a voz assombrada.

Um objeto tão caro e tão letal normalmente não teria lugar entre as posses de uma simples viúva de comerciante.

Eu poderia ter enganado Raimy com uma mentira e enxotado-a dali. Mas olhei para minha querida bisneta e constatei que não poderia mentir. Nos cinquenta anos decorridos desde aqueles dias terríveis na torre, nunca falei do que havia acontecido lá. Mas, com o corpo fraquejando e a morte se aproximando, eu andava atormentada por lembranças que me invadiam sem ser chamadas, provocando ondas de saudade do que um dia havia existido. Talvez seja por isso que permaneço nesta terra, a última testemunha que viu Rosa quando ela era jovem e não havia ainda sido atingida pela tragédia. A única que viu o desenrolar de tudo, desde a maldição até o último beijo.

Com delicadeza, tirei o punhal das mãos de Raimy e o recoloquei na bolsa de couro em que estivera escondido. Olhei para o amontoado de objetos que ela havia retirado do fundo do meu baú: uma pulseira de couro trançado que para mim era mais preciosa que qualquer adorno cravejado de diamantes, alguns intricados debruns de renda, resgatados de vestidos que haviam se desintegrado fazia muito tempo, um poema escrito com letra elegante num pedaço de pergaminho que já estava se desfazendo com o tempo. Um colar de ouro com três voltas, enfeitado de flores em miniatura, que Raimy fitou com assombro e cobiça, enquanto meu coração tornava a chorar pela mulher que um dia o havia usado. Restos de uma vida sem importância para ninguém a não ser eu mesma.

Sentando-me devagar na cama, fiz um gesto para que Raimy se juntasse a mim. A família se preparava para dormir; ninguém sentiria nossa falta se nos isolássemos por algumas horas.

E, assim, comecei.

- Vou lhe contar uma história...



*Parte I*

**Era  
uma  
vez...**



## UM DESTINO REVELADO

Não sou o tipo de pessoa sobre quem se contam histórias. Os que têm origem humilde sofrem suas mágoas e comemoram seus triunfos sem serem notados pelos bardos e não deixam vestígios nas fábulas de sua época. Criada numa mísera fazenda com cinco irmãos homens, eu sabia que se esperava que me casasse aos 16 anos e trabalhasse num pedaço de terra igualmente pobre, com minha prole de filhos subnutridos. Era um caminho que eu teria seguido sem questionamento, não fosse por minha mãe.

Devo iniciar minha história por ela, porque todos os acontecimentos que vieram depois, todas as maravilhas e todos os horrores que testemunhei em meus muitos anos de vida, começaram por uma semente que ela plantou em minha alma praticamente em meu nascimento: a certeza arraigada e inabalável de que eu estava destinada a ser mais do que a mulher de um camponês. Toda vez que mamãe me corrigia a gramática ou me advertia para endireitar a postura, era de olho no meu futuro, como um lembrete de que, apesar de minhas roupas esfarrapadas, eu devia me comportar como meus superiores. Ela mesma era uma prova de que podia haver grandes mudanças na sorte de uma pessoa: nascida numa família pobre de serviçais e órfã desde tenra idade, ela se elevara à posição de costureira do castelo de St. Elsip, a residência do rei que governava nossas terras.

O castelo! Como eu sonhava com ele, imaginando uma construção de torres altíssimas e mármore polido que pouca semelhança tinha com a fortaleza abrutalhada que eu viria a conhecer tão bem. Minha fascinação de menina se estendia a conversas imaginárias com damas elegantes e cavaleiros galantes, fantasias que eu fazia o possível para reprimir, por conhecer muito bem os perigos que corria quem assumia ares superiores ao que se esperava de pessoas em sua posição social. Mamãe quase nunca falava de sua juventude, mas eu guardava as poucas histórias que ela me contava como um trapeiro que recolhe farrapos e me perguntava por que ela teria desistido de sua privilegiada posição de serva da realeza, trocando-a por uma vida de trabalho extenuante. Houvera um tempo em que seus dedos finos haviam acariciado fios de seda e suntuosos tecidos de veludo; depois as mesmas mãos passaram a ter as rachaduras e a vermelhidão de anos de tarefas braçais e o rosto exibía quase sempre uma expressão de resignação e cansaço. As únicas ocasiões em que me lembro de tê-la visto sorrir foram os momentos de intimidade que roubávamos entre as mamadas do bebê e o plantio e a colheita, aquelas horas preciosas em que ela me ensinava a ler e escrever. Quase todos os meus exercícios eram feitos no chão de terra, ao lado da casa, usando um graveto para formar as linhas e as curvas das palavras. Quando via meu pai se aproximar,

eu apagava depressa os rabiscos com os pés e corria em busca de uma tarefa com que me ocupar. Para ele, criança ociosa era criança perversa, e uma filha não tinha motivos para aprender as letras.

Mert Dalriss era conhecido em nossas paragens como um homem rude, o que realmente correspondia à realidade. Seus olhos tinham o frio azul-acinzentado de uma rocha, e as mãos eram calejadas e ásperas por conta de uma vida inteira de trabalho braçal; quando ele me dava um tapa, parecia que eu tinha levado uma pazada. Sua voz era rouca e ríspida, e ele usava as palavras com parcimônia, como se a enunciação de cada uma lhe causasse um grande esforço físico. Embora eu não sentisse afeição por meu pai, tampouco o odiava; ele era um simples aspecto desagradável da minha existência, como a lama que grudava nos meus pés a cada primavera ou a dor da fome que me enchia o estômago no lugar da comida. Eu via sua rigidez simplesmente como o ressentimento habitual de um homem pobre em relação à filha que lhe custaria um dote.

Só ao completar 10 anos foi que tomei conhecimento da verdadeira razão pela qual ele nunca tivera nem jamais teria amor por mim.

Foi numa manhã de sábado em que eu havia acompanhado minha mãe à feira semanal da nossa aldeia, um aglomerado de algumas dezenas de casas a cerca de meia hora de caminhada de nosso casebre miserável de um cômodo só. Os lavradores e aldeões se reuniam para pechinchar um magro sortimento de mercadorias: alguns nabos ou cebolas, saquinhos de sal ou açúcar, talvez um porco ou um cordeiro. Era raro as moedas serem passadas da mão de uma pessoa para a de outra; o mais comum era a carne ou os ovos serem trocados por pedaços de tecido ou barris de cerveja. Os vendedores mais afortunados conseguiam um lugar em frente à igreja, onde podiam ficar nas lajes secas do pavimento; os outros simplesmente paravam suas carroças no meio da estrada lamacenta que passava pelo vilarejo. Alguns dos agricultores mais prósperos serviam-se de seus barris de cerveja e ficavam por ali durante a maior parte da manhã, dando risadas e tapinhas nas costas uns dos outros enquanto seu rosto ia se tornando mais vermelho. Meu pai nunca estava entre esses homens, posto que a embriaguez era uma das muitas fraquezas que desprezava nas pessoas.

A feira era um lugar não só de comércio, mas também de difusão de mexericos, por isso a maioria das mulheres se demorava por lá mais do que o tempo necessário para se abastecer de mantimentos. Minha mãe nunca parava depois que concluía suas tarefas; era como se levasse muito a sério o menosprezo de meu pai pela ociosidade dos aldeões. Eu me deslocava lentamente de carroça em carroça, na esperança de esticar a visita, mas ela passava por mim com agilidade e eficiência, cumprimentando os vizinhos com um meneio da cabeça, mas quase nunca parando para conversar. Em geral eu tinha que correr para segui-la, ignorada. Até que, um dia, fiquei imóvel diante da carroça do padeiro. O cheiro de pão fresco estava muito tentador; achei que poderia satisfazer o ronco no meu estômago sorvendo aquele

aroma. Se o cheirasse por tempo suficiente, talvez eu pudesse tapear a fome e me sentir saciada.

Virei-me e constatei que minha mãe tinha ido embora. Sem querer ficar para trás, abri caminho pela aglomeração de pessoas diante dos produtos do padeiro e acabei pisando no pé de um menino. Ali não havia estranhos, pois todos frequentávamos a mesma igreja, mas não consegui lembrar o nome dele, apenas que sua família trabalhava numa fazenda substancialmente maior que a nossa, do outro lado da aldeia, onde a terra era mais fértil. Ele tinha as bochechas rosadas e redondas dos bem alimentados.

– Olhe por onde anda! – repreendeu-me, revirando os olhos para o amigo a seu lado.

Empenhada em achar minha mãe, não lhe dei atenção. E teria acabado aí, se o menino não tivesse dito mais uma coisa:

– Sua bastarda.

Creio que ele não pretendeu que eu ouvisse. A palavra foi mais cochichada que gritada, mas escapou de sua boca como um encantamento perigoso e potente. Quando encontrei minha mãe, logo depois, procurando por mim nos degraus da igreja, perguntei-lhe o que significava aquilo.

Ela prendeu a respiração e deu uma olhadela em volta, para ter certeza de que ninguém me escutara:

– Essa é uma palavra feia, e não admito que você a repita! – cochichou, em tom veemente.

– Foi um menino que disse isso para mim! – protestei. – Por que ele me chamou disso?

Mamãe franziu os lábios. Puxou-me pelo pulso com uma das mãos, segurando a cesta embaixo do outro braço. Nós nos afastamos da igreja e seguimos pela estrada que levava de volta à fazenda, sem dizer nada por algum tempo. Quando já não podíamos ver a aldeia, atrás de uma colina ao longe, ela se virou para mim.

– Os filhos que nascem fora do casamento são chamados assim – explicou.

– A senhora não é casada, mãe?

Ela deu um suspiro. Ainda me lembro da expressão de derrota que se instalou em seu rosto e da minha apreensão ao ver minha mãe, que era forte e decidida, quase reduzida às lágrimas.

– Eu esperava que você nunca viesse a saber – disse ela em voz baixa, desviando o olhar para os campos. Em seguida, recompondo-se, prosseguiu no seu tom enérgico e pragmático de sempre: – Se a minha vida continua a ser motivo de mexericos na aldeia depois de tanto tempo, suponho que seja melhor você conhecer a verdade. Eu a trouxe ao mundo antes de conhecer o Sr. Dalriss.

Na época, eu sabia o bastante para compreender como um homem e uma mulher geravam um filho; as meninas lavradoras que veem animais cruzando no campo não ficam inocentes por muito tempo. O choque se misturou ao entusiasmo,

quando me dei conta de que minha mãe tinha se deitado com outro homem que não a aquele a quem eu chamava de pai. Quem? E por que ele não havia me reconhecido como filha? Minha mente girava, com uma pergunta levando a outra, enquanto eu tentava juntar os pedaços do pouco que conhecia da juventude de minha mãe, à luz dessa revelação.

– Foi por isso que a senhora saiu do castelo? – indaguei. – Por minha causa?

– Foi – disse ela.

Não houve amargor em sua voz, tampouco censura. Apenas um misto de aceitação e cansaço.

Ela me deu as costas e recomeçou a andar pela estrada como se nada houvesse mudado. Para mim, porém, tudo se modificara. Foi aquele momento, percebo agora, que me fez iniciar o caminho fatídico para o castelo, para o rei, a rainha e Rosa, e para os poderes sinistros de Millicent. Eu poderia ter aceitado o desejo de minha mãe de isolar o passado, acompanhando-a para casa em silêncio. Poderia ter conseguido o que se consideraria um bom casamento, com o filho de algum lavrador próspero ou com um comerciante da aldeia, e passado o resto da vida a poucos quilômetros do lugar em que tinha crescido.

Em vez disso, corri para junto de mamãe, ansiosa por ampliar o breve vislumbre que ela me dera de sua vida antes da fazenda.

– A senhora não quis me criar lá?

Ela não afrouxou o passo, mas me olhou de relance com desaprovação, contraindo os lábios. Preparei-me para uma reprimenda, mas, em vez disso, ela respondeu à minha pergunta com inesperada franqueza:

– Não foi escolha minha. O castelo era o lugar mais maravilhoso que eu já tinha visto. Teria ficado lá para sempre, se pudesse. Mas seu pai não quis fazer de mim uma mulher honrada e, assim, caí em desgraça e fui expulsa de lá. Fui enganada, como acontece com muitas mulheres tolas, e paguei um preço alto.

Não compreendi inteiramente; a natureza das relações entre homens e mulheres era obscura para as meninas da minha idade. Mas ainda escuto a rispidez das palavras dela. Mamãe se culpava pelo que havia acontecido, talvez mais ainda do que o homem que a abandonara. Como eu gostaria de fazer retroceder o tempo e aliviá-la do peso que tanto a sobrecarregava! Se eu fosse mais velha e mais compassiva, ela poderia ter me contado tudo e encontrado um pouco de paz nessa confissão. Mas talvez tenha sido melhor esse segredo ter permanecido guardado. O que faria uma garota da minha idade com uma informação tão perigosa?

– Então eu não nasci no castelo? – perguntei, ainda uma criança bastante interessada em seu lugar na história.

Mamãe balançou a cabeça.

– Não, você nasceu na cidade, em St. Elsip.

– Na casa da sua irmã?

Minha tia Agna era esposa de um comerciante de tecidos, uma figura misteriosa

que todo Natal nos mandava rolos de lã, o que nos possibilitava fazer roupas novas quando as velhas ficavam esfarrapadas pelo uso. Mas eu nunca a havia conhecido. Tendo subido na vida, ela preferia manter distância da pobreza de nossa família.

– A Agna fez tudo o que pôde – disse mamãe. – Me deu dinheiro e alguns cueiros. Mas não quis que eu ficasse na casa dela. Era uma senhora casada e respeitável, que tinha os próprios filhos. Eu não quis que a reputação dela fosse arranhada por causa do meu erro.

– O que a senhora fez?

– Encontrei uma casa de cômodos gerenciada por uma mulher que um dia estivera na mesma situação que eu. Ela era bondosa, lá à sua maneira, e ajudou a trazer você ao mundo. Sem ela, talvez você não tivesse vivido mais do que alguns dias. Foi lá que conheci seu pai.

– O Sr. Dalriss?

– Pai – sibilou ela. – Você vai chamá-lo de pai, mocinha. Ele nos salvou da fome, nunca se esqueça disso. Toda vez que você morder uma casca de pão, deve agradecer a ele.

– Sim, mãe.

Temí que ela tivesse ficado zangada a ponto de percorrer em silêncio o resto do caminho para casa, por isso foi um alívio quando voltou a falar:

– Você estava com 2 anos. Eu tinha costurado uns vestidos para minha senhoria, para pagar por meu sustento, mas depois de algum tempo não havia mais nada que eu pudesse trocar. Ela nos deixou dormir na cozinha, desde que eu a ajudasse a cozinhar. O Sr. Dalriss foi à cidade comprar um cavalo novo e soube que minha senhoria tinha uma hospedaria limpa. Viu-me servindo o jantar, fez perguntas a meu respeito, e imagino que tenha achado que poderia voltar para casa com uma esposa. A primeira vez que falou comigo foi para me perguntar se eu me casaria com ele. Eu disse sim na mesma hora e com gratidão. Não eram muitos os homens que se dispunham a ficar com uma moça sem um centavo e com uma filha bastarda. E ele tinha uma fazenda, uma terra própria. Eu havia me preparado para aceitar propostas muito menos promissoras.

Talvez o Sr. Dalriss fosse alguém mais gentil naquela época, menos endurecido pelas decepções. Mas eu não conseguia imaginar que algum dia pudesse ter sido uma boa escolha para se casar. Mamãe devia estar mesmo desesperada, para aceitá-lo.

– Trabalhei muito para mostrar que ele tinha feito a escolha certa – continuou mamãe. – Quando lhe contei que estava esperando um filho, menos de quatro meses depois do casamento, foi a primeira vez que o vi sorrir. Ele me disse: “Eu sabia que você era boa parideira.” Sempre me lembrarei disso, pois, de tudo o que ouvi dele até hoje, foi o que chegou mais próximo de uma palavra gentil.

Ele havia escolhido minha mãe como quem escolhe uma vaca. Mamãe já tinha provado que era capaz de dar à luz uma criança sadia, e o Sr. Dalriss confiou em que produziria um bando de filhos para cuidar da lavoura. E mamãe cumprira sua

parte da promessa. Será que algum dia tinha se arrependido da escolha feita?

– Esse homem, o meu pai de verdade... – comecei.

Mamãe se virou e me esbofeteou com força.

– Você nunca mais vai falar dele. Ele não a chamaria de filha. Cuspiria em você.

A crueldade de suas palavras me trouxe lágrimas aos olhos, mais do que a bofetada. Se fosse meu pai, me bateria de novo por chorar, mas mamãe se abrandou ao ver meu sofrimento. Envolveu-me nos braços e encostou meu rosto em seu peito, o que não fazia desde que eu era pequena.

– Passou, passou... – falou, baixinho. – Você deve manter a cabeça erguida. Ainda vou ver você vencer, não importam as circunstâncias do seu nascimento.

– A senhora acha que eu poderia ser aceita entre os servos? No castelo?

Eu não conseguia imaginar realização maior, por isso fiquei surpresa ao ver minha mãe hesitar, o rosto tenso de preocupação. *Ela não quer que eu vá*, pensei, interpretando sua reação como a inclinação materna natural de querer manter os filhos perto de casa. Agora, passados tantos anos, me pergunto se ela estaria pensando em me alertar. Dada a sua triste história, ela sabia muito bem das intrigas que se escondiam por trás dos modos cortesias. Se não houvesse aparecido uma carroça chacoalhando atrás de nós, o que fez mamãe me soltar e oferecer um breve cumprimento com a cabeça ao lavrador que passava, o que ela teria dito?

– Venha – apressou-me, ajeitando as mangas, sem graça, enquanto a carroça seguia seu caminho. – Seu pai está esperando para almoçar.

Senti um aperto no peito ao imaginar as ríspidas reclamações dele caso nos atrasássemos. Mamãe deslizou delicadamente um dedo por meu rosto:

– Sua pele está muito queimada da colheita – observou. – É hora de seus irmãos assumirem uma parte maior do trabalho na lavoura. Não quero que você cresça com pele de camponesa.

– Então a senhora concorda? – perguntei, hesitante. – Acha que eu posso arranjar um trabalho na corte, um dia?

Senti um frio na barriga com a expectativa.

– Agora não é hora de termos essa discussão – respondeu ela. – Vamos ver quando você for mais velha.

Aos 10 anos, eu via meu futuro abrir-se diante de mim como um horizonte interminável, e o início da minha vida adulta encontrava-se a uma distância intrasponível. Haveria tempo suficiente para ponderar sobre as minhas perspectivas e planejar o rumo da minha vida. Mas, sempre que eu tentava conversar sobre o trabalho das servas, mamãe mudava de assunto e, com o tempo, parei de perguntar.

Não voltamos a falar do castelo até o dia em que ela morreu.



Na primavera em que completei 14 anos, temporais terríveis transformaram nossos campos em rios de lama, atrasando a sementeira, enquanto nossas reservas de alimento para o inverno se esgotavam. Papai havia começado a falar em me casar logo, dizendo que seria menos uma boca para alimentar, e minha fome era tanta que eu bem poderia ter dito “sim” a qualquer homem que me oferecesse um prato de comida. Embora algumas garotas explorassem a aparência para melhorar suas perspectivas de casamento, eu não achava que essa tática pudesse me favorecer. Ao contemplar meu reflexo na água do rio, não via sinais da beleza marcante de algumas outras jovens da aldeia. Enquanto o cabelo delas era de um louro com fios dourados e seus olhos, azuis ou verdes, minha cabeleira farta e ondulada era castanho-escuro. Meus olhos pretos, apesar de grandes e agradavelmente emoldurados por cílios compridos, eram incapazes de reproduzir os olhares sedutores que outras mulheres haviam aperfeiçoado; eu fitava o mundo com um olhar direto e franco. Notava alguns sinais a meu favor: minha pele era alva e lisa e as curvas de meus quadris e seios davam a meu corpo uma solidez saudável. Com a roupa certa, eu poderia vir a ser uma esposa adequada para um comerciante, destino que se tornara o ápice da minha ambição.

No fim das contas, outro casamento na aldeia permitiu que eu adiasse o meu. A esposa de um rico senhor de terras contratou minha mãe para bordar o enxoval de cama e mesa de sua filha, prestes a se casar, e nos salvou da inanição. Arquei com o máximo que pude desse trabalho, sentada junto ao fogo até altas horas da madrugada, de agulha na mão, estreitando os olhos para as flores que eu criava com linhas coloridas. A vida em nosso casebre girava em torno da lareira, único lugar em que o calor era assegurado. Minha mãe passava horas ali, cozinhando e esquentando água para lavar a roupa; quando fazia frio demais para secá-la do lado de fora, pendurávamos a roupa de baixo molhada numa corda diante da lareira e tínhamos de lutar com as peças balançantes para arranjar um lugar para nós mesmos. A farinha, o sal e a aveia com que nosso trabalho de costura foi pago permitiram que nossa família sobrevivesse mais um mês, e achamos que o pior havia passado.

E então o gado adoeceu.

Tínhamos três cabeças: um touro velho, que meu pai usava nos campos, e duas vacas leiteiras. Fui a primeira a notar as crostas vermelhas nas tetas delas, ao ordenhá-las certo dia de manhãzinha. Pareciam escamosas, mas não havia sinal de sangue, por isso não lhes dei maior atenção. Só no dia seguinte, quando uma das vacas me olhou com expressão atordoada, encostando-se contra a parede do celeiro, foi que percebi que havia algo terrivelmente errado.

Quando saí para chamar meu pai, vi-o caminhando na minha direção, entre resmungos frustrados. Ele costumava baixar a cabeça quando estava com raiva, soltando xingamentos enquanto andava, e era o que fazia nesse momento.

– Pai... – comecei.

– Quieta! – vociferou ele. – A Sukey morreu.

Fiquei arrasada. Sukey era o nome que dávamos à maior de nossas porcas da vez; sempre que uma Sukey morria, a maior fêmea seguinte assumia o nome, e assim sucessivamente. Essa última Sukey tivera uma ninhada de leitões não fazia uma semana. Se não estivesse viva para amamentá-los, todos poderiam morrer, e com eles iria a nossa carne do resto do ano.

– O que aconteceu? – perguntei, seguindo-o no caminho de casa.

– Variola.

Não era preciso dizer mais nada. A variola era uma doença que varria as fazendas sem aviso, fazendo rebanhos e pessoas caírem com uma imprevisibilidade alarmante. Podia ser branda e apenas enfraquecer suas vítimas por alguns dias, mas também podia ser devastadora. Contava-se que certa vez, anos antes de eu nascer, havia matado famílias inteiras na aldeia.

Minha mãe foi a primeira a notar as manchas no meu rosto, no dia seguinte. Eu havia acordado com uma tosse seca e rouca e com febre, mas isso, por si só, não era razão para me ver liberada de minhas tarefas cotidianas. Só uma doença muito grave permitiria o repouso na cama dos meus pais, com seu colchão de penas. Nós, os filhos, em geral dormíamos amontoados no sótão, embaixo das vigas – uma área sombria de madeira, coberta por uma pilha de feno e cobertores velhos. Era tolerável quando eu tinha que dividir o espaço apenas com Nairn, o irmão de idade mais próxima à minha, mas, à medida que a família aumentava, o lugar foi ficando cada vez mais abarrotado. Era comum eu acordar assustada no meio da noite por causa de um pé chutando minha barriga ou um braço jogado sobre o meu rosto.

– O que é isso? – perguntou mamãe, olhando para minha bochecha.

– O quê? – falei.

– Essas manchas. – Ela afastou o cabelo do meu rosto e pôs a palma da mão na minha testa. – Você está ardendo em febre.

Eu já ia argumentar que me sentia bem quando vi o medo no rosto dela. Mamãe segurava meu irmão caçula num dos braços e o pressionou mais de encontro ao corpo, longe da ameaça da minha doença. A quentura que eu havia tentado ignorar percorreu meu corpo feito um relâmpago, deixando um calafrio em seu encaixo. Minha pele comichou, como se a variola estivesse prestes a estourar em dolorosas erupções vermelhas.

Mamãe deitou o bebê no berço junto à lareira e tirou meu vestido de lã, deixando-me apenas de combinação.

– Você precisa de repouso – falou com urgência, empurrando-me para sua cama. – Se tomar cuidado, ouvi dizer que a variola pode passar sem deixar danos permanentes.

Optei por acreditar nela. Aos 14 anos, que menina já achou que é mortal?

Os dias seguintes se passaram num crepúsculo eterno e nebuloso, pois essa

doença atormenta suas vítimas com uma insônia que não permite alívio dos horrores. Meu corpo ardia de dor, conforme as bolhas irrompiam em minha pele, mas eu não conseguia fugir para o alheamento do sono. Delirante, tinha visões do castelo e me imaginava andando por seus corredores largos. Eram quentes, sempre quentes, enquanto eu passava por uma lareira após outra. Eu olhava embasbacada para as chamas, admirada com a extravagância de deixarem lareiras acesas dia e noite. Tenho vagas lembranças de minha mãe sentada à beira da cama, inclinándose para passar em minha testa um pano úmido. Depois, curvando-se para fazer o mesmo com meu irmão Nairn, a meu lado, e com outro irmão ao lado dele. Ela nos observava com o rosto inexpressivo, os olhos fixos, como se a quentura da nossa febre os tivesse cegado. O bebê ficava deitado em seu colo, numa quietude sinistra. Eu fechava os olhos, resignada a morrer.

Mas não era esse o meu destino. Depois do que poderiam ter sido horas ou anos, tive consciência do travesseiro manchado de suor sob meu rosto e senti o peso do cobertor estendido sobre meu peito. Meus olhos ardiam de cansaço, mas a febre que tanto me atormentara tinha cedido. Vi Nairn deitado junto de mim, com o rosto vermelho e deformado pelo inchaço. Ouvi sua respiração, que fazia o ar entrar com esforço e sair num sibilo. O resto da cama estava vazio. No lado oposto do cômodo, brasas tênues brilhavam na lareira. Nossa casa, em geral movimentada e cheia, estava em silêncio.

Sentei-me depressa demais e minha cabeça latejou com o esforço. Tive de fechar os olhos para afastar as imagens que dançavam diante de mim. Quando a sensação de afobação passou, abri os olhos novamente. À penumbra do fogo quase apagado, vi uma pilha de roupas jogada no chão. Mais uma vez, a respiração de Nairn estremeceu e ele pareceu prestes a exalar o último suspiro com o esforço. Olhei para o monte de roupas e notei um movimento.

*Um rato*, pensei. Eles entravam em casa de vez em quando, mas raramente se demoravam, pois comíamos cada migalha de que dispúnhamos. Levantei-me da cama, obrigando-me a arranjar forças para ficar de pé e enxotar o intruso. Só depois de atravessar o cômodo com passos trôpegos me dei conta de que a pilha de roupas era minha mãe.

Desabei ao lado dela, que estava embrulhada em sua capa, com o capuz cobrindo a cabeça. As pernas dobravam-se junto ao peito, as mãos escondiam-se nas dobras da saia. Afastei o capuz e me deparei com uma visão terrível: o rosto da minha mãe, tenso e cansado desde que eu me entendia por gente, mas ainda com vagos traços de beleza, havia se transformado no rosto de um monstro. Pústulas vermelhas, que expeliam pus e sangue, haviam irrompido em sua pele. O pescoço estava deformado por um enorme inchaço, e os lábios, manchados de sangue, encontravam-se imobilizados numa rigidez de dor. Seus olhos se abriram devagar. Já tinham sido azuis e bondosos, mas agora eram vermelhos e esvaziados de qualquer sentimento.

– Mamãe – foi tudo o que consegui pensar em dizer.

Não tive certeza de que ela houvesse me reconhecido.

Seu corpo não se mexeu, porém uma das mãos emergiu do tecido e se estendeu para mim. Os lábios se entreabriram de leve, deixando escapar um som. Podia ter sido meu nome, podia ter sido um gemido de dor. Eu não soube dizer.

– Por favor, venha para a cama – insisti.

Não consegui pensar em nenhum modo de tratá-la, mas vê-la ali, deitada no chão feito um bicho, me deixou arrasada. Ela merecia coisa melhor do que esse destino.

– Elise.

Dessa vez, reconheci meu nome e sorri. Se ela ainda me conhecia, talvez houvesse esperança.

– Venha – pedi, puxando-a pelos ombros.

Ela os levantou um pouco e me estendeu os braços, mas não teve força suficiente para se levantar. Arrastei-a pelo cômodo da melhor maneira que pude, torcendo para que a saia diminuísse o impacto em suas pernas, mas ela não se queixou. Pus sua cabeça e seus braços sobre a lateral da cama, depois me curvei para levantar a parte inferior do seu corpo. Com o esforço, senti minha cabeça doer e, quando enfim a deitei ao lado de Nairn, tive medo de desmaiar. Subi na cama a seu lado e comecei a afagar seu braço.

– Mamãe, os outros... – comecei, mas parei.

Seus olhos marejados fitaram os meus, confirmando o que eu não conseguira pôr em palavras. Eles estavam mortos. Durante o período em que eu ficara mergulhada na febre, minha família havia desaparecido. Lembrei-me de ter visto o bebê no colo dela, tão pequenino e tão quieto. Torci para que o fim ao menos tivesse sido rápido para ele.

Mas eu sobrevivera. E isso significava que a varíola, esse flagelo terrível que havia dizimado minha família, podia ser vencida. Apesar de fraca, senti as ideias clarearem, o corpo ganhar força. Envolvi minha mãe nos braços – tão magrinha, pouco mais que ossos –, desejando que a vida voltasse a ela.

– Por favor, não me deixe – implorei. – Não vou suportar ficar aqui sem a senhora.

– Agna – disse ela devagar, baixinho, num tom que mal chegou a um sussurro. O inchaço no pescoço devia tornar a fala insuportavelmente dolorosa, e pude sentir seu sofrimento a cada palavra. – Você tem que ir.

Cheguei a cabeça mais perto, para que ela não tivesse que se esforçar para ser ouvida. Um filete de sangue escorria de seu nariz e eu o limpei delicadamente com a beirada da manga.

– Sim, eu vou para St. Elsip – concordei –, mas só quando a senhora melhorar. Podemos ir juntas.

Suas mãos remexeram com esforço nas dobras da saia. Segurei-as nas minhas,

como se o contato comigo pudesse impedi-la de me deixar. Ela soltou os dedos das minhas mãos e puxou o vestido esfarrapado. Acompanhando seu olhar, observei a banha. Mamãe meneou a cabeça, gemendo com o esforço, e corri os dedos pela barra de sua anágua até achar uma protuberância dura. Discerni o formato de uma moeda de metal, depois outra, e mais outra. Dinheiro que ela havia escondido sem que meu pai soubesse. Dinheiro que me permitiria fugir.

A ideia de começar uma nova vida sozinha, sem ela, fez as lágrimas rolares por minhas faces. Um gemido baixo, pouco mais audível que um sussurro, brotou da garganta de mamãe, e percebi que ela tentava me consolar, que ver a minha tristeza lhe doía mais do que os tormentos do seu corpo. Decidida a não agravar seu sofrimento, reprimi os soluços e forcei um sorriso.

– Não se preocupe – acalmei-a. – Vou arranjar um lugar no castelo. Vou deixá-la orgulhosa.

De repente, suas mãos agarraram meus braços e estremei à pressão aguda de suas unhas. Minha febre ainda não havia cedido por completo, mas a pele dela parecia fogo contra a minha. Ela já não conseguia falar, apenas produzir uma respiração rápida e superficial, como quando se sobe uma ladeira íngreme. Mal consigo pensar nesta lembrança: minha mãe querida, tão perto da morte, mas tão aflita para me proteger. Uma única palavra escapou de seus lábios rachados. Soou como “pel”, mas poderia facilmente ter sido “bel”. Estaria ela me aconselhando a me afastar? Insistindo em que eu partisse? Desatinada, perguntei-lhe o que significava aquilo, mas ela não conseguiu emitir mais que um ruído áspero e rouco.

– Vou buscar água – falei, desesperada para fazer algo, qualquer coisa que aliviasse sua aflição.

Lutei para me levantar da cama. Um dos primeiros deveres matinais de meus irmãos era buscar água no poço, mas quando isso devia ter sido feito pela última vez? O balde estava entre a porta da entrada e a lareira, como se tivesse sido largado às pressas. Olhei para dentro dele e vi uma poça rasa de água, que mal cobria o fundo. Foi o bastante para eu molhar uma ponta da minha camisola e voltar com ela para a cama, pingando.

Mas era tarde demais. Os olhos de minha mãe tinham se fechado e ela estava imóvel, com o rosto horrivelmente alterado pela devastação da doença, mas livre da expressão de dor. Ela estava em paz. Agachei-me ao lado da cama, entregue ao desespero. A tristeza e o choque prostraram meu corpo enfraquecido e foi como se eu me tornasse de novo uma recém-nascida, incapaz de falar ou ficar de pé. Sem minha mãe, minha protetora, eu não tinha nada. Fiquei arriada sobre as mãos e os joelhos durante o que me pareceram horas, tão esgotada pela provação da morte dela que nem sequer conseguí chorar.

O único som do cômodo vinha da respiração entrecortada de Nairn. Seus ruídos de inspiração e expiração se sucediam, lentos porém cada vez mais regulares. Amargurada, forcei-me a me levantar do chão. O rosto de meu irmão estava

enrubescido, mas sua pele não ardia em febre como a de nossa mãe. Talvez eu ainda pudesse salvar uma vida.

Peguei o balde e caminhei aos tropeços para a porta, decidida a buscar água fresca no poço. Ao pisar do lado de fora, fui surpreendida pela luz do dia. A casa fechada me parecera existir numa noite eterna. Ouvi sons que vinham do celeiro; ao menos o cavalo poderia ter sobrevivido. Quando me aproximei da construção, a porta se escancarou e me vi cara a cara com meu pai.

– Elise! – exclamou ele, e ficou imóvel, atônito.

De camisola, enrubescida e imunda, eu devia ser uma visão e tanto, porém o aspecto dele era ainda mais chocante. O pai que eu acreditara estar morto parecia o mesmo de sempre. Acabado, como de costume, com os ombros recurvados e a testa franzida pela desconfiança. Mas saudável.

– Pensei... pensei que o senhor tivesse morrido – falei.

– Pensei o mesmo de você.

Ficamos ali, olhando um para o outro, dois fantasmas.

– A mamãe... – balbuciei. – Ela disse...

– Ela está viva? – perguntou meu pai, surpreso.

Balancei a cabeça e minha voz tremeu:

– Ela se foi.

– É, era o que eu imaginava. Pensei que ela tivesse falecido ontem, mas não pude ter certeza.

Como era possível ele não saber se sua mulher estava viva ou morta?

– O senhor não estava cuidando dela? – perguntei.

O rosto dele foi tomado pela expressão sombria que costumava assumir antes de me dar uma surra.

– Eu fiz o melhor que pude, mocinha. Vi meus animais morrerem, um por um, até só me restarem algumas galinhas e um cavalo. Enterrei quatro filhos enquanto você estava acamada!

Não me escapou que ele havia falado dos animais antes dos filhos.

– Eu devia ter ficado naquela casa e me arriscado a morrer também? – perguntou ele. – Quem você acha que deixou água e comida na porta, todas as manhãs? Como se atreve a dizer que não cuidei da minha família?

– Talvez ele tivesse nos ajudado a sobreviver, mas eu não me curvaria de gratidão por suas magras oferendas.

– Dormi aqui, na palha – continuou –, mas, agora que você melhorou, pode arrumar a casa. Bem que eu poderia dormir na minha cama, para variar.

– O senhor se esqueceu de perguntar pelo Nairn.

Meu pai se limitou a me olhar. Não estava nem enlutado nem esperançoso. Apenas esperou.

– Acho que ele vai sobreviver.

– Ótimo. Ele é forte. Vou precisar da ajuda dele para lavrar os campos.

– Ele não está em condições de arar – retruquei, em tom ríspido. – Não consegue nem ficar de pé.

– Vai melhorar logo. Até lá, você pode cuidar dele. Algumas outras fazendas perderam animais, mas nenhuma tanto quanto nós, e os fazendeiros que foram poupados nos mandaram carne e tortas, o bastante para que não morrêssemos de fome. Vou lhe mostrar o que tenho guardado no celeiro e você pode cuidar da comida para logo mais. Comece tomando um banho; ache alguma coisa da sua mãe para vestir.

O corpo dela ainda não tinha nem esfriado e ele já me mandava mexer nas suas coisas. A raiva que eu mantivera represada durante tantos anos cresceu, como um rio transbordando.

– Vou cuidar da casa por meu irmão, não pelo senhor.

Ele me olhou fixo, pego de surpresa por meu desacato.

– Assim que enterrarmos minha mãe, vou embora para St. Elsip. Ela arranjou um lugar na corte para mim.

A mentira escapou tão facilmente de meus lábios que quase acreditei ser a verdade.

– Corte? – reagiu ele, chegando o mais perto de uma risada que eu já tinha visto, com os olhos arregalados e a boca aberta. – Não dar com a porta na sua cara.

– Vou encontrar uma vida melhor lá do que aqui.

Para isso ele não teve resposta. Passei o resto daquele dia interminável limpando a casa, até ficar com as mãos raladas e ardidas. Só parei quando senti a cabeça rodar de cansaço e tive medo de desmaiar. Meu pai embrulhou o corpo de mamãe num lençol, resmungando sobre quanto custaria repor aquela peça de cama, e disse que ela poderia ficar no celeiro até que fosse possível providenciar o serviço fúnebre com o padre da aldeia. Antes que ele cumprisse esse dever sinistro, pedi um momento a sós com minha mãe para rezar. Quando ele saiu, ajoelhei-me ao lado dela e murmurei o que meu coração mandara: disse quanto eu a amava e prometi deixá-la orgulhosa. Enquanto isso, corri os dedos pela bainha de sua anágua e fui arrebatando com as unhas a linha que a costurava, até sentir os discos lisos de metal escorregarem na minha mão. Cinco moedas de prata. Tudo o que minha mãe tinha conseguido em troca de uma vida inteira de trabalho. Pus as moedas no sapato e saí correndo da casa, antes que meu pai pudesse ver meus olhos vermelhos e meu rosto molhado.

Nos dias que se seguiram, enquanto minhas forças iam voltando aos poucos, só vi meu pai durante as refeições. Comi mais por determinação do que por fome, porém me animei ao ver Nairn recuperar seu vigor habitual. Em algumas ocasiões, separei uma porção extra para ele comer depois que papai voltasse para o campo. Em nenhum momento vi meu irmão chorar. Assim que pôde andar, ele começou a passar o tempo quase todo nos cercados dos animais ou ajudando nosso pai a capinar o terreno. Não o censurei por querer fugir de uma casa que havia assistido a

tantas mortes.

Mamãe foi enterrada num dia luminoso e claro. Seu corpo foi sepultado junto ao de seus filhos, no cemitério da aldeia. Eu nunca tinha ido a um enterro, e só mais tarde me dei conta de que o padre havia oficiado o rito mais curto possível, muito provavelmente por meu pai haver economizado na taxa de contribuição pelo serviço. Por mais rápida que tenha sido a cerimônia, senti o peso da minha tristeza aliviar-se por um momento, como se o próprio Deus insistisse em me fazer tirá-lo dos ombros. Mamãe e os meninos tinham sido acolhidos no paraíso. O sofrimento deles havia acabado.

Na manhã seguinte, quando o alvorecer começou a afastar a escuridão, desci do sótão e passei por meu pai, que roncava na cama. Peguei a trouxinha com minhas poucas posses: uma camisola, um par de meias de inverno, algumas agulhas, linha e um pedaço pequeno de pão. Abri com cuidado o armário que guardava a roupa de meus pais e peguei o melhor vestido de mamãe, o que ela reservava para os domingos. Com o passar dos anos ele havia ficado surrado e com manchas, marcado para sempre como um traje de camponesa. Ainda assim, a qualidade do tecido era muito superior à de minha roupa esfarrapada, e eu o vesti.

Ouvi um farfalhar de palha atrás de mim, virei-me e vi Nairn me olhando do sótão. Ofereci-lhe um sorriso, mas ele apenas fez um aceno sombrio com a cabeça e me deu as costas. Talvez, dadas as perdas que já havia sofrido, não tenha conseguido dispor-se a chorar minha ausência. E foi esta a minha despedida do único lar que eu havia conhecido até então.

Rumei para a trilha das carroças que levava à aldeia, cujo atrativo se estendeu diante de mim, suplantando meu medo. Onde terei encontrado forças para dar um passo atrás do outro, rumo ao desconhecido, sozinha e desprotegida? Até hoje não sei explicar por que fixei o castelo como meu objetivo de maneira tão resoluta. Só sei dizer que senti um chamado – se foi uma tentação diabólica ou a vontade de Deus, jamais saberei.

Ou será que sei?

Será possível que Millicent, à procura de uma ajudante, tenha enviado um chamado que apenas eu era capaz de ouvir, um chamado ao qual eu não tinha o poder de resistir? Seria loucura acreditar numa coisa dessas. No entanto, o que mais poderia explicar a certeza inabalável que me levou adiante? Toda grande lenda, no fundo, é uma história de perda da inocência, e talvez fosse esse o papel que eu estava destinada a desempenhar. Eu realmente ignorava as escolhas que haveria pela frente, escolhas que me elevariam a alturas nunca imaginadas, e outras que até hoje encham meu coração de angústia.

## PARA O CASTELO

Dois dias depois, espremida na traseira de uma carroça sacolejante que transportava um sortimento de porcos e carneiros, cheguei a St. Elsip. A sorte havia acelerado minha viagem, pois eu não tinha caminhado nem 2 quilômetros quando um camponês e sua mulher, que seguiam na mesma direção, me ofereceram uma carona. Minha expectativa elevou-se a tal ponto que a primeira visão do nosso destino chegou como uma decepção esmagadora: as construções decrepitas nos arredores da cidade não eram muito diferentes dos casebres humildes da zona rural que eu havia deixado para trás. Mas então a carroça dobrou uma esquina e eu a vi: uma gigantesca fortaleza de pedra, cercando o topo de um morro escarpado. O castelo. Daquela distância, apenas os muros externos eram visíveis com clareza, mas assim mesmo meu coração deu saltos. Pude ouvir as palavras de minha mãe, tão nítidas que parecia que ela estava sentada a meu lado: *Era o lugar mais maravilhoso que eu já tinha visto.*

Que saudade senti dela naquele momento! Só agora percebo que minha ansiedade para atravessar aqueles portões era impulsionada pela tristeza. No fundo, eu tinha esperança de que restasse algum vestígio do espírito da minha mãe naqueles salões grandiosos.

Seguimos adiante e as casas modestas foram dando lugar a construções sólidas, imprensadas umas nas outras. A quantidade de tabernas começou a superar o número de igrejas. Nossa carroça passou a andar bem mais lentamente ao disputarmos a passagem com outros veículos e cavaleiros, e tive a inquietante sensação de que o mundo se fechava a meu redor. As pessoas se apinhavam nas ruas, abrindo caminho por entre cascos e rodas. Os edifícios tornaram-se cada vez mais altos, encobrindo o céu. Por mais que curvasse o pescoço para trás, eu continuava sem ver os telhados.

– Aqui estamos – anunciou o fazendeiro, Sr. Fitz, que agira como meu protetor durante a viagem.

Paramos numa praça grande, para onde convergiam ruas vindas de todas as direções, num espaço amplo e aberto, cercado por lojas e por uma grande igreja de pedra. O centro, pavimentado com tijolos, abrigava animais de todos os tamanhos e formas: bois de um lado, porcos de outro, galinhas e aves canoras no meio. O barulho, tanto humano quanto animal, era ensurdecedor. Desnorteada e boquiaberta, fiquei encostada na lateral da carroça. A Sra. Fitz pôs a mão no meu ombro e disse algo que mal consegui ouvir:

– Vou perguntar por sua tia. Não iremos embora até resolver isso.

Assenti com a cabeça, aturdida, e permaneci onde estava, enquanto o Sr. Fitz

descarregava seus animais. À minha volta as pessoas se acotovelavam, suas vozes agredindo meus ouvidos numa cacofonia de gritos. Como é que algum dia eu me orientaria sozinha naquele lugar?

– Você está com sorte, minha menina – disse a Sra. Fitz, reaparecendo a meu lado. – O fabricante de fitas me informou como chegar à casa do seu tio. Vamos, vou levá-la.

Senti-me grata pela pressão de sua mão nas minhas costas enquanto avançávamos às cotoveladas pela praça, passando por cavalos irrequietos e compradores impacientes. Tínhamos acabado de atravessar uma ruela escura e estreita quando, de repente, a Sra. Fitz jogou um braço no meu peito e empurrou-me para o lado, fazendo meu corpo bater num muro. Um líquido espirrou perto de nós e, ao levantar os olhos, vi um jarro sendo puxado para dentro de uma janela, acima da minha cabeça.

– Consegue acreditar nisso? – disse ela, indignada. – Eles são metidos a aristocratas aqui na cidade, mas nunca se viu gente do campo esvaziar urinóis pela janela.

Contornei a poça imunda com uma careta.

À medida que percorríamos um caminho sinuoso após outro, as ruas e casas começaram a se tornar maiores. Em vez de passarmos por trabalhadores salpicados de lama ou mães de expressão carregada puxando seus filhos encardidos pelo braço, agora andávamos em meio a damas e cavalheiros em trajes refinados, que caminhavam com a pose da boa educação.

– Deve ser esta de tijolos e com a porta vermelha – disse a Sra. Fitz, apontando com a cabeça a construção à nossa frente.

À minha direita havia uma gravura de um sapato pendurada acima de uma porta simples de madeira; do outro lado, duas janelas cobertas por grades de ferro. Ergui os olhos e vi que a casa tinha três andares. Intimidada pelo tamanho da construção, perguntei-me se teria sido um erro chegar à casa de minha tia sem avisar. Ela era uma mulher que não havia oferecido abrigo à própria irmã quando esta se achava mais desesperadamente necessitada de ajuda.

A Sra. Fitz bateu e, quase de imediato, um homem de meia-idade de túnica preta curta e meias da mesma cor abriu a porta. Fitou-nos com expressão impassível, e fiquei pensando se seria meu tio.

Mais hábil que eu em interpretar a posição social a partir da roupa, a Sra. Fitz dirigiu-se a ele como a um criado:

– Essa é a casa de Agna Diepper? Essa menina é sobrinha dela.

O homem me examinou como se eu fosse para qualquer entrega vinda da feira e abriu mais a porta.

– A senhora está em casa. Vou anunciá-la.

Cautelosa, dei um passo para dentro e me virei, tornando a olhar para a Sra. Fitz.

– Boa sorte para você – disse ela, dando-me um rápido tapinha nas costas e se retirando.

O homem que havia aberto a porta já ia a meio caminho pelo corredor e me apressei em alcançá-lo. Dei uma olhada para a sala pela qual passamos: uma área formal de recepção, com cadeiras de madeira entalhada dispostas em frente a uma lareira grandiosa. Do lado oposto, vislumbrei uma mesa reluzente, cercada por mais cadeiras do que consegui contar. Hoje em dia um lugar como aquele não me intimidaria, depois de todas as riquezas que vi, mas na época pareceu-me assombroso que uma pessoa com quem eu tinha laços de sangue vivesse em tamanho luxo.

Mais adiante, no final do corredor, ouvi vozes que vinham de um par de portas fechadas.

– Espere aqui – ordenou o homem, abrindo as portas o suficiente para sua passagem.

Permaneci imóvel, as mãos cruzadas com firmeza para me tranquilizar, enquanto o homem fechava as portas às suas costas. Ouvi sons abafados, mas não consegui distinguir as palavras. Seria possível que minha tia se recusasse a me receber? Nesse caso, o que eu faria? Nauseada com a preocupação, aguardei para descobrir meu destino.

Então as portas se abriram e o homem fez sinal para que eu o seguisse. A cozinha em que entrei não se assemelhava a nada que eu já tivesse visto. Estendia-se por toda a largura da casa, num espaço que tinha facilmente o dobro do tamanho da choupana em que eu fora criada. À minha direita ficava uma enorme lareira, grande o bastante para comportar dois caldeirões enormes e um espeto para carne. Das paredes pendia uma fartura de alimentos de dar água na boca: cebolas, cenoura e alho-poró em cestos, ramos de ervas secas, pedaços de carne curada. À minha esquerda, uma moça lavava uma pilha de panelas em uma bacia. Eu nunca tinha visto tantos pratos num lugar só: seriam suficientes para pôr a mesa para toda a minha aldeia. Encostados na parede a meu lado havia barris cheios de aveia e farinha, e qualquer um deles teria alimentado minha família durante meses.

O centro do cômodo era ocupado por uma enorme mesa. Numa das cabeceiras, uma jovem abria um disco de massa, torcendo e girando o rolo com a facilidade alcançada pela prática. No centro estavam duas mulheres, ambas me olhando diretamente. A primeira, toda vestida de preto a não ser pelo avental e pela touca brancos, era a pessoa mais gorda que eu já tinha visto; sua barriga imensa era a prova de que ninguém passava fome naquela casa. O ar de autoridade e o elegante vestido amarelo da outra mulher a destacaram como a dona da casa. Fiquei surpresa ao ver que ela segurava uma pena; além da minha mãe, eu nunca conhecera uma mulher que soubesse escrever.

– Tia Agna? – perguntei, nervosa.

– Elise, não é? – disse ela, olhando-me com suspeita. Tinha feições a que as

pessoas se referem como agradáveis em vez de belas, com a testa pronunciada e o queixo pontudo. Os lábios uniam-se numa linha apertada e fina. – O que a traz aqui?

– Minha mãe... – comecei, e me descobri sem palavras.

– Como ela tem passado?

O desespero que me inundou o rosto transmitiu a mensagem que não consegui enunciar em voz alta enquanto era sacudida por soluços silenciosos. Tia Agna acenou devagar com a cabeça, sem alterar a expressão resabiada.

– O que aconteceu? – indagou.

Funguei e me recompus.

– A varíola. Ela também levou quatro dos meus irmãos – expliquei.

Tia Agna contornou a mesa e me deu um tapinha desanimado no ombro:

– Pobre Mayren. Ela merecia um destino melhor.

Falou depressa, sem emoção. Continuou a manter os pensamentos para si, como se ainda não houvesse decidido o que fazer comigo.

– Eu vim com a esperança de encontrar um lugar no castelo, como minha mãe um dia fez – expliquei, nervosa. – Se eu puder abusar da sua hospitalidade por esta noite, talvez amanhã a senhora possa me dizer qual a melhor maneira de agir.

Agna balançou depressa a cabeça:

– Bobagem. Com essa aparência, eles nunca a aceitarão. Passe um período conosco e providenciarei para que você seja preparada adequadamente.

– Obrigada.

Meu alívio foi tão intenso que por pouco não tornei a me desmanchar em lágrimas.

– Foi desejo da sua mãe que você me procurasse? – perguntou Agna.

– O seu nome foi uma das últimas palavras que ela disse – respondi.

A revelação rompeu momentaneamente a reserva de Agna, que deu um suspiro profundo. Vi em seus olhos a dor que nasce de arrependimentos que jamais desaparecerão.

– Ela disse uma outra coisa antes de morrer – acrescentei. – Talvez a senhora saiba o que significa. Uma palavra parecida com “pel”, embora isso não faça nenhum sentido...

– Pelleg – interrompeu-me Agna. – Era amiga de Mayren no castelo, mas sua sorte melhorou muito desde então. Agora ela é conhecida como Sra. Tewkes e é a chefe da criadagem.

Compreendi então por que minha mãe tanto se esforçara para proferir mais essa palavra. Com seu último suspiro, ela me dera permissão para ir embora, dirigindo-me à pessoa que poderia guiar meu caminho na corte. Uma pessoa que seria capaz de proteger-me depois da partida dela.

Ou assim pensei na ocasião. Hoje, com a sabedoria da idade, não posso deixar de ver os atos de minha mãe sob outro prisma, por um ângulo que é mais

compatível com seu caráter. Ela passara a vida inteira me dissuadindo de imaginar uma vida no castelo, mudando de assunto toda vez que eu o trazia à tona. Seria provável que houvesse mudado de ideia no instante da morte? Ou teria ela evocado o nome da amiga como última e desesperada tentativa de me salvar, na esperança de que Pelleg Tewkes fosse a única pessoa capaz de me fazer desistir da ideia de entrar naquele mundo traiçoeiro?

Jamais saberei.

– A primeira coisa que devemos fazer é deixá-la limpa – disse Agna, olhando com reprovação para minha roupa. – Se você espera ser contratada no castelo, deve ter a aparência apropriada, além de compreender como as coisas são feitas por lá. Eu lhe direi tudo o que você precisa saber, no devido tempo.

Aliviada, porém ainda insegura do meu lugar na casa, aguardei outras instruções. Deveria ficar nos aposentos da família, no andar de cima? Ou num dos quartinhos de criada que vislumbrei da cozinha, como conviria a uma órfã sem nenhum centavo?

– Venha, vou apresentá-la a suas primas – disse Agna, segurando-me pelo braço. Seus lábios curvaram-se num sorriso irônico. – Não fique com esse ar tão preocupado. Não sou uma desalmada, não importa o que tenha dito sua mãe.



Na verdade, minha mãe falara muito pouco da irmã. Havia ligeiras semelhanças entre as duas: Agna tinha o mesmo cabelo ondulado que balançava em cachos em volta do rosto e baixava os olhos do mesmo modo melancólico que minha mãe. Vistas lado a lado, porém, ninguém acharia que eram irmãs. Minha mãe, casada com um agricultor pobre e beligerante, escondia sua força sob uma postura acuada e uma forma cautelosa de falar. Agna, mulher de um rico negociante de tecidos, portava-se com a segurança de quem sabe que suas palavras serão obedecidas. Mantinha a ordem entre uma equipe de criados atarefados, três filhas e o marido sem nunca elevar a voz. Meu tio podia ser o chefe nominal da família, mas era minha tia quem exercia o poder entre aquelas paredes.

Durante as duas semanas que vivi sob seu teto, aprendi que a bondade espreitava por trás dos modos bruscos de minha tia. Ela me pôs para dormir na mesma cama que sua filha Damilla, poucos anos mais velha que eu e já comprometida para se casar, e insistiu que eu tomasse banho de água quente todos os domingos, como faziam seus filhos. Meus primos, acostumados a tais privilégios, eram educados, mas indiferentes à minha presença, e desconfiei que minha falta de refinamento tivesse me transformado em objeto de pilhéria por trás das portas fechadas. Se eles soubessem aonde eu chegaria, será que haveriam me tratado de outra maneira? É tentador imaginar castigos para quem nos menosprezou. No entanto, sabendo o que

a família deles viria a sofrer em anos vindouros, não posso guardar ressentimentos. É uma verdadeira bênção sermos poupados do conhecimento prévio de nosso futuro e nosso fim.

Agna, que havia trabalhado no castelo com minha mãe antes de se casar, instruiu-me sobre a etiqueta da corte e sobre as hierarquias da criadagem. Mandou ajustar um dos vestidos velhos de Damilla para mim e fez um ruído de desaprovação ao ver meus sapatos. Eu possuía um único par, feito de madeira e cortiça pelo meu pai. Em casa, andava descalça durante a maior parte do tempo.

– Você não pode ser vista usando isso – declarou tia Agna. – Hannolt lhe fará um par.

Hannolt, logo vim a saber, era o sapateiro cuja loja ficava no térreo da casa de minha tia. Era comum os proprietários alugarem o primeiro andar de suas casas, já que nenhuma família de bem queria transeuntes olhando por suas janelas. O alto da cabeça de Hannolt mal batia em meu ombro, mas ele compensava a baixa estatura criando sempre um escarcéu a seu redor e falando alto e depressa.

– Minha sobrinha precisa de um par bom e resistente – disse-lhe Agna, quando fomos à loja. – De couro, é claro, mas nada extravagante.

– Sim, sim, compreendo – disse Hannolt, assentindo com a cabeça. – Algo que resista ao uso constante. Ainda assim, uma jovem merece um toque de beleza, não é? Um bordado, talvez?

Agna balançou a cabeça com firmeza.

– Não há necessidade de enfeite nenhum.

– Bem, neste caso, tiremos as medidas. Marcus!

Um rapaz atravessou as cortinas penduradas no fundo da loja. Eu gostaria de poder dizer qual foi a impressão exata que ele me causou à primeira vista; se esta fosse uma história diferente, eu poderia relembrar seus olhos comoventes ou o anseio esmagador que me deixou desnorteadá ao olhar para seu rosto ou alguma outra tolice. Mas jurei dizer a verdade. Naquele dia, notei apenas que ele tinha mais ou menos a minha idade e era consideravelmente mais alto que o pai, porém menos efusivo. Não disse nada ao se ajoelhar diante de mim e estender as mãos para minhas pernas. Fiquei tão surpresa com o gesto que recuei, me encolhendo, e quase perdi o equilíbrio.

– Deixe a menina sentar-se primeiro! – exclamou Hannolt, rindo.

Então o homenzinho me conduziu a um banco encostado à parede e fez sinal para que Marcus se aproximasse. O rapaz puxou cuidadosamente um de meus pés de baixo da minha saia e tirou o chinelo que tia Agna havia me emprestado. Mal senti o peso de suas mãos através das meias quando ele pôs meu pé sobre um pedaço de madeira plana, entalhado com traçados de pés de vários tamanhos. Olhou para o pai e apontou para a linha correspondente ao meu, depois tirou do pescoço uma tira fina de couro e a enrolou em meu pé, de baixo para cima, e em meu tornozelo. Retirou a tira e meneou a cabeça para o pai. Continuou sem dizer nada. Eu me

perguntei se seria mudo. Ou talvez houvesse perdido a esperança de se fazer ouvir acima da tagarelice paterna.

– Pronto? – perguntou Hannolt. – Ótimo. Agora, vejamos a cor – continuou, apontando para várias amostras de couro penduradas em ganchos acima da minha cabeça.

Agna examinou as opções e apontou para uma peça marrom-escura.

– Aquela.

Enfiei a mão no bolso do avental e retirei uma das moedas que minha mãe me dera.

– Isto chega? – perguntei.

Agna segurou meus dedos e os fechou em torno da moeda.

– Isto é um presente meu para você. Que bela tia eu seria, mandando-a para o castelo com aqueles tamancos de madeira.

– O castelo? – disse Hannolt, cujos olhos se iluminaram de surpresa. – A senhorita vai visitar o castelo?

– Ela deverá trabalhar lá – retrucou Agna.

– Nós dois iremos lá, dentro de alguns dias – informou Hannolt. – Uma das senhoras mais finas da corte compra seus sapatos conosco, dez pares de cada vez. Quisera eu que todos os meus fregueses fossem tão liberais nos gastos!

– Talvez os senhores possam acompanhar Elise quando forem, não?

– Seria um prazer. Ela chegará sã e salva, dou-lhe minha palavra.

Eu havia pensado que minha tia me levaria pessoalmente ao castelo e senti uma ponta de decepção quando ela me confiou ao sapateiro. Como é que eu encontraria o caminho naquelas fortificações maciças sem a orientação dela? Egoicêntrica como costumam ser as meninas daquela idade, nunca me ocorreu que Agna deveria ter uma boa razão para evitar o local. Quem já ocupou o lugar de criada pode se tornar um tanto sensível à posição subalterna de antes, como eu viria a saber muito bem um dia.

– Avise-me sobre a sua partida e eu providenciarei para que ela esteja pronta – disse Agna.

– A senhorita chegará ao castelo como uma dama – assegurou-me Hannolt. – Seus sapatos serão de confecção tão refinada quanto qualquer um, se bem que os da rainha, ao que dizem, são incrustados com diamantes...

Após uma descrição amorosa dos calçados da rainha, Hannolt passou a um exame detalhado da moda na corte, ignorando as tentativas de Agna de se retirar. Voltei-me momentaneamente para Marcus, que deu um sorriso quase imperceptível, apenas o bastante para me fazer notar seus olhos escuros, franzidos de diversão com a tagarelice do pai. O bastante para me fazer pensar que ele poderia ser mais que o filho mudo de um sapateiro.



Durante as semanas que passei com tia Agna, não me aventurei além das lojas mais próximas de sua casa. No dia em que finalmente fui com Hannolt e Marcus ao local que esperava vir a ser minha nova casa, eu tinha apenas uma ideia muito vaga de como seria o castelo, com base apenas no vislumbre que tivera dele na chegada à cidade.

Eu esperava que fosse grande e bem fortificado, mas, quando enfim emergimos do labirinto de ruas sinuosas de St. Elsip, fiquei boquiaberta ante a simples massa da fortaleza que se esparramava, desafiadora, no alto do morro à minha frente. Grossas muralhas de pedra pareciam haver irrompido da terra para cercar o amontoado de torres na parte interna. Atrás das ameias, os torreões espetavam o céu, com algumas janelas estreitas sendo a única indicação de que lá dentro viviam pessoas. Por um momento, o peso daquilo fez meu ânimo esfriar, e fui invadida por uma súbita relutância em entrar. Criada ao ar livre, com terras que se estendiam em todas as direções, eu nunca havia pensado no que significaria viver encerrada entre paredes.

Hannolt e Marcus haviam continuado a avançar, juntando-se a uma multidão de carruagens, carroças e outros viajantes numa subida íngreme. Obriguei-me a me livrar daquele pressentimento tolo de perigo e corri para alcançar meus acompanhantes. O exterior sombrio do castelo devia esconder luxos deslumbrantes, falei a mim mesma. Caso contrário, por que o rei viveria ali? Embora eu logo viesse a ser seduzida pela beleza do interior, nunca esqueci aquela primeira reação visceral. A maioria via aquelas muralhas como proteção contra o perigo, mas eu havia reconhecido, em algum lugar nas profundezas de minha alma, que nem todas as ameaças vinham de fora.

A massa de pessoas moveu-se em direção a um portão em arco, com guardas postados de ambos os lados.

– Por aqui – disse Hannolt, empurrando-me à sua frente e puxando o filho para o seu lado.

O rapaz olhava direto para a frente, como tinha feito desde nossa saída da casa da minha tia, aparentemente distante. Tinha a constituição leve de um rapaz a alguns anos da masculinidade da vida adulta, mas seu nariz reto e sua pele alva pressagiavam a beleza que ele desenvolveria. A cabeleira farta e escura tinha um corte irregular e caía sobre a testa de forma desigual, e os olhos me intrigavam com sua seriedade. Os poucos garotos que eu conhecera na minha aldeia eram fanfarrões ou então de uma timidez canhesta ao conversarem com meninas da mesma idade. Nenhum jamais parecera tão à vontade na minha presença quanto Marcus. Até seu silêncio, tão desconcertante no começo, tinha se tornado estranhamente reconfortante. Seu pai matraqueava o bastante pelos dois.

Hannolt fez um aceno com a cabeça para um dos guardas e tirou do ombro a sacola que carregava. Depois de abri-la, começou a descrever em termos amorosos os sapatos em seu interior. O guarda deu uma olhadela pouco interessada na sacola

e fez sinal para cruzarmos o portão.

Entramos num pátio grande, tão agitado e barulhento que eu não soube para onde olhar primeiro. Carruagens passavam tão perto de nós que cheguei a sentir o açoitado do vento enquanto se deslocavam, e o caminho à frente foi barrado por um círculo de homens que comparavam espadas, se gabando. Servos vestindo a libré da realeza gritavam ordens para um grupo de trabalhadores – pedreiros, a julgar por suas ferramentas. Levantei os olhos por sobre a multidão diante de mim e vi o castelo elevar-se para o céu. Era uma visão majestosa de pedras cinzentas, delimitada por quatro torres enormes, todas montando guarda sobre as figuras minúsculas que se aglomeravam abaixo. Lembro-me tão bem do momento em que parei ali, enfim cara a cara com o objeto dos meus sonhos! Ainda recordo o arrepio que me percorreu da cabeça aos pés, aquela mistura extasiante de medo e expectativa frente ao início de uma vida nova. Deixando de lado minhas dúvidas anteriores, ansiei por participar da ação que me cercava, por desempenhar algum papel, ainda que ínfimo, na preservação daquela grandiosidade.

Mais adiante, uma via pavimentada levava a uma pequena rampa que subia até as portas de entrada, decoradas com brasões de ouro.

– É por ali que entra a gente de alta estirpe – disse Hannolt. – O resto de nós batalha para abrir caminho pelos fundos.

Ele segurou minha mão e me puxou para seu lado quando uma carroça veio desabalada na nossa direção. Percebi que a maior parte da movimentação no pátio aumentava e diminuía em torno de um arco do lado esquerdo do castelo. Acotovelando-nos com os outros na passagem, emergimos em outro pátio de proporções similares, porém ainda mais abarrotado. Do lado oposto a nós, cavaleiros conduziavam cavalos nos estábulos. Logo à minha direita, portas se abriam para o nível inferior do castelo; a julgar pelas lareiras imensas que vi lá dentro, calculei que levavam às cozinhas. À nossa esquerda, trabalhadores descarregavam mantimentos das carroças para os depósitos. Ao passarmos, vislumbrei uma cesta do tamanho de uma gamela para cavalos, cheia de cebolas até a borda. A seu lado havia sacos de farinha e aveia quase da minha altura.

– Cuidado! – gritou Hannolt.

Distraída com essas imagens, quase pisei numa mistura de lama e comida apodrecida. Levantei a saia acima dos tornozelos e a enrolei com força em volta das pernas.

Uma voz atrás de mim gritou “Cuidado aí!”. Antes que eu tivesse tempo de me virar, Marcus passou um braço em volta dos meus ombros e me puxou para trás, livrando-me da colisão quase certa com um barril atirado dos depósitos. Era o mais perto que eu já estivera de um jovem da minha idade, e fiquei surpresa com sua força e a firmeza de seu peito quando me choquei contra ele.

– Ei! – gritou Hannolt para os homens do lado de dentro. – Tomem cuidado!

– Tome conta da sua garota, isso sim! – gritou alguém de volta. – Isto aqui não

é lugar pra ficar passeando!

Comecei a agradecer a Marcus por sua vigilância, mas ele recuou e desviou o rosto antes que eu terminasse. Será que aquele jovem de aparência imperturbável tinha se abalado com nosso quase acidente? Ou será que, como eu, ficara momentaneamente perturbado com o súbito contato entre nossos corpos?

– Melhor irmos andando – apressou-nos Hannolt. – Não sei exatamente onde encontrar a governanta, mas perguntaremos nas cozinhas.

Andamos com cautela por entre a sujeira, seguindo Hannolt, até entrarmos num cômodo com três lareiras em brasa, cada uma ocupada por um caldeirão pendurado. O calor era asfíxiante.

Uma mulher suada, de avental cheio de manchas e cabelo emaranhado, deu um passo e parou à nossa frente.

– O que vocês querem? – perguntou, desconfiada.

– Tenho uma entrega para lady DeWey – respondeu Hannolt, com a pompa de um cavaleiro que se aprontasse para uma audiência com o rei. – Esperam por mim no Grande Salão. Esta mocinha veio ver a Sra. Tewkes.

A mulher me olhou de cima a baixo. Sem se impressionar, deu um suspiro de irritação.

– Você vai encontrá-la no Salão Inferior – informou, apontando para o outro lado do aposento. – Passando por aquela porta, desça o corredor e suba a escada.

– Então é aqui que nos separamos – disse-me Hannolt. – Direi a sua tia que a trouxemos em segurança.

Olhei para Marcus. Mal havíamos nos falado, mas ele tinha uma firmeza no porte que me fez lamentar isso. Parecia estar prestes a me dizer alguma coisa, mas seu pai nos interrompeu com uma profusão de bons votos, antes de dar meia-volta e se retirar. Marcus baixou a cabeça num breve aceno e seguiu o pai até os dois desaparecerem de vista.

Sozinha e amedrontada, senti meu ânimo fraquejar, mas não me arriscaria a despertar a ira da cozinheira ficando à toa naquela cozinha caótica. Segui as instruções dela, andando com um ombro sempre encostado numa parede para não ser derrubada pelas pessoas que passavam carregando sacos e baldes à minha volta. A precissão interminável me trouxe à lembrança as formigas que marchavam pelo chão de terra batida de nossa casa, à procura de migalhas largadas por meus irmãos. Ruborizada pelo calor da cozinha e sendo empurrada de um lado e de outro no corredor estreito, senti-me tonta ao subir um lance de degraus largos de madeira e emergir num cômodo comprido, que se estendia até onde eu conseguia enxergar.

Tempos depois, eu soube que esse Salão Inferior – assim chamado por ficar abaixo do Grande Salão do castelo – era o ponto central de encontro de todos os que trabalhavam ali. Era lá que a criadagem fazia suas duas refeições diárias, recebia ordens da governanta, saudava o ano-novo e chorava a morte dos seus. Observei aquela longa extensão de espaço, tranquilizada por sua impressão de simetria e

ordem. Mesas e bancos simples de madeira alinhavam-se ao longo de todos os lados. A meu redor, as paredes de pedra cinzenta elevavam-se até as vigas maciças que sustentavam o teto alto.

Avancei lentamente, olhando de relance para as salas que saíam do salão. Uma continha teares e cestos de fios para tecer, em outra havia pessoas fazendo gravações em aparelhos de jantar e castiçais. A seguinte era cheia de peças de tecido e carretéis de linha – a sala de costura. Estaquei, tentando evocar uma imagem de minha mãe como uma jovem costureira, debruçada sobre um pedaço de seda. Para minha aflição, porém, só consegui visualizar a mãe que eu havia conhecido, arruinada por anos de vida difícil, e a lembrança trouxe uma dor latejante.

– Posso ajudá-la em alguma coisa?

Virei-me abruptamente, desnorteada. Uma jovem alta e esbelta, de pele e cabelo claros, usando um avental branco imaculado, observava-me com uma expressão que era um misto de desconfiança e curiosidade.

– Estou procurando a Sra. Tewkes.

Depois de ponderar por um momento, ela pareceu concluir que eu não representava um perigo.

– Por aqui – falou.

Guiou-me até a outra extremidade do salão, em direção a uma porta entalhada com figuras de parreiras e flores. Fiquei maravilhada com o fato de uma mera governanta viver num lugar decorado com mais elegância do que a casa mais refinada da minha aldeia.

A porta estava entreaberta, mas a moça parou diante dela e bateu.

– Entre – ordenou uma voz.

Comparada ao sombrio Salão Inferior, a sala era iluminada e acolhedora. Em frente à porta, uma janela grande dava para o pátio. Havia uma mesa coberta de papéis e alguns livros, encostada numa parede, abaixo de uma tapeçaria que retratava um leão e um unicórnio. Ao longo da parede oposta ficavam uma cama e um baú de madeira multicolor marchetado. Se esse era o quarto da governanta, eu não conseguia imaginar quão luxuoso seria o da rainha.

A Sra. Tewkes estava sentada à mesa e não disse nada quando entrei no quarto. Depois eu soube que ela comandava mais pelo silêncio do que pela estridência. Num castelo em que a atividade nunca cessava, sua presença serena a distinguia; ela era capaz de atrair a atenção de uma sala inteira com meia dúzia de palavras bem escolhidas. Não consegui saber ao certo quantos anos teria; o rosto redondo exibia as rugas da meia-idade e o cabelo tinha mais fios grisalhos que castanhos, mas os olhos não apresentavam o cansaço tão comum nas mulheres da minha aldeia. Ela usava um vestido preto simples e solto que envolvia um corpo que se tornara mais volumoso e mais flácido com o tempo.

Curvei a cabeça, como tia Agna havia me ensinado a fazer, em sinal de respeito aos mais velhos.

– Meu nome é Elise Dalriss – informei. – Acho que a senhora conheceu minha mãe, Mayren.

– Mayren.

A Sra. Tewkes murmurou o nome devagar, como se não estivesse acostumada àquele som. Levantou-se da mesa e se aproximou para me examinar mais de perto. Em seguida, pôs a mão no meu ombro e sorriu.

– Sim, agora estou vendo – comentou. – Você tem o mesmo porte. Mayren sempre teve uma boa postura.

– Sim, senhora – concordei, lembrando-me de minha mãe recurvada sob o peso de um bebê de um lado e um balde de água de outro.

Se a tivesse visto nos últimos tempos, a Sra. Tewkes talvez não tivesse reconhecido a mulher que me criara.

– Onde ela mora atualmente? Tem passado bem?

As palavras não vieram com facilidade:

– Ela faleceu há menos de um mês.

Senti as lágrimas prestes a inundar meus olhos.

– Ah, que pena! – As palavras educadas tiveram um toque de sincera tristeza.

– Ela me disse para procurar a senhora – declarei, forçando-me a firmar a voz.

– Eu tinha esperança de conseguir uma vaga para trabalhar aqui.

– Quantos anos você tem? – perguntou ela.

– Catorze.

– Se cresceu numa fazenda, deve estar acostumada ao trabalho árduo.

Assenti com a cabeça.

– Costumo avisar às moças que as camareiras daqui não têm uma rotina fácil. Mas é provável que seja menos difícil do que a vida que você conheceu. Pelo menos você não estará cheirando a estrume de vaca no fim do dia!

A Sra. Tewkes riu, e me apanhei sorrindo também.

Ela estendeu a mão e, com os dedos, afastou meus lábios para examinar meus dentes, como faria com um cavalo. Correu os olhos por meu corpo, fazendo uma pausa nos braços. Pegou uma de minhas mãos e virou a palma para cima. A aspereza dos meus dedos atestou minha vida de trabalho duro, embora eu me orgulhasse de ter conseguido evitar a vermelhidão e as rachaduras na pele que eram muito comuns nas famílias de lavradores. A Sra. Tewkes meneou a cabeça em sinal de aprovação.

– Que prendas sua mãe lhe ensinou? Costura, presumo?

– Aprendi a bordar ainda pequena. Ela também me ensinou a ler e escrever, o que faço razoavelmente bem.

– Ah! – A Sra. Tewkes pareceu satisfeita e fez um gesto para a mesa atrás dela. – As governantas que me antecederam mal conheciam o alfabeto, e nenhuma sabia cuidar das contas da cozinha como eu. A rainha é uma grande defensora da educação das mulheres. Fez até a gentileza de me dar alguns livros. Se você sabe ler,

isso pode lhe ser útil aqui, depois que houver provado sua capacidade.

– Obrigada. Tudo o que sei é graças à minha mãe.

– Fico contente por ela ter lhe criado assim.

Houve uma pausa na conversa, longa o bastante para me deixar com medo de que a Sra. Tewkes estivesse buscando uma forma polida de recusar meu pedido. Desde então me pergunto se ela pensou em me contar tudo o que sabia sobre a desonra da minha mãe. Será que já naquela época teria considerado o perigo que eu poderia correr em consequência disso? Ela poderia ter me alertado, ter me mandado embora. Mas não o fez. Guardou os segredos de minha mãe – e os dela própria.

– Você é bastante apresentável para uma menina do campo – observou, enfim. – Ainda está crescendo, é claro, mas tem grande potencial. Nunca desmereça a importância da aparência, especialmente aqui. Você também tem um recato que considero muito agradável. Sim, sim, creio que a rainha a apreciará bastante.

A rainha? Antes que eu tivesse tempo de perguntar à Sra. Tewkes o que queria dizer com isso, ela prosseguiu:

– Vou deixá-la aos cuidados de Petra. Será bom você aprender com ela, com seu exemplo. Petra!

A criada que me acompanhara até o quarto da Sra. Tewkes entrou correndo pela porta, tão depressa que pensei que ela devia estar escutando tudo do lado de fora, bem de perto.

– Mostre a Elise o quarto das camareiras. Há uma cama vazia, não há?

– Mais de uma.

– Ótimo. Fique com ela nos próximos dias. Se tudo correr bem, ela poderá assumir as suas tarefas, e passarei você para o salão.

– Obrigada, senhora – disse Petra, com um sorriso encantado.

A Sra. Tewkes tornou a voltar a atenção para mim.

– Venha aqui no primeiro dia de cada mês, para receber seu pagamento. Duas moedas de ouro, para começar, e se você tiver um bom desempenho elas passarão a três.

Era mais do que eu jamais havia sonhado.

– Obrigada.

– Pois então, vão andando – disse a Sra. Tewkes, com um sorriso bem-humorado. – Petra, venha ver-me no sábado, para conversarmos sobre as suas perspectivas, está bem?

Depois que a Sra. Tewkes e eu terminamos de nos despedir, Petra me segurou pelo cotovelo e me puxou de volta para o Salão Inferior.

– Você é esperta, não é? – disse, olhando-me com um ar de admiração.

– Não sei o que quer dizer.

– A Sra. Tewkes não aceita qualquer menina humilde que aparece à porta dela!

Vocês são parentas?

Balancei a cabeça, negando.

– Mas ainda assim ela designou você aos aposentos reais, em vez de mandá-la carregar baldes de lavagem na cozinha. É um sinal e tanto de prestígio.

Tudo o que eu tinha feito fora invocar o nome da minha mãe, mas alguma coisa me disse para guardar essa revelação comigo. Haveria outras pessoas ali que se lembrariam da desonra de mamãe, e ela não gostaria que eu fosse maculada por sua vergonha.

Sem se deixar perturbar por meu silêncio, Petra engatou o braço no meu e me levou em frente:

– Bem, graças a você, meus dias de carregar lenha e urinóis logo chegarão ao fim. Agora somos amigas – decretou, com uma fala ligeira e animada que me deixou imediatamente à vontade.

Andamos até uma pequena alcova ligada ao salão, onde uma escada estreita subia em um caracol em direção à escuridão acima da nossa cabeça. O cheiro do ar úmido e bolorento me causou um momento repentino de pânico. Meu corpo todo protestou contra a entrada num lugar assim, isolado de luz, engastado num anel de pedra.

– Venha! – chamou Petra do alto da escada. Apressei-me a segui-la, com pavor de ficar para trás. Ela deve ter visto o medo em meu rosto, pois parou por um instante para me tranquilizar: – Parece um labirinto, eu sei, mas logo, logo você aprenderá a andar por aqui.

A escada atravessava o centro da fortaleza original, levantada na época dos antepassados do rei, quando a construção tinha sido pouco mais que um forte para soldados. Com o tempo, foram acrescentadas torres e alas, todas erguidas para abrigar o número crescente de nobres que transformavam a corte em seu lar. À medida que subimos, procurei acompanhar as descrições rápidas que Petra foi fazendo de cada andar por que passávamos. Um corredor levava aos aposentos de Estado, onde eram tratados os assuntos oficiais; os quartos de dormir da família real ocupavam o andar acima desse. Continuamos a subir, até que a escada terminou num corredor estreito.

– Chegamos – anunciou Petra. Fez um gesto para que eu a seguisse e passamos por uma série de cômodos, a maioria de portas fechadas. – Os servidores de nível mais alto e os casados têm quartos particulares – explicou. – O resto de nós não tem a mesma sorte.

Ela me levou até o fim do corredor, onde entramos num aposento amplo, de teto inclinado, imediatamente abaixo do telhado do castelo. Fileiras de camas simples estendiam-se a partir da porta, cada uma com um baú de madeira a seus pés.

– O cômodo das criadas – anunciou Petra. – Venha, vou arranjar um lugar para você perto de mim.

Examinei o quarto enquanto a acompanhava. Devia haver vinte camas enfileiradas nas paredes.

Petra apontou para a sua, no fim de uma fileira.

– Agora Sissy está do meu lado, mas vou passá-la uma cama para lá. Ponho a culpa na Sra. Tewkes – disse. Abriu um baú e tirou uma braçada de roupas, empilhando-as de qualquer jeito noutro baú mais adiante. – O lado de cá é muito melhor. Você não será incomodada pela porta abrindo e fechando.

– Todas as moças da criadagem dormem aqui? – perguntei.

– De jeito nenhum! – exclamou Petra, rindo. – Há outro quarto deste tamanho do lado de lá, e os rapazes ficam na outra ponta do corredor. Longe o bastante para se resistir à tentação, pelo menos na maioria dos casos. A Sra. Tewkes não tolera ninguém andando sorrateiramente por aí, e qualquer moça apanhada no lado dos rapazes é despedida sem receber seu pagamento. Ela dirige o serviço com rigor. Mas você não parece ser do tipo que desobedeceria às regras dela.

Petra pegou minha sacolinha e a pôs dentro do baú. Minhas poucas posses pareceram ainda mais escassas naquele imenso vazio.

– Quando começar a receber seus pagamentos, você vai encher isso – afirmou Petra. – Também vamos ver as costureiras para lhe arranjar um vestido novo.

– Quais são as minhas obrigações?

– As de camareira, como todas as outras garotas quando começam. Acender as lareiras toda manhã. Esvaziar e lavar os urinóis. Fazer qualquer coisa que precise ser feita. Estou encarregada dos aposentos da rainha, mas no momento ela está viajando, por isso tenho tempo para treinar você. Depois a Sra. Tewkes decidirá de qual das damas você vai cuidar.

– Essas damas são muito exigentes? – perguntei, com medo de que minha inexperiência as desagradasse.

– Algumas são – respondeu Petra, com um sorriso irônico. – Mas, na maioria dos casos, você vai descobrir que elas nem notam a sua presença. A Sra. Tewkes nos ensina a trabalhar como espíritos invisíveis, sem jamais conversar com nossas patroas nem olhar para elas, a menos que se dirijam diretamente a nós. Já vi criadas serem despedidas no ato, por agirem com excesso de familiaridade. Mas, se uma das damas puxar conversa com você, faça o melhor possível para encantá-la. A aliada certa pode fazer toda a diferença no seu progresso aqui.

A aliada certa. Embora parecesse improvável que uma garota como eu viesse a despertar a atenção de qualquer senhora bem-nascida, lembrei-me de uma coisa que minha tia me dissera, pouco tempo antes: *O poder é a verdadeira moeda da corte. Os que o possuem brandem-no sem piedade, sejam criados, sejam cavaleiros.* Eu havia ingressado nesse mundo sem ter laços com qualquer família ou facção. Se quisesse conservar meu emprego e ganhar o bastante para garantir meu futuro, deveria ter um defensor. Alguém poderoso o bastante para me proteger de ameaças que eu não compreendia plenamente.

– Não se preocupe – disse Petra. – Vou lhe mostrar tudo. Mas, primeiro, vamos resolver a questão do seu vestido. A Sra. Tewkes vai me dar uma bronca se você não estiver com a indumentária certa.

Ela rodopiou na direção da porta e me apressei em acompanhar seus passos. Achava que voltaríamos à escada pela qual havíamos subido, mas Petra me guiou a uma escadaria diferente. De ambos os lados, um labirinto de corredores escuros e estreitos perfurava as paredes grossas, permitindo que os criados atravessassem o castelo sem serem vistos. A ideia de andar sozinha por aquelas passagens úmidas causou-me um aperto de pavor no peito, e me mantive junto de Petra, temendo me perder para sempre se ela sumisse da minha vista.

Ao nos aproximarmos da base da escada, ouvi ao longe um som de trombetas.

– É o rei Ranolf, voltando da caçada – disse Petra, e me olhou com um sorriso travesso. – Ele vai passar pelo Grande Salão. Quer vê-lo?

Fiz que sim, ansiosa.

Ela me conduziu a uma colunata que ladeava um corredor largo. Paramos atrás de uma das colunas, na metade do caminho, para espiar pelos lados dela.

Antes de poder ver alguém, ouvi a comoção: um chocalhar de correntes, armaduras e espadas, acompanhando o som trovejante de botas pesadas. Alguns jovens pajens passaram diante de mim, seguidos por um grupo de homens que carregavam arcos longos e aljavas cheias de flechas. Temi não conseguir avistar o rei em meio àquele amontoado de gente.

E então ele passou, perto o bastante para que eu o tocasse. É uma imagem que ainda carrego comigo, pois é assim que mais gostaria de lembrar dele: no auge do poder, supremamente confiante em que seu destino poderia ser moldado como ele desejasse. O rei não era o homem mais alto do grupo e usava um traje de caça, em vez de manto e coroa, mas tinha um porte de tanta autoridade que minha atenção se fixou nele. Vi seu nariz longo e proeminente e o queixo pontudo formando um perfil marcante o suficiente para ser reconhecido numa moeda. O cabelo desgrenhado e a barba eram de um castanho-avermelhado escuro, com toques de dourado, e ele tinha ombros largos e braços musculosos. Senti um arrepio de empolgação e compreendi por que os homens eram capazes de seguir um líder como ele numa batalha, sem levarem em conta a própria segurança.

Segundos depois de passar o grupo de homens, o salão voltou ao silêncio. Aos poucos, outros criados correram da colunata, onde também haviam se escondido às pressas para sair do caminho do rei.

– Ele é como você o imaginava? – indagou Petra.

– Ainda mais bonito – disparei, e em seguida desviei o rosto, envergonhada pelo meu fervor.

Petra riu.

– Ah, você devia tê-lo visto há alguns anos. Ele envelheceu.

– E a rainha? – perguntei. – Também é bonita?

Petra deu de ombros.

– A maioria diz que sim, mas é uma aparência bem diferente da dele. Você poderá julgar por si, quando ela voltar à corte. Agora, vamos cuidar do seu vestido.

Não vai demorar para servirem o jantar no Salão Inferior, e isto você não pode perder. Aqui não ficamos só com as sobras. Comemos quase tão bem quanto o rei.

Ainda me lembro da sensação daquela primeira noite, deitada sob lençóis recém-lavados, com as pernas explorando a novidade de uma cama só minha. Apesar dos sons abafados das outras criadas, senti-me profundamente só. Sem os grilhões do passado, mas como uma estranha naquele mundo novo. Queria desesperadamente fazer parte daquele lugar mágico, onde mulheres se gabavam de seus conhecimentos e homens marchavam acompanhados pelo clangor de espadas. Minha mente evocou a lembrança do rei Ranolf atravessando o salão em passadas orgulhosas. Se a rainha tivesse metade da magnífica aparência dele, os dois formariam um casal imponente. Como eu poderia ser digna deles? E, se eu não fosse considerada boa o suficiente e me mandassem embora, como é que meu coração já dilacerado sobreviveria a esse golpe?

## SENHORA DAS AFLIÇÕES

☞ Só conheci a mulher que viria a transformar minha vida na segunda semana que passei no castelo. Foi um encontro que permanece vívido até hoje em minha memória, pois foi a primeira vez que vislumbrei as trevas que espreitavam por trás do aparato da corte. O primeiro pequenino passo na perda da minha inocência.

Eu havia passado os dias anteriores seguindo os passos de Petra, cuidando dos quartos das damas de companhia da rainha. Havia cerca de uma dúzia dessas mulheres – parentas distantes e filhas de famílias da nobreza que moravam no castelo, sob a proteção do rei. Esperava-se que servissem de acompanhantes, mas, na ausência da rainha, elas se dedicavam sobretudo aos flertes e às intrigas. Com cautela, eu tinha começado a assumir sozinha algumas tarefas: levantar antes do amanhecer para varrer as cinzas da noite anterior e acender as lareiras novamente, esvaziar urinóis, encher bacias com água fresca, buscar na cozinha bandejas com o café da manhã e entregá-las no horário em que cada dama acordava. Com a ausência da rainha e de suas acompanhantes mais íntimas, o trabalho era menos duro que de hábito, mas toda noite eu desabava de exaustão, fatigada tanto do esforço para me adaptar quanto das tarefas em si. Deitada na cama, no escuro, eu ansiava por pedir conselhos à minha mãe. Muitas vezes, o fato de não poder fazê-lo me levava a soluçar de sofrimento. Eu abafava o som com o travesseiro, para não incomodar Petra e as outras criadas adormecidas.

Apesar de minha agitação interna, consegui cumprir meus deveres com competência suficiente para que a Sra. Tewkes concordasse em passar Petra para o Grande Salão, onde ela serviria refeições. Petra mal podia conter a alegria por deixar os urinóis para trás.

– Você ainda não foi liberada – advertiu a Sra. Tewkes. – Quero que ajude Elise por mais algum tempo, para ter certeza de que o trabalho dela é aceitável.

Mas, quando chegou a comitiva real de viajantes, um dia antes do esperado, fomos apanhados desprevenidos.

– Um dos homens do séquito da rainha acabou de chegar! – gritou um laçao no Salão Inferior, onde eu estava terminando minha refeição do meio-dia. – A carruagem dela está a poucos minutos dos portões!

Subi correndo os lances de escada até a sala de estar da rainha, para ver se podia ajudar em alguma coisa. Havia duas criadas varrendo o chão e polindo as cadeiras. O cômodo era enorme, em consonância com a posição de sua dona, e adornado com objetos que o deixavam bem feminino. Nas paredes havia tapeçarias que retratavam donzelas em roseiras e no espaldar de cadeiras altas de madeira havia imagens de flores entalhadas. Num canto ficava uma harpa e em outro uma mesa

com pilhas bem arrumadas de tecidos e linhas coloridas. Por uma porta no fundo do aposento, pude ver a cama de dossel da rainha, em solitário esplendor, cercada por cortinas de veludo púrpura.

A Sra. Tewkes apareceu atrás de mim e meneou a cabeça em sinal de aprovação.

– Ótimo, ótimo – murmurou. – Agora, para as cozinhas. Talvez a rainha queira um banho depois da viagem, e precisaremos de muita água quente.

Eu já ia seguindo as outras moças porta afora quando a Sra. Tewkes pôs a mão no meu ombro.

– Elise, acenda o fogo – ordenou. – Ainda há uma friagem no ar.

Os anos à beira da lareira de minha família tinham me ensinado a melhor maneira de produzir uma chama com gravetos e mecha, e minha habilidade já havia me rendido elogios e inveja entre as outras criadas. Ainda na véspera, a Sra. Tewkes tinha decretado que eu deveria, pela manhã, acender o fogo nos quartos de todas as damas da nobreza, inclusive no da rainha, quando ela retornasse. Para meu horror, constatei que a lenha empilhada na cesta junto à lareira da rainha tinha um toque de umidade, e o fogo demorou mais do que costumava para pegar. Apenas uma única e mísera chama tinha se firmado quando ouvi um vozerio em tons agudos aproximando-se pelo corredor. Levantei-me e encostei-me bem à parede quando o grupo de damas entrou. Mantive os olhos baixos, mas ergui-os apenas o suficiente para ver um alvoroço de saias. Um aroma floral correu na minha direção quando elas passaram.

– Milady, esse fogo mal acabou de ser acendido – disse alguém perto de mim. – Talvez devamos recolher-nos a um lugar mais quente.

– Está bom assim – retrucou uma voz distante e cansada.

Levantei os olhos na direção do som, mas minha visão foi barrada por uma senhora mais velha, que me fitou com uma expressão acusadora, lábios espremidos de reprovação. Seu nariz afilado parecia capaz de me perfurar se eu não andasse depressa o bastante.

– Prossiga, então! – ordenou, acenando com a mão para a lareira.

– Senhora, não posso apressar a chama – tentei explicar, mas minha resposta deve ter sido julgada impertinente, pois a mulher acertou-me a orelha com o dorso da mão.

– Não tolerarei nenhuma gracinha sua – rosnou. – Cuide das suas obrigações.

Prostrei-me de joelhos e acrescentei outro pedaço de lenha à lareira, virando de costas para que ela não pudesse ver meus olhos se enchendo de lágrimas. Eu havia falado sem pensar, estragando qualquer possibilidade de causar uma boa impressão na rainha. Será que me poriam na rua por algumas palavras irrefletidas?

– Deixe a moça em paz, Selena – falou a mesma voz baixa que eu ouvira antes.

A mulher à minha frente devia ser lady Selena Wintermale, que Petra me dissera servir de primeira dama de companhia da rainha e ser sua companheira mais íntima. Não duvidei da capacidade dessa mulher de manter a ordem naqueles

aposentos; alguns minutos a seu lado e ela já me dava medo. Mexi com o atizador na chama que crescia, virando ligeiramente o corpo para ter um vislumbre do cômodo atrás de mim. Lady Wintermale andava de um lado para outro, ditando instruções a um rapaz que usava a túnica roxa e verde dos pajens. Ele assentia continuamente com a cabeça, mas, pela expressão em seu rosto, perguntei-me de quantas daquelas ordens se lembraria.

– Traga da torre as pombas da rainha, e certifique-se de haver água nas vasilhas delas. As de ouro, não as de prata.

– Sim, senhora – retrucou o pajem.

– Depois, diga à cozinheira que milady está com um mal-estar estomacal por causa dos dias de viagem. Mande-a fazer um caldo simples para o jantar...

Olhei para um ponto além de lady Wintermale, na direção do círculo de cadeiras dispostas em frente à lareira. No centro havia uma cadeira maior e mais larga que as outras, com o assento coberto por uma almofada de veludo dourado. Quatro damas de vestidos cintilantes encontravam-se em pé em torno dela, conversando em vozes rápidas e alegres. Parcialmente ocultada por elas estava uma mulher com um vestido preto simples, sentada. À primeira vista eu poderia tomá-la por uma freira. Apenas as joias entremeadas em seu cabelo a distinguiam como membro da realeza.

Então essa era a rainha Lenore. Naquele aposento agitado ela se conservava muito quieta, distante da comoção a seu redor. Até o cabelo preto e a tez morena a destacavam da cor clara de suas damas. Ela apresentava o porte e a elegância de uma aristocrata – eu não poderia imaginar aquelas mãos graciosas lavando roupa ou abrindo massas –, mas seus olhos negros tinham a expressão de alheamento que eu vira em muitas mulheres de lavradores, esgotadas pelo trabalho. Eu nunca havia esperado ver tamanha tristeza numa pessoa tão abençoada.

Olhei para lady Wintermale, perguntando-me se ela indicaria quando o fogo lhe parecesse aceitável. Captando meu olhar, ela virou o rosto, irritada.

– Está dispensada – falou. – Certifique-se de que o fogo esteja aceso antes do amanhecer. Milady levanta-se com o sol.

– Sim, senhora – respondi.

Fiz uma rápida mensura e me retirei, tranquilizada por ver que conservaria meu emprego, afinal.

Mais tarde, nessa noite, contei a Petra que havia ficado surpresa com o abatimento da rainha.

– Ela é sempre assim?

– Pssssiu! – Sissy, a criada que dormia do outro lado de Petra, acordava com facilidade e se queixava frequentemente do barulho no quarto das criadas, depois de escurecer.

– Psiu você! – sibilou Petra. Não havia nada de que ela gostasse mais do que os mexericos da corte, e silenciá-la exigiria mais do que as reclamações de Sissy pedindo silêncio. Petra virou-se para mim e cochichou: – Você devia ter visto a

rainha logo que ela se casou. Ela mudou muito desde então.

– Você estava aqui?

– Eu era só uma menina, mas minha irmã mais velha trabalhava no castelo – disse Petra. – Durante anos, pelo que ela contava, foi um lugar muito maçante. O antigo rei, pai de Ranolf, tinha se fechado depois da morte da mulher, e o rei Ranolf e seu irmão, o príncipe Bowen, raramente ficavam em casa. Preferiam procurar novidades noutros lugares. Não há dúvida de que o rei teve sua cota de conquistas nessas viagens, mas chegou o momento em que se esperava que ele cumprisse seu dever e se casasse. Diz a lenda que o velho rei apresentou-lhe uma lista de jovens do reino que eram boas candidatas. Ele só teria de apontar um nome para que uma delas fosse sua. Mas Ranolf disse ao pai que seu coração pertencia a uma moça de um país distante, tão distante que o velho rei não conseguiu situá-lo no mapa. Desde o momento em que a havia conhecido, Ranolf não aceitaria nenhuma outra. Já imaginou?

Amor à primeira vista. Sorri ao saber que essas coisas eram possíveis.

– Nenhum herdeiro do trono já se casara com uma estrangeira. Dizem que a família da rainha ficou igualmente hesitante em mandar a filha para tão longe de casa. Mas ela era a caçula, e muito mimada, então o pai cedeu a seu desejo.

– Você viu algum dos festejos?

– A princesa Lenore dormiu no Convento de Santa Ana na véspera do casamento – respondeu Petra. – Seu cortejo passou pelo vale de manhã e o povo deu vivas e jogou flores na carruagem dela. Fiquei na rua observando, com meus pais, e nunca tinha testemunhado tamanha comoção. A princesa manteve o rosto coberto, como é de costume, mas pôs a mão para fora da janela e acenou, e por pouco não desmaiou de emoção.

– Quando a carruagem chegou ao portão principal do castelo – prosseguiu –, o velho rei saiu pessoalmente para recebê-la e escoltá-la para dentro. A cerimônia foi realizada na capela, com a presença apenas das famílias da mais alta nobreza. Mas em seguida, antes do banquete, o rei Ranolf pegou a noiva pela mão e a levou para o Salão Dourado. Eu soube pela criada de uma das damas da corte que os dois riam feito crianças. Ranolf abriu as portas que dão para o pátio do castelo e para a cidade e levou a esposa até a sacada. “Apresento-vos vossa futura rainha!”, anunciou. Minha irmã estava no pátio, preparando mesas de comida e vinho para o banquete da criadagem, e disse que eles eram o casal mais lindo que ela já tinha visto. Tínhamos ouvido falar dessa estrangeira que traria costumes perversos para nossa terra, mas ela encantou a corte inteira, a partir daquele momento. E seu marido também. Pelo que eu soube, a noite de núpcias do casal durou até o dia seguinte.

– O quê? – reagi, perplexa. – Os criados certamente não falaria de assuntos tão particulares, não é?

Petra riu e disse:

– Não só os criados! As duas famílias esperavam um relatório sobre a

consumação. A notícia de que o rei Ranolf mal conseguiu se afastar dos braços de sua mulher foi vista como um bom presságio.

Petra ficou calada por alguns momentos, e me perguntei se teria pegado no sono. Ela bocejou, ajustou o travesseiro e continuou:

– O velho rei morreu não muito depois do casamento, e, terminado o período de luto, começou a haver eventos grandiosos toda semana: torneios, cavalgadas, bailes. Qualquer um despreveria o rei e a rainha como o casal mais feliz do mundo. Quando comecei a trabalhar no castelo, um dia os vi juntos em seu quarto, de mãos dadas como jovens namorados. Durante as refeições ela lhe oferecia pedacinhos de comida do seu prato ou limpava vestígios de alimento da boca dele. Mas faz tempo que isso não acontece mais. Desde que ela se revelou infértil.

– Ah, não... – murmurei.

– Durante oito anos o rei esperou em vão por um herdeiro – disse Petra. – Hoje em dia a rainha passa um tempo enorme consultando médicos. E, agora que o rei só se deita com ela uma vez por mês, é ainda menos provável que ela venha a conceber.

– Uma vez por mês? Como você sabe?

– A lavadeira que troca a roupa de cama informa lady Wintermale toda vez que há relações. Suponho que não seja de admirar que a rainha tenha entrado em desespero.

– O que você quer dizer?

– A peregrinação dela – respondeu Petra, pronunciando a palavra com desdém.

– Pensei que ela tivesse ido visitar uma fonte de águas termais, para cuidar da saúde.

– Essa é a história oficial, mas eu soube pela criada de lady Wintermale que as senhoras foram a um santuário nas montanhas. A rainha deve estar prestes a perder a esperança, se foi implorar a intercessão de uma santa com quem só os camponeses se importam. Especialmente se, para isso, precisou passar uma semana na companhia da senhora Millicent. – Petra arrastou esta última palavra, com a voz carregada de desprezo.

Será que um arrepio de alerta perpassou meu corpo, na primeira vez em que ouvi esse nome fatídico? A história seria mais dramática se eu pudesse dizer que tive tal reação. Na verdade, porém, fiquei mais curiosa do que apreensiva.

– Quem?

– Ah, esqueci que você ainda não a viu. Lady Millicent, a tia solteirona do rei.

Muitas solteironas viviam da generosidade do rei, a maioria composta por senhoras irritadiças que reclamavam o tempo todo da lareira que estava muito fria ou da comida quente demais quando tinham a sorte de dispor de um teto para morar. Mas o endurecimento da expressão de Petra mostrou que essa mulher era uma presença mais temível do que as outras.

– Foi ela quem convenceu a rainha de que uma semana de orações numa capela enregelada curaria o ventre dela – continuou Petra. – O rei foi contra. Disse que Deus

ouviria igualmente bem as orações dela na capela real. Mas Millicent impôs sua vontade, aquela bruxa velha.

Mal pude acreditar que uma criada falasse de forma tão desrespeitosa a respeito de um membro da família real.

– Desculpe-me, eu não devia ter dito uma coisa dessas – falou Petra, arrependida, ao ver o meu susto. – Não estou querendo dizer que ela faça feitiços em um caldeirão, embora alguns acreditem que seja capaz dessas bobagens. É melhor evitá-la, só isso. Ela se ofende com facilidade e quem a aborrece paga um preço alto. Levou a própria irmã à loucura, dizem.

– O que aconteceu? – perguntei.

Petra balançou a cabeça, descartando minha pergunta e o assunto.

– Já falei mais do que devia.

Deu-me as costas e se deitou, o cabelo esparramado no travesseiro reluzindo na escuridão. A respiração pesada e o som das outras criadas se remexendo na cama lembraram-me que não estávamos sozinhas, que eu precisava prestar atenção ao que dizia.

– Petra? – sussurrei.

– Hum?

– Talvez ainda haja esperança para a rainha. Vou rezar por ela.

Eu não esperava uma resposta, mas, passados alguns momentos, o murmúrio de Petra rompeu o silêncio:

– Meu pai diz que é praga de família. Volta e meia o destino do reino fica na dependência da vida de um único menino. O pai do rei foi o único filho sobrevivente de seus pais, assim como seu pai antes dele. O rei e o príncipe Bowen foram os primeiros irmãos, em gerações inteiras, a chegar à idade adulta. Todos achavam que eles inaugurariam uma nova era de prosperidade. Mas os dois continuam sem filhos.

Criada numa família numerosa, eu estava acostumada a gritos, tagarelices e choro de bebês. Seria a falta desses sons que tornava tão lúgubres os vastos corredores do castelo?

– O príncipe Bowen herdará o trono, se o rei não tiver filhos? – perguntei.

– Acho que sim.

– Pobre rainha Lenore. Não é de admirar que ela pareça triste.

O que eu não sabia, nessa época, era que o sofrimento da rainha era muito mais profundo do que eu jamais poderia imaginar. Minha juventude não me permitia compreender como a jovem e radiante noiva da história de Petra tinha se transformado na mulher retraída que eu vira sentada diante da lareira, pois eu nada sabia do que uma mulher desesperada é capaz de fazer para ter um filho.



Na manhã seguinte, entrei pé ante pé no quarto real, antes que os primeiros feixes de luz do sol iluminassem as janelas. A rainha em si era visível apenas como uma pequena elevação no meio da cama, quase inteiramente escondida sob o cobertor bordado. Contornei na ponta dos pés o colchão de palha em que sua criada pessoal, Isla, dormia no chão, roncando, e retirei da lareira as cinzas da noite anterior. Com muito cuidado, acrescentei novas toras de lenha e acendi o fogo. Quando a chama estava bem firme, voltei ao corredor e busquei um balde d'água, que derramei na elegante bacia de porcelana colocada numa mesa comprida embaixo da janela. Enquanto a água era vertida, meus olhos vagaram para um pedaço de pergaminho largado na mesa diante de mim. Distraída, li as palavras escritas numa letra elegante e meticulosa:

*Onde o amor se abriu em flor  
Sem dúvida há de fenecer.  
Só a lembrança de seu olor  
Persiste sem perecer...*

– Menina.

Girei o corpo, com um medo terrível de ser repreendida por indolência. A rainha Lenore estava sentada na cama, olhando diretamente para mim. Seus olhos negros estavam vermelhos, as faces, molhadas de lágrimas.

– Passe-me uma toalha de mão – pediu.

Seu sotaque deu às palavras simples um ritmo melodioso.

Peguei um quadrado de linho dobrado numa pilha ao lado da bacia e o entreguei a ela. A rainha passou o tecido sobre os olhos e abaixo do nariz e o devolveu. Quando estendeu a mão, a manga da camisola arregaçou-se e revelou um corte feio, vermelho e inflamado na parte interna do braço, um ferimento que começara a cicatrizar muito recentemente. Como era possível uma mulher com tantos privilégios ter arranjado um ferimento tão cruel?

Eu deveria ter pegado a toalha da mão dela sem dizer nada e desaparecido dali, como era esperado. Mas sua expressão contraída me fez querer ficar, para afastá-la daquela tristeza.

– Milady, o poema – comecei, fazendo um gesto com os olhos na direção do papel sobre a mesa às minhas costas. – A senhora o escreveu?

Seus olhos se arregalaram de surpresa enquanto ela confirmou com um aceno da cabeça.

– É lindo – falei.

– Você sabe ler? – perguntou ela, num tom que não tinha qualquer indício de zombaria. – Como se chama?

– Elise.

– É só isto, Elise.

Fiz uma mesura e me afastei, tardiamente perplexa com meu próprio atrevimento. Eu havia corrido um grande risco, mas o encontro acabara sendo favorável a mim. Apesar dos olhares furiosos de lady Wintermale, meu emprego talvez estivesse seguro, afinal.

E assim pareceu, nas semanas seguintes. Todas as manhãs, eu acendia o fogo enquanto a rainha acordava e lhe entregava uma toalha com que enxugar o rosto, como se fosse perfeitamente normal saudar cada novo dia com lágrimas. Dia após dia, seguimos a mesma rotina. A rainha nunca me dizia mais do que algumas palavras, porém eu sentia um laço de afeição por ela que era totalmente desproporcional ao tempo passado em sua presença. Havia nela um calor inato, que fazia com que eu me solidarizasse com sua aflição, apesar da vasta diferença entre nossa idade e nossa posição. Tal como eu, ela era uma pessoa de fora, isolada da família, objeto de intrigas depreciativas e desprovida de aliados naturais na corte. Apesar disso, assim como minha mãe, portava-se com dignidade e determinação. É de admirar que eu me sentisse atraída por ela?

Como Petra havia previsto, minha designação para os aposentos das damas da realeza desencadeou uma enxurrada de queixas à Sra. Tewkes e a inveja me isolou daquelas que poderiam ter sido minhas amigas. A antipatia das outras criadas por mim só se reforçou ante minha ignorância sobre quem dava ordens a quem no Salão Inferior, onde as hierarquias eram mais obscuras que nos aposentos reais. Uma noite, no jantar, após ver que o banco em que Petra estava sentada já se encontrava ocupado, acomodei-me num lugar vazio a uma mesa próxima. As mulheres já sentadas – claramente colegas de trabalho, já que todas usavam os mesmos vestidos cinzentos de lã – olharam-me em silêncio, depois se entreolharam.

Apresentei-me e, mesmo assim, elas continuaram caladas. Confusa e envergonhada, baixei os olhos para minha tigela e comi o mais depressa que pude, com o rosto ruborizado de humilhação. Ao sair às pressas do salão, com lágrimas correndo pelo rosto, ouvi a voz de Petra atrás de mim.

– Não dê importância a elas – disse-me em tom displicente, enquanto eu enxugava as faces no avental. – Foi um erro comum.

– Por que elas não quiseram falar comigo?

– São costureiras – respondeu Petra. Ao perceber que eu continuava confusa, ela deu um suspiro e explicou: – Elas se acham melhores do que nós, por nunca terem precisado esvaziar um urinol. Imaginam-se grandes damas refinadas.

Um sorriso começou a se esboçar num canto da minha boca e Petra continuou, satisfeita com minha reação:

– Do jeito como se comportam, é como se ninguém mais fosse capaz de manejar uma agulha. Até parece que eu gostaria de ficar presa o dia inteiro na sala de costura, debruçada sobre as roupas de baixo de lady Wintermale. Escreva o que digo: todas elas vão acabar corcundas e nós é que vamos rir por último.

Então eu dei uma risadinha e Petra me convenceu a voltar com ela ao salão. Em

sussurros abafados, explicou-me a distribuição de assentos que tanto havia me intrigado. Os pajens sentavam-se com os camareiros, nunca com os lacaios. Vez por outra, esses últimos comiam com os carpinteiros e outros trabalhadores especializados, mas qualquer serviçal dos estábulos que se atrevesse a se sentar com eles seria marginalizado – a não ser, é claro, que se tratasse do mestre dos cavaleiros, cuja companhia seria uma honra. Como camareira, esperava-se que eu me sentasse com as servas mais jovens e inexperientes; em caso de extrema necessidade, eu poderia me sentar à mesa das arrumadeiras, mas fazer isso com frequência seria considerado pretensioso. As criadas pessoais das damas de companhia, que cuidavam das necessidades das senhoras da nobreza, tinham uma mesa própria de um lado do salão, só conversavam entre si e ignoravam solenemente o resto de nós. Eram a realeza do Salão Inferior.

Petra, graças a Deus, achava-me uma novidade intrigante, em vez de um estorvo. Metade do castelo parecia ter algum parentesco com ela, que gostava de conversar com qualquer um cujo estilo de vida lhe fosse desconhecido. Perguntava-me sobre a fazenda com a expressão sonhadora de quem nunca teve de ordenhar vacas ao alvorecer. Quando lhe falei de minha mãe e meus irmãos – devagar e sucintamente, porque a ferida ainda doía –, ela chorou comigo. E, ao descobrir que eu sabia ler e escrever, pediu minha ajuda para aprender o alfabeto. *É assim que deve ser ter uma irmã*, eu pensava enquanto estudávamos juntas pedaços de pergaminho que a Sra. Tewkes nos arranjava. Sem Petra minha vida teria sido realmente desoladora, e tudo em que pude me transformar no castelo deveu-se, em parte, a seu espírito generoso.

Durante os breves momentos em que minhas obrigações tinham sido concluídas e Petra não estava disponível para agir como minha defensora, eu ficava perambulando do lado de fora dos aposentos da rainha, na esperança de executar qualquer tarefa humilde que pudesse levar-me à presença dela. Foi ali que me vi frente a frente com a mulher que havia me intrigado desde o dia em que seu nome saíra da boca de Petra.

Jurei contar minha história sem o julgamento da visão retrospectiva, retratando os acontecimentos do modo como se deram. Assim, embora eu ache difícil separar minhas primeiras lembranças de Millicent da consciência do que um dia ela viria a ser, digo a verdade quando afirmo que nosso primeiro contato me deixou abalada. Eu já tinha visto a tia do rei a distância algumas vezes, em meio às outras senhoras mais velhas da corte. De perto, entretanto, admirei-me ao reconhecer que um dia ela já fora bela. Embora o passar dos anos houvesse embranquecido seu cabelo e deixado sua pele flácida, não havia alterado seus traços mais marcantes: o nariz reto e afilado, os grandes olhos verde-acinzentados, os lábios carnudos e a testa larga e pronunciada. Ela usava o cabelo bem puxado para trás, à moda antiga, sem cachos que abrandassem as linhas de seus ossos malares, o que atraía ainda mais a atenção para seu rosto majestoso. Tinha um andar resoluto, e pontuava cada passo com a

batida de uma bengala que, segundo suspeitei, ela usava não por necessidade, mas para alertar os outros sobre sua aproximação.

Os olhos dela cravaram-se nos meus com tanta intensidade que fiquei paralisada, incapaz até mesmo de fazer a reverência exigida pela etiqueta.

– Não tem nada melhor para fazer do que ficar perambulando por aí? – perguntou-me.

Tinha a voz forte e ríspida, e cada palavra era proferida com a autoridade de quem está acostumado a comandar.

A mentira me escapou dos lábios sem esforço:

– Recebi autorização para auxiliar as damas da rainha.

– Humpf – fez ela, e eu não soube dizer se o som indicava satisfação ou dúvida. – Nesse caso, vá fazer algo de útil. Deixei uma capa na minha cama. Vá buscá-la.

– Sim, senhora – respondi, abaixando respeitosamente a cabeça. – Queira me perdoar, mas onde fica seu quarto?

Millicent soltou um suspiro alto, exasperada com minha ignorância.

– Na Torre Norte. Primeira porta no alto da escadaria de mármore. Vá.

Não entendi nada do que ela disse, mas não me arriscaria a desagradá-la com outras perguntas. Enquanto ela ia com passos firmes para os aposentos da rainha, segui para a escada central dos criados. Na época, eu nada sabia sobre a triste história da Torre Norte, e não podia imaginar o terrível papel que um dia ela desempenharia em minha própria vida. Mesmo assim, um mau pressentimento se abateu sobre mim quando segui o corredor estreito que me fora apontado por um dos lacaios, uma extensão solitária e deserta dos movimentados corredores de serviço do castelo.

Atribuí meu nervosismo ao medo de decepcionar Millicent, um medo que só cresceu quando emergi do corredor num salão grandioso. O que me impressionou de imediato foi a sensação de amplitude e luz transmitida pelo aposento. Ao contrário do resto do castelo, que preservava as características de uma fortaleza, essa parte tinha janelas grandes e paredes pintadas de branco. Estátuas de cavaleiros em poses heroicas encontravam-se dispostas em nichos, entremeadas de tapeçarias com cenas bucólicas. O salão tinha um senso de proporção e graça que faltava até aos aposentos de Lenore. Então por que não havia mais ninguém além de Millicent nessa área do castelo?

Millicent. Eu sabia que não devia provocar sua ira com minha demora, mas não consegui achar a escadaria de mármore de que ela havia falado. Virei para um lado e para outro e acabei perdendo completamente a orientação geográfica. Os ângulos das paredes de pedra faziam o eco de meus passos voltar de direções inesperadas, de modo que eu me sentia perseguida por um inimigo que ora estava um passo à frente, ora um passo atrás. Obrigando-me a manter a calma, usei as janelas para me orientar e discernir o ponto em que a torre se ligava à fortaleza central. Após mais algumas voltas, deparei com o que estava procurando: uma escadaria revestida de

mármore cor de rosa. No alto dela havia duas portas, ambas fechadas.

Subi buscando sinais de gente, mas não consegui discernir nenhuma diferença perceptível entre as duas portas. Ouvi então um som vago e trêmulo, que vinha de trás da que ficava à direita. Dei mais um passo à frente. O som ganhou um tom mais agudo, depois mais grave. Era uma voz de mulher, cantando. As palavras eram indistintas, mas as notas tinham uma beleza melancólica, que transmitia o peso da perda.

Bati de leve e disse:

– Olá?

O ruído parou abruptamente. Estendi a mão e segurei a maçaneta, mas a porta não se moveu quando a empurrei. Minha pele se arrepiou, com a consciência da presença de outra pessoa que me queria longe dali, e tive uma vontade súbita de correr daquela torre e das coisas estranhas que ela porventura escondesse. Andei depressa até a porta da esquerda, que cedeu ao meu toque com um rangido. Assim que entrei, soube que havia encontrado o quarto de Millicent.

A maioria das mulheres que passavam o fim da vida no castelo tinha poucos pertences, já que a ausência de riquezas era a principal razão para viverem da caridade do rei. Algumas possuíam broches com a imagem pintada do falecido marido, outras tinham pequenos crucifixos de marfim ou prata em lugar de destaque. Sendo tia do rei, esperava-se que Millicent contasse com aposentos maiores do que a maioria, mas ainda assim fiquei perplexa com a grandiosidade do quarto, com o pé-direito altíssimo e lampejos deslumbrantes de ouro e pedras preciosas. Uma cama enorme ocupava o centro do cômodo, com suas colunas requintadamente entalhadas e bem mais altas que eu. Na cabeceira fora gravado um escudo em que um javali e outros animais selvagens eram cercados por quatro árvores. De ambos os lados da cama havia cadeiras pesadas e baús, todos de um tamanho e luxo inéditos para o quarto de uma solteirona.

Ao avançar mais para o interior do aposento, notei objetos espalhados por todas as superfícies planas, desde o pesado console de pedra da lareira até o tempo dos baús e as bordas da mesa em que Millicent mantinha sua bacia de água e seus pentes. Delicadas colheres de prata, anéis incrustados de pedras de cores que eu nunca tinha visto, uma tigela com pétalas de flores aromáticas: cada nova descoberta me enchia de assombro. Porém o que mais me intrigou foram as estatuetas dispostas acima da lareira. Algumas tinham o aspecto de santos, mas outras retratavam mulheres cujos trajes eu não conhecia. Uma delas, uma figura pequenina entalhada em madeira, não vestia roupa nenhuma, o que chamava ainda mais a atenção para seus seios inchados e sua barriga de grávida. Outra, não maior que o meu polegar e feita de uma estranha pedra verde, era tão brilhosa que minhas mãos foram involuntariamente atraídas por ela. Essa mulher também estava nua e, embora a falta de pudor me perturbasse, descobri-me estranhamente calma ao deslizar as pontas dos dedos por suas curvas lisas, imaginando quem teria feito aquele objeto.

– O que está fazendo?

Mortificada, virei-me e vi Millicent parada na soleira da porta. Abaixei-me numa reverência precipitada, as pernas bambeando de medo.

– Pensou em se servir do que lhe aprouvesse, não foi? – disse ela, em tom ríspido.

– Não! – protestei. – Eu me perdi, acabei de entrar aqui...

Millicent me interrompeu com a voz gélida, apontando para minha mão:

– E o que está segurando?

Estendeu a mão para a minha e a abriu. Pareceu surpresa ao ver o que eu segurava. A estatueta verde continuou aninhada na palma da minha mão por um momento, enquanto ela me olhava com desconfiança e, em seguida, tornava a fitar a estranha bonequinha. Fiquei morta de medo. Se Millicent preferisse acreditar que eu estava roubando, poderia ordenar minha demissão desonrosa. Minha palavra não valeria nada contra a dela.

Desesperada para evitar esse destino, caí de joelhos.

– Por favor, senhora, eu só a estava admirando. Nunca tinha visto algo assim.

– Disso eu tenho certeza – retrucou ela com azedume.

Estendi-lhe a estatueta e a pressionei em sua mão. Minha postura subserviente e minha óbvia aflição pareceram amolecê-la, pois Millicent bufou e fez sinal para que eu me levantasse.

– Minha capa – falou, em tom enérgico.

Havia uma peça de veludo verde estendida ao longo dos pés da cama. Quando a peguei, o tecido ondulou-se em meus braços e vi que a barra era bordada com uma estampa em que se alternavam diamantes e estrelas. No mesmo instante, compreendi. Minha mãe havia tecido trabalhosamente aquele desenho no corpete de meu vestido de domingo; vi as pequeninas linhas diagonais típicas do bordado dela. Desde que eu chegara ao castelo, não tinha encontrado qualquer sinal da presença de minha mãe ali; agora esse sinal estava bem ali em minhas mãos. Meus dedos demoraram-se nos pontos, seguindo as linhas engendradas anos antes. Millicent me olhou, impaciente, e segurei a capa atrás dela, engolindo um soluço ao ser tomada por uma onda de tristeza. Ela se virou e, confusa, olhou para meu rosto contorcido de angústia.

– Sinto muito – resmunguei. – O desenho se parece muito com um trabalho da minha mãe. Da minha falecida mãe.

– Você deve estar enganada. Ela foi feita por uma das costureiras do castelo.

– Mayren? – indaguei, baixinho.

O nome a pegou de surpresa. Depois a confusão deu lugar ao entendimento e ela esticou o braço para segurar meu queixo na mão em concha. Ao fitar meu rosto, foi como se enxergasse, para além do uniforme de criada, a jovem que havia do lado de dentro, assim como a ambição implacável que eu mantinha escondida sob uma fachada de humildade. Minhas esperanças de progresso, meu medo da humilhação, a vergonha por meu nascimento bastardo... Ela não me condenou por nada disso. O

poder que exercia fluiu de sua pele para a minha, e meu corpo formigou de expectativa.

– Sim – murmurou ela –, agora estou percebendo.

Deixou cair a mão, puxou os lados da capa sobre os ombros e andou até a lareira. Lá, ergueu o braço para repor ao console a estatueta verde. Então fez uma pausa, com a mão a meio caminho, reconsiderando. Num rodopiar de tecido, girou o corpo e me entregou a peça.

– Se foi isto que chamou sua atenção, por incrível que pareça, agora é seu.

Abaixei-me numa reverência profunda e lhe agradei. A figurinha minúscula me atraía e repelia ao mesmo tempo, mas eu não conseguia evitar que meus dedos deslitassem repetidas vezes pela pedra lustrosa.

– Quem é ela? – perguntei. – Uma santa?

Millicent deu uma risada desdenhosa, achando a pergunta divertida.

– Longe disso. Esse tipo de entalhe é chamado de pedra do desejo. Esfregue a barriga dela e seus desejos mais profundos se realizarão. É o que dizem.

Millicent enunciou essas palavras com um sorriso, mas havia em seus olhos um brilho malicioso. Estaria fazendo pouco das suspeitas da criadagem de que ela era capaz de controlar as forças da feitiçaria? Ou estaria reconhecendo que os boatos eram verdadeiros?

Corri para acompanhar os passos dela enquanto voltávamos aos aposentos reais; apesar da idade, ela andava rápido, com suas pernas mais longas que as minhas. À porta do quarto da rainha, deteve-se abruptamente e perguntou meu nome.

– Elise, senhora – falei.

– Você é uma menina muito curiosa, Elise. Eu me pergunto até onde conseguirá chegar por aqui.

Era impossível dizer, por sua expressão enigmática, se ela estava prevendo o sucesso ou o fracasso. Curiosamente, essa incerteza não me perturbou. Agora a tia do rei me conhecia por meu nome, prova de que vinha me destacando das outras criadas, embora ainda não pudesse imaginar que vantagens me trariam as boas graças dela.

Nessa noite, tirei do meu baú a pedra do desejo e a enfi embaixo do travesseiro. Todas as noites a partir de então, meus dedos a esfregaram de forma rítmica, acalmando-me até que eu pegasse no sono. Será que aquele berloque pagão possuía poderes mágicos? Não corrirei o risco da danação eterna dizendo que sim. Mas também é a pura verdade que, inesperadamente, a rainha me nomeou camareira-chefe de seus aposentos, apenas alguns dias depois de eu ter sido presenteada com a pedra. No primeiro dia em que assumi meus novos deveres, Millicent passou por mim no corredor e fez uma breve pausa para menear a cabeça na minha direção. Foi um olhar rápido, nada mais, porém compreendi no mesmo instante o que ela queria dizer. Ela estava me observando, percebendo meu progresso, avaliando meu

talento. Com que finalidade?



Embora Millicent fosse uma senhora idosa, que dependia da generosidade do sobrinho, não adotava uma postura suplicante. Muito pelo contrário. Nascida e criada no castelo, marchava por seus salões cheia de prepotência, pronta a repreender servidores e membros da corte. Segundo a Sra. Tewkes, Millicent já havia exercido um papel de destaque na corte, chegando até a participar do Conselho da Realza após o falecimento do pai do soberano, mas o rei Ranolf tinha se cansado do autoritarismo dela e a relegara a uma posição insignificante, como supervisora das necessidades de suas colegas solteironas. Ela, entretanto, nunca deixara de tentar insinuar-se nas questões de Estado, e as atenções que dedicava à rainha Lenore a tornavam uma presença regular nos aposentos reais.

Ao longo dos dias que levariam ao auge do verão, Millicent parecia estar sempre presente, rondando a rainha, deleitando-se com os olhares enfurecidos de inveja de lady Wintermale. Como posso explicar em simples palavras o efeito que ela exercia em mim? Era como se o próprio ar soltasse faíscas na sua presença. Encantada com sua aura de mistério, eu me via empertigando a coluna e cuidando de minhas tarefas com um novo vigor na presença dela, inchando de orgulho toda vez que ela olhava na minha direção.

As outras damas reclamavam da influência crescente de Millicent sobre a rainha e eu me perguntava o que as duas discutiriam em suas conversas particulares, em voz baixa. Em minha senhora persistia uma inquietude, como se os pensamentos dela andassem muito distantes do cotidiano da vida na corte. Sempre que lhe era concedido um intervalo de solidão – no fim da tarde, quando as damas de companhia se dispersavam a fim de se vestirem para o jantar, ou nas primeiras horas da manhã de domingo, antes dos ofícios religiosos na capela –, eu a encontrava olhando pela janela com uma expressão perturbada. Embora eu a visse sorrir e até dar risadas, a rainha tinha a letargia consequente de noites maldormidas, e atravessava os salões do castelo com o passo inseguro e hesitante. Nas poucas ocasiões em que o rei providenciava uma diversão noturna, ela costumava pedir licença e se recolher cedo.

O lugar em que a rainha Lenore parecia ficar mais à vontade era sua sala de trabalho, um cômodo adjacente à sua sala de visitas, no qual ela havia instalado um tear, uma roda de fiar e mesas com pilhas dos tecidos mais luxuosos que eu já tinha visto. Embora se esperasse que uma mulher da sua posição tivesse certa habilidade no manejo das agulhas, ela preferia as tarefas mais simples de tecer e tricotar, e chegava a ponto de fiar as próprias lãs e linhas. Embora tais distrações pudessem levar algumas damas da nobreza a revirar os olhos, eu admirava a destreza da

rainha nessas artes femininas. Ali junto à sua roca, imersa na atividade a que se dedicava, ela poderia ser uma mulher qualquer orgulhosa de suas realizações.

Ainda que eu viesse passando mais tempo na sua presença, a rainha Lenore e eu nunca havíamos trocado mais do que algumas gentilezas, até o dia em que sua serva pessoal, Isla, me convocou ao quarto real para uma audiência particular. A rainha estava parada ao lado de sua cama, os cabelos e olhos negros contrastando com o vestido vermelho-vivo. Se ela tivesse modos mais imperiosos, eu me sentiria intimidada por seu porte majestoso. Mas ela me ofereceu um sorriso caloroso e fez sinal para que eu me aproximasse.

– Elise, estou muito satisfeita com seus serviços – começou.

Reprimi uma risada boba de alegria, contendo-a num sorriso modesto.

– Meu marido me informou que teremos a graça de receber a visita de seu irmão, o príncipe Bowen, antes do final do mês – prosseguiu.

Eu ainda não havia conhecido o irmão caçula do rei Ranolf, que diziam preferir uma vida de viagens e aventuras às rotinas da corte. Meu coração começou a bater forte com a expectativa.

– O valete do príncipe Bowen, Hessler, vem cortejando minha Isla há mais de um ano – continuou a rainha. – Os dois estiveram separados durante boa parte desse tempo, mas agora Hessler escreveu para pedir a mão dela e dei meu consentimento. Eles se casarão quando o príncipe Bowen regressar.

Eu sabia que Isla tinha vindo junto com a rainha de sua terra natal e que existiam laços estreitos entre as duas. De fato, os olhos da rainha guardavam um toque de tristeza quando ela acrescentou:

– Por mais que eu deseje ter Isla a meu lado, não mantereí separadas duas pessoas que se amam. A partir do casamento, o lugar de Isla será na residência do príncipe Bowen, não na minha.

Assenti com a cabeça, esperando que tivesse sido um gesto gracioso, impaciente para saber que planos a rainha Lenore reservava para mim. Será que eu teria a honra de servir ao príncipe Bowen durante sua visita?

– Sendo assim, logo precisarei de uma nova criada pessoal – continuou. – Informei à Sra. Tewkes que gostaria que você assumisse essa função.

Nem em meus devaneios mais fantásticos eu imaginara uma oferta assim. Sentime inundar por uma onda de prazer, até me dar conta, horrorizada, das consequências de ficar no lugar de Isla. Eu sabia acender muito bem o fogo, mas esperava-se que a criada pessoal de uma dama da nobreza fosse tão refinada quanto sua senhora. Eu não podia correr o risco de ser um motivo de constrangimento para uma mulher a quem tanto reverenciava.

– Mi... milady – gaguejei –, sinto-me imensamente honrada, mas devo dizer que há inúmeras outras pessoas mais adequadas para esse papel.

– Você é muito jovem – disse ela, olhando-me com bondade –, mas tudo o que precisa saber poderá ser aprendido com o tempo. Eu a escolhi porque você tem

qualidades que não podem ser ensinadas.

Ela chegou mais perto e se inclinou na minha direção, deixando de sorrir e baixando a voz para um sussurro:

– Toda manhã você me vê chorar. Falou a alguém sobre minhas lágrimas?

Balancei a cabeça fazendo que não.

A rainha olhou em volta, para se certificar de que ninguém poderia nos ouvir, e prosseguiu:

– Estou acostumada com exames minuciosos. Lady Wintermale mantém-me informada sobre os boatos da corte, o que talvez seja o dever mais importante dela. Se você houvesse confiado meus segredos a suas colegas do serviço real, ela não tardaria em saber. No entanto, não fez qualquer referência à minha fraqueza. Você provou sua lealdade.

Meu desejo de servir à rainha era maior do que qualquer desejo que eu já tivesse tido na vida, mas temi não estar preparada para um salto tão grande. Eu tinha certeza de que a desapontaria e passaria vergonha. Mas, ao fitar os olhos negros e penetrantes da rainha Lenore, senti-me envolvida por sua graça. Aquela mulher tão bondosa, mas tão triste, confiava em mim. E eu faria qualquer coisa para deixá-la feliz.

– Estou às suas ordens – declarei.

Se eu soubesse os sacrifícios que meus serviços à rainha Lenore acabariam por implicar, será que minha resposta teria sido a mesma?



À noite, cheguei ao Salão Inferior para o jantar, ansiosa para contar a novidade a Petra, mas não vi sinal dela na nossa mesa. Uma das outras camareiras logo balançou a cabeça numa negativa quando me aproximei.

– Agora o seu lugar é lá – disse em tom seco, apontando para a mesa à qual se reuniam as criadas pessoais das damas da corte.

Surpresa e envergonhada, hesitei.

– É, todos soubemos da sua sorte – prosseguiu ela. – As notícias se espalham mais depressa que fogo nas dependências de serviço. Parabéns.

Não havia sinceridade em suas palavras nem no rosto das jovens sentadas a seu redor.

Dei meia-volta e me afastei, baixando os olhos para evitar os olhares curiosos dos outros serviçais. Quando cheguei à mesa à qual Isla estava sentada, ela se afastou da extremidade do banco e abriu espaço para que eu me acomodasse. Nenhuma das outras aias me ofereceu mais do que um aceno de cabeça. Elas não podiam se esquivar por completo de mim, porque isso seria um insulto à rainha, mas seu quase silêncio deixou claro que eu não seria bem-vinda no grupo e não

usufruiria da camaradagem de seus integrantes.

O pior estava por vir. Quando me recolhi ao dormitório das criadas nessa noite, encontrei Petra na cama, de olhos fechados, mas percebi por sua respiração que ela não estava dormindo.

Sussurrei seu nome, depois cutuquei suas cobertas.

– O que é? – resmungou ela.

– Por favor, Petra, quero conversar.

– Pensei que você não dispusesse de tempo, com as suas novas obrigações – disse ela.

Eu nunca a tinha ouvido usar aquele tom amargo.

– Eu queria lhe contar antes – tentei explicar –, mas a rainha passou tantas instruções que não consegui sair de lá antes do jantar.

A voz de Petra estava abafada sob o cobertor:

– Tenho certeza de que você esteve muito atarefada. Desculpe-me, não tenho muita experiência com os diversos deveres da camareira de uma dama.

– Eu também não tenho muita experiência nisso – retruquei, com um sorriso débil.

Petra, sempre de riso tão fácil, não registrou a piada. Vi seu cabelo louro claríssimo deslizar pelo travesseiro quando ela virou de frente para mim e apoiou a cabeça numa das mãos.

– Por que você? – perguntou, com um misto de perplexidade e orgulho ferido. – Eu a servi durante mais de um ano e ela não teve nenhuma queixa do meu trabalho. Ainda assim, continuo no serviço de copa, enquanto você virou criada pessoal da rainha. Por quê?

Pensei na pedra da sorte escondida sob meu travesseiro e nas noites em que eu a havia esfregado, torcendo para que a sorte me sorrisse. Agora isso havia acontecido, superando minhas fantasias mais inimagináveis.

– Juro que eu não sabia nada sobre isso até hoje – garanti a Petra. – Fiquei tão surpresa quanto você.

Petra deixou a cabeça cair no travesseiro.

– Desculpe. Não consigo deixar de dizer o que penso quando sinto que fui injustiçada.

– Para mim, a única coisa que importa é continuarmos amigas.

– Não tenho dúvida de que continuaremos.

Sua voz desmentiu suas palavras, pois ela usou o tom formal que empregava ao servir à mesa. Desde minha chegada ao castelo, Petra tinha sido a pessoa a quem eu recorria para pedir orientações, mas a partir desse dia passei a ocupar uma posição superior à dela. E, com a nossa mudança de condição, o laço entre nós se desfez. Petra era bondosa demais para me isolar por completo; passada a mágoa, passou a ser tão gentil comigo quanto era com os outros criados do castelo. Mas eu temia que nossos dias de troca de confidências houvessem chegado ao fim. Era uma perda que

doía mais do que eu poderia ter imaginado.

Embora eu tenha continuado a dormir nas acomodações das criadas, passava quase todo o tempo em que estava acordada na companhia da rainha Lenore. Minhas novas tarefas eram ainda mais intimidantes do que eu havia esperado. Eu observava enquanto Isla consultava a rainha sobre sua indumentária do dia, ajudava-a a se vestir, penteava seu cabelo e a seguia como uma sombra o dia inteiro, oferecendo-me para lhe alisar a saia ou buscar suas peças de costura. Na minha primeira tentativa de torcer o cabelo da rainha no estilo intrincado que ela preferia, prendi os dedos nuns fios embaraçados e a senti encolher-se. Apesar de ela ter me garantido que não tinha importância, fiquei culpada por ter lhe causado dor e desejei desesperadamente que ela não se arrependesse de sua escolha.

Num fim de tarde, depois de trançar os laços do vestido dela de forma tão minuciosa que ela se atrasou para o jantar, eu me encostei na parede, arrasada.

– Ora, vamos – disse Isla, cuja voz subia e descia no mesmo ritmo melódico da voz da rainha. – Você está chorando?

Desviei o rosto para ela não ver minhas lágrimas. Do lado de fora da janela, as sombras se alongavam no jardim, um refúgio tranquilo separado por uma cerca da confusão das estrebarias e das despensas na extremidade sul do castelo. Ele fora engenhosamente projetado com uma série de alamedas curvas, que revelavam paisagens distintas: um canteiro aromático de ervas, um pequeno campo de flores silvestres, uma fonte com sereias entalhadas e um conjunto de roseiras transportadas da terra natal da rainha Lenore. Eu aproveitava com avidez qualquer chance que me fosse oferecida de ir buscar flores frescas com os jardineiros, pois aquele refúgio era o único lugar em que a vista era feita de árvores e folhas, em vez da lúgubre pedra cinzenta. Por alguns minutos, eu conseguia me imaginar nos campos ao ar livre da minha infância.

Enquanto eu olhava para baixo, vendo as sombras criarem desenhos em filigrana pelas aleias, minha visão foi atraída por um lampejo súbito de branco num canto distante, do lado oposto à entrada. Acompanhei o movimento por apenas um instante, antes que ele desaparecesse atrás das moitas.

Devo ter ficado tensa com a surpresa, porque Isla perguntou:

– O que foi?

– O jardim – respondi, hesitante. – Pensei ter visto... – um fantasma? Foi a primeira ideia que me veio à cabeça, mas não me atrevi a formulá-la em voz alta.

– Visto o quê?

– Nada. Foi uma ilusão de ótica.

Meiga e calada por natureza, Isla raramente falava de assuntos pessoais. Assim, fiquei surpresa quando pôs a mão no meu braço e disse:

– Não se deixe perturbar pela preocupação. A rainha está contente com o seu progresso.

– Tenho sido uma grande decepção – contestei-a, com a voz trêmula. – Você não

pode negar.

– Você tem sido discreta, e isso é mais importante que qualquer outra coisa. Ela precisa dessa lealdade, agora mais do que nunca.

Perguntei-me o que ela queria dizer com aquilo, mas Isla já havia começado a esvaziar a penteadeira. Se eu tivesse mais prática em ler os sinais que se apresentavam diante dos meus olhos, poderia ter adivinhado o assunto que tanto preocupava a rainha. Mas passei aqueles dias tão aflita em relação a penteados e tão ansiosa pela volta do príncipe Bowen que mal tomei conhecimento das mudanças extraordinárias que avultavam diante de nós.

## HERDEIRO NATURAL

A chegada iminente do príncipe Bowen me deixou extremamente curiosa a respeito desse irmão real, que os boatos diziam ser tão bonito quanto o rei Ranolf e ultrapassá-lo em muito nas conquistas femininas. A rainha Lenore, porém, aborreceu-se com o fato de o mensageiro de Bowen ter apenas uma vaga ideia de quando seu senhor chegaria.

– Como vamos providenciar uma recepção adequada se não formos informados dos planos dele? – afligiu-se a soberana, depois de passar mais um dia infrutífero à espera do cunhado.

– Bowen tem uma longa história de desconsideração com os outros – disse o rei Ranolf, com a expressão carregada, andando de um lado para outro diante da lareira. – É provável que interrompa completamente a viagem se no caminho for tomado pelo desejo de caçar.

– Pelo que me disseram, raposas e faisões não são as únicas criaturas que temem a arma dele – comentou, em tom sugestivo, uma das damas mais jovens. – Ele não tem a tendência de brandir a espada diante de qualquer moçoila atraente que cruze seu caminho?

As mulheres reunidas desmancharam-se em risadas, e até o rei Ranolf sorriu. A rainha Lenore balançou a cabeça em sinal de desaprovação, mas percebi, pelo jeito como um dos cantos de seus lábios se curvou, que ela estava prendendo o riso.

– Às favas com Bowen e seus caprichos – declarou o rei, depois que cessaram as risadas. – Esta conversa sobre caçadas me trouxe saudades da sela. Amanhã sairei para cavalgar com meus homens.

E foi assim que a rainha se viu sozinha para receber o cunhado quando ele apareceu sem aviso prévio, no dia seguinte. Tão logo um pajem anunciou a chegada do príncipe Bowen, ela se permitiu uma rápida olhadela no espelho e se acomodou em sua cadeira diante da lareira, apontando para onde as damas de companhia deveriam dispor-se à sua volta. Arrumei a saia de seu vestido para que cascateasse em ondas até o chão.

Mal havia terminado quando o príncipe entrou pela porta e se deteve para admirar a cena à sua frente; em contrapartida, também se deixou admirar. Era, por qualquer parâmetro, um homem extremamente bonito, com a mesma ossatura larga e o mesmo cabelo castanho-avermelhado do rei Ranolf, e cheio da energia contida das pessoas que preferem a ação à conversa. Quando se aproximou de nós, porém, sua aparência me lembrou uma pintura malfeita, dotada de certa grandiosidade a distância, mas reveladora de uma técnica precária se inspecionada de perto. Seus olhos, que davam piscadelas galanteadoras para as damas de

companhia da rainha, eram lacrimejantes e tinham um toque avermelhado. A pele era curtida pelas horas passadas em cima de um cavalo e, embora ele ainda não tivesse chegado aos 30 anos, sendo uma boa década mais novo que o rei, já parecia ter levado uma vida mais dura.

– Querida irmã – falou, estendendo a mão para segurar a da rainha Lenore enquanto se curvava profundamente sobre ela. Seus lábios roçaram de leve a pele da soberana.

– Irmão – disse ela, curvando os lábios num sorriso que não se refletiu em seus olhos. – Como foi a viagem?

– Alegrei-me a cada quilômetro que me deixava mais perto de sua presença.

– Vejo que aperfeiçoou a arte da lisonja. – A rainha fez um sinal com a cabeça para a cadeira a seu lado. – Vamos, conte-me sobre suas viagens.

Ela atraiu minha atenção e fez um sinal para a porta, por onde um laçoi havia entrado com um jarro de vinho e duas taças de cristal numa bandeja de bronze.

– A Sra. Tewkes mandou avisar que está preparando os aposentos do príncipe Bowen – disse o homem.

– Informarei à rainha – retruquei, pegando a bandeja das mãos dele e apertando as bordas com força, para me obrigar a parar de tremer.

Eu tinha desenvolvido um importante atributo das criadas – a capacidade de ler os pensamentos de minha senhora –, e notei que a rainha Lenore não se sentia à vontade entretendo o cunhado sozinha. Por quê?

O príncipe estava acabando de contar uma história:

– E é por *isso* que as mulheres ciganas têm essa reputação – concluiu, com uma risada debochada.

A rainha Lenore deu um sorriso polido, enquanto as mais tolas entre suas damas de companhia arquejaram, fingindo-se horrorizadas, ou levaram a mão à boca, com exagerado recato.

– Cuidado, não vá contar a meu irmão que andei enchendo sua cabeça com esses escândalos – advertiu-a o príncipe. – Ele não aprovaria.

– Espera que eu esconda segredos de meu marido?

– Como poderia, milady? Lábios doces como os seus foram feitos para dizer unicamente a verdade.

A rainha Lenore captou minha atenção e deu um sorriso agradecido.

– Ah, aí está o vinho – disse, fazendo sinal para que eu servisse a bebida.

Atravessei a sala e pus a bandeja sobre um grande baú de madeira que ficava bem abaixo da janela. Percebi o olhar do príncipe Bowen acompanhando meus passos e me atralhei com a alça do jarro. Ele me escapou da mão e o vinho espirrou na bandeja.

– Cuidado, menina! – exclamou ele. – Deixe um pouco para bebermos!

Com o rosto enrubescido de vergonha, deixei a bandeja no baú e levei as taças até lá. Entreguei primeiro a do príncipe e sua mão envolveu a minha quando ele a

pegou, prendendo-a por um momento.

– Diretamente saída da fazenda, não é? – perguntou.

O insulto doeu, mas manteve os olhos baixos, calada. Era melhor ele me tomar por incapaz do que por insolente.

A rainha Lenore estendeu a mão para sua taça e eu me soltei das garras do príncipe.

– Pode-se ter uma criação modesta e modos educados – observou a rainha.

– Sábias palavras, e sábia escolha. As moças simples são as menos propensas a virar a cabeça dos maridos alheios.

– É assim que você fala de seu irmão diante da esposa dele? – perguntou a rainha Lenore, em tom formal.

O príncipe Bowen riu.

– Peça-lhe que me perdoe. O excesso de tempo que passei em cortes estrangeiras decadentes conferiu-me um gosto por humor obscuro.

Ele esvaziou a taça e fez sinal para que eu tornasse a enchê-la.

– Sabe por que Ranolf me chamou aqui com tanta urgência? – indagou.

O rosto da rainha Lenore ficou tenso. A visita do príncipe Bowen tinha sido discutida entre as damas como uma visita social; essa foi a primeira vez que eu soube que o rei havia convocado o irmão. Aparentemente, a notícia também foi surpresa para a rainha.

– As esposas não têm conhecimento de todas as decisões de seus maridos – respondeu ela.

– Deus nos livre de que tenham! – riu-se o príncipe Bowen.

Ouvimos passos se aproximando e um rapaz esguio, de capa longa e botas de montaria enlameadas, entrou no aposento.

– Com vossa licença, milady – disse, com uma reverência. – Milorde, mandaram-me informar que seus aposentos estão prontos, caso deseje trocar-se.

– Obrigado, Hessler.

Então era esse o valete do príncipe Bowen e futuro marido de Isla. Compreendi por que ela tinha ficado deslumbrada com o rapaz, com seus olhos azul-claros e seu porte alto e elegante. Não fosse por sua libré de criado, eu o teria tomado por um fidalgo. Ele vasculhou rapidamente o aposento com o olhar e se deteve em Isla, que deu um sorriso tímido, mas claramente satisfeito.

O príncipe Bowen levantou-se da cadeira e balançou um dedo na minha direção.

– Chega de olhar, mocinha, meu valete já está comprometido.

Enrubesci, mortificada por ter chamado atenção, e os olhos do príncipe cintilaram com ar divertido.

Curvando a cabeça em direção à rainha Lenore, ele disse:

– Preciso tornar-me apresentável antes da volta de Ranolf.

– Então, até o jantar – retrucou ela, levantando-se para se despedir. – Isla, você também pode se retirar. Tenho certeza de que você e seu futuro marido têm muito o

que conversar.

Depois que o príncipe Bowen se retirou, seguido por Hessler e Isla, a rainha desabou na cadeira, esgotada pelo uso de todos os seus encantos.

– Senhoras, podem ir cuidar de si – disse. – Hoje à noite deveremos receber nosso convidado e seus homens com a cerimônia adequada.

As damas de companhia saíram da sala conversando animadamente, radiantes com a oportunidade de se enfeitarem para um novo grupo de admiradores em potencial. A rainha e eu ficamos sozinhas. Ela não se mexera.

– Milady? – perguntei, com cautela.

– Sempre foi assim entre nós – disse ela, com um suspiro. – Bowen galanteia e lisonjeia, mas faz tudo o que pode para diminuir minha influência junto ao rei.

– Devo deixá-la descansar?

– Sim. Por favor, diga a lady Wintermale que não quero ser incomodada durante uma hora. Depois disso, você poderá ajudar-me a me preparar para hoje à noite.

– Sim, senhora.

Repus as taças na bandeja e a recolhi. Quando caminhava para a porta, a rainha me chamou e parei.

– Qual foi a sua impressão a respeito do príncipe? Fale com franqueza.

Surpreendida pela falta de cerimônia dela, procurei ordenar as ideias. Minha reação imediata foi dizer-lhe que o príncipe Bowen me dava arrepios. Mas ele era irmão do rei. Eu tinha de considerar minhas palavras com cuidado.

– Ele parece muito confiante. Um homem acostumado a ter todos os olhares voltados para si.

– E tem mesmo – confirmou a rainha. – Mas continua a ser um irmão mais novo, sem título, e estes são tempos traiçoeiros.

Eu não soube ao certo o que responder. Isla e a rainha tinham uma relação descontraída, mas haviam crescido juntas. Como eu poderia ter a pretensão de oferecer conselhos a uma mulher da nobreza? Apenas meneei a cabeça, com o rosto impassível.

– Sem um herdeiro, o rei e eu nos vemos numa situação complicada – continuou ela. – Bowen é o próximo na linha sucessória, e é jovem e vigoroso. Talvez cobice o título antes que estejamos prontos para abrir mão dele.

Senti um baque no coração ao pensar no arrogante príncipe a nos governar. Mas ela era o herdeiro legítimo.

– Elise, faça o favor de informar à Sra. Tewkes que minha digestão está perturbada? Eu gostaria que me servissem frango simples e pão hoje à noite.

Ela parecia tão aflita que desejei poder abraçá-la, tal como minha mãe costumava fazer para me confortar quando eu era pequena. É claro que um gesto tão íntimo seria inimaginável. A rainha Lenore era como uma estatueta de porcelana, a ser colocada em exposição e admirada de longe. Ela se quebraria se eu a tocasse.

Fitou-me com olhos apreensivos, exaustos:

– Não se deixe enganar pelas maneiras refinadas. Na corte, os inimigos se escondem bem à vista.



A Sra. Tewkes e os criados da cozinha prepararam um esplêndido banquete para comemorar o regresso do príncipe Bowen. Dei uma espiada no Grande Salão quando os festejos tiveram início e fiquei assombrada com a opulência que testemunhei: bandejas de prata com pilhas de codornas assadas, presunto defumado e outras iguarias; taças de cristal lapidado que captavam e refletiam a luz das velas; pedras preciosas cintilantes que adornavam os pulsos e os penteados das damas. O príncipe Bowen estava reunido com um grupo de cavaleiros cujas risadas altas provocaram uma careta de reprovação em sua tia Millicent. Envolta numa volumosa capa preta, ela era a única mulher que não se vestira com cores vivas, e atraiu meu olhar como faria um corvo em meio a um bando de pássaros canoros. Talvez fosse essa sua intenção. Millicent nunca foi de se misturar docilmente às multidões.

Fui ao Salão Inferior para o jantar dos criados e me sentei ao lado de Isla e Hessler, na intenção de saber mais sobre o homem que um dia poderia governar o reino.

– Parabéns pelo casamento que está por vir – falei a Hessler, depois que fomos apresentados. – Já fizeram planos para a cerimônia?

Embora eu desejasse sinceramente a felicidade de Isla, havia começado a sentir pavor de sua partida. Sem a ajuda dela, temia que minha falta de destreza e minha ignorância ficassem evidentes a qualquer um.

– Faremos nossos votos daqui a alguns dias. A rainha tomou todas as providências – disse Isla.

A posição de seu braço sugeria que ela estava tocando a perna de Hessler por baixo da mesa.

– Para onde o príncipe Bowen viajará em seguida? – perguntei.

– Ele vinha cortejando uma das filhas do rei de Grenthia, por isso imagino que tenha planos de voltar para lá – respondeu Isla, e se virou para Hessler. – Houve um anúncio oficial do noivado deles?

O rapaz balançou a cabeça rapidamente fazendo que não.

– O pai da moça se opôs à união. Não voltaremos lá.

Fiquei impressionada com a discrição de Hessler. Os mexericos corriam soltos entre os criados, sobretudo entre os que se refestelavam na glória de seus senhores. Mas eu não tinha ouvido nada sobre a corte feita pelo príncipe Bowen, nem sobre ele ter sido rejeitado.

Hessler voltou a encher a taça de vinho de Isla e se dirigiu a ela:

– Não tenha medo. Estaremos em boas mãos. Meu amo é um homem talentoso.

Não demorou muito para que eles trocassem olhares afetuosos e começassem a cochichar como um casal que quer ficar a sós. Terminei de comer rapidamente e retornei ao quarto da rainha. Como eu esperava, ela havia deixado cedo o Grande Salão, evitando os divertimentos pós-jantar.

– Milady – protestava lady Wintermale quando entrei –, o príncipe Bowen estava se preparando para entoar uma canção em sua homenagem. Sair antes disso...

– Não tenho interesse na falsa adulação de Bowen – interrompeu a rainha.

Eu nunca a ouvira falar com tamanho azedume.

O rosto de lady Wintermale cristalizou-se numa expressão de pesar escandalizado.

A rainha Lenore suspirou, depois acenou com a mão, descartando as palavras ríspidas que acabara de proferir.

– Me perdoe pela minha explosão. Falei sem pensar.

– A senhora não deve esquecer que eles são irmãos – disse lady Wintermale, em tom urgente. – Bowen sempre foi traiçoeiro, sei disso tão bem quanto qualquer um, após todos os meus anos aqui. Mas continua a ser herdeiro do trono. Uma situação pela qual *a senhora* é diretamente responsável.

– Fato de que não se cansam de me lembrar.

– Odeie-o se quiser, mas disfarce o sentimento com mel. Um dia a senhora poderá depender da clemência dele.

A meus olhos, clemência não parecia ser uma qualidade que o príncipe Bowen possuísse. Seria por isso que eu ficava tão pouco à vontade na presença dele?

– Por favor, volte para a festa – insisti a rainha Lenore. – Apresente minhas desculpas.

Lady Wintermale assentiu com a cabeça, o olhar silencioso repleto de significado. Depois que ela se retirou, desencostei da parede e perguntei à rainha se ela queria preparar-se para dormir.

– Pedi ao rei que viesse me ver hoje – disse ela.

Os quartos do rei e da rainha eram adjacentes, ligados por uma porta escondida atrás de uma tapeçaria. Nas semanas em que eu tinha servido à soberana, o rei só a havia utilizado algumas vezes.

– Devo trazer-lhe uma camisola? – perguntei.

A rainha sorriu, com um toque de tristeza perpassando-lhe o rosto.

– Infelizmente, não se trata desse tipo de visita. Vou recebê-lo como conselheira, não como esposa.

Ela remexeu nos anéis que usava, girando-os nos dedos, e percebi que estava nervosa. Como a situação teria chegado ao ponto de a rainha ter medo de conversar com o próprio marido?

Ela se sentou na cadeira diante da penteadeira e me posicionei às suas costas.

Com cuidado, abri o fecho de seu colar, uma maravilha em três fios, formada por delicadas flores de ouro, tão vívidas que poderiam ser flores naturais mergulhadas em metal líquido. Ela sorriu ao ver meu olhar deter-se na joia.

– Foi presente de casamento de minha mãe – contou. – Eu planejava deixá-lo para minha própria filha, um dia.

Muitas criadas teriam oferecido um falso consolo, assegurando sua senhora que um dia as orações dela por um bebê seriam atendidas. Mas a rainha Lenore prezava minha sinceridade. Eu não tinha palavras para aliviar sua tristeza, então simplesmente peguei a joia e a deposei na penteadeira, com delicadeza. Depois soltei a cabeleira densa e farta da rainha, tirando grampos e fitas. Na época, a moda na corte eram os cabelos trançados e montados em penteados sofisticados, mas os momentos em que a rainha Lenore se tornava mais bela eram aqueles em que exibia seus cachos negros soltos em torno do rosto e caindo sobre os ombros. Vista assim, sem joias, ela poderia ser tomada por uma jovem de 18 anos, em vez de uma mulher que já passara de seu 30<sup>o</sup> aniversário.

Escovei seu cabelo até que estivesse bem brilhoso, fazendo a rainha e até a mim mesma entrarmos em um transe com o ritmo das escovadas. Saber que eu era capaz de livrá-la de suas apreensões durante esses poucos minutos trouxe-me uma onda de satisfação e sorri para seu reflexo no espelho, onde sua imagem retribuiu o sorriso. O som de uma porta se abrindo sobressaltou-nos, retirando-nos de nosso devaneio, e nos viramos para ver o rei entrar, sozinho. Ele ergueu a mão quando a mulher se levantou para cumprimentá-lo.

– Sente-se, sente-se – insistiu.

Ela foi até a cama e o rei se acomodou a seu lado. Deixou a mão demorar-se por um instante no cabelo da esposa. *Ele ainda devia amá-la*, pensei, *se podia tocá-la assim*. Mas seu rosto não deixava transparecer ternura; ele olhou para a rainha como se ela fosse qualquer outro súdito prestes a lhe fazer um apelo. Pensei se deveria deixar o quarto, mas não quis chamar atenção para mim com uma pergunta. Na verdade, eu não queria sair dali; estava muito curiosa para saber o que o retorno do príncipe Bowen pressagiava para todos nós. Se o poder era a verdadeira moeda da corte, como me alertara minha tia, eu precisava descobrir quais seriam as mãos que comandariam nosso destino. Esgueirei-me para o canto atrás da penteadeira, onde ficaria parcialmente obscurecida pela sombra.

– Perdoe-me por ter me retirado cedo – disse a rainha Lenore. – Estou cansada demais para participar dos festejos.

– É tudo como anos atrás – retrucou o rei. – Bowen gabando-se diante das jovenzinhas ruborizadas, enquanto tia Millicent lança olhares carrancudos de reprovação. Você já viu isso mil vezes.

Os dois sorriram e um lampejo de compreensão passou entre eles. Eu estava acostumada a vê-los em público, exibindo a fachada dos governantes unidos pelo matrimônio, mas essa foi a primeira vez que os ouvi falando sobre suas lembranças

particulares. Não me pareceu correto ouvir essa conversa, mas era como se eles não se importassem com minha presença. Nascidos e criados na riqueza, ambos sempre tinham sido cercados por criados e acompanhantes, sem nunca saberem o que era estar realmente sozinho.

– Bowen me disse que você o convocou – disse a rainha Lenore. – Eu não sabia que a visita dele tinha sido um pedido seu.

O rei deu de ombros.

– Já lhe disse muitas vezes que nossa situação é delicada. E agora, Marl deRauley tem sido ouvido questionando a linha sucessória.

Eu nunca havia escutado esse nome, mas, pelo tom do rei, essa figura misteriosa tinha certa importância no reino.

– Essas conversas precisam ser interrompidas, e logo – acrescentou o soberano.

– Como?

– Bowen deve ser reconhecido como o meu herdeiro.

Os dedos da rainha Lenore remexiam nos bordados de sua saia, embora o resto do corpo permanecesse imóvel.

– Sei que ele é um homem de muitos vícios – disse o rei, em tom cansado, evidenciando o peso daquela decisão em sua expressão grave. – Eu desejaria algo melhor para meus súditos. Ainda assim, ele é meu irmão. Não temos escolha.

A rainha Lenore assentiu lentamente com a cabeça, mas sua expressão não se alterou. Aquilo não podia ser surpresa. Senti uma pontada de compaixão pela aflição dela, ciente de que sua incapacidade de conceber um filho levaria o príncipe Bowen ao trono.

– Millicent diz que ele será a desgraça deste reino – observou, em voz baixa.

– Tolicie! – exclamou o rei. – Eles nunca se deram bem, desde que Bowen era pequeno. Ele é a única pessoa da família que já a enfrentou.

– Ela me falou de um presságio...

– As divagações de tia Millicent não têm a menor importância! – exclamou o rei.

– Já mandei convocar todos os nobres do reino para uma assembleia, na qual acolherei Bowen publicamente como o meu herdeiro.

– Não! – A veemência na voz da rainha foi tão atípica que quase corri para seu lado, a fim de reconfortá-la. – Por que você não me contou? Decerto não há necessidade de dessa pressa.

– Os mensageiros já foram despachados – retrucou o rei com firmeza. – Está feito, e devemos felicitar Bowen como se não houvesse sucessor melhor. Ele pode surpreender a todos nós, você sabe. Uma vez reconhecido o seu direito ao trono, suas perspectivas de casamento melhorarão. Com a mulher certa, é bem possível que ele coloque a cabeça no lugar e passe a se comportar melhor.

– Raro é o marido que concede à mulher o poder de transformá-lo – disse a rainha.

– Raro, mas não inexistente.

O rei Ranolf segurou os dedos irrequietos de sua mulher e os manteve parados. Delicadamente, encostou o dorso das mãos dela em seus lábios, depois as roçou em seu rosto. Foi um gesto tão inesperado, tão terno, que fiquei sem ar. No mesmo instante, um laço que parecia ter se tornado muito frouxo estreitou-se entre eles e, quase chorando de emoção, observei o corpo da rainha relaxar ao toque do marido. Ele a fitou, oferecendo com o olhar um consolo silencioso, e ela retribuiu com um sorriso, numa expressão que lhe conferiu uma beleza radiante. Eu não tinha visto muitos casamentos afetuosos na vida, mas Petra me contara que, em certa época, o rei e a rainha haviam se amado profundamente. Torci para não ser tarde demais para que eles recuperassem a felicidade de antes.

Assim como uma boa serva sabe antecipar as demandas de comida ou bebida de sua ama, também sabe quando desaparecer. Esgueirei-me para a porta que levava à sala de estar e a fechei atrás de mim. Pensei em descer ao Grande Salão para espiar os dançarinos, mas tive medo de ser chamada para preparar a rainha para dormir. Sentei-me no chão junto à porta, que era grossa o bastante para que eu só pudesse ouvir vozes abafadas lá dentro.

Devo ter cochilado, pois despertei num sobressalto quando a lenha estalou na lareira da sala. Havia adormecido com os braços em volta dos joelhos e a cabeça pendendo para a frente, e meu pescoço doía por causa dessa posição forçada. As velas da sala haviam queimado até apagar e o fogo estava quase se extinguindo. Ao encostar a orelha na porta, não ouvi nenhum som vindo do quarto.

Entreabri a porta. Uma vela junto à cabeceira ainda estava acesa, e pude ver na penumbra o rosto da rainha Lenore saindo de baixo das cobertas. A seu lado estava o rei, com um braço em volta do corpo da mulher. Pelo modo como respiravam, percebi que dormiam. Fechei a porta e me encolhi sob um cobertor junto à soleira, protegendo os dois de qualquer perturbação. Quando Isla voltou e me acordou, já quase com o dia claro, o rei tinha ido embora.



Na semana que antecedeu a assembleia, os devaneios silenciosos da rainha tornaram-se mais frequentes, forçando-me a repetir duas ou três vezes o que eu dizia para que ela prestasse atenção. Quando não estava absorta em seus pensamentos, era comum que eu a encontrasse conversando com o rei ou com Isla, com o rosto tenso de preocupação. Será que intuí o perigo do plano que estava sendo armado? Ou será que agora a visão retrospectiva está me levando a parar para reexaminar aqueles sussurros misteriosos, aqueles olhares que eu não conseguia decifrar? O que sei é que a cumplicidade abafada entre o rei e a rainha deixou-me nervosa, e senti a desorientação de quem gira a cabeça de um lado para outro numa busca e fica mais tonto ainda.

Na época, atribuí a agitação da rainha a seu medo da assembleia, que a confirmaria perante o mundo como um fracasso estéril. Quem acolheria de bom grado tal humilhação pública? Seus temores dificilmente poderiam ser atenuados pela conduta grosseira do príncipe Bowen, que se comportava como se os criados do castelo já estivessem sob seu comando e zombava abertamente de sua tia Millicent quando ela o repreendia pela conduta imprópria.

– Ele disse que um homem com o ânimo como o seu não receberia ordens de uma solteirona murcha – contou-me Petra, arregalando os olhos ao lembrar. – Você devia ter visto! Ela passou uma descompostura no rei por ele não controlar o príncipe Bowen, mas ele não fez nada. Ficou lá sentado, com o rosto imóvel feito uma pedra.

Julguei que tais incidentes provavam que o rei Ranolf havia aceitado seu destino. Mais preocupada com os olhares lascivos ocasionais que o príncipe Bowen lançava na minha direção, continuei sem saber a verdadeira causa da agitação da rainha, assim como subestimei o orgulho do rei.

Talvez impelida a fugir da influência crescente do cunhado dentro do castelo, a rainha começou a passar horas do lado de fora, no jardim. Foi durante um desses passeios que vislumbrei mais uma vez um lampejo de movimento entre os arbustos, uma nesga de brancura que desapareceu quase no mesmo instante em que meus olhos pousaram sobre ela.

Encolhi-me e a rainha Lenore parou a meu lado.

– O que foi, Elise?

– A senhora viu aquilo? – murmurei.

– O quê?

O jardim permanecia em silêncio à nossa volta. Se eu começasse a tagarelar sobre fantasmas, a rainha acharia que eu havia perdido o juízo, porém meu pavor era grande demais para que eu desse outro passo.

– Pensei ter visto alguém. Lá adiante.

Para minha surpresa, a rainha sorriu.

– Ah, deve ser a Flora.

Sem saber ao certo se o nome se referia a uma lenda do castelo ou a uma pessoa real, de carne e osso, esperei que ela explicasse.

– A tia do rei. Irmã de Millicent.

Lembrei que Petra havia mencionado uma irmã na primeira vez em que me falara de Millicent, mas eu nunca tinha ouvido qualquer referência a ela desde então. Será que era a ocupante misteriosa do quarto trancado na Torre Norte, aquela cuja canção triste permanecia em minha memória?

– Ela se tornou reclusa – explicou a rainha. – Cuida de um pequeno canteiro de ervas aqui, mas, afora isso, não sai do quarto. Segundo Ranolf, ela teve um colapso nervoso, anos atrás. Ele a considera inteiramente louca.

– Ela é?

– Acho que qualquer mulher cujos atos contrariem as expectativas corre o risco de sofrer acusações como essa. Não sei dizer qual é a verdade. Faz anos que mal falo com ela.

Com a curiosidade atiçada, citei o nome de Flora ao conversar com Petra mais tarde naquela noite. Ela me contou o que sabia dos boatos do castelo: o triste declínio da tia do rei era atribuído a um mal súbito, a um malfadado caso de amor ou até à bruxaria. A única pessoa que sabia a verdade era Millicent, e eu nunca me atreveria a lhe perguntar sobre isso.

O dia da assembleia teve um começo agourento, com uma chuva torrencial e uma friagem úmida que se infiltrava pelas paredes do castelo. Senti uma pontada de compaixão pelas criadas do térreo, que passariam o dia de joelhos limpando do chão as pegadas enlameadas. Para minha grande surpresa, a rainha anunciou que eu a vestiria nesse dia, uma vez que Isla estava ocupada com outras tarefas. Pareceu-me estranho que a criada pessoal da rainha tivesse compromissos mais urgentes num dia tão importante, mas Isla andara com um aspecto cansado e abatido nos últimos tempos. Imaginei que a rainha Lenore estivesse lhe concedendo um período de descanso antes do casamento.

Meu primeiro dever foi buscar o manto cerimonial da rainha na lavanderia anexa ao Salão Inferior, na qual ele fora submetido a uma limpeza completa. Ao subir depressa a larga escadaria central, com o manto estendido sobre os braços, esbarrei numa pessoa que tinha se desviado bruscamente do caminho para se colocar à minha frente.

Era o príncipe Bowen.

Estava vestido com um traje adequado à ocasião: túnica de veludo azul-escuro, botas de couro reluzentes de tão lustradas, pedras preciosas adornando os dedos e o cabo da espada pendendo de seu quadril. Ladeado por companheiros que espelhavam seu porte altivo, o príncipe me olhou com ar divertido.

– Conheço você – disse. – Uma das garotas da Lenore.

Fiz que sim, curvando a cabeça num gesto de submissão.

– É das mansas, há? – continuou o príncipe, dirigindo-se mais a seus amigos do que a mim. – Talvez haja algo mais aí do que os olhos podem ver.

Estendeu os braços e espalmou as mãos de ambos os lados da minha cabeça, como se eu fosse uma iguaria que ele estivesse prestes a devorar. Em seguida, segurou-me pelos ombros e me forçou a segui-lo, dirigindo-me para um nicho do patamar, uma das incontáveis aberturas que davam acesso às passagens estreitas e mal iluminadas dos criados. Os músculos de meus ombros se enrijeceram quando o príncipe me imprensou na parede pegajosa. A poucos passos de distância, cortesãos e guardas circulavam de um lado para outro, mas eu estava fora de vista.

– É, há alguma coisa aqui que me agrada bastante – murmurou o príncipe, deslizando os dedos por minhas faces, depois pelo meu colo.

Estremeci quando ele pressionou a curva dos meus seios. Confundindo minha

reação com prazer, ele abriu um sorriso cheio de si.

– Exatamente como pensei. Você é jovem, mas está longe de ser inocente.

O príncipe empurrou para o lado o manto que eu segurava e forçou minha saída entre minhas coxas.

– Milorde – implorei, aterrorizada. – Sou uma moça decente.

– Ah – fez ele, sem que a mão interrompesse sua inspeção do meu corpo trêmulo.

– No fim, todas as inocentes acabam arruinadas, minha cara. Por que não deixar que isso seja feito por quem é perito no assunto?

Eu não soube dizer se suas palavras deviam ser entendidas como tranquilização ou ameaça. Não me importava. O pavor me deu forças para jogar o ombro contra o seu peito, e o tranco repentino foi suficiente para fazê-lo soltar-me. Disparei escada acima, morta de medo de que ele mandasse seus homens me arrastarem de volta. Ouvi a risadaria masculina estridente mais abaixo, zombando de cada passo que eu dava, em pânico. De repente uma mão se estendeu e me agarrou pelo braço, fazendo meus pés deslizarem antes que parassem. Diante de mim estava Millicent, com o rosto contorcido numa expressão de nojo.

Levei um instante para perceber que sua raiva não se dirigia a mim. Virei-me, acompanhando seu olhar, e vi o príncipe Bowen curvar-se com exagerada reverência. Depois convocou seus homens com um aceno impaciente e desapareceu escada abaixo, sumindo de vista.

– O que ele fez? – perguntou Millicent em tom ríspido, olhando-me de cima a baixo.

– Nada, senhora – murmurei.

De pouco me serviria depreciar o príncipe Bowen junto à tia dele.

– Ele é um selvagem – disse ela, praticamente cuspidando as palavras. – Poderia ter se tornado alguém, um dia, mas se recusou a ouvir meus conselhos. É um idiota.

A intensidade da antipatia de Millicent encorajou-me a falar com franqueza:

– Como posso evitar outro encontro desses? Ele pode me chamar à sua presença na hora que quiser.

Millicent soltou uma risada aguda:

– Você logo estará a salvo das apalpadelas dele. Não tenha medo!

Não entendi como ela podia garantir isso, mas sua confiança me ajudou a reunir minhas forças. Mais uma vez, ao que parecia, Millicent havia optado por me defender. Por quê? Que interesse poderia ter uma das mulheres de mais alta estirpe na corte pelas aflições de uma criada? Na época, eu ignorava como os cortesãos encenam suas falas para que elas surtam efeito em público. A intenção de Millicent era que seu julgamento ríspido do príncipe Bowen fosse ouvido pelas dezenas de criados e nobres que passavam. Ao se esquivar do confronto, ele havia permitido que a tia reivindicasse a vitória nessa escaramuça.

O peso do manto da rainha Lenore estava começando a fazer meus braços doerem.

– Espero que a senhora concorde em não falar nada a minha ama sobre este assunto – pedi. – Ela já anda com os pensamentos bastante carregados.

Millicent deu um risinho afetado, como se conhecesse um segredo que tinha grande prazer em insinuar, mas não em compartilhar.

– Como quiser – retrucou.

Fez um breve aceno com a cabeça para me dispensar e se afastou, com as batidas da bengala ecoando pelo corredor. Consegui recompor-me antes de me aproximar da rainha Lenore em seu quarto, mas foi preciso algum esforço para acalmar plenamente o meu corpo abalado. Trajei-a com um vestido de veludo verde-escuro e prendi seu cabelo em voltes intricados, entremeados de fios de pérolas e rubis. Ila teria feito o mesmo na metade do tempo, mas fiquei orgulhosa do resultado. Por mais vergonhosa que a tal assembleia pudesse ser para a rainha, ela não pareceria uma mulher derrotada.

Aproximei o espelho e ela contemplou seu reflexo embaçado.

– Você fez um bom trabalho – disse-me.

Por um momento, nossos rostos foram captados ao mesmo tempo pelo espelho: uma bela e majestosa mulher ao lado de uma jovem decidida a exibir uma postura que estava além de sua idade. Eu já parecia diferente para mim mesma, exibindo uma confiança que ainda não sentia em meu íntimo.

A rainha Lenore alisou as saias do vestido uma vez, depois outra. Seu rosto manteve-se impassível, mas eu conhecia o significado de seus dedos agitados. Ela estava com medo.

– Pois muito bem, Elise – disse, recompondo-se. – Está pronta?

– Eu devo ir? – perguntei, surpresa.

– Sim. Posso precisar da sua ajuda.

Meu medo do príncipe Bowen quase suplantou o chamado do dever. Como eu poderia ficar ao lado da rainha, a poucos passos do homem que havia me atacado? Por pouco não contei a ela tudo o que havia acontecido na escada, mas então me lembrei do meu lugar. Meu dever era apoiar a rainha, pondo meus sentimentos de lado.

O rei não tardou a chegar, pronto para acompanhar sua mulher até o Grande Salão. Trazia na cabeça a coroa real, usada apenas nas cerimônias mais importantes, e seus ombros estavam cobertos por uma capa de veludo vermelho ornada de pele. Juntos, o rei e a rainha exibiam uma imagem de tanta nobreza que parecia impossível que estivessem prestes a reconhecer o fim de seu reinado. O rei Ranolf poderia permanecer no trono por mais vinte anos, porém esse anúncio diminuiria para sempre sua autoridade. Qualquer um que esperasse cair nas graças da realeza procuraria seu irmão, não ele – um caminho doloroso para ser trilhado por um irmão mais velho.

O Grande Salão estava mais lotado do que nunca. Em geral parecia enorme, pois, mesmo quando todas as mesas eram reunidas para um banquete, restavam

grandes espaços vazios. Nesse dia, porém, mal havia lugar para o rei e a rainha se deslocarem por entre a massa humana a caminho de seus assentos no estrado. Os chefes de todas as famílias de senhores de terras do reino tinham sido convocados, e pelo jeito nenhum havia recusado o convite. Os membros do Conselho Real encontravam-se sentados a uma mesa longa, diretamente em frente ao estrado. Outras famílias com títulos de nobreza estavam acomodadas logo atrás deles. De pé, preenchendo o resto do salão, estavam os senhores de terras, alguns vestidos com trajes finos – provavelmente moradores da cidade – e outros com roupas do interior que tinham saído de moda fazia anos.

Os arautos soaram suas trombetas quando o rei entrou no salão. Vários pajens abriram caminho para ele e a rainha no meio da multidão, e eu segui logo atrás. Ao nos aproximarmos da frente do salão, vi Millicent sentada com as outras senhoras idosas da corte. Ela fitou atentamente a rainha, que passou sem virar a cabeça.

Apenas uma pessoa se encontrava no estrado ao nos aproximarmos: o príncipe Bowen, observando tudo com uma expressão de sinistro prazer. Assombrei-me com a imprudência que o levava a ocupar seu lugar antes que o rei entrasse no salão. Ao que parecia, os protocolos do palácio já se moviam a seu favor. Será que isso o incentivaria ainda mais a fazer de mim o que quisesse? Ao olhar para seu rosto altivo e arrogante, fui tomada por apreensão. Ainda podia sentir a invasão de suas mãos fazendo pressão entre minhas pernas.

– Fique a meu lado – cochichou a rainha, ao subirmos os degraus.

Posicionei-me atrás da cadeira dela e observei a aglomeração de pessoas que enchia o salão, aguardando numa calma que não era natural.

– Meus senhores – começou o rei. – Senhoras. – Acenou com a cabeça para a rainha e as mulheres da corte. – Solicitei vossa presença aqui, hoje, por uma questão da máxima importância. Uma questão, poderíamos dizer, de sobrevivência. A sobrevivência deste reino.

O silêncio foi tão completo que era como se todos houvessem esquecido de respirar.

– Faz algum tempo que tomei conhecimento de certos rumores de insatisfação. Meu povo pedia um herdeiro! Minhas orações e as de minha rainha uniram-se às vossas, porém Deus não nos concedeu nosso mais fervoroso desejo. A questão da sucessão tornou-se mais premente nos últimos anos. Meu primo distante, Marl deRauley, tem verbalizado suas apreensões com especial eloquência.

Lembrei-me de quando o rei dissera esse nome no quarto da rainha. Seria possível que mais alguém pudesse reivindicar o trono?

– Nada me seria mais doloroso do que saber que estas terras sucumbirão à guerra quando eu morrer – prosseguiu o rei. – Meu pai e seu pai antes dele trabalharam arduamente para trazer harmonia ao nosso reino. Desejo que permaneça assim. Devemos assegurar um futuro tão pacífico quanto nosso presente.

O príncipe Bowen remexeu-se na cadeira, antecipando o momento em que se

levantaria para ser aclamado pela multidão. Para os que o observavam, ele podia parecer adequadamente majestoso, mas, para mim, seria sempre o homem que olhara com um prazer perverso para meu desamparo. Sentí meu estômago embrulhar-se de repulsa e recuei alguns passos, atrás da cadeira da rainha Lenore, na expectativa de evitar a atenção dele.

– Meu irmão mais novo, o príncipe Bowen, é o próximo na linha de sucessão ao trono. Isto é de conhecimento geral, mas ele não foi formalmente reconhecido como meu herdeiro. Este meu gesto acalmaria os murmúrios que têm atormentado estas terras.

O príncipe Bowen sorriu. Seu momento havia chegado.

– Quando enviei a notícia desta assembleia a todos vós, estava disposto a proclamar meu irmão como meu sucessor.

*Estava disposto? Teria optado por outro caminho?*

– Era minha intenção persuadi-los a aceitá-lo como vosso próximo rei. Entretanto, minha situação sofreu uma alteração profunda. Hoje venho me apresentar diante de vós para anunciar algo muito mais importante. Minha mulher espera um filho.

Ouvi um arquejo vindo da direita, da direção das mulheres. Olhei para a rainha Lenore, cujo rosto estava pudicamente abaixado. Um filho? Fazia meses que eu estava a seu lado e não sabia nada sobre isso. Sentí a cabeça rodar, apanhada entre a alegria da notícia e a mágoa por ela não haver confiado em mim o bastante para me contar.

Aos poucos, um som começou a varrer o salão. Primeiro algumas palmas, depois murmúrios que foram ficando mais e mais altos, até se transformarem num grito de alegria em uníssono. A onda sonora atingiu o auge e preencheu o salão. O rei levantou-se da cadeira, deleitando-se com aquela felicidade, e ergueu as mãos para pedir silêncio.

– Recebo de bom grado os vossos votos de sucesso, assim como minha esposa. Para comemorar essa notícia abençoada, convido os membros da corte a se unirem a mim na capela para fazermos as orações. Este dia não pode passar sem darmos graças Àquele que nos trouxe este milagre. Depois da cerimônia, todos estão convidados a um banquete no salão. Garanto-vos que hoje os nossos cozinheiros se superaram!

Houve mais alguns aplausos dispersos e a multidão se abriu para permitir que o rei e a rainha se retirassem do salão. Peguei-me observando o príncipe Bowen, completamente imóvel em sua cadeira, com os lábios comprimidos numa linha rígida. Apesar do meu alívio imensurável por saber que ele logo se afastaria do castelo, fiquei paralisada pela ferocidade de seu olhar. Trêmula, dei meia-volta e avistei Millicent, cujo rosto estampava um sorriso cheio de si. *Ela sabia*, percebi, num clarão de entendimento. Sabia que a rainha estava grávida, e sabia como esse anúncio se desdobraria.

Alheia às maneiras pelas quais o desejo de poder é capaz de ludibriar um homem de determinação ferrenha, não consegui compreender por que o rei Ranolf havia optado por humilhar publicamente o próprio irmão. O monarca havia estabelecido seu domínio, mas tinha criado um inimigo perigoso. Um inimigo que nunca esqueceria o que lhe fora feito.



Juntei-me ao resto da corte para o ofício religioso na capela, murmurando palavras de agradecimento enquanto minha mente girava. Sentada logo atrás da rainha Lenore, que tinha a cabeça curvada em oração, não consegui afastar minha sensação de ter sido traída. Como eu pudera não perceber os sinais do estado de minha senhora? E por que ela não havia me contado?

Quando a soberana pediu licença para se retirar, o rei liberou-a com um beijo na testa. Lá em cima, ficamos sozinhas em seus aposentos. Parei atrás dela para abrir o broche que prendia seu manto. Sabendo que era meu dever ocultar minha mágoa, em prol da felicidade de milady, dei-lhe os parabéns pela bendita notícia.

A rainha, ainda de costas, envolveu minhas mãos com as dela.

– Muito obrigada, Elise.

Sua voz foi tão calorosa, e sua gratidão tão autêntica, que minha raiva infantil se dissipou.

– Você não pode imaginar como foi difícil permanecer calada. Mas eu já tinha me decepcionado tantas vezes que não quis levantar falsas esperanças até ter certeza. Isla e eu escondemos a notícia inclusive do rei, até que o retorno de Bowen me forçou a contar.

Isla. Ela teria como saber, vendo sua ama não precisar usar toalhinhas higiênicas por alguns meses. Esse segredo compartilhado era mais uma prova do laço que havia entre elas, uma ligação que eu nunca teria a esperança de substituir quando Isla se casasse.

Casasse. Com o valete do príncipe Bowen.

– Isla! – exclamei. – O que ela vai fazer?

A rainha Lenore fitou-me com tristeza.

– Ela acompanhou seu futuro marido, como insisti que fizesse. Embalou seus pertences mais cedo, aprontando-se para uma partida às pressas.

Então não haveria casamento no castelo para Isla, nem despedidas sem pressa da mulher que era sua ama e sua amiga. Minha rival recente se fora, deixando-me encarregada de todas as necessidades da rainha. Ainda me lembro do pânico que me invadiu ante a magnitude da responsabilidade que eu tinha pela frente. Apesar de acostumada a me portar como mais velha do que era, constatei que as ideias que me assaltavam a mente eram as de uma criança assustada: *Não estou pronta! Preciso de*

*mais tempo!*

– Este deveria ser um dia de grande alegria – disse a rainha em voz baixa. – Mas receio que meu marido tenha cometido um erro terrível.

Lembrei-me da expressão do príncipe Bowen, do ódio que ardia em seus olhos. Caberia a mim alertar minha senhora sobre o que eu tinha visto? É difícil acreditar que um dia tive tanto medo de dizer o que pensava. Mas eu era jovem e inexperiente, e acreditava que a etiqueta apropriada ditava um silêncio respeitoso em vez de uma conversa franca. Assim, não falei nada.

– Eu protestei. – A rainha quase sussurrou as palavras, como se garantisse a si mesma que havia agido corretamente. – Disse a meu marido que deveríamos informar Bowen da novidade com antecedência, para prepará-lo. Mas depois que Ranolf decide alguma coisa, não há como convencê-lo do contrário.

Ela deu um suspiro, arrasada pelos acontecimentos do dia, e perguntou:

– Você gostaria de trazer suas coisas lá de cima? É melhor se instalar agora, antes do banquete.

A criada pessoal de uma dama dormia nos aposentos de sua ama, pronta para atender às suas necessidades a qualquer momento. Subi pela última vez ao dormitório das criadas, sob as vigas do telhado. Ao juntar minhas poucas posses, separei um volume fino que a Sra. Tewkes me dera, uma coleção de orações que eu havia decorado fazia muito tempo, o único livro que eu já possuía. Coloquei-o na cama de Petra, recordando as noites em que havíamos nos aninhado à luz de um precioso toco de vela, repetindo as letras enquanto eu elogiava o progresso dela. Seu desejo de aprender era apenas uma das qualidades que eu prezava nela, e decidi que, apesar de nossas posições e nossos caminhos diferentes, eu não deixaria nossa amizade terminar.

Só mais tarde, naquela noite, deitada numa alcova adjacente ao quarto da rainha Lenore, foi que comeci a me alegrar com tudo o que havia realizado. Deixar a companhia de criadas invejosas não fora nenhum grande sacrifício; agora eu dormia a alguns passos da própria rainha. Logo haveria um bebê naqueles aposentos, e talvez outro, depois. Eu me alçara a uma posição de grande prestígio em apenas alguns meses e caíra nas graças da mais bondosa das senhoras. Sorri para mim mesma no escuro, pensando em como minha mãe ficaria maravilhada com a mudança da minha situação.

Apertei numa das mãos a pedra do desejo de Millicent. Roguei – a Deus? A Millicent? – pela saúde do bebê da rainha Lenore, por um herdeiro que abrilhantasse o futuro do reino. Acima de tudo, rezei para que o príncipe Bowen nunca mais voltasse. Como eu era ignorante, achando que a distância reduziria sua capacidade de nos fazer mal! O príncipe teria sua vingança. E eu viria a aprender que todo desejo concedido tem um preço, um preço que não temos como prever até ser tarde demais.

## NASCE UMA CRIANÇA

Se o destino tinha feito a rainha Lenore sofrer com a espera de um filho, esse sofrimento acabou quando o ventre dela se mostrou fértil. Ela desabrochou com o crescimento da barriga. Suas faces se coloriram e suas saias farfalhavam com seu andar saltitante. Ela sonhava com desenhos para cobertores e roupinhas de bebê, e insistia em que eu me sentasse a seu lado no tear enquanto dava vida a essas idealizações. Eu me deslumbrava com seus dedos ágeis e ficava maravilhada com minha capacidade de conversar fluentemente com aquela mulher que me tratava mais como uma irmã caçula do que como uma serviçal. No dia em que fiz 15 anos, ela me presenteou com um xale feito à mão, a roupa mais encantadora que eu já tinha usado e que se tornou ainda mais valiosa por eu saber que minha senhora a havia tecido pensando em mim. Foi nessa época que ouvi pela primeira vez o riso da rainha – não sua costumeira aprovação educada de uma zombaria, mas explosões de alegria escancarada. Como me dói o coração já não poder recordar aquele som, pois me traria enorme consolo me lembrar dela no tempo em que conseguia sentir essa alegria.

A mudança no comportamento da rainha Lenore espalhou-se pela corte e contagiou os que a cercavam. O rei Ranolf abandonou suas saídas diárias para caçar e passou a tratar a esposa como um pretendente apaixonado. Millicent revelou-se igualmente solícita, embora suas visitas fossem muito menos simpáticas que as do rei. Ela dava ordens à rainha de um modo imperioso, que eu julgava impróprio para uma mulher que nunca tivera filhos. Levava frascos de poções malcheirosas para minha senhora tomar, dizendo que fortaleceriam o bebê, e insistia que ela permanecesse deitada até metade da manhã. A rainha sorria educadamente e agradecia a Millicent por seu interesse, mas passou a cuspir as poções em sua bacia de limpeza no instante em que Millicent virava as costas.

– Não é possível que uma coisa de gosto tão horrível faça algum bem ao bebê – disse-me certa vez.

Na verdade, ela confiava mais nos meus conselhos; como eu tinha visto minha mãe atravessar meia dúzia de gestações, havia pouca coisa que eu não soubesse sobre as mudanças do corpo feminino durante aqueles nove meses. Era empolgante a sensação de perceber que minhas palavras tinham uma pequena influência no futuro herdeiro do trono. Em certos momentos, era quase como se eu fizesse o papel de mãe da rainha, oferecendo a tranquilização e o amparo que ela receberia da própria família se não estivesse vivendo tão longe da terra natal.

Segundo todas as indicações, a gestação da rainha Lenore evoluiu sem nenhum dos problemas que costumavam atormentar as mulheres naquela época. No entanto,

à medida que o ventre da soberana foi se tornando mais proeminente, enchendo até seus vestidos mais largos, Millicent passou a insistir que ela se retirasse da vida pública.

– Uma esposa da realeza deve recolher-se a seus aposentos quando seu estado se torna evidente – disse um dia, em tom autoritário.

– No meu país, é muito importante que a rainha seja vista com a barriga grande – argumentou a rainha Lenore. – Caso contrário, poder haver boatos de que o herdeiro não nasceu de seu corpo.

Millicent revirou os olhos com desdém.

– Tais garantias podem ser necessárias na sua parte do mundo, mas ninguém daqui se atreveria a insinuar uma coisa dessas. Você não pode ser vista se exibindo por aí no seu estado delicado.

Consciente das tradições familiares, o soberano ficou do lado da tia.

A rainha ressentiu-se de sua perda de liberdade. Quanto a mim, fui afetada da mesma forma. Com o outono se anunciando, o castelo assumiu feições mais austeras e sombrias. Comecei a temer o inverno que se aproximava e os meses de confinamento que ele traria, pois eu tinha poucas oportunidades de fugir daqueles aposentos lúgubres. Às vezes recebia um convite para jantar na casa de minha tia Agna, porém a ligação entre nós não havia se aprofundado com o tempo. A casa dela era um mundo fechado, com pouco espaço para pessoas de fora, e meus primos me tratavam com um esnobismo que não se davam ao trabalho de disfarçar. Eu podia ser subordinada direta da rainha, mas, aos olhos deles, ainda era uma criada, enquanto eles eram os filhos diletos de um dos cidadãos mais ilustres da cidade.

Assim, foi um grande alívio quando, uma tarde, a rainha pôs seus bordados de lado, com um suspiro de irritação, e mandou chamar o rei, alegando que não poderia tolerar nem mais um minuto de prisão. Ele veio depressa, com o rosto tenso de preocupação.

– Não se preocupe, está tudo bem com o bebê – disse ela. – Mas estou muito melancólica, trançada aqui. Quem sabe possa juntar-me a você no Grande Salão, no jantar?

O rei estreitou os olhos, mas não negou o pedido.

– Este não é um período feliz, amor? – perguntou a soberana.

– Sem dúvida.

– Então por que devo passar estes meses como se estivesse de luto? Não deveríamos celebrar nossa sorte?

Seria impossível resistir a ela naquele momento, com seus olhos brilhantes e a voz que o acalmava como uma carícia. O senso de decoro do rei não era páreo para os encantos da rainha. Ele moveu a mão do rosto para os cabelos da mulher, alisando-os entre os dedos.

– Não vejo razão para negar-me o prazer da sua companhia à noite – disse o rei.

– Será que podemos ter música?

– Música? – Percebi pelo repuxado no canto da boca que ele estava brincando com a rainha. – Quem poderia dizer não a um apelo tão belo?

– Ah, obrigada! – exclamou ela, abraçando-o com uma alegria que o pegou desprevenido. O soberano balançou para trás por um instante, depois endireitou-se e riu.

Vibrando com esse rumo dos acontecimentos, eu mesma teria sido capaz de abraçar o rei. Ao ver meu sorriso de alívio, a rainha Lenore fez sinal para que eu me aproximasse.

– Ouviu, Elise? – exclamou. – Música! Talvez até dança!

– Quanto a isso... – advertiu o rei.

– Eu nem sonharia em dançar. Só quis dizer que me daria grande prazer observar – retrucou a rainha. Inclinou a cabeça para trás e deu um beijinho no rosto do marido, então se virou para mim. – Venha, temos trabalho a fazer. Você acha que meu vestido lilás poderia ser alargado o bastante para eu usá-lo?

Nessa noite serviu-se o primeiro de muitos banquetes a que a rainha Lenore compareceu enquanto sua barriga foi ficando cada vez mais pronunciada. Depois de fazer minha refeição com os criados, eu subia pé ante pé e os observava da soleira do Grande Salão, vendo as damas graciosas e os fidalgos da corte encenando tudo o que havia de mais aristocrático. Nessas ocasiões, as sombras ameaçadoras que tanto me atormentavam eram banidas para os cantos mais distantes do salão e a profusão de candelabros banhava a todos de uma luz dourada e juvenil. Ainda me lembro dos olhos negros da rainha Lenore refletindo o brilho dos castiçais de prata, enquanto o rei Ranolf assistia a tudo com um deleite benevolente. Eu nunca os vira tão belos quanto naquelas noites, nem jamais voltaria a ver.

“Ao meu filho!”, anunciava o rei, levantando a taça para brindar. Os cortesãos gritavam “Ao futuro rei!” e o salão vibrava com o som de copos de bronze e prata tilintando juntos, num som metálico que eu imaginava assemelhar-se ao de espadas num campo de batalha. Nenhum de nós duvidava de que o bebê seria um menino – um consolo por todos aqueles anos de espera. Não nos permitíamos imaginar nenhum outro desfecho.

No entanto, seria mentira dizer que os dias transcorriam numa névoa de felicidade. Afastando com esperteza lady Wintermale e as outras damas de companhia, Millicent claramente se deleitava com seu papel de protetora do futuro herdeiro e se voltava para mim como uma aliada, pedindo que eu revelasse os detalhes mais íntimos sobre a saúde da rainha Lenore: o que ela comia, quantas vezes usava o urinol, se o rei passara a noite na cama dela. Eu tentava fingir ignorância ou dizia que não lembrava, porém Millicent era implacável em seus interrogatórios. Às vezes eu cedia e lhe dizia o que ela queria saber. Quando ela sorria e afirmava que eu tinha agido bem, eu sentia uma onda de prazer que apagava a vergonha que me causava a minha deslealdade. Isto porque, apesar da afeição que eu nutria pela rainha Lenore, um amor que rivalizava com o que eu tinha

por minha mãe, a aprovação de Millicent era mais difícil de obter e, portanto, mais valiosa. Eu acreditava ser possível servir a duas senhoras, e que estava em minhas mãos manter a paz entre elas.

Quem dera Millicent se contentasse com nossa barganha particular, saboreando em segredo seu conhecimento da vida da rainha! Mas não era esse o seu estilo. Ela se gabava abertamente de sua influência e ria com desdém quando o rei Ranolf resmungava que a ronda constante da tia vinha cansando demais sua mulher. E eu permitia que isso acontecesse. Não contei nada à rainha sobre as perguntas intrusivas de Millicent nem sobre suas tiradas ferinas contra o rei. Não entendia – como poderia entender? – que Millicent e o sobrinho se aproximavam cada vez mais de uma guerra, cujo prêmio era a rainha. Eu era a única pessoa que poderia ter dado o alerta sobre o maquiavelismo de Millicent, mas me mantive estupidamente à parte. Jamais me perdoarei por isso.

A catástrofe, quando veio, foi rápida e devastadora. As dores da rainha Lenore começaram no meio de uma madrugada. Com típica abnegação, ela as suportou em silêncio por algum tempo, antes que seu remexer irrequieto me acordasse. Apoiei-me nos joelhos e a vi deitada de lado, com os braços envolvendo a barriga.

– Começou – murmurou ela.

No escuro, tudo o que consegui ver foram seus olhos, me fitando com medo.

Levantei-me de um salto e acendi uma vela. Em seguida, derramei água num pano e o coloquei em sua testa.

– Vou avisar ao rei – disse-lhe.

Corri para o corredor aos tropeços e tendo apenas a vela para me guiar. Bati na porta dos aposentos do rei e um de seus guardas surgiu, esfregando os olhos sonolentos.

– Mande chamar a parteira – instruí. – Chegou a hora para a rainha.

O guarda se empertigou de imediato e assentiu. Esperei enquanto ele vestia uma camisa e um casaco. Em seguida, ele acendeu uma vela na chama da minha e saiu às pressas. A parteira, Ursula, já havia recebido uma soma polpuda para examinar o ventre da rainha durante toda a gestação, e havia declarado que o bebê era sadio. Ursula tinha um jeito alegre e confiante que, a meu ver, conviria à rainha Lenore durante seu suplício.

Após sussurrar a notícia ao valete do rei, avisei lady Wintermale e as outras damas de companhia e voltei para junto da rainha Lenore. Ela continuava como eu a havia deixado, com o pano atravessado na testa.

– Elise – falou, e parou um momento por conta de uma contração. Respirou ofegante algumas vezes e continuou: – Ainda não está na hora. Ursula me disse que o bebê só nasceria daqui a um mês ou mais.

Eu também havia me preocupado com esse tempo enquanto corria de um lado para outro para avisar às pessoas. Mas não seria bom para a rainha dar atenção a esses pensamentos. Ela precisaria de todas as forças para o que estava por vir.

– O bebê vem quando está pronto – retruquei em um tom que eu esperava ter sido seguro. – Minha mãe nunca acertou os cálculos. Um dos meus irmãos veio dois meses antes do que ela esperava, e não poderia ter nascido mais saudável.

– É mesmo? – disse a rainha, parecendo acreditar em mim.

Fui poupada de outras mentiras pela chegada de lady Wintermale. Se fosse em outras circunstâncias, eu teria achado divertido ver seu cabelo desgrenhado e o penhoar mal ajambrado, mas nessa noite simplesmente me senti grata por ela ter vindo tão depressa. A mulher costumava orgulhar-se muito de sua aparência, e ter saído correndo de seus aposentos naqueles trajes foi uma prova de seu amor pela rainha.

– Como está ela? – perguntou, olhando para mim.

– Estou bem – disse a rainha Lenore, com um sorriso valente. – Bem o bastante para falar, pelo menos.

– Ótimo, ótimo. Elise, acenda as velas. Devemos deixar tudo o mais claro possível. Você mandou chamar a parteira?

Assenti.

– Precisamos aprontar o material – falou ela.

Após serem acordadas no dormitório das serviçais, várias criadas chegaram para receber as ordens de lady Wintermale. Suando de nervosismo nas palmas das mãos, afastei-me, mas ouvi a rainha Lenore me chamar.

– Sim, milady?

– Você precisa ir buscar Millicent. Ela me prometeu... – fez uma careta ao sentir outra contração. – Ela prometeu me dar alguma coisa para diminuir a dor.

Lady Wintermale revirou os olhos, mas não disse nada. Corri à Torre Norte e a preocupação com a rainha suplantou meu medo daqueles corredores escuros e cheios de eco. Millicent só atendeu à porta na minha terceira batida forte. Com o cabelo coberto por uma touca de dormir e os olhos caídos de cansaço, pela primeira vez ela me pareceu uma mulher idosa. Desmentindo essa primeira impressão, entretanto, aprontou-se depressa depois que expliquei por que eu estava ali. Ela saiu do quarto e parou à porta ao lado da sua, na qual bateu forte. A porta abriu-se com um rangido quase no mesmo instante, como se Flora estivesse de prontidão, só esperando ser chamada para entrar em ação.

Durante meses eu tinha pensando sobre Flora, sentido pena dela e até a temido. Minha imaginação havia criado tamanhas visões de loucura que eu esquecera que ela era tia do rei, membro de uma família real conhecida pela beleza marcante. E Flora, em seu apogeu, devia ter sido a mais linda de todos. Tinha o mesmo nariz e queixo fortes de Millicent, mas seus grandes olhos verde-acinzentados fitaram-me com meiguice, quase com tristeza. Sua boca curvou-se naturalmente na sugestão de um sorriso, e suas faces tinham o toque de um rosa delicado. Emoldurando seu rosto angelical havia uma massa de cachos finos e brancos, tão frágeis que poderiam ter sido feitos da seda de uma teia de aranha; o resto do cabelo estava amarrado para

trás, com uma fita feminina. Flora devia ter passado dos 60, mas, em sua camisola branca virginal, iluminada pela chama de uma única vela, parecia não ter idade definida.

– A rainha entrou em trabalho de parto – disse Millicent, sem perder tempo. – Você tem as ervas?

Flora desapareceu na escuridão do quarto. Pelo pouco que pude ver, o cômodo tinha as mesmas proporções imponentes dos aposentos de Millicent, além de um mobiliário similarmente suntuoso. Fiquei intrigada com várias formas vagas que pendiam de cordas amarradas à estrutura da cama, até que reconheci as bordas irregulares de folhas e ramos. Pareceu-me estranho que uma dama da nobreza secasse ervas como um boticário comum e me perguntei se isso seria prova de seu estado mental perturbado.

Flora voltou e entregou à irmã um pequeno frasco de vidro, cheio de uma substância verde-escura.

– É para colocar embaixo da língua dela – explicou, com a voz baixa e rouca. – Não mais do que o suficiente para cobrir a unha do dedo mindinho.

– Sim, está bem – retrucou Millicent.

Flora me olhou com curiosidade e Millicent explicou às pressas que eu era a criada pessoal da rainha. Flora, então, perguntou a mim:

– Como está passando sua ama?

Desarmada pelo evidente interesse de Flora, respondi com franqueza:

– A rainha está com medo da provação que a espera.

– Claro que está, pobrezinha. Claro que está.

Ela falou como se conhecesse os pensamentos mais secretos da rainha, e senti uma onda de mal-estar.

– Vamos – disse Millicent, apontando-me a escada.

Fiz uma rápida reverência para Flora e ela me ofereceu um sorriso pensativo. Sua expressão continha uma mistura tal de meiguice e tristeza que, por um momento, fiquei intrigada. Somente a batida da bengala de Millicent tirou-me do meu transe e me lembrou que meus deveres estavam em outro lugar.

Ao entrarmos no corredor que conduzia aos aposentos da rainha, Millicent parou de repente, com o caminho barrado pelo rei e dois de seus cavaleiros.

– A rainha está sendo assistida pela parteira – disse ele com rispidez. – Não precisa de outras distrações.

Com os dentes cerrados e os braços cruzados, o marido amoroso da rainha tinha se transformado num governante dominador, que não toleraria nenhuma ameaça a sua autoridade. Era o mesmo homem que havia envergonhado publicamente o próprio irmão, sem pensar nas consequências.

– Preciso dar uma coisa a ela – insistiu Millicent, então deu um passo para o lado, como se para contornar o rei.

O insulto desse gesto atíçou o fogo que já fervilhava dentro dele.

– Você não vai entrar!

Cada um dos cavaleiros deu um passo à frente e Millicent recuou. Sorrindo, como se achasse divertida toda aquela cena, ela agitou o frasco de vidro.

– Meu caro Ranolf, você está entendendo mal as minhas intenções. Fui chamada aqui por ordem de sua esposa. Pergunte a Elise.

Eu me mantive junto à parede, relutando em ser puxada para a batalha dos dois.

– A rainha me mandou buscar um tônico para diminuir as dores do parto – expliquei.

– A última coisa de que a rainha necessita é uma das suas poções – disse o rei a Millicent, com visível desprezo. – Essa é mais uma tentativa sua de se insinuar junto a Lenore, na esperança de que ela fique a seu lado contra mim. Não permitirei isso! Você não vai se interpor entre mim e minha mulher!

Apesar da propensão de Millicent para criar casos, fiquei alarmada pelo fato de o rei escolher aquele momento para assumir tal postura. Será que negaria à rainha Lenore um alívio da agonia simplesmente para contrariar a tia? Millicent manteve-se imóvel e com o rosto impassível durante todo o discurso do rei. Apenas eu, parada muito perto, pude perceber como seus dedos agarravam a bengala a ponto de as veias saltarem na pele. E então ela sorriu, como se houvesse se lembrado da última arma em seu arsenal.

– Você continua sem reconhecer meus méritos, querido Ranolf. Passei horas com Lenore no santuário de Santa Agrelle, rezando, enquanto tremíamos de frio. Agora, graças a mim, ela o presenteia com um herdeiro. Mas por acaso você me demonstrou algum sinal de gratidão?

Os olhos do soberano se estreitaram enquanto ela continuou:

– Estive com sua mulher quando ela chorou pela esterilidade de seu útero. Sequei as lágrimas dela com minhas mãos. Não admitirei que me seja negado meu lugar de direito ao lado dela, quando ela acolher nosso herdeiro no mundo.

– Nosso herdeiro? – As palavras saíram num sussurro, como se o rei Ranolf mal pudesse acreditar que as estava proferindo. Em seguida, seu rosto enrubescou e ele fez um aceno desdenhoso com a mão em direção a ela, o mesmo gesto que usava para despachar os criados que o desagradavam. – Você não tem lugar nenhum aqui, não hoje. Retire-se!

Perplexa, Millicent cambaleou para trás, e me adiantei para equilibrá-la. Sua respiração estava pesada e decidida, o peito parecendo um fole bombeando ódio. Apavorada com o caminho que a raiva dela poderia tomar, fiz uma reverência na direção do rei e puxei Millicent pela manga, insistindo em que ela voltasse para a Torre Norte. O rei Ranolf deu meia-volta, pisando duro com as botas, acompanhado por seus homens. Lady Wintermale espiou o que estava acontecendo por uma fresta na porta e ela assentiu ao ver que eu estava com Millicent. Só me restou torcer para que as vozes não tivessem chegado à rainha Lenore. Ela não

deveria ser perturbada, não nesse dia.

Ainda posso ver Millicent tal como ela estava naquele momento, uma visão que até hoje me assombra. Alta e majestosa, com uma expressão de arrogante determinação no rosto admirável, havia nela um esplendor terrível, que enfraqueceu minha segurança já abalada. Será que eu poderia ter me levantado contra tamanha força? Se tivesse feito Millicent curvar-se à minha vontade e conseguido puxá-la para longe, acaso teria impedido a cena que se seguiu? Estas são perguntas que ainda me perturbam o sono, quando a exaustão permite que tais pensamentos se insinuem. Digo a mim mesma que uma criada de 15 anos não poderia ter alterado o rumo dos acontecimentos. Minha afeição pela rainha Lenore não era uma rival equiparável dos poderes sombrios de Millicent.

– Elise – disse ela, estendendo as mãos para me segurar pelos braços, e novamente me perdi, atraída para a obediência por sua voz imperiosa. – Você precisa ir falar com a rainha.

– É o que farei, assim que tiver levado a senhora de volta a seu quarto.

– Não, não, isto não pode esperar. Diga-lhe que Ranolf proibiu minha entrada, mas que ela deve insistir na minha presença. Sou a única que pode garantir que ela receba a dose adequada.

Ela comprimiu o frasco na minha mão, apressando-me a ir. Ouvi um gemido agudo reverberar pelas grossas paredes de pedra. Era a rainha Lenore, aos gritos. Eu mesma quase gritei; pensar em minha senhora sofrendo tamanha dor fez meu estômago contorcer-se numa angústia solidária. A poção que eu tinha nas mãos aliviaria o sofrimento dela, porém o fato de eu oferecê-la à rainha só acarretaria outro confronto muito pior com o rei. Com as palmas das mãos transpirando, hesitei junto à porta, aflita com a indecisão. Millicent me encarou, e a força plena de sua atenção perpassou meu corpo como um vento abrasador, fazendo meu rosto enrubescer apesar da friagem do castelo em pleno inverno.

– Vá – disse ela, em tom frio.

Se Millicent houvesse demonstrado o menor vislumbre de bondade, de gratidão, eu teria feito o que mandou. Mas ela me lançou um olhar de desdém, como se eu ainda estivesse salpicada da lama da zona rural. Num lampejo de compreensão devastadora, reconheci a intenção por trás das atenções que ela me dedicava. Millicent não fizera isso por eu ser mais inteligente ou mais capaz do que as outras criadas. Não, ela me lisonjeava para me fazer achar que eu era especial, a fim de que lhe prestasse obediência em qualquer circunstância.

Humilhada e traída, com os joelhos começando a vergar, afundi o rosto nas mãos, prendendo as lágrimas que ameaçavam me dominar. Meu colapso enfureceu Millicent, e sua pose de confiança cuidadosamente forjada ruiu. Ela empertigou o corpo, de modo a exibir toda a sua altura e desfrutar de sua vantagem sobre mim, levantou a bengala no ar e então a arriou sobre meus ombros com força esmagadora. Deixei escapar um grito e caí no chão, envolvendo meu tronco com os

braços.

– Sua idiota desgraçada! – exclamou ela. – Como se atreve a me desafiar? – E me bateu repetidas vezes, suas palavras perversas doendo tanto quanto as bengaladas. – Você não seria *nada* sem mim! Uma camareira suja de esterco que não serviria para ficar aos pés da rainha!

Por entre os olhos semicerrados, tive uma vaga consciência de passos pesados que se aproximavam. A surra parou e um laçao arrancou a bengala da mão de Millicent. Enquanto eu me levantava devagar, com as costas latejando, o rei Ranolf surgiu diante de nós.

– O que vem a ser essa loucura? – perguntou, com os olhos flamejantes.

Millicent cuspiu as palavras:

– Essa mocinha insolente tem que ser demitida imediatamente!

– Milorde, eu lhe imploro – apressei-me a dizer. – Ela me mandou levar isto à rainha, contrariando as suas ordens.

Mostrei-lhe o frasco, que ele arrancou de minhas mãos. Levantando-o contra uma das tochas presas à parede, balançou-o para ver o conteúdo e atirou-o no chão. Millicent soltou um arquejo, enquanto uma poça verde e viscosa se formava, vazando dos cacos de vidro.

– Minha tolerância chegou ao fim – declarou ele, a voz ribombando em mal controlada fúria. Fez um sinal para o cavaleiro a seu lado e disse: – Thendor, acompanhe minha tia Millicent ao quarto dela e a mantenha lá, sob a vigilância de guardas.

– Talvez você deva consultar sua esposa antes de fazer esses pedidos precipitados – murmurou Millicent.

– A rainha obedece a *mim!* – trovejou o rei. – Nesta e em todas as outras questões – acrescentou. Virou-se para os homens às suas costas: – Levem-na daqui! Não posso mais suportar olhar para ela!

De repente, Millicent foi agarrada pelos dois lados por um par de guardas truculentos e quase levantada do chão. A mulher cujo porte majestoso tanto havia me assombrado foi reduzida a uma megera patética e escandalosa que se debatia furiosamente contra seus captores. O cabelo branco soltou-se das presilhas e caiu numa cascata sobre seu rosto, enquanto ela lançava insultos contra o rei, palavras medonhas que continuaram ressoando muito depois de ela desaparecer de vista. O rei Ranolf deteve-se por alguns momentos no corredor, calado e claramente abalado. Em seguida, passou por mim pisando forte, entrou no seu quarto e bateu a porta com força.

Levantando-me do chão devagar, vi que uma aglomeração tinha se formado atrás de mim. As damas de companhia da rainha haviam se juntado, em um raro momento de silêncio. Um grupo de laçaios murmurava em tons sinistros, enquanto uma criada solitária me olhava fixamente, boquiaberta. Todos haviam assistido a minha humilhação, bem como à ira do rei. A história desse confronto se espalharia

em minutos pelo castelo.

De fato, lady Wintermale chamou-me reservadamente, não muito depois, quando eu me encontrava na sala de estar da rainha, vendo a luz do dia insinuar-se no jardim lá fora, e estremecendo toda vez que ouvia um grito vindo do quarto.

– É verdade? – perguntou ela, de olhos arregalados. – Millicent foi mandada embora?

– O rei a confinou no quarto.

– Graças a Deus.

– Como está a rainha? – indaguei.

Ursula, com a aprovação do rei, havia insistido em que apenas ela e lady Wintermale permanecessem junto à rainha durante o parto e, até o momento, as duas pouco haviam compartilhado sobre a evolução do processo.

– O ânimo dela está bom – respondeu lady Wintermale –, mas ela continua pedindo a poção.

– Diga-lhe que não foi possível obtê-la. Ela não precisa saber por quê.

– Pobrezinha. Receio que ainda leve algum tempo para o bebê nascer.

Ela acertou em sua previsão, pois a rainha Lenore lutou durante mais um dia e uma noite de dor. A preocupação com minha senhora não me deixou dormir, e passei a noite vagando entre os aposentos reais e o Salão Inferior, onde um grupo de criadas e lacaios permaneceu em vigília, na companhia da Sra. Tewkes. Quando eu estava novamente à janela da sala de estar, na manhã seguinte, assistindo a mais uma alvorada, temi não conseguir suportar nem mais uma hora. Preocupantemente, fazia algum tempo que eu não ouvia gritos nem gemidos vindos do quarto.

Ursula saiu dos aposentos da rainha exibindo um leve sorriso. Pelo modo como se portava, pude perceber que seus braços e pernas doíam. Eu havia lhe trazido uma tigela de sopa, mas ela a empurrou para o lado.

– A hora está próxima – falou. – Venha, posso precisar de você.

Lá dentro, lady Wintermale estava sentada numa cadeira, os membros contorcidos de exaustão. Ursula inclinou-se sobre a cabeceira da cama. A aparência da rainha Lenore era de dar pena, com a cabeleira negra, em geral lustrosa, emaranhada sobre o rosto contraído e pálido. Os olhos tinham uma expressão fixa e baça, e não mostraram qualquer lampejo de reconhecimento quando entrei.

– Chegou a hora, milady – disse Ursula. – A senhora precisa fazer força.

A rainha Lenore soltou um gemido, um som triste e fraco que me partiu o coração. Se pudesse, eu ficaria no lugar dela.

A voz de Ursula assumiu um tom autoritário que até então eu não tinha ouvido:

– A senhora tem que fazer força! Seu bebê está pronto!

Cerrando dentes e punhos, a rainha começou a obedecer. E, nessa hora, Deus se apiedou dela, porque o restante do trabalho de parto foi árduo, mas rápido. Em não mais do que dez dolorosos movimentos, ela trouxe a criança ao mundo.

Por um momento que pareceu ter durado horas, não houve som nenhum. Então vi Ursula levantar-se com um largo sorriso, com o bebê aninhado nos braços. Um tapinha firme em suas costas foi prontamente seguido por um choro insistente. O alívio inundou meu corpo estafado e eu mesma quase irrompi em prantos. Lady Wintermale tirou o bebê das mãos de Ursula e o limpou com um pano úmido, em gestos ágeis e habilidosos, depois embrulhou a criaturinha num cobertor de lã que a rainha havia bordado para a ocasião. Abriu a porta da antecâmara, segurando aquela preciosa trouxinha.

– Chamem o rei – anunciou.

Ele devia estar andando de um lado para outro no corredor, pois apareceu quase no mesmo instante. As damas se afastaram para lhe dar passagem.

– Uma menina – disse lady Wintermale, estendendo o braço em que segurava o bebê. – E não poderia ser mais saudável.

Os murmúrios agitados se acalmaram e o silêncio desceu sobre a sala. Uma menina. Baixei os olhos para o chão, com medo de ver a devastação no rosto do rei. Com que rapidez um momento de alegria podia transformar-se num cenário de luto!

Vi a rainha Lenore na cama, no lado oposto a mim, e percebi que ela chorava. Não eram as lágrimas eufóricas da mulher que acabou de ser mãe, porém soluços de angústia e pesar. Peguei um pano limpo e enxuguei seu rosto, depois salpiquei perfume de alfazema em seu pescoço.

– Acalme-se, milady – sussurrei. – Seu marido está aqui.

– Uma menina – gemeu ela. – Tudo isto por uma menina.

Escovei seu cabelo o mais depressa que pude. Ursula estava retirando os lençóis ensanguentados dos pés da cama, como parte dos preparativos para a entrada do rei. Cobri os ombros da rainha Lenore com um de seus melhores xales e fiz o máximo que pude para torná-la apresentável para o marido. No entanto, por mais bonita e perfumada que ela estivesse, o rei não deixaria de perceber o desespero em seu rosto. Depois de tudo o que sofrera, ela ainda não havia produzido um herdeiro. Num lampejo de repulsa, pensei no príncipe Bowen. Como ele adoraria esta notícia!

Atrás de mim, ouvi Ursula dizer:

– Ela está pronta, majestade.

Virei-me da cama e vi o rei lhe entregar uma bolsa de moedas. A julgar pela expressão encantada de Ursula, era mais do que ela havia esperado.

– Você fez o parto de uma criança sadia – disse ele. – Eu lhe serei eternamente grato.

Aproximou-se da cama e se postou do lado oposto ao meu. A rainha Lenore não o fitou nos olhos.

– Minha querida – disse o rei, estendendo a mão e afagando-lhe a face com os dedos.

– Sinto muito por essa decepção – sussurrou ela.

– Decepção? – Ele se virou para onde estava lady Wintermale, junto à porta. –

Traga-me o bebê.

Lady Wintermale colocou cuidadosamente a menina nos braços do pai. Ele a ajeitou com delicadeza num dos braços da rainha e se ajoelhou ao lado das duas.

– Você já a viu? – perguntou.

A rainha deu uma olhadela para baixo, sem mexer a cabeça. A bebê estava deitada em silêncio, os olhos escuros e os lábios de um vermelho-vivo destacando-se em meio às faixas que a envolviam.

– Rezei todos os dias por um filho varão – disse a rainha.

– Se minha filha revelar-se tão linda quanto a mãe – retrucou o rei –, não acha que isso me trará mais alegria do que um menino abrutalhado?

Os lábios da rainha Lenore estremeceram no esboço de um sorriso.

– Rezei para que você desse à luz uma criança saudável, e minhas preces foram atendidas – continuou o rei. – Uma mulher pode nunca ter herdado o trono até hoje, mas isso não significa que nossa filha não possa ser a primeira.

A rainha começou a chorar, mas foram lágrimas de alívio, pois a vi sorrir e olhar para o rei com ternura. Escutei uma fungadela e vi que a própria lady Wintermale estava lutando para conter o pranto. O rei se levantou e se dirigiu ao grupo que aguardava na antecâmara:

– Mandem informar a todo o reino que minha herdeira nasceu!

As damas de companhia bateram palmas e ouvi a exultação ecoar no corredor lá fora, onde dezenas de outros cortesãos aguardavam.

– Ninguém há de afirmar que não dei as boas-vindas a esta criança – declarou o soberano, tornando a se virar para sua mulher. – Teremos o batismo mais grandioso que este reino já viu. O que acha?

A rainha Lenore sorriu e assentiu, os olhos brilhando, apesar das olheiras de exaustão que os escureciam.

– Sim, temos que agradecer.

A alegria desfez por um momento as barreiras sociais e eu me vi abraçando damas de companhia e criados, até minha boca doer de tanto sorrir. A rainha Lenore fez sinal para que eu me aproximasse e admirasse a neném. Arrulhei de contentamento, e me apaixonei pela menina no mesmo instante.

Se o espírito daquele momento houvesse levado o rei a abrir mão do seu orgulho, tudo poderia ter corrido bem. Grato pelo nascimento de uma filha saudável, ele poderia ter perdoado os insultos da tia. Mas não era essa a sua natureza. O rei Ranolf, benevolente e generoso com aqueles a quem amava, era um homem obstinado, tanto quanto Millicent. A arrogância pode conferir certas vantagens a um governante, mas também pode cegá-lo aos benefícios da diplomacia. Foi por isso que nunca consegui deixar de ter certo temor do rei, pois quem sabe do que é capaz um homem convencido de sua infalibilidade?

Duas forças poderosas tinham se erguido uma contra a outra. E lutas desse tipo só podem acabar em desastre.



## UMA MALDIÇÃO SOBRE NÓS

Deram à bebê o nome de Rosa, um tributo tanto ao amor de Lenore pelas flores como ao vermelho-vivo dos lábios da menina. Desde o começo, ela foi acolhida com tanta pompa quanto um filho varão: trombetas anunciaram a sua chegada e, no domingo seguinte a seu nascimento, na capela, a rainha a segurou, envolta em faixas, para que os membros da corte pudessem admirar a recém-nascida. Seu batizado, declarou o rei, seria realizado na catedral de St. Elsip, para que os súditos pudessem regozijar-se junto com ele. Após a comemoração pública, famílias nobres de todo o reino se reuniram para um banquete majestoso no Grande Salão.

Apenas uma pessoa da alta estirpe não foi convidada: Millicent. O rei a havia banido do reino um dia depois do nascimento de Rosa. Os apelos de Lenore em favor da tia do soberano só fizeram sua determinação se tornar mais ferrenha.

– Veja só o que você está fazendo! – vociferou ele. – Humilhando-se por uma mulher que me trata com desprezo. Nunca dei atenção a boatos, mas talvez seja verdade. Talvez ela tenha mesmo lançado um feitiço sobre você.

– Pare! – gritou a rainha. – Não diga essas coisas!

Testemunha involuntária do confronto dos dois, me afastei da cama com discrição, repreendendo internamente o rei por fazer censuras tão duras à esposa quando ela ainda estava enfraquecida pelo parto.

– Ela exerce controle sobre você, isso eu já vi muito bem – retrucou o rei. – Não permitirei que faça o mesmo com nossa filha.

– E o batizado? – perguntou a rainha Lenore, enxugando os olhos na manga da camisola.

Meses antes, através de suas manobras astutas de praxe, Millicent havia convencido a soberana a convidá-la para ser madrinha da criança.

– Ela não é bem-vinda – disse o rei Ranolf, em tom firme.

– Ela é irmã do seu pai!

– Jamais concederei àquela mulher a guarda de minha filha.

– Por favor! – A voz da rainha Lenore estava desesperada. – Ela não precisa ser a madrinha. Chame-a como convidada, como um presente para mim. É só o que lhe peço.

– Basta! – gritou o rei. – Tia Millicent pode ter mantido meu pai sob o seu domínio, mas não fará o mesmo comigo nem com você! Mandei uma guarda escoltá-la para fora do castelo e, de hoje em diante, não quero mais ouvir o nome dela entre estas paredes. No que me diz respeito, ela morreu.

E se retirou do quarto, enfurecido, enquanto a rainha irrompia em lágrimas.

– Ele não compreende – gemeu.

– Acalme-se, milady.

Sem pensar, passei a mão em sua cabeça, imitando o modo como minha mãe costumava consolar-me. Para minha surpresa, a rainha pegou minha mão e a beijou, depois encostou-a em seu rosto.

– Obrigada, Elise. Você me dá forças.

Suas palavras de ternura me comoveram profundamente, mas eu não conseguia tirar da cabeça o pronunciamento cruel de Millicent: *Você não seria nada sem mim!* Era verdade? Será que ela tinha convencido a rainha a me escolher como sua criada pessoal por saber que eu faria o que ela mandasse? Será que tudo o que eu havia conquistado não era fruto do meu trabalho, mas resultado de bruxaria, de um feitiço lançado pela pedra verde do desejo que eu apertara entre os dedos? Esses pensamentos me perturbaram a tal ponto que, enquanto a rainha se distraía com a neném, me retirei para o canto em que dormia, peguei a pedra de baixo do traveseiro e enfié-a entre as dobras da saia. Pedi licença, corri até as latrinas dos criados e a joguei numa das fossas imundas.

No entanto, a influência de Millicent não era tão fácil de descartar. Em vez de voltar aos aposentos de minha senhora, vi-me tomando o caminho da Torre Norte, para me certificar de que a mulher que fora minha protetora e minha torturadora tinha mesmo partido.

Não tinha – ainda não. Quando eu me aproximava da escadaria de mármore que levava ao quarto dela, a voz imponente que eu conhecia tão bem ecoou nos degraus, e fiquei paralisada. Em seguida ela apareceu, ladeada por dois guardas cujas expressões fechadas indicaram o seu descontentamento com a tarefa que tinham recebido. Millicent, que estivera passando um sermão nos dois por apertarem seus braços com força demais, riu ao me ver. Foi um som tão inesperado que não consegui elaborar uma resposta. Simplesmente a fitei, estarrecida com sua expressão de quase loucura, mas fascinada por ela assim mesmo. Apesar de estar sendo arrastada para fora do castelo depois de cair em desgraça, ela mantinha um ar de integridade que não pude deixar de admirar.

– Elise! Que apropriado você testemunhar minha queda! – exclamou, proferindo esta última palavra quase como quem se gabasse. – Veio rir da minha desgraça?

Balancei a cabeça fazendo que não.

– Então por que está aqui? Por que haveria de me procurar?

Os guardas haviam afrouxado as mãos em seus braços e ela veio direto na minha direção, enfraquecendo minhas defesas com seu olhar penetrante.

– Ah, sim, entendo. Você queria uma garantia de que sua rival pelo amor da rainha realmente se foi. Pois estou partindo. Você terá a querida Lenore só para si, pelo grande bem que isto possa lhe fazer.

Constrangida com o fato de minhas emoções serem tão fáceis de ler, protestei:

– Minha única preocupação é com a saúde da rainha e da filha dela.

– Sim, a filha. O centro de todas as esperanças de Ranolf. Uma menina! – disse,

com um risinho amargo. – E assim o trono pertencerá a Bowen, afinal. Um encerramento muito apropriado para o reinado desastroso de Ranolf.

– O rei declarou a filha como sua herdeira.

– Ridículo! As mulheres nunca tiveram permissão para entrar na linha sucessória.

– Agora têm.

Eu não esperava que estas poucas palavras tivessem o efeito que testemunhei. Millicent me olhou como se eu houvesse dito um insulto imperdoável; seus lábios contraíram-se numa careta e os olhos brilharam de fúria. Quando ela finalmente falou, proferindo as palavras com uma força brutal, havia saliva salpicando seus lábios:

– Então foi a este ponto que chegamos. Ranolf rompe com séculos de tradição, mas expulsa a única pessoa que poderia servir de modelo para sua preciosa filha. Lenore tem alguma ideia do que significa uma mulher exercer o poder? Não! Contenta-se em tecer e fiar, como se fosse a esposa de um camponês. E Ranolf está cego para as forças que se reúnem contra ele. Sou a única pessoa capaz de salvar este reino da derrota e da destruição. A única! Mas estou sendo posta de lado!

Seus gritos cada vez mais altos acordaram os guardas de sua letargia. Um deles segurou firme o braço de Millicent e a puxou, afastando-a de mim.

– Você sabe que estou dizendo a verdade! Você sabe!

Eu não quis acreditar nela. Era mais fácil considerar seus avisos como os desvarios de uma louca do que acreditar que nosso reino estava realmente em perigo. Enquanto os guardas, entre resmungos, iam arrastando Millicent para a base da escada, ouvi um farfalhar vindo de cima. Levantei os olhos e vi Flora parada no degrau mais alto.

Permaneci imóvel, mas ela não pareceu se dar conta da minha presença. Observava a irmã, com lágrimas rolando pelas faces. Durante toda aquela agitação por causa de Millicent, eu nem havia pensado em Flora, mas nesse momento me dei conta do golpe terrível que aquilo devia ser para ela. Flora estava perdendo sua companheira mais íntima, a única pessoa em quem ela havia continuado a confiar, mesmo depois de ela se afastar de todos na corte. Mas não foi desolação que vi no rosto de Flora. Tristeza, sim, e talvez pesar. Mas também certa determinação. Como se ela devesse chorar pelo passado para enfrentar um novo futuro.

Eu pretendia me retirar discretamente, mas, quando dei meia-volta, Flora me chamou.

– Pois não, senhora? – falei.

– A menina. Ela está bem?

– Sim, forte e saudável.

– Que nome lhe deram?

– Rosa.

– Rosa. – Ela refletiu por um momento, depois curvou os lábios num sorriso

tímido. – Rainha Rosa.

Esperei que dissesse mais, porém o silêncio pairou entre nós enquanto Flora se perdia nos pensamentos que assombravam sua mente perturbada. Querendo me retirar com delicadeza, eu disse as primeiras palavras que me vieram à cabeça:

– Sinto muito por sua irmã.

– Sabia que, se meu pai tivesse tido a coragem de Ranolf, Millicent poderia ter sido nossa rainha? Ela era a mais velha, e mais inteligente do que eu e meu irmão juntos. Mas, é claro, as mulheres não podiam herdar o trono.

Até agora. Quando era tarde demais para Millicent.

– Ela deixou Ranolf sem alternativa – comentou Flora, baixinho. – Mas tenho medo do que sua raiva a levará a fazer. Tenho muito medo.

Ela virou as costas depressa, com as saias amarrotadas emaranhando-se a seu redor, mas não antes de eu reconhecer a outra emoção que havia perpassado seu rosto enquanto sua irmã desaparecia de vista. Era alívio.



Nas semanas seguintes, cuidei da rainha Lenore, enquanto ela recuperava lentamente as forças. Ela insistiu em que o berço de Rosa fosse colocado em sua própria sala de estar, e não no quarto das crianças, no terceiro andar do castelo. Uma ama de leite cuidava da alimentação da neném, mas a rainha encarregou-se pessoalmente de todas as outras questões da filha. As damas de companhia tinham certeza de que o rei Ranolf não concordaria com aquilo, sobretudo se ouvisse de seu quarto o choro da bebê, mas ele não fez reclamação nenhuma. Na verdade, era comum vê-lo com a filha no colo, abrindo um sorriso largo para o rosto sereno da menina adormecida.

– Minha Bela – murmurava. – Minha Bela.

Na manhã do batizado, o rei, a rainha e a filha atravessaram St. Elsip numa carruagem dourada. Sem se deixar desanimar pelo inverno gelado, a população alinhou-se em várias fileiras, uma atrás da outra, ao longo das ruas da cidade para vê-los passar. Uma procissão de membros da corte seguiu a carruagem, com a madrinha recém-escolhida de Rosa, lady Wintermale, à frente das senhoras, e com sir Walthur Tilleth, o solene conselheiro-mor do rei, comandando os cavaleiros e fidalgos. Um bando ruidoso de bufões e músicos foi logo atrás.

Segui o cortejo no final, espremida entre os outros criados. A rainha Lenore me deu um de seus vestidos velhos para a ocasião, feito de um veludo suntuoso que me acariciava a pele. A bainha estava esgarçada e fazia anos que o estilo das mangas havia saído de moda, porém era a roupa mais encantadora que eu já tinha usado, e uma capa com forro de pele me protegia do frio. Vestida com esses trajes luxuosos, eu me movia de forma diferente, como se os tecidos me transmitissem o porte nobre

de sua dona original. Aos 15 anos, eu era muito mais jovem do que qualquer outra criada das damas da corte e ainda era atormentada pela insegurança, apesar da paciência e do temperamento gentil da rainha. Nesse dia, porém, com aquele vestido, ocupei meu lugar no cortejo como se houvesse nascido para aquilo, oferecendo sorrisos gentis aos que vinham desejar boa sorte. Mesmo depois que entrei na paz da catedral, ainda ressoavam em meus ouvidos os vivas da multidão lá fora.

A cerimônia do batismo foi longa e cansativa, como costumam ser essas cerimônias, mas Rosa saiu-se bem, chorando apenas no final, quando a água benta foi derramada em sua cabeça. Espremida entre mercadores e pequenos senhores de terras bem no fundo da igreja, mal vi a neném, tendo apenas vislumbres fugazes da rainha Lenore no altar, segurando uma trouxinha de renda branca. Terminado o ofício, o rei e a rainha atravessaram a nave central com um sorriso radiante e despontaram nos degraus da catedral para apresentar a filha a seus novos súditos. Ouvi uma enorme gritaria do lado de fora e, em seguida, os vivas também irromperam no interior da igreja, ressoando nas paredes de pedra.

Esperei diminuir a aglomeração às portas da igreja antes de tentar sair. Lá fora, centenas de pessoas circulavam pela praça ao ar livre, na esperança de prolongar o clima de comemoração daquele dia. Olhei em volta, para ver se ainda havia outras pessoas do castelo por perto, mas não vi rostos conhecidos. Já me preparava para voltar sozinha quando ouvi uma voz chamar:

– Srta. Elise!

Fazia algum tempo que eu começara a ser tratada com essa formalidade. Olhei para trás e vi uma pessoa gorducha subindo esbaforida os degraus da igreja, na minha direção. Quando se aproximou, reconheci Hannolt, o sapateiro. Apesar de haver passado pela entrada de sua loja nas visitas ocasionais à casa de minha tia, eu não o via desde o dia em que ele me levava até o castelo.

– Que surpresa agradável! – exclamou ele.

Estendeu a mão para segurar a minha e beijou-a com um floreio extravagante. Como sempre, ele começou a falar sem parar, mal fazendo uma pausa para respirar.

– Sua tia me disse que a senhorita está a serviço da própria rainha. Como subiu na vida, desde a última vez que nos vimos! Meus parabéns, minha menina, meus parabéns. Veio à cidade para o batizado? O evento foi ótimo para os negócios, isto eu posso lhe garantir. Senhoras e cavalheiros encomendaram sapatos novos para as festividades. Nesta última semana, várias vezes virei a noite trabalhando, e isto com a ajuda de minha senhora e do Marcus.

Olhei por cima do ombro de Hannolt, para ver se seu filho espreitava em silêncio atrás dele.

– Ele veio com o senhor?

– Marcus? – disse Hannolt, com ar tão intrigado que me arrependi imediatamente de minha pergunta. Como devia parecer-lhe atrevida, perguntando

por um rapaz que eu mal conhecia!

Agravei minha tolice ao gaguejar uma desculpa logo em seguida:

– É só que... achei que talvez sua família inteira tivesse vindo ver a princesa.

– Boa sorte se quiser ter um vislumbre dela nessa multidão! – zombou Hannolt.  
– Não, hoje pode ser dia de festa no castelo, mas o meu trabalho continua. Marcus saiu para fazer umas entregas na parte leste da cidade. Eu tinha acabado de sair da casa da Sra. Hilsker, logo depois daquela esquina, quando vi a procissão e não pude deixar de vir aqui dar uma olhada.

– Foi um prazer ver o senhor – falei, tentando gentilmente desvencilhar-me de uma conversa prolongada, para que ele não atrasasse mais a minha volta –, mas a rainha está à minha espera no castelo.

– Ouça, agora que a senhorita anda em companhia tão nobre, talvez possa recomendar o meu trabalho, caso tenha essa oportunidade. Gosto muito de trabalhar para as gentis senhoras da corte.

– Eu o recomendaria sem hesitação.

– Falou como uma verdadeira fidalga. Sim, a sua voz tornou-se muito refinada. E que maneiras encantadoras! A senhorita tem sido motivo de orgulho para sua tia. Ela tem muito que comemorar! Pelo que ouvi dizer, outro batizado será celebrado antes do fim do ano, não é verdade?

– Sim, minha prima Damilla está esperando um bebê.

– Notícias alegres por toda parte. Mandarei lembranças suas à Sra. Agna, e ao Marcus também.

Eu lhe disse que isso não era necessário e senti o rubor me subir às faces, mas Hannolt tinha se curvado numa mesura e pareceu não ouvir. Mais tarde, imaginei a cena naquele dia: Hannolt tagarelando sobre o meu interesse, enquanto Marcus lutava em vão para se lembrar de mim. Desde que tínhamos nos conhecido, eu havia cruzado com dezenas de rapazes com melhores perspectivas que o filho de um sapateiro. Então por que o rosto de Marcus continuava tão nítido em minha mente, e por que meu coração se entristecera pela ausência dele?



Ao retornar ao castelo, passei pelas cozinhas, onde as cozinheiras estavam ruborizadas pelo esforço do trabalho. Havia porcos assando em espetos em todas as lareiras e as mesas estavam cobertas de massas e tortas. Em qualquer outra ocasião, eu teria parado para roubar umas provinhas – meu estômago roncou com o cheiro –, mas, nesse dia, sabia que isso significaria o risco de ouvir um grito e levar um tapa da cozinheira-chefe. Segui em frente sem parar.

No Salão Inferior, jarros de cerveja e travessas com pilhas de carnes e queijos tinham sido dispostos nas mesas de madeira. Estribeiros e camareiras faziam

brindes e beliscavam das travessas, embora eu imaginasse que a Sra. Tewkes ainda não tivesse dado permissão para o início da festa. Um grupo de cavaleiros passou por mim num tropel, preparando-se para receber as carruagens dos convidados. Um deles, um cocheiro particularmente rude chamado Horick, xingou-me quando pisei no seu pé, depois que um outro me empurrou para o lado. Uma palavra minha à rainha poderia custar seu emprego, e pensei em lhe dizer isto, mas resolvi ir em frente. Não haveria modo mais certo de fazer os outros criados se voltarem contra mim, e, do modo como estavam as coisas, eu já sentia muito bem a solidão do meu cargo.

Algumas criadas passaram correndo em direção ao Grande Salão, carregando taças e poncheiras preciosas. Petra me descrevera na véspera os preparativos do banquete. Todas as peças dos mais finos aparelhos de jantar em ouro e prata tinham sido polidas, os melhores cristais estavam expostos, tapeçarias tinham sido trazidas de todo o palácio para que todas as paredes ficassem cobertas de cor. O rei e a rainha se sentariam à mesa no estrado, com Rosa a seu lado no berço. Após o almoço e a apresentação habitual de músicas e poemas em homenagem à criança, os convidados mais ilustres dariam seus presentes. Esperava-se que essa procissão levasse horas, após as quais os convidados estariam novamente com fome e o jantar seria servido.

Senti a mão de alguém puxar-me pelo ombro e me virei para ver Petra, que me examinava com aprovação.

– Que vestido lindo – disse.

– Foi presente da rainha, para o batizado.

– Você foi à catedral?

– Fiquei lá no fundo, espremida num canto. Nem de longe um lugar de honra.

Petra olhou de relance para as criadas que passavam apressadas.

– Agora não posso conversar. Estou arriscando levar um grande sermão por já ser tão tarde. Encontro você aqui, depois?

– Não sei... Talvez a rainha precise de mim – respondi.

Era uma desculpa conveniente, que eu já usara muitas vezes para evitar as reuniões dos criados.

– Sem dúvida ela vai lhe permitir uma ou duas horas de diversão, não é? Todas as garotas estarão loucas para saber da cerimônia. E eu ouvi dizer que um certo caçador vai cantar.

Sorrimos uma para a outra, eu de forma hesitante, ela maliciosamente. O rapaz que cuidava dos cães de caça do rei era tema de muitas conversas entre as criadas do castelo. Sentindo-me grata pela aproximação amistosa, eu lhe disse que tentaria comparecer.

Petra sorriu e se virou para ir embora.

– Vou esperá-la – falou, com uma olhadela para trás, enquanto saía correndo.

Quando cheguei aos aposentos da rainha, uma das camareiras me disse que ela

já tinha ido para o Grande Salão. Voltei a descer correndo, desviando das damas vestidas com extravagância e dos cavalheiros que desfilavam pelos corredores, exibindo-se uns para os outros. Quando entrei no salão, vi o rei e a rainha do outro lado, cumprimentando convidados que eu não conhecia, mas cujas capas requintadas indicavam sua condição de nobres. Condes, lordes e príncipes de todas as terras compareceriam, e o rei estava decidido a deslumbrar a todos.

Esgueirei-me por entre a aglomeração de pessoas até atrair a atenção da rainha Lenore. Comecei a pedir desculpas pela demora, mas ela apenas inclinou a cabeça para o lado, indicando que eu deveria assumir meu lugar. Desviei de mais algumas pessoas até chegar à parede atrás do estrado, de onde poderia assistir aos procedimentos mantendo-me facilmente à disposição da rainha.

De repente, houve um toque alto de trombetas. Os convidados correram para ocupar seus lugares, em meio ao burburinho das conversas e o farfalhar das saias. O rei levantou-se do trono. Estava resplandecente em seu manto roxo e dourado, irradiando felicidade.

– Belas senhoras e gentis cavalheiros, tenho a honra de receber-vos nesta gloriosa comemoração. Hoje vos apresento minha filha, Rosa, como minha herdeira, com todos os direitos implícitos a este título.

Vi os convidados se entreolharem, reconhecendo a importância daquele momento em que o rei estava rompendo com a tradição, e me lembrei da advertência de Millicent sobre as forças que se reuniam contra ele. Se havia súditos desleais espreitando nesse grande grupo, não vi sinal deles.

– O futuro deste reino tem sido motivo de grande apreensão, tanto para nós quanto para minha família – prosseguiu o rei. – Quaisquer que tenham sido os temores surgidos no passado, confio que a chegada de Rosa acabe com eles. Que o nascimento dela prenuncie uma era de glória para todos nós.

Ele ergueu sua taça de ouro, cravejada de pedras preciosas de todas as cores, e os convidados puseram-se de pé e também levantaram suas taças, num brinde generalizado que explodiu pelo salão. Tentei gravar na mente todos os detalhes daquela cena, imaginando que poderia, um dia, contá-los a Rosa. Seria possível que uma criança pequena, ainda por cima menina, fosse capaz de reger uma era de glória? Foi o que desejei, de todo o meu coração.

Depois do brinde, travessas de comida foram trazidas por um exército de criados. Reparei que até as camareiras e os pajens tinham sido postos para servir. Sem dúvida foi um sinal do meu prestígio com a rainha o fato de eu não haver recebido ordens de me juntar aos demais. Ela me fez sinal algumas vezes durante a refeição – uma vez para que lhe levasse um lenço úmido, pois o salão estava quente por conta da lotação, outra para secar uma pequena quantidade de vinho que fora derramada a seus pés –, mas, na maior parte do tempo, mantive-me afastada, observando. Quando chegaram os malabaristas e dançarinos, que tentaram fazer sua apresentação na faixa estreita que separava os dois lados do salão, meu rosto

estava ruborizado e meus pés doíam.

Mas ainda haveria outra coisa a suportar: o desfile interminável dos presentes. Por ordem de posição na hierarquia nobiliárquica, os convidados eram escoltados até o estrado, onde apresentavam presentes escolhidos pelo poder de impressionar o rei e a rainha. A pilha de joias, peles e ouro crescia, era levada do salão e tornava a crescer. Vi o passar das horas desgastando a rainha; ela se inclinou de lado em seu trono, com o sorriso gentil de sempre, mas com o corpo arriado de cansaço.

A última presenteadora, uma fidalga idosa cujas costas se curvavam numa mesura permanente, arrastou os pés até o estrado. O espírito de animação que antes prevalecera na sala tinha se dissipado no correr da tarde, e agora os convidados bocejavam e cochichavam entre si, entediados com aquele cerimonial. O vestido que eu colocara com tanto orgulho pela manhã estava amarrotado e úmido de suor, e meus cachos arrumados com precisão haviam murchado. Não havia nada que eu desejasse mais do que desabar em meu catre e dormir.

Em meu embotamento distraído, levei alguns instantes para perceber que o clima do salão se modificara. O que notei primeiro foi o burburinho de vozes truncadas junto à porta. Fiquei na ponta dos pés, olhando em volta para descobrir a origem, mas a multidão era grande demais. Percebi que a comoção aumentava e diminuía, como uma onda passando pela superfície de um lago. E então, ao ver uma pessoa em especial emergir da massa de cortesãos, fiquei sem respiração.

Millicent não parecia uma mulher caída em desgraça. Ostentava o porte majestoso de qualquer rainha, a capa preta rodopiando em torno de seu corpo empertigado. Usava um vestido verde e púrpura – as cores da família real – e seus brincos de ouro cintilavam à luz das velas. Jamais esquecerei a visão de seus passos firmes, a postura irradiando força. Naquele momento, estava linda e assustadora, e eu me senti sucumbir mais uma vez à sua misteriosa sedução. Se ela houvesse mandado que eu me curvasse ante sua presença, eu o teria feito sem questionamento.

Millicent parou junto à borda do estrado, bem diante do rei, e todos os sons cessaram. Ela apontou para a pilha de presentes preciosos aos pés do soberano.

– Receio haver chegado com um atraso imperdoável – falou, e sua voz sonora vibrou por todo o salão emudecido. – Será que todos os presentes já foram dados?

A rainha Lenore manteve-se perfeitamente imóvel; talvez, aos olhos dos convidados, tenha ficado indiferente à chegada de Millicent. Só eu percebi seus maxilares enrijecidos e suas mãos cruzadas com força no colo. As faces do rei enrubesceram, e notei o esforço que ele fez para se controlar antes de falar:

– Minha senhora, a celebração está no fim.

– Quero apenas apresentar meus cumprimentos – retrucou Millicent, baixando a cabeça num gesto de súplica.

A rainha Lenore estendeu a mão e a pôs no braço do marido. Ele a olhou de relance e fez um sinal afirmativo com a cabeça para Millicent, estreitando os olhos com desconfiança.

– Obrigada – disse Millicent, com uma mesura elaborada. – Tenho, sim, um presente para lhes oferecer, mas é um que já receberam. – Esticou os dedos longos e ossudos na direção do berço: – É sua linda filha.

O rei ia protestar, mas Millicent falou depressa, para calá-lo.

– Pergunte à querida Lenore. Ela lhe contará como meus esforços acarretaram este milagre.

O rei virou-se para a esposa, mas ela manteve o olhar fixo à frente, observando e aguardando, com o corpo tão imóvel que era como se houvesse esquecido de respirar.

– Ainda assim, recebi a sua gratidão? Não. Em vez disso, você optou por me envergonhar, expulsando-me do reino como se eu fosse uma reles mendiga. Tirou tudo de mim: minha casa, meu bom nome, minha felicidade. E por isso, meu bondoso rei Ranolf, eu lhe tirei sua felicidade.

Como que sentindo o que estava por vir, a rainha Lenore estendeu a mão para o berço e agarrou a mãozinha de Rosa.

– Sua filha, sua mulher, seu amado reino: você perderá tudo – prosseguiu Millicent, elevando a voz em triunfo. – Não hoje nem amanhã. Não. Quero vê-lo agarrar-se a seu trono, enquanto observa a dissolução de seu poder. Quero que viva com medo todos os dias, sem saber quando virá o golpe final. Quero que veja sua filha crescer, amando-a mais a cada ano, até ela ser arrebatada para sempre.

Apesar da minha repulsa, permaneci enfeitiçada pela voz de Millicent, por sua presença fascinante. A corte inteira devia ter sido afetada da mesma forma, pois ninguém fez nada para detê-la.

Millicent baixou a voz num murmúrio e se inclinou para o rei:

– Há inúmeras maneiras de tirar uma vida. Um elixir derramado numa taça. Uma poção espalhada num travesseiro. Talvez um toque de veneno na ponta do fuso de uma roca. Lenore, você aprecia essas artes femininas, não é? Imagine a sua filha no auge da juventude e da beleza, espetando um dedo e caindo morta à sua frente. O que você faria?

Ainda me lembro da risada dela. Aquele som arrepiante instalou-se na minha memória para sempre, a vingança de Millicent contra mim. A rainha Lenore deu um grito que despertou o rei de seu transe horrorizado. Ele saltou do trono e partiu para atacar Millicent com as próprias mãos, numa fúria de campo de batalha. Mas ela estava preparada para essa investida. Pulou para trás, rindo, e o rei tropeçou no estrado e caiu no chão.

– Você passará o resto da vida com medo – disse ela, com um sorriso terrível. – Este, meu caro Ranolf, é o presente que lhe ofereço.

Em seguida, ela desapareceu. Mais tarde, ao longo dos anos, as pessoas diriam que aquilo aconteceu por magia, que ela sumiu do salão numa nuvem de fumaça. Embora eu possa jurar que isso não aconteceu, o que vi também não foi mais verossímil. Num instante, Millicent estava parada no centro do aposento; no seguinte,

embrulhou-se em sua capa, virou-se e desapareceu na multidão. O rei gritou para que os guardas fossem atrás dela, e houve um clamor de indignação e confusão quando os cavaleiros abriram caminho pela aglomeração de convidados, mas de nada adiantou. Millicent escapuliu do Grande Salão sem ser vista.

Atrás de si, deixou uma onda de choque e horror. Alguns convidados juntaram-se em pequenos grupos e discutiram o que se deveria fazer; outros ficaram mudos diante do que tinham visto. A rainha Lenore era sacudida pelos próprios soluços enquanto tirava Rosa do berço e envolvia a menina com o corpo, como para protegê-la do ódio de Millicent. A bebê começou a chorar alto, sem encontrar conforto no abraço da mãe.

O som me despertou do meu assombro horrorizado. Ajoelhei-me diante da rainha, ansiosa por protegê-la daquele desvario.

– Venha, milady – chamei, com urgência.

Com delicadeza, tirei Rosa dos braços da rainha e disse à babá que a levasse para cima. Os gritos da menina e o tumulto ao redor deixaram-me zozna e confusa. Depois de olhar para o rei em busca de orientação, fiz a rainha entrar por uma pequena porta atrás de nós, que levava à Sala de Recepção, o aposento em que, animada, ela havia recebido visitas durante toda a gravidez, tendo a seu lado uma Millicent envaidecida e orgulhosa. Assim que entramos, o rei Ranolf fez um sinal para seus guardas, que fecharam a porta atrás dele, silenciando a confusão do lado de fora. O rei segurou as mãos da esposa, porém ela teve uma explosão de fúria, socando o peito do marido com os punhos.

– O que você fez? – berrou.

Eu nunca a vira tão descontrolada, e aquela imagem me horrorizou quase tanto quanto as ameaças de Millicent. O rei a segurou pelos cotovelos e ela vergou sobre o peito do marido, enquanto sua fúria se transformava em desespero. Por pouco não desatei eu mesma em lágrimas.

– Eu lhe implorei para convidar Millicent – soluçou a rainha, fazendo pausas entre as palavras para recobrar o fôlego. – Você se recusou, e esse é o preço que estamos pagando.

– Ela é louca! Como se atreve a dizer que Rosa foi um presente dela para nós?

– Porque foi – disse a soberana, cujos soluços foram suavizando e se transformaram num gemido.

Ela não olhou o marido nos olhos.

– Como isso é possível? – perguntou o rei.

Atrás de nós, ouvi uma batida leve na porta. Como eu não quis que o rei e a rainha fossem incomodados nesse momento, corri até lá e a entreabri. Para minha surpresa, vi Flora parada à minha frente – uma frágil visão, envolta numa capa cor de marfim.

– Lenore. Ranolf. Preciso falar com eles – falou.

Abri a porta apenas o bastante para deixá-la entrar. Ela se movia com timidez e

hesitação, como uma donzela recatada de 16 anos e não uma mulher bem além da meia-idade. Trazia as mãos à frente do corpo, com os dedos entrelaçados num gesto de oração, e mais parecia flutuar que andar em sua saia de cauda. As bordas estavam esgarçadas e sujas, um sinal de anos de uso, e o cabelo branco e ondulado fora preso de qualquer jeito numa massa instável, que ameaçava desabar a cada movimento da cabeça.

A rainha Lenore deixou escapar um grito e se afastou dos braços do marido.

– Ajude-nos! – implorou, caindo aos pés de Flora. – Estamos condenados!

Flora alisou o cabelo da rainha com as pontas dos dedos.

– Eu temia que Millicent viesse – disse devagar, com a voz enferrujada pela falta de uso. – Acredite, fiz o melhor que pude para impedi-la. Mas estava fora do meu alcance.

– O que podemos fazer? – gemeu a rainha.

– Controle-se! – ordenou o rei. – Não permitirei que você seja destroçada pelas vis mentiras da minha tia!

– Ah, mas ela disse a verdade – repetiu a rainha Lenore, exausta, levantando-se do chão. – Sem Millicent, eu nunca teria dado um bebê a você.

– O que quer dizer?

– A peregrinação – respondeu a rainha, com a voz baixa e hesitante, o olhar abatido. – Foi ideia de Millicent buscarmos a intervenção de Santa Agrelle, no convento que recebeu esse nome em homenagem a ela. Só depois de chegarmos foi que ela me contou a história toda. A razão por que a própria Santa Agrelle tinha feito a viagem até lá, muitos anos antes.

Enquanto o rei esperava que a mulher continuasse, Flora assumiu uma expressão desolada.

– Não – sussurrou.

Meu estômago contraiu-se de pavor. O que Millicent teria feito?

Flora virou-se para o rei.

– Havia histórias, transmitidas de uma mulher para outra. Afirmações de que mulheres estéreis conseguiam conceber depois de visitarem o alto daquela colina. Houve quem dissesse que lá se fizeram sacrifícios terríveis a uma deusa, na Antiguidade, mas não posso acreditar que Millicent...

– Feitiçaria? – zombou o rei. – Tolice!

Lembrei-me das estatuetas no quarto de Millicent, as peças esculpidas que retratavam mulheres nuas, com a barriga grande e redonda. Depois de meses eu ainda sentia a estranha atração que elas haviam exercido sobre mim, como se pedissem para que minhas mãos as segurassem. No fundo eu soubera que aquelas criaturas tinham um toque de perigo, mas havia aceitado uma delas. Dormira com ela embaixo do travesseiro. Será que tinha posto minha própria alma em perigo?

A rainha Lenore encarou nós três, um de cada vez, observando a careta de desconfiança do rei, o olhar angustiado de Flora e minha inquietação temerosa.

Então ela empertigou os ombros delicados e cativou-nos com sua voz rouca e melodiosa:

– Passamos três dias lá. Rezamos, fizemos as refeições com as freiras que cuidam do santuário, caminhamos pelo terreno. Foi tudo como eu havia esperado, até nossa última noite. Millicent esperou que Isla e as outras damas de companhia dormissem, entrou pé ante pé no meu quarto e me acordou. Disse-me para ir com ela como estava, de camisola. Devia passar de meia-noite. A lua se escondera atrás das nuvens e eu mal conseguia enxergar o caminho que saía do convento.

– Ela me fez entrar na igreja e acendeu uma vela – prosseguiu. – Achei que queria que rezássemos pela última vez, mas ela me conduziu a uma pequena antessala. Embaixo do tapete de corda que cobria o piso havia um alçapão de madeira. Ela o levantou e vi uns degraus estreitos e sujos que levavam ao subsolo. Um sopro de ar atingiu meu rosto. Era tão frio e úmido que tive a sensação de estar olhando para um túmulo. Parei, balancei a cabeça e disse que não iria. Não sei explicar o que aconteceu em seguida. A ideia de entrar naquele fosso me apavorou. No entanto, quando Millicent foi em frente e começou a descer, eu a segui. Daquele momento em diante, compreendi que faria o que ela pedisse.

Flora balançou a cabeça devagar, reconhecendo a força da vontade de sua irmã. Será que tinha passado a vida inteira obedecendo às ordens de Millicent? Senti uma fisgada profunda de compaixão por ela, assim como pela pobre rainha Lenore. Se eu estivesse em seu lugar, teria seguido Millicent naquela escada com a mesma presteza.

– O caminho abriu-se aos poucos diante de nós – recomeçou a rainha –, revelando um aposento grande no bojo da terra. Havia pedras chatas, com estranhas letras entalhadas, e esculturas toscas de mulheres, dispostas em círculo no chão. Bem no centro ficava um trecho de terra preta, do tamanho de um poço. Millicent segurou minhas mãos e começou a balbuciar palavras que mal consegui entender, tamanho meu estado de confusão. Falou de uma Grande Mãe e do poder concedido àquelas que a serviam. Eu sabia que aquilo era blasfêmia, mas não tive forças para resistir.

– Como eu já disse – declarou o rei –, aquela mulher perdeu o juízo!

– Não espero que você compreenda – disse a rainha Lenore, num tom mais melancólico que desdenhoso. – Só peço misericórdia quando eu lhe contar o que aconteceu em seguida. Num instante eu estava ouvindo as divagações dela, e no seguinte vi um clarão prateado, quando ela ergueu uma faca no ar acima de nós. Perguntei-me se pretendia me matar, mas eu estava tão fascinada por ela que não senti medo. Millicent segurou meu braço, com a faca sobre meu pulso. Eu só teria que fazer um juramento de sangue, aceitando o domínio dela sobre mim, e o meu desejo mais profundo seria concedido. Foi nesse momento que me dei conta da natureza das manchas escuras que se espalhavam pelas pedras e pelo chão de terra.

O rei fez uma careta, enojado, e meu estômago se contorceu de repulsa. A rainha Lenore virou o rosto desolado para o marido, como se apenas ele pudesse oferecer-lhe a absolvição.

– Talvez eu esteja amaldiçoada para sempre, mas aquela era minha última esperança. Vi um filete vermelho escorrer da minha pele quando Millicent fez um corte no meu braço, e jurei fazer tudo o que ela pedisse. Millicent afirmou que os desejos da deusa seriam cumpridos e que, se eu me deitasse com meu marido ao voltar para casa, ficaria grávida. Retornei ao meu quarto como se fosse num sonho. Passei o resto da noite pegando no sono e acordando em seguida e, pela manhã, estava arrasada de culpa. Durante toda a viagem para casa, angustiei-me com o que tinha feito. Hesitei em chamar você para o meu quarto, tamanho era o meu medo de qual seria o desfecho. E então, quando descobri que tinha engravidado... – Os olhos da rainha estavam marejados de lágrimas. – Fiquei muito feliz, mas também com muito medo. Não podia negar nada a Millicent.

– Basta dessas mentiras! – ordenou o rei, interrompendo o transe que se apossara de todos nós com a narrativa da rainha. – Foi um sonho, provocado pelos murmúrios traiçoeiros da minha tia.

– Você não acredita em mim? – perguntou a rainha, com expressão incrédula. – Olhe! Veja a prova gravada na minha carne!

Estendeu o braço para o marido, com a palma da mão virada para cima, e o tecido cintilante de sua manga deslizou para trás. Uma cicatriz enrugada era tudo o que restava do corte fundo que eu havia notado na manhã de minha primeira conversa com ela. Nesse momento, ao ver a prova da barganha blasfema, fiquei desolada. A mulher que eu via como um modelo de graça e gentileza tinha se mostrado capaz de uma maldade, e temi que meu amor por ela fosse eternamente maculado pela lembrança daquele corte em sua pele. Só muitos anos depois, quando eu mesma suportaria a tristeza pela falta de filhos, foi que consegui compreender a decisão da rainha sem julgá-la. Nenhum de nós pode saber do que é capaz até ser posto à prova.

O rei puxou com rispidez a manga da rainha Lenore, para esconder a cicatriz.

– Não quero mais ouvir falar disso – declarou em tom severo, como um pai repreendendo uma filha rebelde.

Flora, que permanecera de olhos arregalados, mas em silêncio, durante todo o relato da rainha, deu um pequeno passo à frente.

– Ranolf – disse –, não duvide da determinação da minha irmã. Se ela jurou vingança, encontrará um modo de executá-la.

A rainha prendeu um soluço e Flora tomou sua mão.

– Nem tudo está perdido – falou, acalmando-a. – Não posso desfazer a maldição de Millicent, mas posso manter Rosa e a família a salvo.

O rei a fitou com dúvida nos olhos, mas a rainha mostrou-se ávida por acreditar nas palavras de Flora.

– As ervas da minha horta podem ser usadas para curar. Talvez Millicent tenha o poder de fazer Rosa adoecer, mas ela não morrerá, eu juro.

– Não quero você praticando essas artes obscuras com minha filha – resmungou

o rei.

– Artes obscuras! – exclamou Flora, balançando a cabeça depressa enquanto um rubor lhe inundava o rosto. – Meus tratamentos aliviam a dor e abrandam as febres. Não há nada de obscuro neles.

Eu duvidava que a tia excêntrica do rei tivesse habilidade para enganar a morte, mas, pelo modo como os olhos da rainha se iluminaram, vi que ela estava confiante nas palavras de Flora. Poderia a salvação do reino estar nas mãos daquela mulher tímida e desgrenhada?

O soberano permaneceu em silêncio por um momento, e não fui a única a temer o que ele diria em seguida. Seus olhos pareciam fixados num ponto a quilômetros de distância e seu peito estremecia com o esforço de manter a respiração regular. Assim como sua riqueza superava a de qualquer homem do reino, o mesmo acontecia com suas paixões. Será que aquela história terrível destruiria para sempre os ternos sentimentos que tanto o haviam aproximado de sua esposa grávida? Ou será que aquele amor teria força suficiente para moderar sua ira?

– Farei o que tiver de fazer – disse ele, enfim, estendendo as mãos para segurar as da rainha. – Se isto tranquilizar seu espírito, colocarei provadores na cozinha para testarem nossa comida. Esse é o costume em outras cortes. Ninguém achará impróprio se fizermos isso.

– As rocas de fiar – lembrou a rainha. – Não consigo parar de pensar no que ela falou, sobre a Rosa espetar um dedo...

– Se você quiser, mando queimar todas as rocas do castelo.

– As pessoas vão pensar que enlouqueci – sussurrou ela.

O rei Ranolf sempre havia me inspirado mais medo que amor, porém, naquele momento, meu coração encheu-se de afeição por ele, por não ter zombado de sua mulher nem descartado os temores dela. Simplesmente a puxou para junto de si e falou como se os dois fossem as únicas pessoas na sala:

– A sua vontade é a vontade do povo. O que você quiser, será feito.

A rainha Lenore assentiu.

– Expulse de seus pensamentos as palavras venenosas de tia Millicent – insistiu o rei. – Os atos dela foram os de um traidor, e ela terá a punição dos traidores.

Os olhos de Flora correram nervosamente do soberano para a rainha Lenore e para mim. Com esse olhar, ela e eu nos tornamos aliadas, jurando em silêncio fazer o que fosse preciso para poupar a rainha de outras angústias de culpa. Apesar das garantias do rei, não me senti mais segura naquele instante do que nos momentos que se seguiram ao discurso arrebatado de Millicent. Eu conhecia muito bem a sua astúcia, a sua capacidade de moldar os atos dos outros a seus objetivos. Eu podia odiá-la pelo que tinha feito com minha senhora, mas nem eu era capaz de jurar diante de Deus ser resistente à influência dela. Millicent conhecia minhas fraquezas como ninguém, e não relutaria em usá-las contra mim.

– Aquela bruxa não nos destruirá – prometeu o rei.

No entanto, ao espalhar as sementes da desconfiança e do medo, Millicent já havia começado a fazer exatamente isso.

## NOVOS COMEÇOS

A fogueira ardeu a noite inteira, ferindo os céus com sua luz desafiadora. Todas as rocas do castelo tinham sido quebradas e queimadas no pátio e, no dia seguinte, num gesto de lealdade, as mulheres de St. Elsip levaram as próprias rocas para o sopé do morro, fora dos portões. Agora a pilha erguia-se acima da cabeça dos homens mais altos, e as últimas peças a chegar foram levadas para o topo com a ajuda de escadas que tinham sido apoiadas em suas laterais. Juntei-me ao grupo das damas de companhia da rainha nas janelas da sala de lady Wintermale, que davam para o centro da cidade, e vi um guarda subir na escada, ao pôr do sol, e acender a pilha. Foi uma visão emocionante, e me vi cativada por aquela pilha estalando e soltando fagulhas. A sala de trabalho vazia e silenciosa da rainha Lenore fez-me lamentar tudo o que fora perdido, mas torci para que a ardente exibição fora dos muros mostrasse a Millicent, onde quer que ela se encontrasse, que os súditos do rei estavam unidos contra ela.

No dia seguinte, porém, ouvi um grupo de lacaios resmungando que as precauções do rei tinham ido longe demais.

– Ele mandou destruir a igreja de Santa Agrelle – disse um deles, que eu vira postado muitas vezes do lado de fora da Câmara do Conselho. – E o convento também, até as fundações. Diz o rei que aquele é o retiro favorito de lady Millicent e que não quer que ela se esconda lá.

– Assim como qualquer um, eu gostaria muito que ela morresse, mas isso está longe de ser razão para derrubar uma casa do Senhor, não acha? – perguntou um dos outros homens.

– Não vai ser apenas derrubada – retrucou o primeiro. – Também será incendiada e deixada lá para apodrecer. “Deixem a terra arrasada e estéril”, foi o que ele disse. Os nortistas usarão isso como mais um ponto contra ele, pode ter certeza.

O homem parou de falar de repente, ao notar que eu parara para ouvir. Virando rapidamente as costas, escondi deles o meu rosto, pois não queria que se espalhasse no castelo o boato de que eu tinha sorrido aliviada ao saber da destruição de uma igreja. Isso sem dúvida seria proclamado como um sacrilégio pelos DeRauleys, os parentes desleais do rei que dominavam o norte do reino, mas também corria o risco de ofender até mesmo os defensores mais inabaláveis do soberano.

Se a destruição daquele recinto respingado de sangue sob a terra pretendia tranquilizar a rainha, não surtiu o efeito desejado. Ela insistiu que Rosa passasse a dormir na sua cama, contrariando os desejos de suas damas de companhia e do rei.

– Não permitirei que ela seja criada como uma camponesa – disse ele. – Está na hora de ela se mudar para o quarto das crianças.

– Ainda não! – implorou a rainha Lenore. – Não enquanto ainda é tão pequena.

Vi a dor lampejar nos olhos do soberano e soube que ele cederia.

– Farei tudo o que estiver em meu poder para protegê-la, eu lhe prometo.

Ele o rei cumpriu a palavra. O número de guardas nos portões do castelo triplicou, e qualquer visitante ou embrulho era minuciosamente revistado antes que a entrada fosse permitida. Isso gerou muitos resmungos entre os mercadores, obrigados a aguardar em fila durante horas ao longo da estrada, e as famílias nobres protestaram formalmente ao saberem que também elas teriam suas capas e seus pertences inspecionados. Para nós que vivíamos atrás dos portões, era como se o castelo estivesse sitiado. Eu mal saía dos aposentos reais, pois a rainha Lenore fazia questão da minha presença em todos os horários. Durante os meses seguintes, só me aventurei fora do perímetro do castelo uma única vez, para ir ao batizado da nova neta de tia Agna, Prielle. Segurei a neném no colo e passei os lábios pela penugem em sua cabeça, aspirando seu cheirinho e desejando que a princesa Rosa pudesse ser acolhida no mundo com a mesma serenidade. Prielle ao menos levaria uma vida simples, sem o estorvo dos fardos terríveis da realeza.

Não tivemos mais notícia de Millicent. O rei mandou seus melhores homens à procura dela, mas talvez a mulher tivesse poderes mágicos, afinal, pois todos voltaram de mãos vazias. Ela havia desaparecido como um fantasma. A ideia de que ainda pudesse estar tramando algo contra a família era um grande peso para a rainha Lenore, e vi o preço que isso lhe cobrava em noites insones. Ela se agitava quando Rosa não estava ao alcance de seus olhos e não permitia que nenhuma das outras damas de companhia a segurasse. A menina era mais tranquila do que qualquer bebê que eu conhecesse, mas, em vez de agradecer pelo temperamento da filha, a rainha temia que a calma fosse um presságio de doença.

As únicas garantias da saúde de Rosa que eram consideradas pela rainha eram as dadas por Flora. A tia do rei não renunciara inteiramente a seus hábitos excêntricos nas semanas posteriores ao batismo, mas foi aos poucos emergindo de seu isolamento. Passou a cuidar de suas ervas em plena luz do sol, em vez de apenas ao amanhecer ou anoitecer, e se tornou uma visitante regular dos aposentos reais. Após tantos anos de silêncio contido, as conversas informais não lhe eram fáceis, e ela escapulia como uma lebre assustada quando grupos de senhoras enchiam o jardim numa massa tagarela. No entanto, foi Flora, nossa salvadora improvável, quem livrou a rainha do medo que ameaçava aprisionar-nos a todos.

Foi numa tarde luminosa de primavera, do tipo que antes teria inspirado a rainha Lenore a ir ao jardim para conversar sobre novos plantios ou colher flores para seus aposentos. Mas ela não pusera os pés do lado de fora nos três meses decorridos desde o batismo de Rosa. Demorei-me à janela da sala de estar, contemplando as árvores e os arbustos recém-floridos. Lá embaixo, uma figura conhecida emergiu da horta e caminhou lentamente pela trilha sinuosa, fazendo um trajeto que eu mesma ansiava por fazer.

Flora olhou para cima e ergui uma das mãos para cumprimentá-la. Em resposta, ela levantou um luminoso buquê de botões amarelos, os primeiros da estação.

Encantada, fiz sinal para que fosse se reunir conosco. Logo ela estava na sala de estar da rainha, segurando seu presente primaveril.

– Venha ver, milady – falei, entusiasmada. – Os narcisos estão desabrochando!

A rainha Lenore deu uma rápida olhadela, observando Flora e os botões sem maior emoção. Tudo o que um dia lhe dera prazer – flores, música, poesia – fora esquecido, substituído pelos temores a respeito de Rosa. Flora deu um profundo suspiro, e o som fatigado abarcou todo o nosso desespero.

– Minha querida, isso não pode continuar – falou, em tom gentil.

A rainha Lenore deslizou o dedo pelo biquinho dos lábios de Rosa. Em resposta, a boca da neném estremeceu e se curvou para cima, num sorriso animado, mostrando as gengivas – o primeiro que ela dava. A rainha prendeu a respiração e olhou para mim.

– Elise, você viu isso? Viu o sorriso da nossa Bela?

– Vi, sim, milady – respondi, acenando alegremente com a cabeça.

O pequeno gesto da bebê foi contagioso, pois logo a rainha Lenore estava rindo e estalando os dentes para a filha, encantada. Aquilo me fez vê-la como qualquer outra mãe, divertindo-se com a cria em vez de temer por cada respiração dela. A rainha levantou-se e exibiu com orgulho a nova gracinha da neném para suas damas de companhia, e em seguida olhou pela janela para o jardim lá embaixo.

– Como o tempo passa rápido... – murmurou. – Talvez um passeio faça bem a todas nós.

Corri para buscar seu xale, antes que ela mudasse de ideia. As outras damas de companhia devem ter sentido a mesma urgência, pois saltaram de seus assentos e ficaram rondando a porta. Quando saímos do castelo, poderíamos ser tomadas por um alegre bando de aventureiras, cerca de uma dúzia de damas e acompanhantes que consideravam um passeio no jardim com o mesmo entusiasmo com que antes teriam aguardado um baile da realeza.

Flora afastou-se do grupo e eu a segui, curiosa a respeito dos canteiros escondidos de que ela cuidava com tanto esmero. Minha mãe havia cultivado algumas das mesmas plantas em sua horta, ao longo da minha infância, e Flora sorriu de satisfação quando reconheci alguns dos brotos pequeninos. Em seu íntimo, a timidez que a dominava foi aos poucos desaparecendo.

– Todas essas plantas têm usos medicinais? – perguntei.

– Sim – disse ela, assentindo com a cabeça e fazendo a cabeleira balançar. Uma vez solta, sua voz começou a fluir com rapidez, até com entusiasmo. – Quase todas em combinação com outros tônicos. Alguns ingredientes não são muito fáceis de obter.

– É um dom maravilhoso – comentei. – O poder de curar.

– Ah. Você acha que é um dom?

Por um instante repentino e desnorteante, ela me lembrou sua irmã, Millicent pelo modo de arquear as sobrancelhas, fitando-me com um olhar que parecia penetrar nos meus pensamentos mais íntimos. É perturbadora a sensação de estar completamente indefesa diante de outra pessoa. Mas, enquanto as atenções de Millicent sempre haviam guardado uma corrente subjacente de perigo, não senti o mesmo medo em relação a Flora. *Ela está me examinando*, pensei. *Para quê?*

– Não há magia nas minhas curas – disse, por fim. – Minha mãe me ensinou tudo o que sei, transmitindo o que tinha aprendido com sua mãe e sua avó. Da mesma forma, devo ensinar isto a outra pessoa, um dia. Seria uma grande perda se este conhecimento morresse comigo.

Ela me encarou com os olhos verde-acinzentados. Compreendi o sentido por trás de suas palavras, mas não pude acreditar que ela viesse a me confiar tais segredos.

– Você é muito jovem, mas a sua dedicação à rainha e à menina é clara. Vamos ver. Vamos ver.

Antes que eu pudesse comentar, fomos interrompidas pelo jardineiro-chefe, que estava mostrando à rainha Lenore onde planejava plantar novas sebes. Ela estava absorta na conversa, tendo esquecido sua inquietação habitual com Rosa, enquanto as outras damas de companhia se deleitavam com a luz do sol e a brisa leve. Quando tornei a me virar, Flora havia sumido, como costumava fazer. Fiquei intrigada e apreensiva ao pensar em trabalhar como sua aprendiz. A capacidade de curar doenças seria um poder maravilhoso, mas a responsabilidade também seria um peso enorme. Talvez constituísse uma penitência adequada pelas muitas vezes em que eu havia obedecido às ordens de Millicent.

A vigilância da rainha em relação a Rosa pode ter diminuído, mas a ameaça que pairava sobre a menina nunca era esquecida. A criança dormiu ao lado da mãe até depois do seu segundo aniversário, quando foi deslocada para o que antes tinha sido a sala de trabalho da rainha. Eu a pegava no colo e brincava com ela com a mesma frequência que suas duas babás. Quando a vi emitir as primeiras palavras ou soltar risinhos triunfais ao dar alguns passos sobre as perninhas bambas, vi-me assombrada por lembranças de meus falecidos irmãos. Vira meus irmãos mais novos passarem por essas mesmas fases, embora, no casebre da minha família, as crianças fossem basicamente ignoradas até serem capazes de trabalhar. Eu havia tentado com muito empenho evitar os pensamentos sobre minha vida anterior ao castelo, pois remoer as perdas que eu tinha sofrido poderia desestruturar-me por completo. No entanto, via ecos do rosto deles em Rosa e, vez por outra, no escuro, chorava de arrependimento por todos os momentos em que os havia rejeitado ou reclamado por ter que dividir minha comida. Rosa recebia mais afeição num dia do que meus irmãos tinham recebido durante da vida inteira.

Tentei agir corretamente com meu único irmão sobrevivente, Nairn, que havia permanecido na fazenda com meu pai. Sempre que ouvia falar de uma carroça que

fosse viajar na direção da minha aldeia, eu preparava um pacotinho de alimentos, com uma ou duas moedas embrulhadas lá dentro, e pedia que o entregassem na fazenda. Sempre dava instruções para que essas encomendas fossem entregues apenas ao Nairn, não a meu pai, mas não sabia se elas chegavam a ser recebidas. Nairn nunca me mandou notícias, embora eu dissesse a mim mesma que era por ele não saber ler nem escrever. Eu me permitia imaginar que ele estivesse escondendo o dinheiro, guardando-o para o dia em que conseguisse fugir, como eu.

A maldição de Millicent havia deixado uma cicatriz permanente na rainha Lenore, que nunca mais riu despreocupadamente nem se sentou cheia de entusiasmo diante de um tear, como costumava fazer antes de dar Rosa à luz. As noites, em particular, eram um tormento para ela – horas tenebrosas em que ela rondava a filha adormecida, à escuta de cada inspiração. Acho que a pobre criança nunca teve o prazer de uma noite inteira de repouso, pois a mãe a sacudia para acordá-la toda vez que sua respiração ficava muito leve, por medo de que as artes obscuras de Millicent houvessem triunfado sobre as precauções do soberano. Mas, ao longo desses dois anos, enquanto Rosa desabrochava, os meigos sorrisos da rainha Lenore foram voltando aos poucos e a tristeza em seus olhos diminuiu, mesmo sem jamais desaparecer por completo. Reinstalaram-se rocas nas salas das costureiras – apesar de elas nunca terem voltado a ser vistas nos aposentos reais –, e os nobres que passavam pelo reino em visita eram recebidos em banquetes no Grande Salão. Ainda assim, as diversões suntuosas continuaram a ser raras, por isso houve uma alegria considerável quando o rei e a rainha anunciaram que ressuscitariam uma tradição que remontava ao tempo dos avós do soberano: um torneio de verão.

Os preparativos começaram semanas antes, e o castelo foi tomado pelo alvoroço de todas as mulheres da nobreza querendo substituir suas roupas fora de moda por trajes mais elegantes. Até os criados entraram na agitação, pois na última noite a festa deveria estender-se ao Salão Inferior, e Petra me fizera prometer que eu iria. Embora sempre conscientes da tensão causada por nossa diferença de posição, tínhamos tentado reconstruir a amizade, e nossa maturidade crescente facilitou o processo. As habilidades e o encanto de Petra haviam lhe assegurado a ascensão entre os criados do castelo, e agora todos achavam que ela seria a eventual substituta da Sra. Tewkes.

– O rei nunca economiza na cerveja – garantiu-me ela, com os olhos reluzindo. – Se você estiver de olho em alguém, será a noite certa para pedir um beijo.

Enrubesci, como ela sabia que aconteceria, porque não existia ninguém especial; eu nunca chegara nem mesmo a andar de mãos dadas com um homem. Sensações perturbadoras e sensuais haviam percorrido meu corpo, então com 17 anos, no silêncio das madrugadas, quando, deitada em minha cama, eu recordava as histórias de Petra sobre o que acontecia nos cômodos da criadagem depois do anoitecer. Com tantos jovens solteiros morando juntos, havia certa rotatividade na formação e na separação de casais. Mas, assim como eu dormia longe dos outros

criados, também mantinha distância dessas práticas. Os únicos romances a que me entregava eram criações da minha imaginação. Eu havia aprendido muito bem as lições da vida de minha mãe.

– E você? – provoqueei, ansiosa por desviar de mim a atenção. – Para quem vai ficar piscando?

– É possível que um certo jovem pajem tenha captado minha atenção – disse ela, com um sorriso maroto, desafiando-me a adivinhar.

Os pajens do castelo formavam um grupo variado e bastante mutável, composto, em sua maioria, por rapazes de famílias nobres enviados à corte para aprender a manejar a espada de modo a estarem aptos para o combate, bem como para aprender boas maneiras. Alguns iam para a corte por poucos meses e partiam sem se destacar; outros permaneciam ali durante anos, alguns abrindo caminho para serem sagrados como cavaleiros e assumindo posições a serviço do rei. Eu conhecia pouquíssimos deles pelo nome.

– Vamos, diga-me – insisti.

– Dorian.

No mesmo instante eu soube de quem ela falava, por tratar-se do filho do conselheiro-mor do rei, sir Walthur. A posição do pai conferia ao rapaz alguns privilégios; ao contrário de outros pajens menos afortunados, não havia uma expectativa de que ele desempenhasse as funções de mensageiro ou entregador, mas que ajudasse os acompanhantes favoritos do rei em suas caçadas. Para minha surpresa, senti uma pontada súbita de inveja. Dorian tinha uma beleza notável e era objeto de muito interesse entre as damas de companhia mais jovens da rainha. Embora seu ar convencido me despertasse pouco interesse, eu não conseguia deixar de segui-lo com os olhos quando nossos caminhos se cruzavam. Presumira que certamente um rapaz como aquele nunca se rebaixaria a conversar com uma criada. No entanto, ali estava Petra, dando risinhos de expectativa, sem medo de flertar com o jovem mais bonito do castelo. Ah, se eu não fosse tão tímida! Embora admirasse um ou outro rapaz a distância, eu não era capaz de falar com nenhum deles sobre algo que não dissesse respeito a minhas obrigações.

– Difícilmente os pajens trocariam a recepção no Grande Salão por nossa humilde festa de criados – disse Petra –, mas sonhar não faz mal, faz?

– É claro que não – respondi, com um sorriso de alívio.

Dorian era uma fantasia passageira, mais nada. Eu não teria de ficar assistindo, em silêncio e constrangida, enquanto minha amiga dançava e trocava cochichos conspiratórios com um novo pretendente. Mas eu sabia que esse dia chegaria, e em breve. Petra era bonita e benquista demais para permanecer solteira por muito tempo. E, quando ela conhecesse seu par, será que a inveja faria com que eu me amargurasse pela felicidade dos dois?

Talvez tenha sido por essas ideias estarem pesando em meu pensamento que um encontro fortuito, no dia seguinte, impactou-me com tanta força. Eu estava voltando

do jardim para os aposentos da rainha, depois de minha excursão semanal para colher flores, quando quase bati de frente com um homem baixote e roliço que parou exatamente no meu caminho, do lado de fora do Grande Salão.

– Srta. Elise! Que prazer vê-la, depois de tanto tempo!

Era Hannolt, o sapateiro, acompanhado de um rapaz que eu não teria reconhecido se passasse por mim na cidade. Marcus havia crescido um bom palmo desde a última vez que eu o vira; agora era muito mais alto que o pai gorducho, e tive de inclinar a cabeça para cima a fim de olhar para seu rosto. Seus ombros e braços tinham-se alargado um pouco, embora a camisa ainda caísse solta sobre o corpo magro. Por entre os fios do cabelo preto que lhe obscureciam parte do rosto, vi olhos emoldurados por cílios espessos, além de maçãs rosadas e saudáveis. Sem seu uniforme de balconista, ele poderia passar por um fidalgo.

Hannolt e eu nos cumprimentamos e Marcus acenou com a cabeça.

– Diga alguma coisa, rapaz – instigou-o Hannolt. – Você se lembra da Elise, não?

Marcus tropeçou nas primeiras palavras, uma falha que o tornou ainda mais cativante para mim.

– Hum... é... hã... é um prazer vê-la, Elise, digo, Srta. ...

– Elise está bom – apressei-me a dizer. – Também é um prazer vê-lo.

Eu parecia uma das damas de companhia da rainha Lenore, conversando polidamente numa recepção, mas meu estômago se contraiu de inebriante expectativa. Marcus sorriu, e isso bastou para fazer meu coração disparar, pois seu rosto refletiu minha própria alegria com nosso reencontro repentino. Senti um calor formigar pelo corpo, espontâneo e inesperado. Nunca havia experimentado uma reação física tão intensa ao contato com um rapaz e tive de baixar os olhos para esconder o rubor que me subiu ao rosto.

Hannolt, como sempre, engatou rapidamente uma conversa:

– Parece que todas as senhoras refinadas estão encomendando sapatos novos para o torneio, e o sapateiro do castelo teve a gentileza de me recomendar, espalhando informações sobre os meus talentos. Recebi um pedido da própria lady Wintermale!

– E vai constatar que ela é uma cliente exigente – comentei.

– Nada a que eu já não esteja acostumado. Imagino que a senhorita se encontre muito com ela, durante seus serviços para a rainha. – Ele baixou a voz, como se discutíssemos grandes questões de Estado. – Ainda trabalha para ela, certo?

– Sim, eu estava justamente levando estas flores para os aposentos dela – respondi, indicando o buquê em minhas mãos.

– Ah, minha cara, espero não tê-la feito negligenciar suas obrigações. Se sua senhora a espera, por favor, não se demore por nossa causa.

Querendo muito que o encontro não fosse abreviado, aplaquei as preocupações de Hannolt, empurrando as flores para uma camareira que passava. Tive quase certeza

de ver os ombros de Marcus relaxarem, expressando o que só poderia ser alívio. Com uma olhadela ao redor em busca de uma distração, ofereci-me para lhes mostrar o Grande Salão, onde os criados, inclusive Petra, estavam finalizando os preparativos para o jantar. Escoltei meus visitantes impressionados numa volta em torno do aposento, explicando os arranjos intrincados da distribuição dos assentos e descrevendo alguns dos pratos suntuosos já servidos nos banquetes do rei. Hannolt ficou boquiaberto diante das tapeçarias primorosas e dos aparelhos de jantar de prata. A reação de Marcus foi mais comedida. Seria pretensão minha achar que seu olhar pousava com mais frequência em mim do que nas maravilhosas extravagâncias do salão?

Nervosa, continuei a tagarelar. As poucas perguntas feitas por Marcus foram atenciosas e ponderadas, porém na maior parte do tempo ele se contentou em ouvir, como se minhas palavras fossem importantes e dignas de consideração. Numa corte em que todos, inclusive os criados, lutavam para se fazer notar e admirar, achei estranhamente atraente a discrição dele. Marcus não se exibiu nem tentou chamar minha atenção; na verdade, pareceu meio intimidado pela imponência que o cercava. No entanto, quando nossos olhares se encontravam, revelavam uma intensidade de sentimentos totalmente desproporcional ao contato que havíamos tido até então. Ele se mostrou curioso a meu respeito, assim como me senti atraída por ele por razões que não pude compreender por completo. Ao passarmos lado a lado pela porta do saguão de entrada, a presença de Marcus, a apenas um palmo de distância, exerceu sobre mim uma atração que me deixou tentada a roçar as pontas dos dedos nos dele. Quase pude sentir uma centelha de prazer subindo por meu braço.

Logo fui desviada dessas ideias por uma comoção na escadaria principal. Num alvoroço de passos e vozes, o rei, a rainha e outros membros da corte desceram para jantar. Mais que depressa, afastei Hannolt e Marcus para um canto, logo depois de chamar a atenção da rainha Lenore, que se aproximou para falar conosco. Apresentei-a a todos rapidamente, mortificada por ter sido apanhada andando à toa por ali em vez de cuidar da roupa e do cabelo dela. Mas a rainha não me pareceu descontente, e sorriu quando Hannolt fez uma reverência tão profunda que quase ralou a testa no chão.

– Milady, é uma verdadeira honra – disse ele, com seus modos mais polidos. – Para um homem humilde como eu, estar na presença de tamanha glória é uma experiência que guardarei como um tesouro pelo resto da vida, tenha certeza...

Conhecedora dos sinais da prolixidade, a rainha logo o interrompeu:

– Elise, você recomendaria a arte de mestre Yelling?

– Sim, milady. Ainda uso os sapatos que ele fez para mim quando vim para o castelo.

– Hum. – A rainha deixou Hannolt tremer de expectativa por um momento e então o encantou, dizendo: – Talvez eu mesma tenha uma encomenda para o senhor, um dia.

O sorriso de Hannolt foi tão largo que era como se suas bochechas fossem romper-se com a tensão. Mal consegui conter uma risada, e Marcus deu-me uma olhadela com um risinho conspiratório, ao ver que eu estava me divertindo. Do lado de fora, o ribombar de um trovão anunciou a chegada da tempestade que passara a tarde inteira ameaçando cair.

– É hora de partirmos – disse Hannolt, com outra mesura. – Peço mil desculpas por retê-la.

A rainha Lenore olhou de relance para a bengala do sapateiro. O som súbito e cortante de um relâmpago fez todos estremecermos de surpresa.

– Não o deixarei voltar a pé para a cidade com este tempo – afirmou ela. – Por favor, permita que uma de nossas carruagens o leve.

– Eu não poderia – respondeu Hannolt.

– Eu insisto – retrucou a rainha, e se voltou para mim. – Você disse que o mestre Yelling mora no térreo da casa de sua tia.

Assenti.

– Pois tem minha permissão para visitá-la, se quiser. Diga ao cocheiro que a espere e a traga de volta.

Minha tia era o tipo de mulher que se aborrecia facilmente com visitas inesperadas na hora do jantar. Mas eu suportaria ouvir seus resmungos se isso significasse passar mais tempo com Marcus.

– Ótimo – disse a rainha, interpretando meu silêncio como concordância. – Demore o tempo que quiser.

Depois de me despedir da soberana, conduzi Hannolt e Marcus pelo corredor até a escadaria. Agora que meu desejo fora atendido, eu não conseguia pensar em nada para dizer, e Marcus pareceu sofrer de uma falta de inspiração semelhante. Por sorte, Hannolt tinha palavras suficientes para todos nós.

– Que honra! – exclamou ele, emocionado. – Estar na presença da própria rainha! Que bela dama ela é. Eu já ouvira falar de sua beleza, mas ela é ainda mais graciosa do que eu imaginava. Você tem sorte, Elise. E lembra a sua senhora também na aparência, não acha, Marcus?

Parecendo mortificado com a pergunta, Marcus apenas resmungou um “hum” quase ininteligível e baixou os olhos. Era verdade. Eu havia aprendido a pentear meu cabelo no estilo da rainha, domando meus cachos rebeldes em torções elegantes, que emolduravam as bordas de minha touca. Também imitava a forma de andar dela, procurando dar passos silenciosos, para que minha saia parecesse deslizar pelo chão. Eu me impressionara com a estatura mais alta e mais viril de Marcus, e ele devia ter notado as mudanças na minha aparência desde nosso último encontro. Mas talvez, para um morador da cidade, meu modo de falar e de me vestir fosse antipático. Pior, dada a minha origem humilde, talvez ele me tomasse por alguém que gostava de assumir ares de importância acima da própria condição.

Levei Hannolt e Marcus pelo pátio até a estrebaria dos fundos. Os cavalos e

carruagens eram distribuídos conforme a posição hierárquica, assim como qualquer outra honraria do castelo. Quando não viajavam na companhia de seus senhores, os servos recebiam carroças simples de madeira nas idas à cidade, e era isto que eu esperava que nos fosse oferecido quando transmiti as ordens da rainha ao Sr. Gungen, o mestre dos cavaleiros.

– A noite está tranquila – disse-me ele. – Leve a verde, se quiser. – E apontou para uma carruagem coberta, com assentos acolchoados, do tipo reservado às damas da nobreza.

Olhei para ele, em dúvida, e o homem deu de ombros.

– É o que lhe conviria. Não podemos ter a atendente pessoal da rainha encarcada e coberta de lama numa noite como esta. Horick!

Meu sorriso desfez-se. Então seria esse o preço a pagar pelo transporte confortável. Horick era o estribeiro mal-humorado que costumava ser encarregado de levar servos e mercadorias nas idas e vindas da cidade, deveras que ele claramente julgava indignos da sua pessoa. Sua irritação por lhe negarem passageiros da realeza só fazia com que essa honra jamais lhe fosse concedida, pois ele era conhecido por praguejar aos gritos e balançar o chicote para os transeuntes que não saíam com rapidez suficiente do seu caminho. Ele me conduzira algumas vezes, em ocasiões que eu saía a serviço da rainha, e eu o tinha considerado uma companhia desagradável.

O Sr. Gungen foi chamar Horick, que apareceu brandindo uma coxa de galinha, com a cara amarrada na sua expressão habitual de insatisfação.

– Logo na hora em que eu estava começando a jantar – reclamou.

– Ande logo! – esbravejou o Sr. Gungen. – Essa ordem veio da própria rainha.

O maior benefício da carruagem fechada foi que ela bloqueava o som dos resmungos de Horick durante o trajeto. Hannolt insistiu em que eu entrasse primeiro. Ele subiu em seguida e se acomodou no outro banco, de frente para mim, abrindo bem os braços e dando tapinhas nos assentos acolchoados, com um sorriso radiante. Marcus ocupou o lugar a meu lado. Apesar de bastante consciente da presença dele, mantive os olhos diretamente voltados para a frente e, pelo canto do olho, percebi que ele fazia o mesmo. Ao nos aproximarmos da casa da minha tia, as batidas do meu coração se aceleraram enquanto eu contava os segundos que faltavam para o momento em que teríamos de nos despedir. Quando eu voltaria a ver Marcus? Lembrei-me de Petra falando do torneio e do belo pajem que ela pretendia seduzir. A carruagem dobrou a última esquina e entrou na rua da minha tia. Não restava mais tempo.

– Vai haver uma comemoração na última noite do torneio – falei às pressas, virando-me para Marcus.

– Ah – fez ele, surpreso com minha manifestação repentina.

Mas não insatisfeito, pois chegou mais perto para ouvir o que eu diria em seguida, dando-me coragem para continuar.

– Você será bem-vindo, se quiser ir.

– Tem certeza? – apressou-se a perguntar, ansioso. – Não é só para os moradores do castelo?

– Não, não, os convidados são bem-vindos – garanti. – Algumas das outras criadas convidaram seus namorados da cidade.

Mal disse estas palavras, comecei a enrubescer furiosamente, mortificada com a possibilidade de Marcus achar que o estava incluindo nessa categoria. E se ele já estivesse comprometido? Que idiota eu pareceria!

– Esplêndida oferta – manifestou-se Hannolt, sempre pronto a se intrometer nas conversas. – Marcus ficaria encantado, não é, meu rapaz? Ah, chegamos!

Quando a carruagem parou, Marcus abriu depressa a porta e desceu. Em seguida ofereceu-me a mão e levantou a capa para me proteger da chuva. Procurei descer com toda a graça possível, deixando as saias rodopiarem em volta das pernas, como faria a rainha Lenore. Enquanto segurei a mão de Marcus por um minuto além do necessário, ele, por sua vez, não mostrou a menor ânsia de afrouxar seu aperto firme.

– Devo esperar? – perguntou Horick, carrancudo, do banco do cocheiro.

– O senhor faria a criada pessoal da rainha voltar a pé e sozinha para o castelo depois do anoitecer? – retrucou Hannolt, indignado.

Apressei-me em direção aos degraus da entrada da casa da minha tia, onde uma extensão do telhado nos protegeu da tempestade. Quando tia Agna abriu a porta, ficou surpresa ao nos ver ali molhados, açoitados pelo vento.

– Saudações do castelo – anunciou Hannolt, ansioso por se gabar de seu breve contato com a realeza. – A rainha ordenou pessoalmente que fôssemos trazidos de volta à cidade numa de suas carruagens, e insistiu que sua sobrinha lhe fizesse uma visita. Não é a bondade em pessoa?

– Peça permissão para esperar na sua estrebaria, madame! – gritou Horick da carruagem.

Seu tom raivoso maculou a civilidade das palavras.

– Contorne à esquerda e vá até os fundos – retrucou minha tia. De repente, ela parou e pôs a cabeça para fora da porta, a fim de olhar com mais atenção para o cocheiro. – É o Horick que está aí? – perguntou.

Os dois se olharam e Horick fez uma expressão de reconhecimento. Sua voz ríspida abrandou-se para pouco mais que um sussurro:

– Eu me lembro da senhora. A irmã de Mayren.

Agucei os ouvidos ao som do nome de minha mãe, mas tia Agna encerrou prontamente o diálogo. Recuando em sua soleira e desviando o rosto, falou em tom enérgico:

– Fale com meu estribeiro. Ele lhe arranjará uma refeição.

Horick balançou as rédeas dos cavalos e se retirou com a carruagem.

– Srta. Elise – disse Hannolt, com uma reverência floreada –, foi um prazer acompanhá-la, e espero vê-la no castelo em minha próxima visita.

– Obrigado pela gentileza do seu convite – disse Marcus, rígido.

Sob os olhares vigilantes de seu pai e de tia Agna, ficou visivelmente aturdido, e eu me senti inundar de compaixão. O que teríamos dito um ao outro se nos fossem concedidos alguns momentos a sós? Pude apenas oferecer-lhe um sorriso simpático e dizer que o encontraria nos portões do castelo às oito da noite do domingo da outra semana. O prazer estampado em seu rosto foi o suficiente para que eu alimentasse duas semanas de devaneios.

– Vamos, Elise – falou tia Agna. – Jante conosco. Com certeza você vai querer ver a Prielle antes que ela seja colocada para dormir. Ela virou uma perfeita tagarela desde a última vez que você a viu.

Segurei o braço de minha tia antes que ela convidasse os outros para nos acompanharem.

– O cocheiro, Horick – disse-lhe. – Ele conheceu minha mãe?

Agna franziu os lábios, considerando o que dizer. Encarei-a com olhos suplicantes. Ela deu um suspiro e me puxou para a sala de estar.

– Não sinto prazer em revisitar o passado nem em falar mal dos mortos – começou. – O que está feito está feito, e todos sofremos as consequências de nossos atos, conforme a vontade de Deus. Mas, se você faz questão de saber o que aconteceu com sua mãe, não vou poupá-la. Ouça o que eu lhe contar como uma advertência.

Assenti. Agna não sabia que eu estava a par do meu nascimento fora do casamento, e eu não queria voltar a pensar na vergonha de minha mãe falando disso. Mas nunca havia deixado de me perguntar como a vida dela tomara um rumo tão trágico.

– Conheci Horick há muitos anos – prosseguiu minha tia. – Ele mudou muito, e para pior. No início era um moço de estrebaria com menos de 20 anos. Era uma pessoa bastante agradável, embora estivesse longe de ser bonito e cheirasse a cavalos, como é comum entre os cavaleiros. Mas tinha todos os dentes, a cabeleira farta e o riso fácil. Mayren poderia ter feito uma escolha pior.

– Horick foi namorado da minha mãe? – perguntei, admirada.

Impossível. Minha graciosa e linda mãe, atraída por aquele homem amargo? Mas, como dissera Agna, isso havia sido muitos anos antes, quando Horick tinha o riso fácil. Eu não conseguia imaginar isso.

– Eles tinham um acordo, embora eu não saiba exatamente o que haviam dito um ao outro – contou minha tia. – Imagino que Mayren tenha achado que estava noiva, embora Horick logo tenha provado o contrário.

Ela se calou, perdida em pensamentos, enquanto eu tentava compreender o sentido do que dizia.

– Por que eles não se casaram? – perguntei.

– Ele a fez de boba – respondeu Agna, embora seu tom deixasse claro que ela culpava mais minha mãe do que Horick. – Levou-a a crer que estavam noivos, depois se recusou a casar com ela.

Minha mãe. Horick.

– Mayren cometeu muitos erros – continuou Agna. – Seria bom você aprender com os erros dela. Uma moça a serviço no castelo deve estar sempre atenta a sua reputação. Um simples passo em falso pode ser o suficiente para arruiná-la.

A verdade do meu nascimento ficou pairando entre nós, como um fio invisível entrelaçado nas palavras dela. Apesar de seu tom ríspido, percebi que Agna se julgou bondosa por não ter dito em voz alta que eu era filha bastarda. Eu não quis contar-lhe que já sabia.

– Mayren pagou um preço alto por sua tolice. Não que Horick pareça ter se saído muito melhor, veja bem. Eu ficaria surpresa se ele dissesse que lhe restou metade dos dentes.

Durante muitos anos eu havia me questionado sobre quem seria meu pai; tinha inventado histórias de amantes mal-afortunados e paixões proibidas. Agora chegava ao fim da minha busca, e não havia nele a menor satisfação. Até minha alma murchou de decepção.

– Você se saiu bem no castelo – disse Agna –, muito melhor do que eu esperava. Não deixe que palavras bonitas e uma boa aparência a desviem de tudo o que você conquistou.

Foi como se ela adivinhasse meus pensamentos lascivos a respeito de Marcus. Assustada com o pressentimento de minha tia, assenti e lhe assegurei que minha conduta era irrepreensível.

Durante toda a refeição, imaginei-me confrontando Horick na volta para o castelo. O que ele diria quando eu lhe jogasse na cara o nome da minha mãe? Pediria perdão? Faria uma fraca tentativa de defesa em relação à sua traição? Quando ele abriu a porta da carruagem para que eu entrasse, busquei em seu rosto carrancudo algum traço familiar, mas não vi nenhum reflexo da minha aparência em suas faces curtidas e na papada do seu queixo. Maldizendo silenciosamente a minha covardia, permaneci calada nesse momento e em todo o caminho para o castelo pelas ruas escuras. Se Horick houvesse proferido a mais ínfima gentileza quando saltei no pátio, eu poderia ter reunido coragem para falar. Mas sua falta de consideração seca me fez temer o que ele diria, se confrontado. Ouvir insultos a minha mãe seria mais do que eu poderia suportar. Pior ainda, qualquer reconhecimento da sua paternidade poderia dar-lhe algum direito sobre mim, e eu me recusava a ter obrigações para com um homem daqueles.

Nessa noite, embora me sentisse capaz de encharcar o travesseiro de lágrimas, concentrei resolutamente os meus pensamentos em Marcus. O triste destino de minha mãe, assim como a participação de Horick nele, era uma parte do meu passado que devia ser isolada e esquecida. Eu estava no limiar de um novo começo, com Marcus dando indicações para que eu seguisse adiante. Enfim eu saberia o que era ter um pretendente, alguém que ansiasse tanto pelo contato comigo quanto eu por ser tocada por ele.

Porém, uma ideia perturbadora perpassou repetidas vezes as minhas fantasias femininas: teria sido isso que minha mãe sentira na noite em que se entregara a Horick?

## O DESABROCHAR DO AMOR

– Então, quem é o seu rapaz? – indagou Petra, com um sorriso provocador.

Era o terceiro e último dia do torneio e estávamos sentadas na arquibancada, de frente para a competição. Os carpinteiros haviam trabalhado dia e noite, num descampado junto à parte externa das muralhas do castelo, para construir uma série de bancos elevados em torno de uma pista central. O rei e a rainha sentaram-se sob um dossel de veludo púrpura; assim como alguns dos criados favoritos, eu havia recebido um assento num banco logo acima do deles, e tinha convidado Petra a ir comigo. Como os preparativos para o torneio haviam nos mantido ocupadas durante toda a semana anterior, tínhamos trocado apenas alguns cumprimentos apressados, e eu estava ansiosa por estar em sua companhia sempre divertida.

– Meu rapaz? – repeti.

Um cavaleiro com as cores de um reino vizinho cavalgara para enfrentar lorde Steffon, um primo do rei e um dos favoritos da rainha Lenore. Era o duelo mais esperado e, por um momento, a voz de Petra foi abafada pelos vivas.

– O rapaz bonito que estava com você no Grande Salão. Cabelo preto, olhos expressivos... Ou será que você tem muitos desses admiradores?

– Marcus.

Meu jeito de dizer o nome dele revelou com clareza o que eu sentia, porque ela bateu palmas, encantada.

– Marcus! Como esse nome combina com o seu! Marcus e Elise. Parece mesmo poesia, não acha?

– Fique quieta! – exclamei, rindo. – Ele é um conhecido, só isso. Ele e o pai são sapateiros.

– Então ele deve ter mãos muito habilidosas! – retrucou Petra. – Ou será que você já descobriu isso por si mesma?

Dei-lhe um tapinha no braço, fingindo-me horrorizada, na esperança de distraí-la do rubor que me tomava as faces. Um grito irrompeu da multidão à nossa volta, quando o primo do rei prendeu a lança na armadura do adversário e caiu do cavalo. O som continuou a aumentar enquanto ele permanecia imóvel por um momento, e foi seguido por vivas quando ele se levantou, apoiado nos joelhos. Seus auxiliares correram para ajudá-lo a ficar de pé.

– Olhe! – exclamou Petra, apontando para o grupo reunido em volta de lorde Steffon. – Lá está ele.

Um pouco acima da estatura média, Dorian tinha uma arrogância que o fazia parecer ainda mais alto, e o queixo forte e as feições como que esculpidas a cinzel faziam dele a imagem encarnada do herói de contos de fadas. Com sua farta

cabeleira loura, os olhos verdes e o jeito espirituoso, era como se ele tivesse sido criado especialmente para fazer as mulheres desmaiarem, e minha atenção, assim como a de Petra, fixou-se nele à sua saída do campo, acompanhando lord Steffon.

– Você já o viu dançar? – perguntou Petra. – Que pernas! Eu não consigo parar de admirá-las.

– De longe, imagino.

– Ah, vou descobrir um jeito de virar a cabeça dele. Homens assim gostam de garotas animadas.

Fiquei surpresa ao ouvir Petra falar com tanta ousadia. Muitas criadas se julgavam com sorte por conseguirem um beijo e um afago de um jovem da nobreza, antes de arranjar maridos mais adequados, embora menos destruidores de corações. Petra, no entanto, nunca fora do tipo que se entregava a esse gênero de aventura. Apesar de Dorian não vir de família nobre, ela sabia que o filho do principal assessor do rei jamais consideraria uma criada uma perspectiva séria.

– Você já falou com ele? – perguntei, tentando avaliar a profundidade do interesse dela.

– É claro. Admito que nossas conversas não foram muito além de “Eu gostaria de mais pão” e “Sim, senhor”, mas, na minha cabeça, ele já me declarou amor eterno.

Sorri, lembrando-me de diálogos semelhantes que eu tinha imaginado com Marcus.

– Alguns homens não precisam de palavras – comentei. – Mostram em quem estão interessados de outras maneiras.

Meu tom foi descontraído, mas recordei uma das histórias que uma dama de companhia da rainha Lenore havia contado, alguns meses antes – um incidente que envolvia Dorian e certa mulher de reputação duvidosa que o havia cumprimentado pelo nome quando o grupo de caça do rei ia passando pela cidade. Isso me deixara desconfiada da fama de Dorian, pois, ao que parecia, ele tinha ficado mais envaidecido que envergonhado com a atenção da mundana.

O sol estava nos castigando, e Petra passou os dedos sob a borda da touca áspera de linho que fazia parte do uniforme de todas as criadas.

– Não tenha medo – falou. – Minha honra não foi manchada. Dorian não me deu nem mesmo um tapinha no traseiro, o que não posso dizer de outros supostos cavalheiros da corte.

Ela riu e eu fiquei enojada ao lembrar que tinha escapado do príncipe Bowen por um triz. Eu não havia contado sobre isso a ninguém, nem mesmo a Petra, porque falar do assunto seria reviver o horror. Mas a lembrança do episódio constrangedor persistia e, para mim, as liberdades que os cortesãos tomavam com as servas nunca seriam motivo de chacota.

Petra tirou a touca da cabeça, deixando cair uma cascata de cabelos louro-prateados. Desejei ter a sua segurança, pois aquilo seria um bem-vindo alívio do

calor. Mas eu era recatada demais. Petra correu os dedos pelas mechas cintilantes e notei as cabeças que se voltaram a nosso redor ante aquela visão. Ela era dona de uma graça natural que a distinguia das demais criadas e, por um momento, tive a convicção de que sua beleza seria o bastante para despertar a afeição de Dorian, afinal.

Petra torceu o cabelo num nó apertado e repôs a touca na cabeça, voltando a ser uma simples criada anônima.

– Dorian não passa de uma distração agradável – afirmou. – Tramar maneiras de despertar a atenção dele ajuda a passar o tempo durante as longas noites servindo à mesa.

Lorde Steffon e seus homens tinham ido se acomodar nos bancos logo abaixo do rei e da rainha. Observei Dorian rir e trocar empurrões com seus colegas pajens, como fazem os rapazes quando querem exibir sua masculinidade. Pela deferência com que os outros o tratavam, ficou claro que o viam como um líder.

E o que eu estava pensando naquele dia de verão tanto tempo atrás? Embora nunca tivesse sentido atração pelos que tentavam ser o centro das atenções, lembrome de tê-lo observado, intrigada. Já então ele parecia um homem destinado a coisas grandiosas, ainda que eu jamais pudesse imaginar o papel que um dia viria a desempenhar na minha própria vida.

– Chega de Dorian – disse Petra. – Voltemos ao seu namorado.

– Eu já lhe disse, o Marcus não é meu namorado.

– Mas você gostaria que fosse, não é?

Ela riu, encantada, ao me ver enrubescer e admitir que o havia convidado para a festa daquela noite.

– Mas faz quase duas semanas desde a última vez que o vi – expliquei. – Não sei se ele virá.

– Se ele viu você zozna assim, seria um tolo se não viesse.



A festa dos criados foi desconfortável, como costumam ser os eventos do tipo: gente de mais, bebendo cerveja de mais, sendo obrigada a conversar com conhecidos que costuma evitar. Eu não tinha o menor desejo de ficar ali por muito tempo e, se não estivesse esperando Marcus, teria jantado depressa e ido embora. Posso dizer que passei uma meia hora excruciante à procura dele no meio da multidão, ao redor dos portões, parando para cumprimentar um colega de serviço ou outro de vez em quando. Meu coração palpitava de expectativa e nervosismo.

– Quer dar uma volta?

Virei-me, surpresa, e fui tomada de assalto por cheiro de bebida e suor. Era Elgar, um dos cavaleiros. Seu corpo oscilava lentamente de um lado para outro e

ele me olhava fixo, com um sorrisinho ordinário.

Balancei a cabeça.

– Não, obrigada.

– Ora, mas como ela é refinada! – disse Elgar, tentando fazer uma imitação zombeteira da minha pronúncia. – Eu devia saber que você ia ficar toda metida a besta. Você não é melhor do que nós, querida.

Furiosa, afastei-me antes de cometer o erro de verbalizar o que estava pensando. Eu realmente me considerava melhor do que Elgar e seus amigos bêbados. Meu período a serviço da rainha Lenore tinha me modificado. Eu havia passado a valorizar as mesmas coisas que minha senhora: a beleza, a poesia, os modos gentis e a conversa inteligente. Era estranho, mas me sentia mais à vontade com ela do que entre os da minha classe, a maioria dos quais não sabia nem mesmo escrever o próprio nome.

– Elise!

Virei-me e vi Marcus do outro lado da multidão, aproveitando sua estatura alta para me encontrar. Num instante, o barulho e a aglomeração de pessoas comprimidas à minha volta deixaram de existir. Fiquei tão aliviada que acenei e me precipitei na direção dele, sem nem pensar se minha conduta era atrevida demais para nosso grau de familiaridade. Ele estava usando o que devia ser seu melhor traje de domingo: camisa branca de linho e calça de lã marrom, imaculadamente limpas, mas que mostravam sinais de remendos. A maioria dos criados ao redor vestia roupas de tecidos de melhor qualidade, pois o rei dava grande importância à aparência e fornecia uniformes novos a cada dois anos. Meu próprio vestido, outra herança da rainha, era debruado de renda e fitas de veludo. Marcus me parecia um jovem mais observador do que era comum; a simplicidade de seu traje, comparado ao meu, não escaparia à sua atenção.

Ele se curvou numa mesura rápida e sem jeito, deu um sorriso maroto e balançou a cabeça.

– Desculpe. Não sei qual é o protocolo apropriado neste tipo de evento.

– Esta é uma festa da criadagem, não uma audiência real – retruquei, com um sorriso encorajador.

Depois, na esperança de que uma bebida pudesse aplacar meu nervosismo, ofereci-lhe um caneco de cerveja e enfrentamos juntos as massas de bebedores ruidosos que cercavam os barris.

Nossas primeiras tentativas de conversa foram forçadas e hesitantes, enquanto eu procurava desajeitadamente avaliar se ele já estava comprometido e, de forma igualmente desajeitada, ele confirmava que não. Depois de esvaziarmos nossos primeiros canecos, conversamos com alguma descontração sobre os mexericos da corte e as novidades de St. Elsip, enquanto nossos corpos insinuavam outros assuntos mais tentadores. Empurrados pelas pessoas aglomeradas, Marcus encostava o braço no meu ou minha mão roçava em seu ombro quando eu me aproximava para

cochichar um boato escandaloso. Em certo momento, um artesão bêbado cambaleou na minha direção, parecendo perigosamente prestes a vomitar; desviei do seu caminho bem em cima de Marcus, e por pouco não fiz nós dois cairmos. Oscilante, tentando recobrar o equilíbrio e a dignidade, ouvi Marcus rir ao me segurar pela cintura para me firmar. Não foi o riso zombeteiro que outro homem talvez desse ao testemunhar minha atrapalhão. Foi um som gentil, alegre.

À minha volta, homens e mulheres iam formando pares, com as inibições afrouxadas pela bebida e pela empolgação do torneio. Foi uma noite em que os criados tinham sido liberados de suas obrigações e recebido algumas horas preciosas para seguir os próprios desejos. Fugindo à norma, tive vontade de me juntar a eles. Sentí o desejo de agradecer apenas a mim, sem levar em conta o que os outros pudessem achar.

Quando Marcus soltou as mãos da minha cintura, segurei-as e disse:

– Aqui está muito cheio. Venha comigo.

Levei-o pelo pátio e entrei no castelo, torcendo para que meu rosto não desse indícios da palpitação em meu peito. Em silêncio, seguimos por corredores sinuosos no andar principal e passamos pelo Grande Salão, onde os nobres aproveitavam os próprios festejos. Emergindo na Sala de Recepção da rainha, vazia naquele momento, prosseguimos até a porta que levava à parte externa, ao jardim murado. O sol do solstício de verão havia quase concluído sua descida no horizonte e lustrava o cenário com uma bruma dourada. Os canteiros de flores achavam-se no auge da glória, com diversas fragrâncias flutuando no ar ao passarmos. A uma pequena distância, havia centenas de pessoas reunidas, mas ali, dentro daquele santuário oculto, Marcus e eu estávamos sozinhos.

Sozinhos e sem ninguém a nos observar. Meu coração pulsava de expectativa.

– Vamos nos sentar? – sugeri, apontando para o banco semicircular de madeira no centro do roseiral.

Ao se acomodar, Marcus deixou um palmo de distância entre nós.

– Você já... – Ele parou e me fitou com um olhar tão intenso que abalou a formalidade polida entre nós. – Algum dia você já ficou deslumbrada com a mudança da sua situação? Por se encontrar aqui, na companhia dessas pessoas?

Uma pergunta tão direta merecia uma resposta direta:

– Sim, eu me deslumbro todos os dias.

– Esta vida lhe faz bem – comentou ele, com um toque de melancolia.

– A rainha me faz bem. Mas o castelo é um mundo muito diferente daquele de que eu vim.

– E qual era esse mundo?

Eu não havia falado longamente do meu passado com ninguém a não ser Petra. Minha história podia ser contada em algumas frases curtas, porém Marcus as escutou com toda a atenção, e eu me descobri revelando mais do que pretendia. Falei-lhe da rigidez de meu pai, dos momentos finais de minha mãe, da minha esperança

aflita de que o castelo me oferecesse algum tipo de salvação. Ao mesmo tempo que elogiava a bondade da rainha, falei da solidão que me atormentava quando eu não estava na companhia dela, e do medo de ser sempre vista como uma estranha dentro daquelas paredes.

– Talvez seja por isso que você me trata de modo diferente dos outros – disse Marcus, em voz baixa. – Todos os criados olham com desdém para os comerciantes da cidade. Você é a única que não faz isso.

– Quando nos conhecemos eu tinha acabado de sair da fazenda. Ainda devia ter palha presa no cabelo. Você me tratou com gentileza.

– Você se lembra daquele dia, na loja do meu pai?

– É claro que sim – respondi, com um sorriso tímido. – E você?

– Nunca o esqueci – disse ele, com a voz rouca. – Não esqueci nenhum dos nossos encontros.

Nós nos fitamos nos olhos, vendo nossas esperanças refletidas no rosto um do outro. Estendi a mão para pegar a dele e nossos dedos se entrelaçaram, acariciando-se com um levíssimo toque. Ele curvou o corpo e roçou os lábios nos nós dos meus dedos, fazendo-me dar risinhos encantados e rindo junto comigo.

– Isto a agrada, milady? – indagou, com exagerada cortesia. – Você deve ter dezenas de admiradores implorando o privilégio de um beijo. Quem sabe algum que saiba cantar e tocar alaúde?

Ouvi o medo por trás do tom jocoso. Eu sempre me veria como uma pobre garota da roça, inadequada para a posição que ocupava. Mas, aos olhos do filho de um sapateiro, talvez parecesse inatingível.

– Sou a mesma garota que você conheceu na loja do seu pai. Não me interesse por cortesãos que fantasiam ser poetas.

Ficamos sentados de mãos dadas, de modo descontraído, com meu coração em disparada. Na ânsia de aprofundar o laço de honestidade entre nós, contei-lhe histórias de como executara mal as minhas tarefas nos primeiros dias como ajudante da rainha Lenore, e me deleitei com suas risadas.

– Olhe só para você agora, tão refinada quanto as damas a quem serve – disse Marcus. – Desde do nosso primeiro encontro, eu soube que você tinha capacidade de fazer mais do que os deveres de uma camareira.

– Tudo em que me transformei, devo à minha mãe. Não tínhamos dinheiro nem perspectivas, mas ela me fez acreditar que eu poderia ser mais do que a mulher de um camponês.

– E a mulher de um sapateiro?

A pergunta foi feita em tom descontraído, mas senti o peso das palavras.

– Só me interessa que meu futuro marido seja bom.

– Eu pediria o mesmo de minha futura esposa.

Desejei tanto que ele me beijasse que, quando seus lábios de repente tocaram os meus, achei que a força do meu desejo o houvesse puxado para mim. Ou talvez eu

tenha apressado o resultado, ao inclinar meu corpo na direção do dele. Se foi isso que aconteceu, Marcus não se ofendeu com meu atrevimento, pois reagiu no mesmo instante, acariciando minha boca com a sua e erguendo uma das mãos para pousá-la suavemente no meu rosto. Uma onda de calor percorreu meu corpo e cheguei mais perto, pressionando os lábios nos dele com mais força, querendo mais. Foi Marcus quem se afastou, foi ele quem avisou que alguém se aproximava.

Saltamos do banco e nos posicionamos a uma distância decente, enquanto o som de risos e passos fortes foi se aproximando. Espiei por entre os arbustos e vi lordes Steffon e uma das damas de companhia da rainha Lenore desabarem no chão num abraço, numa exploração recíproca dos corpos que ia muito além dos beijos.

Levando um dedo aos lábios para pedir silêncio, guiei Marcus para longe dos intrusos, em direção à horta de Flora e à porta oculta que reconduzia ao interior do castelo. Uma vez lá dentro, demos risadas conspiratórias por quase termos sido descobertos, mas a presença de outras pessoas diminuiu a descontração que havíamos sentido a sós. Não lhe ofereci minha mão e ele não a pegou.

Marcus acompanhou-me na volta pelos corredores dos criados, passando pelas cozinhas e entrando no pátio dos fundos. O lajeado em frente aos estábulos tinha sido reservado para a dança, e o som das batidas dos pés e do canto estridente quase abafava o das rabecas e dos tambores.

– Está muito tarde – disse Marcus. – Meu pai ficará aflito se eu demorar muito mais.

Não pude esconder minha decepção. Eu havia esperado que ele me tirasse para dançar, para que eu pudesse deleitar-me com a sensação de suas mãos nos meus ombros e na minha cintura.

– É só que... ele não tem passado muito bem ultimamente – explicou Marcus. – Ele tinha reumatismo nas pernas, mas agora o problema passou para os braços. Papai está contando com minha ajuda de manhã cedo.

– Eu compreendo, é claro. Deixe-me levá-lo à saída.

Caminhamos juntos pela multidão, e cada passo nos deixava mais perto dos portões do castelo e do momento em que diríamos adeus. Grupos de guardas estavam encostados nos muros, soltando gargalhadas e mexendo com as moças bonitas. Agarrei minha saia com as duas mãos, desesperada de frustração. Como poderíamos despedir-nos dessa maneira, falando polidamente da saúde do pai dele, como se nada houvesse mudado entre nós? Durante o meu tempo na corte, eu tinha ouvido a rainha Lenore recitar inúmeros poemas que celebravam o romance. Nas histórias, bastava um beijo para selar o amor eterno, porém Marcus não se mostrara extasiado nem declarara sua devoção. Eu não era uma heroína de contos de fadas, falando em forma de rimas elegantes, e ele estava longe de ser um príncipe. Como é que duas pessoas assim entendiam o que se passava no coração uma da outra?

Chegamos ao portão.

– Fiquei contente por você ter vindo – falei, esforçando-me para manter a voz firme.

– Eu também.

Pensei que seria só isso, porém Marcus se inclinou na direção do meu ouvido, tão perto que seu hálito me fez cócegas.

– Preciso vê-la de novo. Quando será?

Senti no estômago o mesmo aperto que experimentara no instante em que os lábios dele tinham encontrado os meus. Marcus roçou a ponta do dedo na palma da minha mão, num gesto suficientemente pequeno e rápido para passar despercebido aos guardas, e deslizei meu braço pelo dele, sentindo o tecido de sua camisa amafanhar minha manga.

– Fico liberada das minhas tarefas na maioria das tardes de domingo – murmurei. – Mas aqui há poucos lugares para eu receber convidados.

– Podemos nos encontrar em St. Elsip. Eu a levo onde você quiser.

– Onde eu quiser? – perguntei, com um sorriso travesso.

Nossos pensamentos se encontraram, não ditos, mas compreendidos. *Irei a qualquer lugar, desde que possa abraçar você de novo, sentir sua boca na minha, respirar no mesmo ritmo que você, olhar nos seus olhos e saber que aqui está, finalmente, a pessoa que eu estava esperando...*

Eu sabia que Marcus não me beijaria diante daqueles guardas turbulentos, mas me permiti imaginar o beijo. Ele estendeu os dedos e encontrou os meus, e mal pude me impedir de abraçá-lo. Mas mantive a compostura. Eu era especialista em vestir uma máscara de inexpressividade, reprimindo qualquer sentimento que estivesse experimentando.

– Então, domingo – falei. – Mandarei um recado para a loja do seu pai assim que tiver recebido permissão da rainha.

Só depois de vê-lo distanciar-se aos poucos, descendo o morro, foi que me entreguei à alegria. Corri para os aposentos da rainha, saltando os degraus da escadaria, movendo-me como uma marionete controlada por fios invisíveis. Entrei no quarto pé ante pé, esperando que a rainha estivesse dormindo, mas encontrei o cômodo vazio. Voltei à sala de estar a tempo de vê-la emergir do quarto de Rosa, ao lado.

– Milady – falei, surpresa. – Sinto muito. A senhora estava à minha espera para que eu a preparasse para dormir?

– Não, não – disse ela, em voz baixa. – Eu estava com Rosa.

Ela não me fitou nos olhos, e eu me perguntei se estaria voltando a seus hábitos de vigilância, observando cada subida e descida do peito da filha, cutucando a pobre menina até um gemido lhe garantir que ela continuava viva.

– Você se divertiu? – perguntou-me, forçando um sorriso.

Um minuto antes eu não teria conseguido evitar demonstrar minha felicidade a respeito de Marcus. Mas alguma coisa no rosto da rainha me impediu de fazê-lo.

Não era hora de confidências juvenis.

– Nunca pensei que tantas pessoas coubessem no pátio e ainda conseguissem respirar – comentei. – Estão levantando brindes em homenagem à sua família por todo o castelo.

– Contaremos isto a meus netos um dia, não é?

Vi em seus olhos o desejo desesperado de que Rosa pudesse crescer, casar-se e ter filhos, dando continuidade à linhagem do rei em futuras gerações.

– Com certeza – respondi, em tom confiante. – Junto com uma vida inteira de outras lembranças felizes.

Uma jovem ainda zonga com seu primeiro beijo tinha facilidade para fazer essas promessas tolas. Para mim, com o tempo a praga de Millicent reduzira-se a um sussurro. Eu não sabia, naquele momento, como suas palavras venenosas ainda persistiam na mente da rainha Lenore, envenenando qualquer alegria que ela sentisse com a filha. Porque ela não conseguia olhar para Rosa sem se lembrar do terrível acordo que tinha feito, prometendo subserviência a Millicent em troca de um filho. Quando o nome de Millicent voltou a ecoar no castelo, a rainha foi a única que não se surpreendeu, pois era a única que nunca havia perdido de vista a sombra que pairava sobre todos nós.



Era uma noite escaldante, não muito depois do torneio, e meus pensamentos continuavam presos a Marcus, que eu deveria rever dentro de poucos dias. Apesar de ter dito à rainha que passaria a tarde de domingo em St. Elsip, eu a havia deixado supor que iria visitar minha tia. Minha natureza cautelosa avisou-me que os acontecimentos de uma única noite eram algo muito frágil para que eu depositasse neles todas as minhas esperanças, e eu não queria ter que responder às perguntas da rainha se o encontro não corresse bem. E se Marcus e eu não nos sentíssemos do mesmo modo à luz do dia, sem a cerveja para nos afrouxar a língua?

Eu estava escovando o cabelo da rainha, preparando-a para dormir, quando, de repente, o rei entrou pela porta que ligava seu quarto ao da esposa.

– Ela foi encontrada!

Confusa, fiquei imóvel, segurando a escova no ar. Mas os ombros da rainha se enrijeceram e seu rosto assumiu uma expressão severa. Ela soube de imediato de quem o soberano falava. Pela porta aberta atrás dele, pude ver algumas pessoas reunidas numa conversa. A rainha estendeu a mão para o braço do marido e os nós de seus dedos embranqueceram com a força de seu aperto.

– Onde? – murmurou.

– Longe daqui, meu amor. Não precisa ter medo.

O rei Ranolf começou a andar de um lado para outro no quarto, pronunciando

as palavras no ritmo de seus passos.

– Tia Millicent é esperta, isto eu tenho que admitir. Permanecer escondida durante todo esse tempo, apesar da quantidade de ouro que ofereci como recompensa por notícias dela... Agora sabemos ao menos onde ela foi buscar refúgio. Na Brithnia.

O pouco que eu sabia da Brithnia vinha de histórias que mamãe contava para mim e meus irmãos na hora de dormir. Ela havia falado de uma terra rude e acidentada, uma região em que fortalezas de pedra guardavam cumes inóspitos, e onde o povo extraía minério de cavernas fantasmagóricas nas profundezas da terra. Para mim, o lugar era tão real quanto um conto de fadas.

– Um país esquecido por Deus, se é que já houve algum – disse o soberano. – Estive lá na juventude, e uma semana valeu por uma vida inteira. De qualquer modo, o rei compartilhava meu amor pela arte da cavalaria, e foi uma das muitas pessoas a quem enviei mensagens quando Millicent desapareceu, mesmo duvidando de que ela viesse a fugir naquela direção. Atravessar as montanhas para chegar à Brithnia é uma empreitada que derruba até os jovens e saudáveis. Mas ela parece ter conseguido.

A rainha Lenore arregalou os olhos.

– Por que ela iria para lá? – perguntou.

O rei balançou a cabeça fazendo que não sabia.

– Sejam quais forem as razões, isso lhe proporcionou uma saída para sua situação difícil. Quando chegou à corte, Millicent pediu refúgio à rainha, o que lhe foi concedido. Os brithnianos tratam os mais velhos com extremo respeito, e se o rei traisse essa promessa de asilo, sua atitude seria vista como uma abominação.

– Ela vive lá como uma convidada de honra? – quis saber a rainha, elevando a voz a um agudo quase histérico. – Reunindo forças para um novo ataque?

Minha pulsação acelerou-se em sinal de solidariedade. Se Millicent voltasse, que vingança praticaria contra mim, por eu ter desobedecido a suas ordens na noite do nascimento de Rosa? Ou será que ela agiria de maneira mais ardilosa, usando seus truques para garantir que eu voltasse a ser um fantoche seu? No fundo do coração, eu temia nunca ter certeza de minhas lealdades.

O rei Ranolf segurou a esposa pelos ombros e, curvando-se, fitou-a diretamente nos olhos, para acalmá-la.

– Em sua carta, o rei declarou que não pode tomar nenhuma medida contra ela. Mas não me impedirá de fazer o que eu julgar conveniente.

Ele arriou na cama da mulher, sentindo o peso de sua decisão. Foi a única vez que vi sua segurança vacilar. Toda a suavidade que um dia o rei havia possuído fora enterrada pela traição da tia, e ele se tornou um governante mais rude e mais exigente, que só sorria quando estava com a filha. No entanto, suas precauções haviam nos mantido em segurança.

– Se eu ordenar a morte de uma mulher da minha própria linhagem, meus inimigos ficarão satisfeitos. Eles me pintarão como um monstro.

Para mim, a decisão era tão clara que fiquei perplexa com a hesitação do soberano. *Ela desejou a morte de você e de sua filha!*, tive vontade de gritar. *O monstro é ela, não o senhor!*

– O que faremos? – perguntou a rainha Lenore.

– Pedirei aos brithnianos que nos mantenham informados do paradeiro dela, mas, por ora, será apenas isso. Ela é uma mulher idosa. A natureza logo seguirá seu curso, e a morte dela não ficará nas nossas mãos.

A voz da rainha foi fria e seu rosto expressou uma resolução austera:

– Se você acha melhor assim...

Por que, ah, por que ela não pediu a cabeça de Millicent? O rei teria feito qualquer coisa por ela, se a rainha se dispusesse a pedir. Mas ela optou por ser uma boa esposa, cedendo aos desejos do marido, e Millicent nos escapou das mãos. Como poderia algum de nós saber que esse era um momento decisivo, a última oportunidade de frustrar os monstruosos planos dela? Ao lhe conceder uma trégua, o rei assinou a própria sentença de morte.

A voz estridente de lady Wintermale veio da sala de espera:

– É verdade?

Ela irrompeu porta adentro, com seu jeito imperioso de praxe, mas parou tão logo viu o rei.

– Peço perdão, não tive a intenção de interrompê-los.

– Se está se referindo aos boatos sobre Millicent, eles são verdadeiros – disse calmamente o rei Ranolf. – A rainha lhe fornecerá os detalhes. Preciso retirar-me.

Suas palavras foram secas, porém seus modos foram ternos quando ele parou para beijar o rosto da esposa, cujo corpo relaxou ao toque dele.

Após a saída do rei, lady Wintermale pediu um relatório completo, e bufou de indignação ao saber da decisão do soberano de deixar Millicent em paz. Fosse lady Wintermale um homem, não tenho dúvida de que teria partido em direção à Brithnia para abater Millicent pessoalmente.

– Os brithnianos não passam de selvagens – enfureceu-se ela. – Imaginem, dar asilo a alguém que maldisse uma criança, herdeira do trono!

– Não há nada a fazer – disse a rainha Lenore. – Meu marido tomou sua decisão. Devemos consolar-nos por saber que Millicent está muito longe.

– Certa pessoa poderia ter lhe poupado essa preocupação – resmungou lady Wintermale.

A boca da rainha crispou-se em sinal de desaprovação.

– Flora me assegurou, repetidas vezes, que não sabe nada sobre o paradeiro de Millicent. – Virou-se para mim e acrescentou: – Elise, você precisa levar esta notícia a Flora agora mesmo. Veja se ela tem algum conselho sobre como devemos proceder.

– Conselho! – esbravejou lady Wintermale.

Depois que pedi licença para sair, ela me acompanhou até o corredor, onde

segurou minha manga para me deter.

– A rainha pode acreditar no que Flora lhe diz, mas eu não. Ela é irmã de Millicent, lembre-se disso.

– Flora jurou à rainha que protegeria Rosa – retruquei.

– Palavras, palavras – disse ela, com descaço. – Fáceis de dizer e de esquecer. Flora passou a vida inteira sob o domínio de Millicent. O laço entre elas... – Hesitou, e seus olhos ressaltados reconheceram em silêncio que ela estava pisando num terreno perigoso. – O laço entre elas não é natural. Cresci aqui, neste castelo, e vi como o pai delas as mimou até estragá-las. Construí a Torre Norte para Flora e Millicent, sabia? Criei os aposentos reais mais suntuosos que o reino já viu, tudo para que as filhas permanecessem aqui e aqui criassem suas famílias, ao lado dele. No entanto, ricas e lindas como eram, as duas nunca se casaram. Não é estranho?

– Devem ter tido pretendentes, não?

Lady Wintermale deu de ombros, e sua expressão sugeriu que ela sabia mais do que estava contando.

– Millicent assustava a maioria dos homens – falou. – Nunca tentou esconder sua inteligência, e nenhum marido quer ser superado pela esposa. Flora teve um pretendente sério, durante algum tempo, mas o ciúme de Millicent o afastou. Ele morreu jovem, e a pobrezinha enlouqueceu de tristeza, ou pelo menos é o que dizem. Tenho certeza de que você já ouviu alguma versão dessa história desoladora, mas espero que não seja crédula a ponto de fazer as vontades dela por causa disso. Talvez nem seja a verdade. Há quem diga que as irmãs nunca se casaram porque preferiam dividir a mesma cama, e que foi a culpa por essa perversão que estragou o cérebro de Flora. Mas eu mesma nunca espalharia esses boatos maldosos.

Era o que acabara de fazer, ao me contar, mas preferi não dizer nada.

– Só estou lhe falando isto porque vi você conversando com Flora no jardim. Sei que ela gosta de você. Pode parecer inofensiva, mas sabe invocar as mesmas forças perigosas que Millicent invoca. Nunca se esqueça do que ela é capaz.

A advertência de lady Wintermale ficou na minha memória enquanto eu seguia para o quarto de Flora, na Torre Norte. Quando passei pelas estátuas silenciosas, sobre pisos com exóticas incrustações em mármore, imaginei os espaços vazios tal como haviam se destinado a ser: um lar para duas irmãs da família real, seus maridos e filhos, ecoando com risos infantis e passos apressados dos criados. Tudo o que havia restado das esperanças do velho rei tinham sido os quartos em si, belos, mas melancólicos, sobrecarregados pelo peso das expectativas não realizadas. Como Flora conseguia suportar viver ali, sozinha?

Eu já fora mandada aos aposentos dela algumas vezes, para levar recados, mas nunca tinha entrado em seu quarto ensombrecido. Nessa noite, porém, assim que lhe dei a notícia sobre Millicent, ela abriu a porta um tantinho mais que de hábito.

– Entre. Precisamos conversar.

O aposento era maior do que parecia visto de fora, pois se estendia por uns bons

vinte passos para o interior, tendo de ambos os lados alcovas que abrigavam cadeiras e baús. Os móveis eram de um luxo reluzente, desde os tampos de mármore até os castiçais de ouro dispostos sobre a imensa lareira. O que mais me impressionou, contudo, foi o cheiro: uma mistura pungente de especiarias e aromas mais terrenos, completamente destoante da opulência do ambiente. Enquanto ia adentrando o cômodo, vi que uma parede era coberta por prateleiras de madeira, nas quais dezenas de garrafas de vidro e frascos se dispunham em fileiras ordenadas por tamanho. Bem em frente ficava uma mesa de trabalho, coberta de ferramentas usadas por boticários: pilões, tigelas para misturar ingredientes e suportes em que folhas e flores tinham sido estendidas para secar. Mais de dois anos haviam se passado desde que Flora tinha falado em me treinar para ser sua sucessora, mas eu ainda não ouvira nada sobre o assunto. Teria sido avaliada e considerada incapaz? Essa ideia havia me deixado meio aflita, mas, considerando as suspeitas de lady Wintermale, comecei a achar que talvez não devesse ansiar por essa pesada responsabilidade. Talvez Flora me ensinasse habilidades que seria melhor eu não conhecer.

– Qual foi a reação de Lenore à notícia?

– Ficou aborrecida. Ela acredita que Millicent ainda está tramando algo contra nós – respondi.

Olhei diretamente para Flora, como se implorando que ela me tranquilizasse. *E você?*, perguntei em silêncio. *O que você sabe dos planos da sua irmã?*

– E Ranolf? – perguntou.

– Não tomará providências contra ela. Acredita que o avançar da idade a tornará menos ameaçadora.

Flora balançou a cabeça devagar.

– Millicent pode estar debilitada, mas de modo nenhum está perto da morte.

Então lady Wintermale tinha razão: Flora sempre soubera onde estava sua irmã. Fiquei chocada por ela ter sido capaz de tamanha falsidade.

Ao ver meu rosto abalado, ela se apressou em explicar:

– Ela não entrou em contato comigo, eu juro. Mas não preciso de cartas para saber do seu estado de espírito. Millicent e eu sempre compartilhamos mais do que os laços familiares comuns; era quase como se conseguíssemos adivinhar os pensamentos uma da outra. Se ela estivesse ferida ou se sua saúde estivesse prejudicada, eu sentiria.

Falou com tanta convicção que eu acreditei nela prontamente. Lady Wintermale podia desdenhar da proximidade inusitada das irmãs, porém eu sabia com que facilidade as ideias de Millicent tinham conseguido insinuar-se entre as minhas. Se ela era capaz de provocar sentimentos tão intensos em mim, uma relativa estranha, sua influência em relação à própria irmã devia ser muito mais forte.

– E o que se pode fazer? – perguntei.

– Não sei – disse Flora, e não havia dúvida quanto à angústia em sua voz.

*Por quê?*, quase gritei, frustrada. Flora estava cercada por poções capazes de vencer a doença e a dor; fora dotada do poder de combater a morte em si. No entanto, dizia-se impotente para lutar contra a irmã. O que uma jovem da minha idade não podia saber era que a salvação nem sempre vinha através de grandiosos gestos públicos. Flora estava cuidando de todos nós, sempre atenta a qualquer sinal de regresso da irmã. Porém, naquele momento não vi uma heroína diante de mim, apenas uma senhora idosa.

– Preciso voltar aos aposentos da rainha – informei abruptamente. – Ela vai se recolher dentro em pouco.

Flora lançou-me um olhar tristonho, mas não disse nada. Quando cheguei ao quarto real, minha raiva tinha se transformado em compaixão. Flora havia passado décadas chorando a perda de seu amor naquela torre deserta; agora, guardava o luto pela irmã que tinha sido sua companheira mais íntima. Tornei a me perguntar, como viria a fazer inúmeras vezes, qual seria a natureza do vínculo que as unia. Será que Flora era capaz de sentir amor e ódio por Millicent?

A rainha Lenora estava cantando baixinho quando entrei em seus aposentos. Feliz ao ver que o humor de minha senhora havia melhorado, preparei-lhe sua melhor camisola, na esperança de que o rei Ranolf voltasse depois do anoitecer, para sussurrar palavras tranquilizadoras embaixo dos lençóis.



Ainda me lembro da sensação de segurar aquela camisola, de uma renda tão delicada que era como se tivesse sido feita de asas de borboleta. Eu costumava imaginar-me envolta naquele tecido, testemunhando os olhos de Marcus se iluminarem ao me ver com essa peça. O homem dos meus sonhos baixava a camisola de meus ombros com gestos seguros e desenvoltos, confessando sua paixão com floreadas palavras de devoção. Esses movimentos pomposos contrariavam tudo o que eu conhecia de Marcus e de seu linguajar direto – ele provavelmente gaguejaria, mortificado, se lhe pedissem para recitar um poema de amor. Mas isso não impedia as fantasias que deixavam meu corpo ardendo de desejo.

Com meus 17 anos, eu já estaria noiva ou até casada se houvesse permanecido na fazenda. As mulheres da corte faziam seus votos matrimoniais mais tarde que as moças do interior, mas qualquer uma que não estivesse comprometida aos 21 anos seria chamada de solteirona. Petra, que atingiria essa idade dali a um ano, já havia recebido duas propostas de casamento, mas era filha única em uma família numerosa, cujo pai não estava particularmente ansioso por casá-la, de modo que lhe era concedido o luxo de ser exigente. Uma moça não abençoada com a beleza dela já haveria se casado muito tempo antes, com o primeiro homem que pedisse sua mão.

Em muitos sentidos, o castelo era um campo de caça ideal para as moças que

queriam se casar. Se eu tivesse essa inclinação, poderia ter conquistado qualquer um dos criados em posição mais alta: um dos valetes do rei, talvez, ou o mestre carpinteiro do castelo, um sujeito amável que piscava para mim sempre que me via no pátio. Mas era Marcus o objeto de meus devaneios diurnos e meus desejos noturnos, pois eu reconhecia nele uma qualidade que compartilhava. Desde nosso primeiro encontro na loja de seu pai, quando éramos pouco mais do que crianças, eu havia percebido que ambos preferíamos observar o mundo de uma certa distância, mantendo nossas emoções reservadas. Ainda assim, ele me oferecera breves e tentadores vislumbres da parte de sua personalidade que escondia dos outros, uma dádiva ainda mais preciosa por ser tão raramente concedida. Cercada por cortesãos que lutavam para ser notados e admirados, era impossível eu não me sentir atraída por alguém que agira de forma natural, sem fazer de tudo para aparecer.

Foi uma qualidade que se evidenciou na primeira vez em que saímos juntos. No momento em que outro homem poderia esforçar-se para me impressionar, Marcus limitou-se a me saudar com um largo sorriso e disse que estaria às minhas ordens durante a tarde inteira. Sugerir uma caminhada no extremo norte da cidade, onde eu nunca estivera. As perguntas cortesias deram lugar à conversa descontraída, à medida que Marcus me guiava pelas ruas sinuosas, apontando as lojas mais renomadas e as belas residências dos principais cidadãos locais. Compramos tortas de carne de uma mulher que chamou Marcus de menino bonito, enquanto ele se encolhia de vergonha, depois fomos comê-las na ponte curva de pedra, encimada por estátuas dos antepassados do rei.

O nível de instrução de Marcus ultrapassava o da maioria dos sapateiros – como eu, ele sabia ler e escrever com desenvoltura –, e ele manifestava uma curiosidade inesgotável sobre o mundo. Compartilhei histórias que a rainha me contara sobre seu país e ele escutou com interesse, fazendo perguntas até eu começar a rir e dizer que não havia mais nada para contar. Se houvesse nascido numa família diferente, ele poderia ter fugido para o mar, pois observou os navios no porto com uma expressão pensativa de anseio. Imaginei-o no convés de uma grande embarcação a vela, com sua sólida confiança dando coragem aos marujos nos momentos de perigo.

Caminhando juntos em público, foi impossível resgatarmos a intimidade do nosso encontro no jardim. Apesar disso, cada sorriso e aceno de compreensão consolidou ainda mais a ligação entre nós, lembrando-me que um dia faríamos mais do que conversar. Ao nos despedirmos no portão do castelo, ele beijou minha mão com inesperada ternura e murmurou, apenas para meus ouvidos:

– Aos beijos futuros.

Como eu gostaria de poder recuperar cada detalhe daquela tarde, pois reviver esses encontros com Marcus me traria consolo nas noites em que a solidão me invade. Mas as lembranças sabem resistir a todas as tentativas de domá-las, e escapolem no momento em que pensamos tê-las sob controle. Às vezes ainda sinto a pressão dos lábios dele na minha pele; noutros momentos, posso contemplar nossa

imagem apenas a distância, com minha visão ensombrecida pelo que viria depois.

Pentei o cabelo da rainha Lenore para o jantar e, pouco depois disso, ela levantou seu espelho de mão e franziu a testa.

– Não tínhamos dito vermelho? – perguntou.

Olhei para a fita verde entrelaçada em seu cabelo e, em seguida, para a vermelha que repousava sobre a penteadeira.

– Queira perdoar-me, milady – falei, correndo os dedos por seu cabelo para soltar os cachos. – Levo apenas um minuto para consertar.

– Hoje você está diferente, Elise. Tenha a bondade de me contar o que está ocupando tão completamente os seus pensamentos. Ou será que devo dizer *quem*?

Minhas mãos ficaram imóveis e pude ver o reflexo do sorriso dela no espelho.

– Elise, você acha que sou cega? Você sai para um compromisso misterioso e volta sonhadora e atrapalhada. Só pode haver uma razão.

O tom dela foi leve e brincalhão, e tentei sorrir como se participasse da brincadeira. Meu esforço deve ter ficado claro, porque ela baixou o espelho e virou-se de frente para mim.

– Então é verdade? Você foi se encontrar com um rapaz?

Fiz que sim e o rosto da rainha iluminou-se de prazer. Essa reação foi a própria razão pela qual eu tinha sido tão evasiva sobre meu paradeiro até o momento. A rainha Lenore, uma mulher que havia aberto mão de tudo o que conhecia por amor, adorava histórias românticas e eu temia suas perguntas enquanto ainda não tinha certeza de como estavam as coisas entre mim e Marcus.

– Pelo seu comportamento, acho que o encontro foi satisfatório, não é? – disse ela.

Minhas faces ruborizadas lhe deram a resposta.

– Ah, você precisa me contar – exortou. – Quem é ele?

– Marcus Yelling, o filho do sapateiro que visitou o castelo há algumas semanas.

– Ah.

A rainha Lenore tratou meus sentimentos com suficiente consideração para tentar esconder sua surpresa, mas percebi que ficou intrigada com o fato de um jovem aparentemente tão pouco notável ter despertado meus sentimentos.

– Você é uma moça sensata, Elise – disse-me em tom firme. – Se acha que ele é digno da sua atenção, tenho certeza de que é. Você está longe de ser do tipo que perde a cabeça por alguém como, por exemplo, o Dorian!

Dorian? Desde que Petra havia falado de sua admiração pelo belo pajem, eu não conseguia evitar que meu olhar se detivesse nele sempre que nos cruzávamos nos corredores. Eu estava longe de ser a única mulher da corte a fazê-lo, mas mortificou-me o fato de a rainha ter notado. Ela poderia achar que eu estava tão apaixonada quanto alguma de suas damas de companhia, mas, na verdade, eu pensava em Dorian como um mistério a ser resolvido, não um prêmio a ser conquistado. Será que ele viria a se tornar um aclamado líder ou a vaidade – e aqueles olhares

femininos de admiração – seria a sua ruína?

A rainha Lenore tornou a virar a cabeça e me entregou a fita vermelha para que eu rearrumasse seu cabelo. Deslizei-a pelas mãos, sentindo o veludo acariciar minha pele. Estar na presença de coisas tão encantadoras acalmava minha mente, fazendo-me lembrar da minha enorme sorte. A distância, soaram as trombetas para o início do jantar. Com delicadeza, torci o cabelo dela, passei a fita em volta e prendi o coque com presilhas incrustadas de diamantes. A rainha levantou-se e alisou as saias, virou-se para mim e estendeu as mãos, colocando-as suavemente sobre minhas faces.

– Não se esqueça de que um dia fui jovem e muito apaixonada por um rapaz de um reino longínquo. É raro que a corte amorosa transcorra sem problemas, e você sempre pode me procurar, se precisar.

A atitude dela foi tão meiga, tão gentil, que senti uma pontada quase dolorosa de adoração. *Ela deveria ter sido abençoada com mais do que apenas uma filha*, pensei, pois tinha o dom de adivinhar as palavras e os gestos capazes de acalmar uma mente inquieta. Será que minha mãe me olharia com a mesma compaixão, exortando-me a confiar nela? Teria ficado feliz por mim?

Depois que a rainha foi para o Grande Salão, não consegui parar de sorrir. Até então, meu futuro nunca parecera tão promissor. Minha confissão tinha me ligado por um laço ainda mais íntimo à minha senhora, e a afeição de Marcus parecia garantida. Mas a felicidade, fugaz por natureza, muitas vezes só é saboreada depois que se afasta de nós. Para mim, aquele dia estará sempre ligado a lembranças da tristeza que se seguiria. Por mais que eu tente reviver as horas que vivi ao lado de Marcus, não consigo evocar de forma plena o prazer que sentia quando ele me olhava e sorria. Tenho vontade de chorar por aquela jovem inocente, que acreditava com tanto fervor que o amor vence tudo. Porque a rainha tinha razão. A evolução do amor quase nunca é suave, e meu caminho viria a se tornar realmente pedregoso.

## O CAMINHO DA CORTE AMOROSA

Lembro-me daquele outono e daquele inverno não como uma procissão ordeira de dias, mas como um aglomerado de lembranças. Quando a vida segue o rumo de nossos desejos, é fácil nos deixarmos levar sem refletir. Só agora é que alguns incidentes assumem uma importância que não tiveram na época. Assim como não damos atenção a uma brisa suave até a reconhecermos como o prenúncio de uma tempestade brutal, ignorei qualquer sinal de que havia problemas se aproximando. Perdida numa névoa de paixão, esqueci que todos estávamos em perigo, ante forças longínquas decididas a buscar vingança. Nossos inimigos contentaram-se em ficar retraídos, desaparecendo na nossa memória, enquanto tramavam nossa queda. E assim, por simples descuido e ignorância, nossos destinos foram selados.

Mas quem de nós é capaz de antever o resultado final de nossas decisões do dia a dia? De minha parte, optei por ignorar as consequências de me apaixonar por Marcus. Logo no começo, de um modo cativamente constrangido, ele me explicou que os aprendizes não podiam casar-se; qualquer conversa sobre casamento teria de esperar que ele fosse aceito na Guilda dos Mercadores, dali a um ano. Eu não tinha a menor pressa em deixar a vida que havia construído para mim no castelo, e a rainha também não ansiava por me liberar de meus deveres a seu lado. Embora tivesse um interesse gentil por meu romance, ela observou, mais de uma vez, que eu não deveria precipitar-me no casamento, e concordei de imediato. E assim, por algum tempo, minhas rotinas diárias continuaram praticamente as mesmas de antes, embora, em meu interior, eu estivesse sendo transformada pelo amor.

Sob o atento olhar de admiração de Marcus, tornei-me a mulher que sempre desejara ser. Caminhava confiante e falava com mais liberdade, sendo franca com ele sobre meus pensamentos como nunca havia sido com mais ninguém. No entanto, por trás de minha segurança havia uma garota incosequente, que morria de ansiedade antes de cada encontro, tamanha minha expectativa por sentir o calor da mão dele envolvendo a minha. Marcus, cavalheiro em todos os sentidos, nunca me apressou no caminho da tentação, e eu sentia um orgulho incomensurável de nossa relação casta. Mas a promessa de algo mais estava sempre presente, fervilhando sob nossas conversas animadas. Eu o sentia tremer, nas raras ocasiões em que dávamos um beijo à sombra de um portal. Tinha ficado intrigada com a moderação serena de Marcus desde o nosso primeiro encontro, mas foi o vislumbre desses sentimentos, que correspondiam perfeitamente aos meus, que me lançou em direção à paixão.

Durante nossas visitas à cidade, Marcus nunca me levava a sua casa, embora me assegurasse repetidamente que Hannolt havia mandado lembranças e cumprimentos. Fazia comentários rápidos sobre a saúde precária do pai, e com isso

imaginei que seus pais não gostassem de receber visitas. Ver um homem como aquele abatido pela doença devia ser doloroso para Marcus, e eu evitava falar de Hannolt, a menos que ele o fizesse primeiro. Na verdade, eu me sentia aliviada por não precisar manter conversas incômodas com seus pais sobre generalidades, pois prezava cada momento de que dispúnhamos a sós. Às vezes eu não conseguia resistir a testar os limites do nosso namoro, encostando meu corpo no dele ao nos beijarmos, sentindo seus braços me segurarem com mais força e observando o seu pesar quando ele se afastava, com as faces ruborizadas. Era emocionante ver o efeito que meu corpo surtia nele, assim como que cada toque seu provocava em mim a mesma falta de ar.

Na minha memória, aqueles meses dourados se entrelaçam com imagens de Rosa, transformando-se da neném que aprendia a andar numa menininha encantadora. Naquela época ela já era linda, cantarolando pelos corredores do castelo, saltitando no jardim e arrancando flores para prendê-las de qualquer jeito atrás da orelha. A rainha Lenore tentava em vão manter penteado o cabelo vermelho-dourado da filha e conservar limpa a sua roupa, pois Rosa estava sempre partindo para uma nova aventura, ansiosa para ver o que haveria depois da curva seguinte.

Foi numa dessas excursões ao ar livre que Flora me chamou, os dedos finos puxando de leve a minha manga. Com olhadelas de relance para Rosa, que ria entre as flores silvestres, ela murmurou:

– Está na hora.

Fitei seu rosto, que tinha uma expressão resoluta, bem distante do seu costumeiro ar de melancolia. Por um súbito e arrepiante momento, foi como se eu olhasse para Millicent e ouvisse seus pensamentos dominarem os meus. *Vou ensinar-lhe todos os meus segredos. Sob a minha orientação, você aprenderá a vencer a própria morte.* Fazia tanto tempo desde que Flora havia insinuado que me tornaria sua aprendiz que eu tinha praticamente esquecido o assunto. Senti-me, então, dominada por uma sede intensa do saber que ela prometia. A força desse desejo repentino e inexplicável me assustou. Seria prova dos poderes obscuros da própria Flora? Era recomendável confiar nela?

– Minha lealdade primordial é para com a rainha – retruquei, resabiada.

– Lenore permitirá que você vá me ver. Ela compreende a importância do nosso trabalho.

Nosso trabalho. Então isso já tinha sido discutido e decidido entre elas.

– Se você tem certeza... – falei.

– Tenho.

Flora segurou minhas mãos e um formigar caloroso de contentamento fluiu por meu corpo a seu toque. A sugestão de perigo que tanto havia me assustado dissipou-se. Acreditei que eu seria capaz de curar. Capaz de ficar à altura de qualquer desafio que o futuro reservasse.

Isso não significa que eu tenha executado minhas primeiras tarefas com grande habilidade. À medida que o inverno se aproximava, ajudei Flora a cortar suas últimas ervas e a pendurá-las para secar diante da lareira. Em seguida, iniciei a lenta e trabalhosa tarefa de triturá-las até transformá-las em pó. Como eu tinha pouca experiência com o pilão, minhas misturas ficavam desiguais e encaroçadas, e minhas primeiras tentativas de preparar um unguento tiveram de ser totalmente descartadas. Mas senti-me cativada pelas possibilidades que estavam ao alcance da mão. Vasculhei com alegria as prateleiras de Flora, repletas de ingredientes misteriosos de que eu nunca ouvira falar, e tentei comparar os nomes com os rótulos de seus frascos. Como é comum acontecer quando nos propomos desafios, fiquei muito orgulhosa de minhas pequenas realizações, e meus encontros com Flora tornaram-se uma bem-vinda distração do clima lúgubre do inverno.

Com ventos gelados açoitando St. Elsip, Marcus e eu fomos obrigados a nos recolher ao Salão Inferior em nossos encontros de domingo, e lá eu pedia sidra aquecida e pão fresco às cozinheiras. De forma cuidadosa, para não me magoar, Petra admitiu que algumas criadas das damas de companhia zombavam de mim por estar sendo cortejada por um sapateiro, e eu tinha sempre a consciência de que éramos alvo de mexericos. Pela primeira vez, vi Marcus pelos olhos de minhas colegas de serviço: suas roupas grosseiras e desbotadas, sua ignorância acerca da etiqueta da corte, seu olhar assombrado para luxos que víamos como coisas corriqueiras. A luz bruxuleante das tochas nas paredes do castelo ensombrecia as muitas virtudes dele, iluminando apenas as falhas do homem que eu via como meu parceiro perfeito. Sem nunca ficarmos a sós ou experimentarmos um contato íntimo, vimos nossas interações se tornarem mais próprias de irmãos que de pretensos namorados.

A tristeza do inverno também cobrou seu preço da pequena Rosa, então com 3 anos. Seu sono, que nunca fora fácil devido às inquietações de sua mãe, tornou-se ainda mais agitado, e ela começou a acordar de madrugada, gritando por causa de um pavor que não conseguia pôr em palavras. Na primeira noite, a comoção foi tão ruidosa que acordou a rainha Lenore e a mim no quarto vizinho, e, apesar das garantias da babá, a rainha insistiu em cuidar da filha. Rosa se recusou a fechar os olhos, apavorada com o que via na escuridão, e a mãe a embalou no colo durante horas, acalmando-a até suas pálpebras se fecharem, quase ao alvorecer.

Na noite seguinte, os gritos voltaram, e de novo na noite posterior. O rosto da rainha começou a se abater de cansaço, enquanto Rosa passava os dias indisposta, irritada e com os olhos vermelhos. Na quarta noite, a rainha Lenore saltou da cama ao primeiro som vindo do quarto da princesa. Despertando sonolenta, vi-a passar correndo pela alcova em que eu dormia. Levantei-me num salto e a alcancei.

- Eu vou, milady - insisti.
- Preciso ir. Sou a única que pode consolá-la.
- Posso tentar? A senhora mal descansou nos últimos dias.

A exaustão retardou a resposta da rainha:

– Mesmo assim, ela pode me chamar.

– Se ela a chamar, virei buscá-la – prometi. Os soluços de Rosa estavam adquirindo um tom selvagem, agitado, e ouvi vagamente as tentativas da babá de acalmá-la. – Por favor.

A rainha assentiu com a cabeça e se encostou no batente da porta.

– Esperarei aqui, para o caso de você me chamar.

Quando entrei no quarto de Rosa, seus gritos alcançaram um tom mais agudo, mais desesperado. No escuro, mal pude ver os braços da babá envolvendo os ombros da menina, que se debatia em seu colo. Na lareira restavam apenas algumas brasas dispersas, e o ar estava úmido e frio.

– Mamãe! Quero a mamãe! – exigia Rosa.

– Psssiu, quietinha – falei. – Mamãe está dormindo. Precisamos falar baixo, para ela não acordar.

Fiz um sinal com a cabeça para a babá, que soltou a menina e foi acender uma vela. Passei a mão pelo rostinho enrubescido e me ajoelhei ao lado da cama. Os olhos de Rosa buscaram os meus, cheios de pavor.

– Hoje eu vou ficar com você – disse-lhe, para acalmá-la. – Só que você tem de me contar do que está com tanto medo.

Rosa estreitou os olhos e balançou a cabeça de um lado para outro, rebelde.

*Qual é a criança que rejeita a oportunidade de desabafar?*, pensei, aflita. E então me veio a resposta: aquela que teme ser castigada por dizer a verdade.

– Alguém disse para você não contar nada à sua mamãe?

Rosa fez que sim, com os lábios trêmulos.

– Mas para mim você pode contar. Será o nosso segredo.

Ela considerou minha oferta, o rosto contorcido pela indecisão.

– Quem entrou no seu sono, querida? Quem a assustou tanto?

– A bruxa!

Fiquei paralisada. Meu primeiro pensamento, de uma clareza terrível, foi sobre Millicent, cobrando a praga que havia rogado no batismo de Rosa. Será que ela havia encontrado um modo de assombrar os sonhos da menina?

– Uma bruxa? – perguntei, com cuidado. – Como é ela?

– Horrível – cochichou Rosa. – Tem dentes pontudos. E um chapéu preto. E olhos vermelhos!

Quase ri de alívio. Não era Millicent. Eu mesma devia estar tendo um pesadelo, para imaginar que a mulher tivesse o poder de perturbar o sono de Rosa.

– Ela vai me comer? – perguntou a menina, com a boquinha tremendo, como se estivesse prestes a desatar de novo em lágrimas.

– É claro que não – zombei. – As bruxas ficariam doentes se comessem meninas meigas como você! Não sabia? Elas costumam comer rabo de rato ou perna de sapo no jantar. Quanto mais podre, melhor.

– Eca!

– Ah, é – confirmei. Vi a sombra de um sorriso despontar e fiz o melhor possível para trazê-lo à tona. – Da próxima vez que a bruxa tentar assustar você, mande-a parar com essa bobagem. Ou, melhor ainda, diga a ela que o seu pai está chegando. Ele é um cavaleiro valente, não é?

– O maior de todos.

– Pois então. É só pensar no seu pai de armadura. Ele despacha essa bruxa em dois tempos, pondo-a para voar na vassoura dela – garanti. Passei a mão pelo alto da cabeça de Rosa e desci até a ponta do cabelo. – Está se sentindo melhor?

Ela fez que sim.

– Acha que consegue dormir?

Ela pegou minha mão.

– Você fica aqui?

– É claro.

Murmurei para a babá que me deitaria com Rosa e ajeitei as cobertas sobre nós duas. Minutos depois, a menina respirava num ritmo regular, e quando despertei, assim que o céu clareou, foi como se só um instante houvesse passado.

Na noite seguinte, Rosa dormiu a noite toda. Seu sono sereno, porém, não impediu a rainha de passar algum tempo parada junto à cama da filha, registrando cada lenta respiração. A feiticeira voltou aos sonhos de Rosa de tempos em tempos durante toda sua infância, embora ela não falasse da criatura quando estava acordada. Passei a desconfiar de que os pesadelos da menina eram uma consequência indesejável da vigilância de seus pais. Querendo saber por que sua segurança causava tanta preocupação, ela imaginou que seus piores temores ganhavam vida. Só muito mais tarde, depois de eu ter visto os resultados inomináveis da raiva de Millicent, foi que me perguntei se meu primeiro instinto teria sido correto, afinal. Teria Millicent, de seu refúgio distante, detido o poder de corromper os sonhos de uma criança inocente?

Talvez como consequência de eu ter conseguido acalmá-la durante a noite, Rosa começou a pedir minha companhia com mais frequência, sempre em busca de uma nova distração, naqueles meses em que as condições climáticas a confinavam dentro do castelo. Certa tarde de domingo, ela se recusou a sair de perto de mim quando a rainha me liberou do turno da tarde. Peguei-a pela mão e a levei à entrada do castelo, onde Marcus estava parado diante dos guardas, que esperavam minha aprovação para deixá-lo passar.

Depois que lhe fiz sinal para entrar, ele parou na passagem e bateu com os pés no piso de pedra, para tirar a neve das botas. Rosa o fitou, curiosa.

– Quem é esse? – perguntou.

Vi o rosto de Marcus passar rapidamente da surpresa para o interesse, enquanto me olhava, em busca de orientação.

– Esse é o meu amigo Marcus – respondi. – Marcus, permita-me apresentar-lhe

a princesa Rosa.

Marcus curvou-se e manteve a cabeça baixa, para poder falar com ela à altura de seu rosto.

– É uma honra conhecê-la – disse.

– Marcus veio me fazer uma visita e você precisa voltar para o seu quarto – falei a Rosa. – Vamos, vou levá-la.

– O que é isso? – perguntou ela, apontando para os flocos brancos que cobriam o casaco de Marcus.

– Neve – respondeu ele.

Rosa afastou-se de mim e se aproximou dele, olhando deslumbrada. Tinha visto a neve cair do lado de fora, pelas janelas do castelo, mas nunca a havia tocado. Estendeu a mão e Marcus pôs um bocadinho de cristais de gelo em sua palma.

– Oooh! – exclamou Rosa. Virou-se para mim, com os olhos brilhando: – Quero ver!

Era uma de suas frases favoritas, em geral seguida por “Você não deve” ou “Agora não”, proferidas por sua mãe. Rosa se irritava com seu aprisionamento, e senti uma onda de compaixão pela menina. Uns minutinhos do lado de fora não poderiam lhe fazer mal, não é?

– Senhor, pode me emprestar sua capa? – pedi a um dos homens parados à porta.

O guarda tirou dos ombros a peça grossa de lã, olhando-me com uma expressão de dúvida. Dobrei-a para que a bainha não arrastasse no chão e envolvi Rosa com ela.

– Você se incomoda? – perguntei a Marcus.

– É claro que não – disse ele.

Então sorri para Rosa, que bateu palmas, numa alegre expectativa.

Foram necessários dois homens para abrir as portas de madeira maciça. Do lado de fora, pisamos num mundo congelado. A costureira agitação do pátio havia desaparecido, substituída por uma quietude abafada, enquanto os flocos de neve caíam, cobrindo todas as superfícies planas. Rosa deixou escapar um arquejo quando o ar gelado bateu em seu rosto.

– Está muito frio? Vamos voltar? – perguntei, sabendo qual seria a resposta.

– Não, não! – gritou ela.

Estendeu uma das mãos para pegar os flocos e pareceu intrigada ao vê-los derreterem em sua pele.

– Para onde eles foram? – quis saber a menina, estendendo as palmas para mim e para Marcus.

– Vamos ver se conseguimos pegar um – ofereceu Marcus, com um olhar interrogativo para mim.

Sorri e fiz que sim, aliviada por ele não se ressentir da companhia de Rosa. Para dizer o mínimo, a presença dela fez surgir nele um lado brincalhão que eu ainda não

tinha visto.

Marcus abaixou-se e pegou a mão delicada da princesa. Puxando-a devagar para ficar lado a lado com ela, agitou de leve os braços de ambos na neve que caía, fazendo os dedos dos dois roçarem os minúsculos flocos brancos que os cercavam. Rosa ficou calada, com o rosto atento.

– Ah! – exclamou Marcus. – Acho que pegamos um. Elise, o que você acha?

Andei até eles, pisando com cuidado nos montes de neve. Olhei para o dedo de Rosa, chegando tão perto que meu nariz quase encostou em sua pele. Visto assim de perto, o floco era de uma beleza inesperada, um padrão intricado de cintilantes fios brancos.

– É perfeito – falei.

Esse passeio, mesmo a poucos passos do castelo, faria a rainha alvoroçar-se de preocupação e provocaria uma reprimenda severa de lady Wintermale, mas não me importei, porque havia esquecido tudo, menos a expressão no rosto de Marcus. Ele estava flagrantemente feliz, e de repente pude vislumbrá-lo como pai. Ele seria um bom pai, um homem que amaria os filhos, e eu vibrei ante o futuro que imaginava para nós. Eu sabia que Marcus era capaz de despertar meu interesse e minha sensualidade. Mas, até aquele momento, eu não tinha tomado consciência de que o amava.

– Ah, olhe!

Rosa tinha se ajoelhado na neve e, ao se levantar, a frente da capa que a protegia ficara coberta por uma camada branca. A menina bateu nela com as mãos e riu ao vê-la dispersar-se. Eu me abaixei, peguei um punhado de neve e soltei-o sobre a cabeça de Marcus, deixando seu cabelo salpicado de branco. Pouco depois, atirávamos bolas de neve fofas e brancas em todas as direções, criando uma chuva de cristais de gelo, enquanto Rosa soltava gritinhos de alegria. Marcus, com as bochechas vermelhas de frio, riu com uma descontração que eu nunca tinha ouvido, e o som foi tão contagiante que ri também, sem me importar com o que pensariam os guardas ou qualquer outro observador nas janelas do alto.

Será que é assim que devo me lembrar dessas duas pessoas que eu amava tanto? É tentador deleitar-me com a recordação daquele dia mágico. Mas não posso deixar de refletir sobre a maneira como aquela simples saída plantou uma semente perigosa em meu modo de lidar com a princesa. Mesmo sabendo que ela estava proibida de sair do castelo, eu me deixara influenciar por seus pedidos. Vi-a saltitar na neve, sem pensar por um momento que ela poderia adoecer por conta do frio. Não a corrigi quando ela se dirigiu a Marcus como a um igual, embora ele fosse de uma categoria inferior à dos próprios criados dela. Como uma indulgente irmã mais velha, eu a deixei solta – na verdade, adorei vê-la assim.

Já naquela tenra idade, Rosa possuía um encanto capaz de superar minha sensatez. Ela lutava contra suas restrições, fazendo-o ainda mais a cada ano que passava, e eu me solidarizava com sua situação, tomando discretamente o seu

partido contra seus pais. Não tinha como saber que, quando Rosa desafiasse as últimas ordens deles, muitos anos depois, o resultado seria desastroso.



Para meu grande alívio, outro namoro logo substituiu o meu como tema principal dos mexericos do castelo. Diante da franca admiração de uma criada linda como Petra, a maioria dos homens na posição de Dorian teria agarrado essa oportunidade no mesmo instante. Ela gostaria do assédio e talvez permitisse uma ou duas apalpadelas antes de barrar suas investidas. Apesar de versada nas maneiras de despertar a atenção dos homens, Petra conservava uma virtude que as intrigas do castelo não haviam maculado. Ela acreditava no amor.

E Dorian estava encantado o bastante – ou foi esperto o bastante – para prometé-lo. O que havia começado como diálogos descontraídos, enquanto Petra servia as refeições, transformou-se em conversas cochichadas no Grande Salão, antes das refeições, e depois em olhares francos e ousados. Durante semanas, Petra riu das minhas perguntas, garantindo-me que aquilo não passava de um flerte brincalhão. Eu não tinha tanta certeza, e minhas suspeitas aumentaram quando deparei com ela numa alcova da escada dos fundos e a vi enfiar depressa um pedaço de papel no avental.

– O que você estava lendo?

Não era do meu feitio ser tão direta, mas alguma coisa em sua conduta furtiva me preocupou. A seu favor, preciso dizer que Petra não deixou aquele momento arrastar-se em falsas reticências. Pegou o bilhete e o entregou a mim.

O texto fora rabiscado no papel com mão firme e confiante. As letras tinham sido traçadas de um modo que não me era conhecido, com dramáticas subidas e descidas dos efes e eles, e levei alguns instantes para decifrá-las. Era um poema de amor, descrevendo a paixão de um cavaleiro por uma dama que jamais poderia pertencer-lhe. Eu tinha lido composições piores e, quando vi o enorme *D* no final, produzido com o máximo de floreio, fiquei surpresa por Dorian ser o autor de um texto tão refinado. Ele sempre me parecera mais dado à presunção juvenil do que a pensamentos contemplativos. Talvez houvesse copiado o poema de outra fonte, mas não verbalizei essa suspeita diante de Petra.

– É de Dorian? – perguntei.

– É. – Os lábios dela se curvaram num sorriso hesitante. – Ele me deu isso antes do jantar.

– Quer dizer que ele se imagina o cavaleiro?

Petra me lançou um olhar inexpressivo, e de repente compreendi. Ela sabia ler, mas havia aprendido num livro em que as letras haviam sido grafadas com criteriosa precisão. Era como se as palavras do poema de Dorian estivessem escritas

numa língua estrangeira.

– A letra tem um estilo muito incomum – observei, tentando poupar minha amiga de algum constrangimento. – Quer que eu lhe fale o que acho que diz?

Apointando com um dedo, para que Petra pudesse acompanhar meu avanço, fui pronunciando cada palavra sem emoção, tomando o cuidado de evitar a ênfase em qualquer passagem. Petra imaginaria aquelas palavras na voz de Dorian, não na minha. Quando terminei, senti uma pontada perversa de inveja por ela haver inspirado tal obra. Marcus, apesar de toda a sua gentileza, não era de fazer declarações em palavras inflamadas de paixão, e eu duvidava que algum dia recebesse um bilhete ou um poema de amor escrito por ele.

Petra pegou o papel e o dobrou num quadrado cuidadoso.

– Sei que você não aprova – falou.

O desafio em sua voz me assustou.

Apresei-me a lhe assegurar que eu nunca havia questionado o seu julgamento. Era mentira, mas ela pareceu ansiosa por acreditar.

– Tem sido muito difícil, Elise, manter em segredo a verdadeira natureza do laço que nos une. Ele valoriza minhas opiniões e conversa comigo como conversaria com uma mulher da posição dele, com extremo respeito. Observa coisas que eu digo de passagem, como se cada fala minha fosse preciosa. – Sua voz baixou para um sussurro. – Ele diz que me adora.

Fiquei perplexa. Uma coisa era um flerte descontraido, mas conquistar a afeição de um cavalheiro de alta estirpe podia ser perigoso. Se Dorian estivesse realmente apaixonado por Petra, a recusa das atenções dele pela moça poderiam significar o fim do serviço dela no castelo. Por sua vez, se ela cedesse aos apelos do rapaz, sua fama duramente conquistada de moça casta estaria perdida, e Petra contava com isso para conseguir um bom casamento.

– O que você vai fazer? – perguntei.

Ela balançou a cabeça devagar.

– Não sei. Eu invejo você, Elise. Não há obstáculos a um casamento seu com Marcus. Mas não vejo nenhuma solução feliz para mim e Dorian.

Eu também não via.

– Haja o que houver, você deve ser fiel a seus princípios – opinei.

Quando ela assentiu, acreditei que havia entendido a importância de preservar sua virtude.

Só depois de alguns dias vim a saber que ela havia extraído de minhas palavras um sentido muito diferente.

Eu estava indo visitar Flora na Torre Norte. Depois que a pior parte do inverno passou, ela havia começado a separar as sementes para plantio na primavera, um trabalho cansativo que, a meu ver, era mais adequado para um jardineiro que para uma curandeira. Apesar de todas as minhas apreensões iniciais, os remédios que Flora tinha me mostrado até então seriam do conhecimento geral de qualquer

parteira de vilarejo. Acostumada a ser a única pessoa a atravessar aquela ala do castelo, fiquei surpresa ao ouvir o som de vozes que vinham do patamar superior da escadaria que subia pelo centro da torre. Será que Flora estaria vagando lá em cima? Com quem estaria falando?

Subi com cautela, mantendo silêncio por um instinto que alertava para o perigo em potencial. Quando cheguei ao topo da escada, as vozes tinham cessado. À minha frente havia um grande portal em arco que levava a um cômodo revestido de lambris. Um som farfalhante captou minha atenção. A curiosidade venceu a apreensão e avancei pé ante pé. Pondo uma das mãos no batente para me equilibrar, dei uma espiada no interior.

Embora o rosto de Petra estivesse escondido pelo ombro de Dorian, reconheci-a no mesmo instante pelo brilho do cabelo louro-esbranquiçado que escapava de sua touca. Ela estava com as costas apoiadas numa coluna no centro do aposento, os braços esticados pelo esforço de abraçar a cintura dele. Uma das mãos de Dorian lhe envolvia a nuca, enquanto a outra estava debaixo da saia dela, expondo uma perna até metade da coxa. A meia já fora solta e estava amarfanhada em volta do tornozelo. Petra soltou um gemido leve, mas permaneceu imóvel como as estátuas que adornavam os salões da Torre Norte.

Embora horrorizada, não consegui desviar os olhos. Aquele não era o tipo de encontro de gemidos e apertos a que sabidamente se entregavam pajens e criadas da cozinha atrás dos estábulos ou nas despensas. Os dedos de Dorian acariciavam a parte interna da coxa de Petra, excitando-a com a proximidade de suas partes mais íntimas. O corpo dela comprimia-se contra o dele, consentindo, mas a mão de Dorian se movia sem pressa. Ele baixou a cabeça para mordiscá-la na orelha e, com essa ligeira mudança de posição, seu rosto virou-se para a porta.

Senti um frio na barriga. Por um instante, Dorian ficou imóvel. Em seguida, enquanto meu corpo ficava tenso, preparando-se para fugir, ele torceu a boca num sorriso de quem se divertia. De modo lento e deliberado, beijou a face e o pescoço de Petra, que gemia de prazer. Sempre me olhando, ele subiu mais a mão sob a saia dela. Petra não protestou; na verdade, pareceu aproximar-se ainda mais dele. Não consegui desviar o rosto. Dominada por desejos lascivos, imaginei-me tocada daquela maneira, alheia a tudo exceto às carícias do meu amado. Dorian percebeu tudo: minha inveja, minha vergonha, meu desejo. Nunca pude perdoá-lo por isso – nem a mim.

Arrancada de minha confusão pelo som da voz de Petra, corri para fora do quarto no instante em que ela sussurrou para Dorian que o amava. Ele retribuiu as palavras com voz firme e confiante, alto o bastante para ter certeza de que eu ouvisse.



Dias depois, numa tarde particularmente escura, vieram anunciar uma visita para a rainha Lenore. O homem em questão não atendia às expectativas de diversão das damas de companhia, pois era um artesão de metais que ia de aldeia em aldeia consertando panelas e utensílios de cozinha. Fez uma grande medida e disse ter sido pago para entregar uma carta nas mãos da rainha, e apenas nas dela. Examinando o papel branco dobrado que continha a mensagem, ela perguntou:

– Quem o mandou?

O homem balançou a cabeça.

– Uma mulher me deu isso em Greysgate, anteontem. Ela disse que o tinha recebido de outro como eu.

Era comum comerciantes transportarem cartas mediante um pequeno pagamento. Poucas pessoas tinham recursos para contratar os próprios mensageiros.

Franzindo a testa, a rainha abriu o envoltório externo, mas sua desconfiança transformou-se em prazer ao ver a letra do lado de dentro.

– É da Isla – anunciou.

Ordenou que lady Wintermale desse ao homem duas moedas de ouro por seus serviços e se concentrou na carta, com um sorriso.

Ocupei-me em tirar flores murchas de um dos vasos, para esconder minha irritação. Eu nunca poderia substituir Isla nas afeições da rainha; as duas tinham crescido juntas, compartilhando segredos que nunca me seriam contados. Mas o fato de alguém reconhecer que está sendo infantil nem sempre significa que vai deixar de ser. Será que Isla se arrependia de haver optado pelo amor de um homem, em vez do amor de sua senhora? Não era grande honra servir no círculo do príncipe Bowen desde que ele caíra em desgraça, e diziam que ele e seus homens andavam viajando por terras estrangeiras como soldados mercenários.

– Elise! – exclamou a rainha.

Tentei exibir uma expressão de interesse. As damas de companhia tinham se afastado para o outro lado do aposento, onde lady Wintermale estava repreendendo uma infeliz por um vestido com um decote impróprio.

– O príncipe Bowen casou-se – disse ela, os olhos correndo pela página.

Cheguei mais perto e dei uma olhadela no papel, o suficiente para ver que o texto fora escrito na língua nativa da rainha, e por isso não fazia sentido para mim.

– E adivinhe quem ele tomou por esposa! Jana deRauley.

Então Bowen tinha se aliado à família de má reputação que vinha instigando agitações desde antes do nascimento de Rosa. Até onde eu sabia, o clamor deles sobre seu direito ao trono havia cessado com a proclamação de Rosa como herdeira do rei Ranolf. Sendo assim, por que a notícia desse casamento deixou-me tão inquieta?

– É uma escolha estranha para um homem da importância dele – comentou a rainha. – Os DeRauleys podem ser senhores de suas terras, mas seu território é pequeno e sua fortuna é ainda menor.

– O príncipe Bowen está longe de ser alguém que se case por amor – opinei, e me arrependi do meu tom mordaz no mesmo instante.

Eu nunca havia contado à rainha a agressão que ele praticara contra mim. Mas ela não pareceu surpresa com minha evidente antipatia.

– O mais provável – disse, secamente – é que a mulher esteja grávida e ele tenha sido obrigado a se casar, ameaçado pela espada do pai dela.

Lembrei-me do príncipe Bowen me apalpando e dizendo que eu estava sob as suas ordens. Relembrei o ódio em seu rosto no dia da Assembleia Real. Não pude evitar a suspeita de que aquela aliança fizesse parte de um plano maior. E, pela expressão perturbada no rosto da rainha, ela estava pensando a mesma coisa.

– Isla não deu nenhuma explicação? – perguntei.

A rainha Lenore balançou a cabeça.

– O resto são recordações de quando éramos jovens.

Isla abriu mão de tudo para acompanhar o marido, e me perguntei se escrever aquela carta teria sido um modo de escapar de sua situação de rebaixamento para seus tempos de juventude. Eu sabia que a partida dela deixara no coração da rainha uma dor que eu nunca poderia curar plenamente, e imaginei se o medo de perder também a mim era a razão por que ela hesitava tanto em incentivar a corte que um homem da cidade me fazia. Se me casasse com um morador do castelo, poderia permanecer ao lado dela, e não muito depois de receber a carta de Isla, ela pediu ao rei que me concedesse um pequeno dote.

– Quero que você disponha de todas as vantagens em relação a seu futuro – disse-me a rainha, com um sorriso reconfortante. – Você sabe que se tornou muito bonita, e há muitos homens ótimos na corte, que a considerarão como uma séria perspectiva quando houver um dote envolvido.

Embora ela nunca tivesse depreciado Marcus na minha presença, a indireta contra ele ficou clara. Eu não podia deixar de comparar o cuidado com que Marcus evitava qualquer conversa sobre nosso futuro com o desejo arrebatador e temerário que Petra e Dorian sentiam um pelo outro. A submissão dela a ele, como logo fiquei sabendo, não tinha sido uma perda momentânea do juízo. Petra havia aberto seu corpo às carícias de Dorian porque ele lhe oferecera algo em troca: uma promessa de casamento.

Estávamos sentadas diante da lareira no Salão Inferior, aproveitando a relativa calma de uma noite de domingo, quando ela me contou que os dois vinham planejando se casar. Abracei-a e lhe dei meus parabéns, fingindo uma alegria que não senti.

– Dorian me pediu para não dizer nada, mas eu sabia que podia confiar em você – falou Petra, numa alegria embevecida. – Para se casar comigo ele terá de desafiar o pai, e por isso temos que fazer tudo em segredo.

O pai de Dorian, sir Walthur, era um homem sóbrio e intransigente, que provavelmente não se deixaria influenciar por apelos de jovens apaixonados. Com

uma origem relativamente humilde e tendo evoluído para uma posição de grande importância, ficaria furioso com a ideia de casar o filho com uma moça de nível tão inferior. Mas não precisava alertar Petra para os obstáculos em seu caminho; ela os conhecia melhor do que eu.

– Se o pai de Dorian o deserdar, ele terá que encontrar trabalho a serviço de outro senhor – prosseguiu Petra. – Ele não quer anunciar nossas intenções até que essas providências tenham sido tomadas. Mas tem sido difícil guardar segredo.

– Você não precisa ter segredos para mim – declarei.

Petra balançou a cabeça.

– Não terei. Não mais.

E, no entanto, escondi segredos dela. Não lhe contei sobre o olhar que Dorian e eu havíamos trocado na Torre Norte. Não lhe revelei minhas dúvidas sobre a fidelidade dele, nem descrevi a cena que havia observado na cozinha, na véspera, quando Dorian passara audaciosamente o dedo numa vasilha de massa e o levantara, perguntando qual das risonhas ajudantes de cozinha gostaria de tirar uma provinha. Petra já tinha visto com os próprios olhos o jeito como ele flertava. Se perdoava esse comportamento, eu também devia fazê-lo, ou correria o risco de perder a amizade dela. Mesmo assim, como já fizera tantas vezes, eu me perguntei que tipo de homem era Dorian, por baixo do seu exterior dourado. O simples desejo sexual não o teria induzido a fazer uma proposta de casamento. Tomar Petra como esposa destruiria as perspectivas dele na corte e seria um constrangimento para sua família. Ele só poderia fazer tamanho sacrifício por amor.

Será que Marcus correria o mesmo risco por mim? A triste verdade era que eu não sabia. No meu aniversário de 18 anos, ele me deu de presente uma pulseira de couro trançado em que tinha gravado nossas iniciais. Eu lhe disse que guardaria a pulseira com carinho, como fiz, levando-a aos lábios quando me deitava para dormir, imaginando as mãos fortes dele trabalhando o couro até o material ceder a seus comandos. Com a natureza inconstante da juventude, eu havia começado a sucumbir aos desejos lascivos que antes havia ridicularizado como uma fraqueza nos outros. Nas minhas fantasias, os lábios de Marcus moviam-se da minha boca para minhas faces, depois para meu pescoço, em seguida para a ondulação dos meus seios, numa progressão desordenada de descobertas ofegantes. Essas liberdades só poderiam ser tomadas quando estivéssemos casados ou, no mínimo, formalmente noivos. Mas Marcus não tocava neste assunto. E eu sentia um alívio envergonhado por ele não o fazer.

No fundo, não podia deixar de comparar a terna afeição de Marcus com o ardor que tinha visto no rosto de Dorian ao tocar Petra. Uma vez, para meu horror, sonhei com Dorian deitado a meu lado, entrelaçando as mãos no meu cabelo e murmurando promessas maliciosas do que faria a seguir. Será que Marcus seria capaz dessa paixão? Ou eu estaria apaixonada por um homem que era basicamente uma criação dos meus próprios anseios?

A rainha Lenore e Flora acreditavam que eu poderia ser mais do que esposa de um sapateiro. Embora odiasse a mim mesma por nutrir ideias tão desleais a Marcus, comecei a me perguntar se elas teriam razão.

## UM JURAMENTO É FEITO

Foi Flora quem alimentou sem querer minhas preocupações acerca do casamento com Marcus, e foi ela que, também sem saber, inspirou-me a precipitar as decisões. Ao longo de nossos encontros, ela começara a me mostrar algumas de suas poções mais exóticas, e cada nova descoberta só fazia aumentar meu apetite de conhecimento. Nada do que ela me revelou poderia ser chamado de magia, mas, mesmo assim, havia naquilo um deslumbramento: como é que uma simples mistura de ervas e sementes trituradas podia acalmar uma irritação na pele ou como um xarope de mel e água de rosas podia melhorar uma dor de garganta? Eu me sentia tranquilizada pela sensação acetinada que um pó fino conferia às pontas dos meus dedos, e ficava extasiada com os líquidos coloridos dispostos nas prateleiras. A própria Flora parecia rejuvenescida por seu papel de professora, e me guiava com um vigor atento e renovado, como se seus talentos se acentuassem na minha presença cheia de admiração. Pela primeira vez, pude vê-la como alguém que se equiparava a Millicent, uma mulher capaz de milagres. Embora ela estivesse com a vista fraca e tivesse ocasionais tremores nas mãos, mantinha em sua essência uma força serena. Ela podia ter sofrido, podia até ter brincado com a loucura. Mas não havia sucumbido. Depositara a defesa do reino sobre seus ombros frágeis e não se desfaria desse fardo enquanto seus segredos não estivessem seguros sob a minha guarda.

Era uma ideia empolgante. Ao mesmo tempo, uma honra que poderia nunca ser minha, percebi, se eu me casasse com Marcus. Será que alguém confiaria à mulher de um humilde artesão a segurança da herdeira do trono?

Um dia depois de Petra me contar que se casaria com Dorian, passei a tarde com Flora, ajudando-a a examinar caixas empoeiradas que ela havia retirado de um baú. Distraída por pensamentos invejosos, prestei pouca atenção a ela, até que algumas palavras que ela murmurava chegaram a meus ouvidos: “A cor azul, por toda a eternidade/ Assinalará o amor de verdade.”

Virei-me bruscamente. Flora segurava um frasco pequenino, que continha um pó de um azul vibrante, uma tonalidade que lembrava a das safiras que cravejavam um dos colares favoritos da rainha.

– O que disse? – perguntei.

– Ah, era uma canção de muito antes do seu tempo. Isto me fez pensar nela. É uma mistura de flores trituradas que alguns chamam de Deleite dos Amantes.

– Uma poção do amor? – indaguei, surpresa.

Flora inclinou a cabeça de lado e arregalou os olhos com exagerada inocência, evocando a aparência coquete que devia ter aprimorado anos antes.

– Você sabe que essas coisas não existem! Meus tratamentos afetam o funcionamento do corpo, não da mente. No entanto – acrescentou, devagar, prolongando o momento para promover o máximo de suspense –, se a pessoa inspira amor, também pode recebê-lo. Imagine uma mulher com timidez crônica. Ela fica muda na presença do homem predileto, por medo de chamar sua atenção. Imagine que ela beba um tônico que lhe ilumine as faces e lhe dê ânimo. Ela se torna segura e, por isso mesmo, desejável para o homem que antes não a notava. Isso é magia?

Algo na maneira de Flora contar a história me levou a suspeitar de que estava falando dela mesma. Eu sentia curiosidade sobre seu antigo romance desde que tomara conhecimento dele por meio de lady Wintermale, embora nunca houvesse tido coragem para tocar no assunto. Nas conversas, Flora sabia ser arredia como um potro, fugindo inesperadamente até dos temas mais inofensivos. Eu teria que agir com cuidado.

– Qual é a sensação que a pessoa que a toma experimenta? – perguntei.

Flora me olhou, considerando com cuidado suas palavras seguintes.

– É como se você houvesse engolido alegria – disse, por fim.

Girou o frasco com delicadeza nas mãos, fazendo o pó que havia grudado nas laterais se soltar.

– Só a experimentei uma vez. Vivi com as consequências desde então.

Aguardei em silêncio, temendo que perguntas intrusivas a assustassem.

– Ele se chamava Lorenz – continuou Flora em tom calmo, como se repetisse uma história que lhe tivesse sido contada muito tempo antes. – Ele não veio aqui para me cortejar, é claro... estava destinado a Millicent. Todos sabiam que a irmã mais velha tinha de se casar primeiro. Imagino que eu mesma tenha sido responsável por tudo o que me aconteceu, com a minha tolice. Ele era deslumbrante, sabe, realmente encantador. Cantava melhor do que os menestres do meu pai. Ansei por conquistar a atenção dele, nem que fosse por algumas horas. Então triturei as flores e as salpiquei na minha bebida, uma noite, no jantar. Quando a minha timidez se foi, eu o olhei abertamente do outro lado da mesa, ele retribuiu o olhar e Millicent foi esquecida. Você acreditaria se eu dissesse que nos apaixonamos naquele instante?

Fiz que sim com a cabeça.

– Creio que essas coisas podem acontecer.

– Lorenz procurou meu pai e lhe pediu minha mão. Possuía dinheiro, um título... meus pais não puderam fazer nenhuma objeção. Se Millicent houvesse concordado, teríamos nos casado. Como fui inocente ao achar que ela nos daria sua bênção! Ela espumou de raiva e se enfureceu; me acusou de tê-lo roubado unicamente para humilhá-la. Minha mãe ficou do meu lado, mas papai hesitou. E então Millicent foi agredida.

– Agredida?

– Segundo ela, Lorenz, com raiva, impôs-se a ela à força. Nenhuma das pessoas que o conheciam o considerou capaz disso, mas meu pai não teve escolha. Era seu dever proteger a honra da filha. Lorenz foi mandado embora, caído em desgraça. Meus pais proibiram qualquer contato entre nós e fui confinada ao meu quarto até ele partir. Semanas depois, ele morreu.

– Sinto muito – falei, em tom gentil.

Nunca a tinha ouvido falar por tanto tempo, e ficou claro que o esforço fora desgastante. Ela deu um suspiro profundo antes de continuar:

– A família de Lorenz fez parecer um acidente, mas ele havia tirado a própria vida. Enforcou-se num carvalho em sua propriedade. Minha família viu aquilo como prova de sua culpa. “O homem inocente luta para limpar seu nome”, Millicent me disse. “Só os culpados recorrem ao suicídio.” Ela parecia convencida de que tudo havia acabado bem. Eu me torturei durante meses, tentando chegar a uma conclusão sobre o que tinha acontecido. O homem que eu conhecera era bondoso e meigo. Teria havido um outro lado que ele mantinha escondido? Não me parecia possível. Mas, se meu julgamento do caráter dele era correto, aquilo só podia significar que Millicent havia destruído um homem pela simples satisfação de me superar. Como é que eu poderia pensar uma coisa dessa a respeito da minha própria irmã?

Imaginei Flora na juventude, ainda bonita, andando de um lado para outro em seu quarto solitário, atormentada por ideias sobre Millicent e sobre o homem amado, angustiada para saber de quem era a culpa. A traição a deixara marcada pelo resto da vida.

– Descobri que, no fim, a verdade não importava, porque o resultado não poderia ser mudado. Lorenz estava morto, e eu não conseguia imaginar a vida sem ele.

A agonia dessa perda ainda permanecia em sua voz juvenil, em seus olhos tristonhos. Peguei sua mão e a apertei de leve. O toque a trouxe de volta ao presente e ela baixou os olhos para o frasco de vidro, colocando-o na mesa entre nós.

– Há alguma razão para isto lhe interessar?

Vi a mesma vivacidade arguta que um dia vira em Millicent. Tal como a irmã, Flora tinha a capacidade de avaliar num instante os desejos mais profundos e recônditos de uma pessoa.

– Desde então, sempre me perguntei o que teria acontecido se eu não houvesse engolido aquele pó – comentou Flora, lançando-me um olhar atento. – Quando se trata de assuntos do coração, é melhor encontrar a resposta dentro de você, não num vidro.

Dentro de mim. Será que a saudade que eu sentia do toque de Marcus era amor verdadeiro ou não passava de um vergonhoso desejo sexual? Eu poderia me casar com ele e continuar a cumprir meus deveres junto à rainha e a Flora? Poção nenhuma seria capaz de facilitar meu caminho para a verdade. Eu teria de chegar a uma conclusão por meio de meus próprios atos.

Flora voltou a concentrar a atenção em seus vidros e começou a cantarolar uma melodia cadenciada, que me pareceu vagamente familiar. Então me lembrei. Era a mesma que eu tinha ouvido em minha primeira ida à Torre Norte e que viera de trás da porta fechada daquele mesmo quarto. Flora me dissera que seu amado tinha a voz linda. Será que o rapaz tinha cantado aquela música para ela e a canção ficara gravada na memória de Flora como um eterno lembrete de tudo o que ela havia perdido?



A chegada da primavera havia permitido que Marcus e eu retomássemos nossos encontros na cidade e, no domingo seguinte, ele sugeriu um passeio à colina que se erguia acima do porto de St. Elsip. No entanto, um calor opressivo, atípico da estação, desceu sobre nós na subida, evidenciando o cheiro pútrido de alimentos estragados e dejetos que flutuavam na água. Aquilo estava longe de ser um cenário para confidências românticas.

– Está fazendo muito calor – reclamei. – Deve haver outro lugar a que possamos ir para fugir do sol.

Marcus ficou pensativo.

– Conheço um lugar, perto da estrada para Allsbury.

A cidade de que ele falou situava-se na direção oposta à do vilarejo em que eu tinha crescido, aninhada ao sopé das montanhas que eu via das janelas do castelo. Nos meses mais quentes do verão, muitas famílias da nobreza se refugiavam em suas residências de lá, onde diziam que o ar era mais fresco por ser uma região montanhosa.

Oferecendo-me a mão, Marcus me ajudou a ficar de pé e saímos andando. O calor havia deixado St. Elsip entorpecida, e as poucas pessoas pelas quais passamos moviam-se com o andar arrastado e zozno dos sonâmbulos. Não mais de cinco minutos depois de atravessarmos a Ponte das Estátuas, saímos da rua principal e Marcus me conduziu por uma trilha para carroças que levava a um arvoredo. Ouvi pássaros cantando no alto, mas, afora isso, estávamos completamente sozinhos.

– Este caminho leva ao curtume onde compramos nosso couro. Meu pai conhece a família há séculos.

Marcus falou depressa, sem me olhar nos olhos, num nervosismo que eu nunca vira antes. Se fosse qualquer outro rapaz me conduzindo por uma floresta deserta, eu teria dado meia-volta e corrido.

– Chegamos – disse ele, fazendo sinal para uma abertura entre as árvores, tão estreita que minhas saias roçaram nos troncos quando passei.

Diante de mim abriu-se uma clareira, uma serena amplitude verde pontilhada de flores silvestres. Um riacho corria suavemente pelo centro e desaguava num lagoinho

liso como um espelho. A luz do sol passava por entre as folhas em nexas douradas. Marcus sorriu ao ver minha alegria.

– É lindo – falei, emocionada, mas Marcus tinha virado de costas e estava tirando nosso almoço da bolsa de couro amarrada em seu cinto.

Trocamos algumas palavras enquanto comíamos, entregues à letargia causada pela serenidade do ambiente. Mas meu coração batia mais depressa e meu corpo formigava inteiro de expectativa toda vez que ele me olhava.

– Você já esteve aqui? – perguntei.

– Faz algum tempo que não venho.

– Parece o tipo de lugar a que um homem levaria uma mulher para seduzi-la – observei em tom leve. – Estou inteiramente à sua mercê.

– Eu... eu lhe garanto... – gaguejou Marcus.

Quando ficava nervoso ou ofendido, era comum lhe faltarem palavras, e ele me fitou com ar desamparado.

Dei um suspiro irritado e fiquei de pé. Se Marcus não conseguisse declarar-se ali, talvez nunca o fizesse. Dei alguns passos em direção ao lago, atraída pela água cintilante. De manhã eu tinha colocado um vestido pesado de inverno, sem imaginar que o clima pudesse esquentar tanto ainda no início da estação. Minha pele estava coberta por uma camada pegajosa de suor e eu me senti tentada a entrar na água, de roupa e tudo. Se estivesse na fazenda da minha família, eu o teria feito.

Sentei-me à beira do lago e enfiei as mãos por baixo das saias para tirar as meias. Levantando ousadamente o vestido até os joelhos, entrei naquele bendito frescor. A água estava ainda mais agradável do que eu havia imaginado, e me deleitei com a sensação dela em minha pele. Marcus permaneceu na relva, completamente imóvel, olhando com extasiada atenção. E me desafiando a chocá-lo ainda mais.

Saí da água devagar, ainda com as saias levantadas, deixando um rastro de gotas d'água na grama. Parei diante de Marcus, no meio da clareira, e ele fitou minhas pernas nuas, depois subiu os olhos para meu rosto. Encarei-o, num desafio silencioso. Com movimentos lentos, ele se levantou e levou a mão à minha touca, soltando-a. Encorajado por minha concordância, deslizou as mãos por meu cabelo, libertando as grossas mechas castanhas de seus prendedores. Seu afago desencadeou uma onda de prazer que desceu do meu couro cabeludo e passou por meu pescoço, até chegar à barriga. Fechei os olhos para sentir mais plenamente o toque. Com delicadeza, ele soltou as ondas de cachos. Ninguém jamais tocara em meu cabelo, a não ser minha mãe. Eu nunca havia imaginado que isso pudesse provocar tamanha mistura de serenidade e desejo.

– Você é linda – murmurou ele.

Em qualquer outra ocasião, eu teria protestado com sobriedade. Mas, na tranquilidade da clareira, com meus batimentos acelerados, me deleitei com sua admiração.

Ele afastou fiapos de cabelo do meu rosto, roçando os dedos em minhas faces e em minha testa. Quando enfim abri os olhos, vi-o curvar-se na minha direção para um beijo. Foi um beijo diferente de qualquer outro que já tivéssemos trocado, pois provocou uma ânsia desesperada, que dominou meus sentidos. Com urgência, apertei os braços dele, passei as mãos por suas costas, agarrei o cabelo em sua nuca e assim, agarrados um ao outro, fomos arriando até o chão, num frenesi. Nesse momento, compreendi por que Petra tinha se entregado a Dorian, por que havia perseguido essas sensações até o fim.

– Elise – murmurou Marcus em meu ouvido –, que tentação você é para mim.

Então ele deslizou os dedos por minha face e meu pescoço, mas afastou o corpo de mim. A mudança abrupta despertou-me do meu aturdimento arrebatado e eu o fitei, confusa, enquanto ele se sentava.

– Você sabe que não tenho jeito com as palavras – disse, remexendo-se, constrangido –, mas não vou deixar que você me julgue um homem sem honra. Se vamos... quer dizer, se você vai me permitir... isto... minhas intenções precisam estar claras. Elise, sempre tive a intenção de torná-la minha esposa, e agora nós podemos nos casar quando você quiser. Amanhã, se desejar.

Surpresa, eu respondi a primeira coisa que me ocorreu:

– Pensei que você só fosse ser aceito na guilda no inverno.

– A guilda aprovou uma modificação das regras no meu caso, já que venho assumindo grande parte do trabalho do meu pai. Ainda esta semana, eles concordaram em me aceitar como membro pleno. Não é uma notícia maravilhosa?

Ele me olhou com tanta esperança, tanta devoção, que senti um aperto no peito. Só conseguia pensar no meu trabalho com Flora, em tudo o que eu ainda tinha para aprender. E em Rosa, ainda tão pequena, tão afrita para ouvir minhas palavras tranquilizadoras sempre que era assaltada pelos pesadelos. *Ainda não*, pensei. *Não tão depressa.*

– E então... você quer se casar comigo? – perguntou Marcus, com o rosto radiante.

– Sim – respondi. E de novo, com mais vigor: – Sim.

Proseguir na conversa só traria o risco de eu revelar a verdade sobre meus sentimentos conflitantes. Fiquei de pé, estendi as mãos para Marcus e levei-o até o lago. Ele tirou a camisa e jogou água no rosto e no peito. Logo em seguida, espirrávamos água um no outro como duas crianças. Aos poucos nossas risadas se extinguíram e meu coração disparou quando Marcus pôs as palmas molhadas e frias em meu rosto. Parecia estar bobo de felicidade, numa alegria abençoada. Corri as mãos por seus braços e ombros, deleitando-me com sua firmeza.

– Não ofereço meu amor de forma leviana – disse-me com um suspiro, deslizando um dedo pela base do meu pescoço. – Ele é seu, Elise, para sempre.

Senti suas mãos moverem-se para as costas do meu vestido. Com um sussurro meu de assentimento, ele soltaria os cordões e desceria o corpete de meus ombros.

Minha pele nua encostaria na dele, e pensar nessa sensação me deixou desesperada de luxúria. Como seria fácil sucumbir aos meus desejos, agora que estávamos noivos! Mas entregar-me por completo a ele selaria nosso casamento de um modo que minhas palavras não haviam feito. Uma precavida voz interior me aconselhou a me conter. Gentilmente, puxei Marcus para baixo, até nos ajoelharmos na água, com minhas pernas encostadas nas dele. Voltamos a nos beijar repetidas vezes, perdidos no sabor e na sensação um do outro. Quando paramos para respirar, ele deslizou os lábios pela curva dos meus ombros, murmurando as palavras de devoção que havia guardado por tanto tempo. Senti suas mãos se moverem, hesitantes, por baixo da minha saia encharcada, subindo por minha coxa. Aquele toque me provocou um arrepio de prazer, mas serviu também de advertência. Se eu desse a Marcus acesso a esses prazeres, não haveria como voltar atrás.

Com uma olhadela para o lado, vi que o sol tinha baixado bastante.

– A rainha está à minha espera – falei rápido, e em seguida levantei e torci o vestido encharcado. – Perdi a noção da hora.

– Não é de admirar – disse Marcus, observando-me com uma expressão divertida de afeição.

Minha reação positiva a seu pedido havia liberado alguma coisa dentro dele, que sorria com uma confiança desenvolta que até então eu nunca tinha visto. *Ele me ama*, pensei com súbita clareza. *Ele me ama de verdade*. E a ideia dessa devoção foi emocionante e assustadora.

No trajeto de volta por St. Elsip, andando pelas ruas que tínhamos percorrido tantas vezes, a necessidade desesperadora que Marcus havia provocado em mim assumiu o caráter de um sonho. Agora estávamos comprometidos, mas enquanto caminhávamos juntos, parecia que nada havia mudado. Eu não deveria sentir-me transformada?

– Eu planejava pedir a bênção da sua família, mas, como os seus pais morreram, fiquei sem saber ao certo com quem falar – comentou Marcus. – Com seus tios? Ou será que é a rainha que deve dar permissão?

Como eu não tinha intenção de rever meu pai, levava Marcus a crer que ele havia morrido de varíola. Por um instante, o tamanho da minha mentira me impressionou. Como é que eu poderia entrar no sacramento do matrimônio tendo escondido tantas coisas do meu futuro marido?

– A rainha está ciente da nossa ligação – respondi. – Não pode fazer nenhuma objeção.

Ou será que faria? Eu era uma mulher livre, e me casar com o homem de minha escolha era algo que não poderia me ser negado. Mas a suspeita de que a rainha não aprovava Marcus me perturbava como se ela fosse minha própria mãe. Quando voltei a seus aposentos, ela notou de imediato minha saia encharcada e começou a fazer perguntas maliciosas. Troquei a roupa depressa por um vestido seco, tentando encontrar as palavras certas para compartilhar minha novidade. No fim,

simplesmente disse que Marcus havia pedido minha mão e que eu tinha aceitado.

– Ah, Elise – disse ela, estampando um sorriso.

Abraçou-me e eu quase comecei a chorar, sabendo que ela estava demonstrando alegria para me agradecer.

– Agora você precisa contar-me tudo – pediu, com animação forçada. – Vocês já têm uma data em mente?

– Não antes do fim do ano, quando ele concluirá seu período como aprendiz – respondi.

Com que facilidade me veio a mentira! Tudo de que eu precisava, segundo disse a mim mesma, era mais tempo. Tempo para descobrir como poderia me casar com Marcus sem perder tudo o que havia conquistado.

– Admito que a ideia de você partir me dilacera o coração – disse a rainha. – E a pobre Rosa ficará arrasada.

Aos poucos, com delicadeza, ela explicou as consequências de escolher Marcus como meu marido. Na posição de mulher de um sapateiro, eu já não seria uma companhia adequada para Rosa. Uma cidadã da minha posição não poderia ser admitida nos aposentos reais, falar livremente com qualquer pessoa da nobreza nem passear pelos jardins com Flora. Em todos os sonhos que tive com os olhos expressivos de Marcus, eu nunca havia reconhecido a que ponto ele era socialmente inferior à rainha e ao resto da corte. Será que me casar com o homem que eu amava seria uma compensação por tudo o que eu perderia?

Foi a ideia de dizer adeus a Rosa que fez as lágrimas rolaem por minhas faces.

– Eu nunca pretendi... – hesitei. – Nunca pretendi causar tristeza a ela. Nem à senhora.

Os olhos da rainha Lenore também ficaram marejados, num sinal de solidariedade.

– Pronto, passou. Há sempre necessidade de homens talentosos na corte. E se eu achasse um lugar para o seu Marcus aqui?

A rainha propôs um plano tão bem detalhado que ficou claro que o havia elaborado algum tempo antes. O Sr. Rees, o sapateiro do castelo, vivia precisando de ajuda e teria prazer em acolher Marcus na sua equipe de artesãos. Poderíamos morar no castelo como marido e mulher, e eu conservaria minha posição como criada pessoal da rainha.

– Ah, milady, a sua oferta será uma honra enorme para ele. Obrigada!

– Não, eu é que devo lhe agradecer por levar em consideração os meus sentimentos egoístas. Farei o que puder para mantê-la ao meu lado.

– Eu não a deixarei – prometi, com o fervor de um juramento de sangue.

O ar de melancolia que pairava sobre a rainha Lenore como uma névoa primaveril dissipou-se por um breve momento e tive um vislumbre da mulher que eu um dia havia conhecido, em quem a beleza interior e a serenidade exterior alinhavam-se com perfeição. Ela passara por tantas tristezas, carregara um fardo

tão pesado de culpa, que eu não suportaria causar-lhe mais sofrimento.

Havia uma pessoa que tive certeza de que se alegraria com a notícia do meu noivado, e fui procurá-la mais tarde. Não vi Petra limpando o Grande Salão depois do jantar, e ninguém no Salão Inferior soube me dizer seu paradeiro. Já era bem tarde da noite quando me arrisquei a subir ao quarto particular dela nas instalações das criadas, uma honraria que lhe fora concedida fazia pouco tempo, em homenagem a sua nomeação como arrumadeira-chefe.

Bati de leve. Não houve resposta. Empurrei a porta e vi Petra deitada em sua cama, de frente para mim. Seus olhos brilhavam no escuro.

– Posso entrar? – perguntei.

Ela não disse que não, por isso cruzei a soleira, protegendo meu castiçal com uma das mãos.

Fazia mais de uma semana que não tínhamos uma conversa a sós, e fiquei chocada ao ver a mudança nela. Petra estava completamente imóvel, com o sofrimento estampado no rosto. Com a voz fria como os pisos de pedra do castelo, contou-me que Dorian havia rompido o noivado, por ordem do pai. Os olhos dela mostravam-se inexpressivos e sem lágrimas; ela havia derramado todas, afirmou.

– Ah, Petra – falei, arrasada com o infortúnio de minha amiga. – Eu sinto muito.

– Você deve me achar muito tola.

– Não, é claro que não – retruquei.

Apesar da minha desconfiança de Dorian, eu havia torcido para vê-los casados, pelo bem de Petra.

– Eu seria capaz de conseguir, se não o visse – disse ela em voz baixa. – Isso exigiria todas as minhas forças, mas eu conseguiria tirá-lo da cabeça. Mas como posso esquecer, se andamos pelos mesmos corredores, se o vejo rindo com as ajudantes de cozinha todas as noites?

– O verão chegará logo. Ele vai se ausentar, para caçar ou viajar para os torneios. A dor vai diminuir.

– Vai?

Não soube o que responder. Petra virou de lado, desviando os olhos de mim e focando-os na parede.

– Por favor, me deixe sozinha – pediu.

Mais uma vez, não tive sabedoria suficiente para compreender que as mulheres podem pedir em voz alta exatamente o contrário do que desejam. Curar a decepção amorosa de Petra estava fora do meu alcance, mas eu poderia ter diminuído o fardo da sua solidão. Em vez disso, recuei.

– Tenho uma coisa para lhe contar – falei, parando junto à porta. – Eu queria que você fosse a primeira a saber, antes de a notícia se espalhar. Marcus me pediu em casamento.

Ela não se mexeu.

– Desejo-lhe tudo de bom.

Sua voz soou abafada, mas firme. Era como se ela fosse uma das damas de companhia da rainha oferecendo seus melhores votos, educadamente, a uma conhecida superficial.

Não havia mais nada a dizer. Deixei Petra sozinha com seu sofrimento e tentei afastar a ideia desleal de que eu tivera razão. Convenci a mim mesma de que devia poupar seus sentimentos, e que seria difícil ela querer a companhia de uma amiga recém-prometida em casamento, quando fazia tão pouco tempo que seu coração fora destruído. Mas meus motivos não foram altruístas. Fiquei longe de Petra porque não suportei assistir à sua dor. Uma dor que um dia eu infligiria a um homem a quem dizia amar.

## A VERDADE SEMPRE APARECE

Escrevi para Marcus, convidando-o a vir ao castelo para conhecer o Sr. Rees e tomar conhecimento de suas perspectivas futuras. Para minha desolação, ele me cumprimentou no portão não com um abraço, mas com um meneio tenso da cabeça.

– Não tenho a intenção de me rebaixar diante do sapateiro do castelo – disse em tom ríspido, e levei um susto com sua frieza inesperada.

Eu o deixara louco de amor depois do nosso último encontro. O que havia mudado?

Insisti para que ele me acompanhasse até uma alcova logo adiante do Grande Salão, onde ficaríamos mais ou menos escondidos das idas e vindas dos moradores e visitantes do castelo. Era o tipo de lugar em que, anteriormente, Marcus poderia aproveitar a penumbra para encostar a mão na minha e roubar um beijo furtivo. Em vez disso, ele me encarou com uma expressão entre a raiva e a perplexidade.

– Como é que você pôde aceitar uma negociação dessas em meu nome?

– É uma grande honra! A rainha fez essa oferta por afeição a mim. Você deveria estar grato.

– Grato por recomençar como aprendiz de outra pessoa, quando acabo de ser aceito na Guilda dos Mercadores?

– Tenho certeza que você não começaria como aprendiz – retruquei, mas ele me interrompeu, balançando a cabeça de modo resolutivo.

– Você não consegue entender, não é? Não compreende o que significa para mim e para meu pai sermos donos da nossa própria loja, termos nos tornado quem somos. Ele trabalhou a vida inteira para garantir que eu nunca tivesse que obedecer às ordens de ninguém.

Deslumbrada com a magnificência da corte, eu não conseguia imaginar ninguém que optasse por recusá-la. Como fui cega, ao não perceber que a independência de Marcus, a qualidade que primeiro me atraía nele, seria também a garantia de que ele jamais me seguiria no serviço à realeza. Eu não compreendia que um homem modesto também pudesse ter orgulho e não se dispusesse a fazer o que outras pessoas consideravam bom para ele se isso entrasse em conflito com suas convicções mais profundas. Marcus sempre fora tão gentil, tão cordial, que eu havia subestimado sua determinação quando ela mais importava.

Achando que ainda seria possível influenciá-lo, tentei de novo:

– A vida aqui seria fácil para você. Você me disse que nunca sabe quanto vai ganhar de um mês para outro. Aqui não haveria essa insegurança, e tenho certeza que a rainha se certificaria de que a remuneração fosse generosa.

– Ah, sim, será uma vida confortável. Mas por quanto tempo?

– A rainha não é volúvel em suas afeições. Uma vez que você prove...

– Não foi isso que eu quis dizer – interrompeu Marcus, com uma olhadela rápida para os dois lados, para ter certeza de que ninguém nos ouviria. – A rainha pode proteger as pessoas que caem nas suas graças, mas quem é capaz de dizer por quanto tempo as ordens dela serão obedecidas?

Aquilo me chocou. Eu ouvira falar de homens que tinham sido presos por depreciarem o rei em público.

– Você não pode dizer essas coisas – sibilei.

– Estou longe de ser o único – retrucou Marcus. – A posição do rei nunca será segura, enquanto o irmão dele tiver direito ao trono.

O príncipe Bowen. Eu podia imaginar lavradores como meu pai falando, orgulhosos, sobre as façanhas de Bowen, e rejeitando com azedume a perspectiva de uma mulher assumindo a coroa.

– É muito provável que as queixas não deem em nada – garantiu Marcus. – Pode ser até que a rainha ainda tenha um filho varão, agora que mostrou ser fértil. Mas você precisa entender que a vida na corte não é garantia de prosperidade nem de segurança. Prefiro me encarregar do meu próprio destino.

Era um lema que poderia ter sido dito por mim. Como eu podia censurar Marcus por ter os mesmos anseios?

– Então estamos de acordo – disse ele, tomando meu silêncio por concordância.

Sorrii, com o rosto inundado de alívio, e senti uma pontada no coração. Sua confiança em mim era absoluta. E imerecida.

– Você precisa ir logo jantar lá em casa, para podermos dar a notícia juntos a meus pais – prosseguiu, com a voz ansiosa. – Quando terá uma folga à noite?

– Você não falou com eles sobre o nosso noivado? – indaguei, surpresa.

– Não... ainda não.

A resposta reticente o traiu. Havia mais alguma coisa que ele estava com medo de dizer. Cravei-lhe meu melhor olhar sisudo e ele esfregou as mãos nas faces e na nuca, num gesto a que recorria com frequência enquanto ordenava as ideias.

– Lembra-se daquele dia no bosque?

Enrubesci ao pensar nele; como poderia não lembrar? Mas Marcus não me acompanhava nas recordações conspiratórias. Apressado, continuou a falar:

– Eu lhe disse que aquele caminho levava a um curtume. O curtureiro tem uma filha, a única que sobreviveu às doenças. Anos atrás, ele e meu pai fizeram um acordo...

Nem mesmo nessa hora compreendi o que ele dizia.

– Um acordo de negócios? – perguntei.

– De certo modo – respondeu Marcus, baixando os olhos. – Selado pelo casamento entre seus dois filhos.

– Você foi prometido a outra moça? – indaguei, estarrecida.

– Não há nenhum contrato – retrucou ele. – Foi por isso que nunca toquei no assunto, por medo de que você entendesse mal. Hester e o pai não têm nenhum direito formal sobre mim.

– Hester? Então você a conhece?

– Encontrei-a algumas vezes. Mas não tenho a menor afeição por ela, eu juro.

Então Marcus estendeu uma das mãos para minha cintura, a fim de me puxar para ele. Um grupo de camareiras apareceu mais à frente, em meio a uma barulheira de urinóis e vassouras, e ficamos imóveis, com os olhos de Marcus vasculhando os meus. Curiosamente alheia, evitei seu olhar enquanto as mulheres passavam, depois me inclinei para a frente e aninhei o rosto em seu pescoço. Como era fácil me perder em seu corpo rijo, deixando o toque de seus dedos na minha pele afastar a razão, em favor da sensação.

Marcus falou baixo, fazendo a aba da minha touca ondular com sua respiração:

– Quando meu pai nos vir juntos, e vir como estamos felizes, ele compreenderá.

*Isto poderia ser meu para sempre*, disse a mim mesma. *A sensação deste abraço, a bondade deste homem que não suporta me ver magoada.*

– Eu te amo, Elise – disse ele, roçando os lábios nos meus. – Nunca duvide do meu amor por você.

Eu não duvidava. Era eu que tinha de suportar minhas dúvidas não ditas.



Com a sensação ainda presente dos beijos de Marcus, busquei refúgio na capela do castelo. A pequena igreja era de uma simplicidade surpreendente, dada a grandeza majestosa do resto da construção, mas, aos meus olhos, o caráter modesto do aposento acentuava sua santidade. Uma estátua da Virgem Maria erguia-se de um lado do altar e um crucifixo de ouro pendia da parede atrás dele, mas, afora isso, não havia nenhum dos adornos preciosos que eram comuns nas igrejas das famílias reais. Quando a luz do sol se infiltrava pelas janelas altas e estreitas, dourando a cruz e fazendo-a ganhar vida como uma chama, parecia que o próprio Deus tinha descido para nos abençoar. Ajoelhei-me diante do altar e roguei por orientação. Eu poderia continuar servindo à rainha Lenore ou me tornar esposa de Marcus, mas não poderia fazer as duas coisas. Qualquer que fosse o caminho escolhido, eu faria sofrer alguém a quem amava. No fundo do coração, eu sabia que a resposta teria que vir de dentro; eu não confiava muito em sinais. Mas estava enganada.

No dia seguinte, o castelo foi abalado por uma notícia devastadora, que desencadeou uma sequência de acontecimentos que deixou claro onde eu depositava minha lealdade. O rosto do rei estava carregado de tristeza quando ele informou que seu primo, lorde Steffon, havia morrido. Um acidente de caça, dissera o mensageiro, numa floresta entre as montanhas, onde ele tinha ido visitar a irmã e a família dela.

Uma flecha perdida o havia derrubado instantaneamente. Lorde Steffon e o rei haviam atingido juntos a maioria e eram quase como irmãos. A perda de um companheiro tão estimado já seria bastante triste, mas o rei Ranolf esbravejou que essa morte não tinha sido acidental, que fazia parte de um golpe traiçoeiro contra ele e seu reinado. Lorde Steffon, jurou ele, seria não apenas lastimado, mas vingado.

Sob as fundações do castelo ficava sepultado um calabouço, ao qual se chegava por uma pesada porta de ferro perto dos estábulos. Eu ouvira a descrição do lugar como um fosso deprimente e abafado, e os guardas do castelo que se alternavam no serviço do presídio reclamavam quando chegava sua vez de ficar de plantão – ninguém ia de bom grado para um local como aquele. Uma vez eu passara por lá, por acaso, quando a porta estava aberta, e tudo o que conseguira ver tinham sido uns degraus toscos de pedra, que desciam em direção à escuridão profunda. Foi para lá que os três soldados da guarda de lorde Steffon foram arrastados aos tropeços, com os braços firmemente atados às costas e os rostos crispados de medo.

Uma aglomeração no castelo assistiu em silêncio quando sir Walthur anunciou que os homens que haviam acompanhado lorde Steffon na sua infausta caçada tinham sido acusados de homicídio e traição. Depois que ele se retirou para uma reunião com outros conselheiros, vi dois carpinteiros do castelo lutando com um feixe de varas longas e tábuas de madeira, que tentavam fazer passar pela porta do presídio.

- O que eles estão fazendo? – perguntei a um dos guardas parados ali perto.
- Construindo um ecúleo, por ordem do rei.

Inocente como era, eu não sabia o que era um ecúleo nem como seria usado. O guarda teve prazer em me explicar, e eu preferiria que não o tivesse feito. Nos dias que se seguiram, eu poderia jurar ter ouvido os gritos daqueles homens aterrorizados atravessarem as camadas de pedra implorando salvação da tortura que lhes fora imposta. Os três alegaram inocência até o fim, mesmo depois de terem sido sentenciados a morrer na forca, na praça da catedral de St. Elsip.

A maioria dos criados aceitou alegremente a permissão do rei para assistir à execução. Optei por não ir, enojada com o ar de comemoração daquele dia. A humilhação pública que o soberano havia imposto ao próprio irmão – anunciando a gravidez da rainha justo no dia em que o príncipe Bowen esperava ser saudado como herdeiro do trono – tinha mostrado que ele sabia ser implacável com quem insultava sua honra. Mas eu nunca havia pensado nele como um homem cruel até esse dia, quando condenou três homens inocentes à morte. Os soldados que iam para a forca tinham servido a lorde Steffon durante anos; muitos dos que iriam vê-los morrer tinham cavalgado ao lado deles, comido com eles, rido das histórias de suas aventuras. Como podia alguém acreditar que eles houvessem pretendido ferir seu amo? E de que serviria a morte deles?

Em busca de consolo, fui passear pelo jardim vazio. Algumas mudas tinham começado a brotar nos canteiros de ervas e eu me perguntei se estaria presente para

ver essas plantas desabrocharem em sua plenitude. A ideia de que a vida ali continuaria sem mim era inconcebível.

– Elise.

Era Flora, que havia surgido do seu jeito silencioso habitual. Se eu não conhecesse a verdadeira natureza benigna de seus poderes, talvez a acreditasse capaz de aparecer e desaparecer por mágica, segundo sua vontade.

– Acabou? – perguntou ela.

Senti que ela estava tão perturbada quanto eu com o destino dos soldados. Olhei para o céu, onde o sol estava quase diretamente acima de nós.

– A esta altura, suponho que sim – respondi. Em seguida, encorajada pelo olhar meigo e solidário de Flora, teci um comentário amargo: – Três homens mortos, e por quê? Um arco apontado na direção errada numa floresta escura. Um erro que qualquer um poderia cometer!

– Não, não foi um erro – disse Flora em voz baixa. Seu rosto estava tão carregado de tristeza quanto estivera o do rei ao anunciar a morte do amigo. Até então, nada havia me lembrado de maneira tão vívida que eles eram parentes de sangue. – A flecha penetrou no coração de lorde Steffon. Foi destinada a matar.

– Não posso acreditar que qualquer um deles tenha feito isso! – exclamei.

– Nem eu.

Flora começou a caminhar de um lado para outro, com a bainha da saia desenhando uma trilha no chão.

– A flecha que matou lorde Steffon tinha uma pluma verde-escura no cabo. Nenhum soldado do rei carrega flechas desse tipo. Ela teve a intenção de ser uma mensagem para o rei. E para mim.

Lembrei-me do ousado vestido verde que Millicent havia usado ao maldizer Rosa. Da estranha estatueta verde que ela pusera nas minhas mãos. Da capa de veludo verde que tantas vezes ela jogara sobre os ombros, com um floreio dramático.

– Millicent? – perguntei, horrorizada.

Flora assentiu com a cabeça, com uma expressão desolada.

– Mas, como?

– Ela tem maneiras de levar os outros a fazerem o que lhes ordena. Você sabe disso tão bem quanto qualquer um.

Mordida como se tivesse ouvido uma repreensão, enrijei-me. Mas Flora não dissera aquilo com crueldade; simplesmente afirmara um fato.

– Você falou com o rei sobre suas suspeitas? – perguntei.

– Ranolf nunca deu muita atenção a minhas opiniões. Ele concordou que Millicent pode ter instigado o plano, mas estava convicto de que um dos homens de lorde Steffon disparou a flecha fatal. Quis enforcar todos eles para não correr o risco de que o culpado ficasse livre. No entanto, creio que o culpado tenha sido outra pessoa, alguém que tomou o cuidado de não ser visto. O rei mandou alguns homens

para Brithnia há alguns dias, para caçarem minha irmã, só que ela já terá partido quando eles chegarem. Não sei onde ela vai buscar asilo desta vez nem que forma sua vingança poderá tomar; sei apenas que ela nunca desistirá. É por isso que preciso de você, Elise. Para que continue meu trabalho depois que eu partir.

– Não fale assim... – implorei, mas ela não me deu ouvidos.

– Preciso falar – interrompeu. – Não sei quanto tempo me resta. Se eu morresse amanhã, Millicent saberia. E viria atrás de Rosa.

Então ela parou diante de mim e, pela primeira vez, vi que estava realmente com medo. Quando prometera à rainha que manteria a família real em segurança, havíamos acreditado nela. Nesse momento, vi sua segurança fraquejar, vi as dúvidas que haviam começado a atormentá-la. Fiquei apavorada.

– Não posso – murmurei, franzindo o rosto de vergonha.

Como seria possível me confiarem a atribuição de deter alguém como Millicent, uma mulher decidida a fazer o mal, capaz de submeter minha mente a seus desejos?

– Eu não desejaria este fardo a ninguém – disse Flora, desanimada. – Mas você é a única em quem confio. Estou muito cansada, Elise. Não sei por mais quanto tempo conseguirei enfrentá-la.

Se me esquivasse desse dever, eu me responsabilizaria por toda a eternidade por qualquer mal que acontecesse a Rosa ou à rainha Lenore. Pensei no rosto da soberana, tão rapidamente envelhecido, e em minha promessa de nunca sair de perto dela. Imaginei Rosa adoecendo, definhando diante de mim. *Não, não permitirei isso, jurei.*

– Diga-me o que devo fazer.

Flora sorriu, o rosto iluminado de alívio, e vi como devia ter sido bonita quando jovem e livre de inquietações. Ela pegou minha mão e lhe deu um tapinha. Nesse momento, senti que seus dedos ressecados feito papel eram frágeis como casca de cebola.

Flora não me permitiu fazer outras perguntas, dizendo que falaríamos dessas questões no devido tempo. Depois que ela pediu licença e se retirou para descansar, andei por algum tempo pelas aleias, até que a confusão que havia toldado minha visão do futuro se dissipasse. Quando saí no pátio do castelo, preparando-me para o que viria depois, já encontrei o local abarrotado de pessoas que voltavam do enforcamento, conversando e sorrindo como se houvessem acabado de assistir a um torneio, não a uma execução. Elas achavam que se fizera justiça e nada sabiam do perigo que ainda nos ameaçava a todos. Senti vontade de gritar para tirá-las de seu contentamento presunçoso.

No portão frontal, tive que chegar para o lado quando uma procissão de carruagens entrou. Achando que o caminho enfim estava livre, dei um passo à frente e precisei me encolher, apavorada, quando um cavalo de repente se assustou diante de mim e bateu com os cascos no chão a centímetros dos meus pés. O animal estava agitado em meio à multidão; precisava de mãos fortes para mantê-lo na linha, e

gritei raivosamente com o cocheiro.

Era Horick, arriado em seu banco, com as rédeas frouxas nas mãos.

– Cuidado aí, mocinha – disse ele, em sua fala arrastada.

– Cuidado com o seu cavalo – rebati.

A carruagem parou, bloqueada pelas que iam à frente. Levantei os olhos para a cara emburrada de Horick e ele resmungou alguma coisa, revirando os olhos. Se fosse qualquer outra pessoa, eu teria lhe dado as costas, mas o desrespeito dele me enfureceu.

– O que foi que disse? – perguntei.

– Falei apenas que não preciso de conselhos de gente como você sobre como lidar com um cavalo.

Como que para me enfurecer ainda mais, ele estalou o chicote no lombo da pobre criatura, embora o animal só pudesse avançar alguns passos.

– Cuidado com a língua! – gritei. – A rainha ficará sabendo da sua insolência!

As cabeças se viraram quando Horick me olhou, fingindo um medo exagerado. Minha perda de controle o deixara em vantagem, e eu me afastei antes que a situação pudesse piorar ainda mais. Meu estado de humor sombrio só fez se acentuar enquanto percorri as ruas de St. Elsip pisando forte. A cidade que alguns anos antes tanto me impressionara agora parecia sem graça e provinciana diante de meus olhos experientes, um lugar em que as pessoas se contentavam em viver na ignorância, comemorando a morte de homens inocentes.

Abri a porta da loja de Hannolt e vi Marcus sentado a uma escrivaninha simples de madeira, num canto, com um livro-razão aberto à sua frente. Por um momento, pude visualizá-lo nitidamente na meia-idade, contente nessa mesma loja, anotando números na mesma escrivaninha. Ele me olhou, surpreso, e seu rosto se iluminou.

– Elise! O que a traz à cidade? O enforcamento?

– Não – respondi abruptamente. – Vim falar com você.

Meu tom pareceu surpreendê-lo e ele me olhou com ar interrogativo, enquanto se levantava e inclinava a cabeça em direção à porta. Pude ouvir as vozes abafadas de seus pais atrás da cortina que isolava a loja da moradia nos fundos. Segui Marcus para o lado de fora. Durante todo o nosso namoro, raras vezes estivéramos juntos sozinhos, sem que nos observassem. Talvez fosse apropriado que essa conversa que alteraria nossas vidas para sempre acontecesse ao alcance dos ouvidos de dezenas de cidadãos que voltavam para suas casas.

Marcus estendeu as mãos para segurar as minhas, mas resisti a seu toque, ciente de que essa afeição enfraqueceria minha determinação.

– Marcus, não posso deixar a rainha.

– Pensei que eu tivesse sido claro – disse ele, mais confuso que irritado. – Não fui feito para viver em meio à nobreza.

– Como pode saber, se nunca tentou?

A expressão de Marcus endureceu.

– Acha que eu não notava quando seus colegas zombavam das minhas roupas? Quando se dirigiam a mim como “sapateiro” em vez de usarem meu nome? Optei por ignorar esses insultos porque a aprovação deles não tinha importância. Mas teria, se eu vivesse no castelo. Eu seria forçado a tentar cair nas graças de serviçais bajuladores, que só se importam com mexericos e com quem se senta a qual mesa.

– Nem todos são assim... – tentei explicar, mas Marcus me ignorou.

– Eu sei muito bem onde isso acabaria, Elise. Não tenho talento para a lisonja e a subserviência. Nunca me adaptaria, e você sabe disso.

Lembrei-me das tardes de inverno que havíamos passado no Salão Inferior, aquelas horas em que pela primeira vez eu vira Marcus pelos olhos de meus companheiros de serviço, em que a percepção de terceiros me fizera duvidar de meus próprios sentimentos. Será que eu poderia jurar que não tornaria a incorrer nessa deslealdade?

– Um dia você me disse que não se importaria com o ofício praticado por seu futuro marido, que a única coisa que importava era que ele fosse um bom homem. Lembra-se disso? – perguntou ele.

Assenti. Eu me lembrava de todos os instantes daquela noite no jardim, quando um beijo seu tinha sido capaz de me provocar arrepios de prazer.

– Era mentira? Você se contentaria em ser mulher de um sapateiro?

Depois de tudo o que Marcus me dera, eu lhe devia a verdade.

– Não se isso significasse a renúncia aos meus deveres para com a família do rei.

Marcus baixou a cabeça, desviando os olhos de mim, mas não antes de eu ver que estava à beira das lágrimas. Seus ombros se curvaram e ele cruzou os braços com força, como que para se proteger de outros golpes.

– Por favor, reconsidere a oferta da rainha – implorei. – Com o tempo, você poderia se acostumar com a vida na corte.

– Ah, eu não poderia, Elise – disse ele, amargurado. – Não como você se acostumou.

– Eu nunca lhe pediria isso se houvesse outra alternativa. Rosa, a rainha, lady Flora, elas confiam em mim.

Durante todo o meu período de convívio com Marcus, eu havia relutado em falar de Millicent e do perigo que me mantinha presa ao castelo; intensamente pragmático, ele não tinha paciência com superstições nem com histórias de encantamentos. Eu poderia ter lhe contado tudo nesse momento, mas, quando ele bufou com repulsa, percebi que não acreditaria em mim.

– É, está muito claro que as senhoras refinadas da corte exercem domínio sobre você – observou ele. – Por isso, tenho que lhe perguntar, pela última vez: quer se casar comigo, Elise? Tal como eu sou?

– Eu te amo – respondi, baixinho.

Pareceu muito importante que ele ao menos soubesse disso.

– Mas não o bastante – disse ele, soltando a respiração em um suspiro de

angústia. – Eu faria qualquer sacrifício por você, sabia? Desistiria de tudo por que meu pai trabalhou. Mas me recuso a me casar com uma mulher que me considere inferior a ela.

– Eu nunca disse isso... – comecei, na esperança de adiar o confronto final, mas ele me deteve com um balanço tristonho da cabeça.

– Não minta para mim. Não agora.

Incorajada por sua serena dignidade, olhei-o de frente. Ali estavam os olhos negros que haviam me fitado com tanta ternura, a boca que encontrara a minha com apaixonada avidez, o cabelo em desalinho em que eu havia enfiado os dedos enquanto ele deslizava as mãos pelas minhas curvas. Aquele homem que eu conhecia tão bem estava me escapando, escondendo-se atrás de uma carapaça protetora. Até esse momento, eu não havia compreendido como era precioso o presente que ele me oferecera. Um homem como Marcus tinha sentimentos profundos e verdadeiros, e esse amor, uma vez oferecido, não fraquejava. Meu peito doeu com o fardo de carregar a decepção amorosa dele e a minha.

– Talvez ainda haja um modo – implorei. – Você poderia esperar um ou dois anos, até a princesa crescer um pouco mais...

– Não, Elise. Não serei sua segunda opção.

Não houve toque final nem último abraço. Marcus me deu as costas e voltou para a loja, fechando a porta ao entrar. Arrasada, afastei-me aos tropeços do homem que amava. Como consegui voltar ao castelo continua a ser um mistério, pois as lágrimas me cegaram durante todo o trajeto.



Quando voltei aos aposentos reais, lady Wintermale disse-me que a rainha Lenore estava na capela, rezando pelas almas dos soldados executados, mas a Sra. Tewkes havia pedido para falar comigo. Eu esperava poder amargar minha tristeza na privacidade, mas talvez fosse melhor ser puxada de volta para a rotina do castelo. Eu fora criada acreditando que o trabalho árduo era uma virtude. Só os preguiçosos e tolos tinham tempo para se afligir com romances que terminavam mal.

Quando bati à porta da Sra. Tewkes, ela me mandou entrar com uma expressão mais abatida que de hábito. Por um momento, tive convicção de que ela sabia o que havia acontecido comigo. Era impossível, é claro, mas a Sra. Tewkes tinha uma insólita capacidade de acompanhar todas as reviravoltas da vida pessoal dos empregados. Não me surpreenderia se ela confessasse ter o poder de adivinhar pensamentos.

– Faz algum tempo que não nos falamos, não é? – começou, com um sorriso apreensivo. – Você está bem?

Uma pergunta tão simples, mas tão difícil de responder. Assenti.

– Um incidente chegou ao meu conhecimento. Uma pequena questão referente a você, e quero me tranquilizar, determinando a verdade dos fatos. O Sr. Gungen falou comigo, há algumas horas, em nome de um dos estribeiros.

– Horick – adivinhei.

– Sim. Quer dizer que você sabe do que estou falando? O Sr. Gungen me disse que Horick está furioso, reclamando do modo como você o tratou hoje cedo.

– O desrespeito foi dele, posso lhe assegurar.

– Tenho certeza que sim – concordou a Sra. Tewkes. – Ele é o mais desagradável dos homens, e lento no trabalho ainda por cima. Deixei claro ao Sr. Gungen que os seus desejos devem ser respeitados como se fossem os da própria rainha, e acabou-se. Mas sugiro que você evite Horick, ao menos por alguns dias.

– Não se preocupe – respondi.

Levantei-me da cadeira, mas a Sra. Tewkes fez sinal para que me sentasse de novo.

– Elise, devo confessar que fiquei muito surpresa ao saber desse seu comportamento. Horick é um grosseirão, mas não pensei que fosse capaz de enfurcê-la tanto. Ele a provocou de outras maneiras? Se ele criar dificuldades para a sua vida, você vai precisar me dizer, para que eu possa acabar com isso.

Balancei a cabeça e comecei a dizer que não havia nenhuma animosidade especial entre mim e Horick. Mas, sob o olhar atento da Sra. Tewkes, deixei escapar a verdade:

– Eu não o suporto.

– Concordo que ele é bronco e desagradável, mas isso está longe de ser o bastante para justificar tanto ódio. Deve haver mais alguma coisa. Vamos, meu bem, o que ele lhe fez?

*A traição dele foi a pior de todas*, pensei. Ele me negou um nascimento honrado e negou à minha mãe uma vida honrada. Eu não havia contado meu passado a ninguém e achava que jamais faria isso. Fitei a Sra. Tewkes e desviei o olhar. Ela permaneceu imóvel, esperando. Como eu, compreendia que era comum o silêncio instigar os outros a falarem livremente.

– Suponho que a senhora saiba por que a minha mãe saiu do castelo – comecei. Quando a Sra. Tewkes assentiu, continuei: – Embora ela nunca tenha me contado quem a seduziu e a abandonou, vim a saber que foi Horick. Sempre o odiarei pelo que fez com ela.

A Sra. Tewkes arqueou as sobrancelhas.

– Horick? Ele lhe disse isso?

– Não. Minha tia disse que mamãe estava comprometida com ele, e adivinhei o resto.

– Nesse caso, você entendeu mal, porque o pobre Horick não tem a menor culpa.

– Horick não é meu pai?

– Ah, não – respondeu a Sra. Tewkes, franzindo a testa para descartar o

pensamento. – Você não poderia estar mais enganada.

Fiquei olhando para ela, atônita e sem palavras. Ela sempre soubera quem era meu pai. Por que não me ocorrera perguntar-lhe antes? A Sra. Tewkes e minha mãe tinham sido amigas, íntimas o bastante para que mamãe invocasse o nome dela na hora de sua morte. A quem mais mamãe teria feito essa confidência?

– Mas minha tia... ela disse que Horick foi namorado da minha mãe.

– É verdade. Mayren gostava dele, embora Horick estivesse muito mais apaixonado por ela. Foi isso que o magoou, entende? Saber que a mulher que ele amava estivera com outro homem.

– Quem? – perguntei, mas a Sra. Tewkes me ignorou.

– Não havia um noivado formal, sabe? – continuou, como se eu não tivesse dito nada. – Horick ainda era um moço de estrebaria que mal tinha um tostão no bolso. O combinado verbal era que, quando se tornasse estribeiro, pediria a mão de Mayren. Ela disse que o esperaria. Mas, então, um certo fidalgo a notou. E graças a Horick, por estranho que pareça. O amor dele lhe dera uma autoconfiança que Mayren não tinha antes. Ela deixou de evitar a atenção e passou a buscá-la. Quando esse homem começou a persegui-la, Mayren simplesmente perdeu a cabeça e se entregou. E, assim que descobriu que ela esperava um filho, o rapaz a abandonou, como eu desconfiava que faria.

Ela fez uma pausa pensativa e eu aguardei que prosseguisse.

– Ele poderia ter pago para ela ir embora e tê-la instalado na cidade com um novo nome, passando por viúva – disse a Sra. Tewkes. – Muitas amantes de nobres viviam muito bem nesse tipo de arranjo. Mas a família dele o mantinha na rédea curta em matéria de dinheiro, de modo que ele a abandonou e se certificou de que ela fosse banida da corte para sempre. E, é claro, Horick não quis mais nada com ela depois disso. A traição de Mayren foi a ruína dele, que se tornou cada vez mais amargo com o passar dos anos. Pobre moça, como chorou! Fiz o melhor que pude para ajudá-la, mas não podia arriscar meu futuro tomando o partido dela em público. Não tive escolha.

– A gente faz o que deve – comentei, sabendo muito bem dos sacrifícios que a vida na corte exigia.

A Sra. Tewkes ficou um tempo pensando no que devia dizer em seguida, enquanto eu sentia o estômago embrulhado.

– Se eu lhe disser o nome do seu verdadeiro pai, você tem de me prometer que não fará nada com esta informação – falou, por fim. – Esse homem não teve a menor pena da sua mãe, e dificilmente vai encarar com normalidade um reencontro com uma filha bastarda.

A palavra feriu, e a intenção era esta. A Sra. Tewkes com frequência alertava os criados a se lembrarem de seu lugar, em todas as ocasiões e todos os assuntos. Fosse qual fosse a posição do meu pai, as circunstâncias do meu nascimento significavam que eu nunca seria mais do que uma criada.

– Foi o príncipe Bowen.

Emudecida pelo choque, olhei fixamente para a Sra. Tewkes, com alguma esperança de que ela balançasse a cabeça e risse, revelando a brincadeira. Eu não podia imaginar minha mãe, lúcida e sensata, tornando-se vítima das artimanhas do príncipe Bowen. Com uma onda de repulsa, lembrei-me de suas mãos – as mãos de meu pai – apalpando meu corpo, deleitando-se com minha impotência. No entanto, aquele homem que eu conhecia tinha sido de uma beleza arrasadora. Minha mãe devia ter se sentido lisonjeada com a atenção dele. Pensei em Petra, sorrindo para Dorian do outro lado do Grande Salão, e me lembrei da rapidez com que minha amiga havia sucumbido às investidas dele. Também eu ficara enfraquecida sob as carícias de Marcus. Com minha decepção amorosa ainda tão recente, senti de maneira muito mais profunda a dor de minha mãe.

– Ninguém deve saber – advertiu a Sra. Tewkes. – Nem mesmo a rainha.

Então ela se apressou em explicar o perigo que eu enfrentaria. Não faria diferença eu ter servido fielmente ao rei e à rainha durante anos, nem o fato de o príncipe Bowen não ter conhecimento da minha origem. Como filha dele, eu seria objeto de suspeita e minhas motivações seriam questionadas. Eu teria todos os ônus da realeza, sem nenhuma das vantagens.

Realeza. Teria meu verdadeiro pai transmitido a ambição profunda e inabalável que me levava de uma pequena fazenda no interior às graças da rainha? Eu podia odiar o príncipe Bowen por ter traído minha mãe, mas seu sangue nobre fluía no meu corpo. Se ele houvesse reconhecido minha mãe como sua amante, eu poderia ter sido criada como prima de Rosa. Essa ideia me trouxe um arrepiado de prazer.

– É melhor você tirar tudo isso da cabeça – concluiu a Sra. Tewkes. – Não tenho dúvida de que pode esquecer o que eu lhe disse. Você tem sangue-frio. É o que a torna uma ajudante tão esplêndida.

Levantou-se e examinou meu rosto.

– A maioria das pessoas não perceberia, mas você tem alguma coisa dele, na região dos olhos – observou, olhando-me como se examinasse um quadro. – E também uma bela postura altiva, muito parecida com a da mãe do rei.

Mantive-me rígida sob sua avaliação. A Sra. Tewkes deu um passo para trás e perguntou, animada:

– Quer dizer então que você vai se casar, não é?

Apesar de ela ter compartilhado a verdade comigo, eu não estava pronta para fazer o mesmo. Dizer que meu noivado tinha sido rompido seria fazer disso uma realidade, e eu ainda não suportava aceitar um futuro que não incluísse Marcus. Simplesmente sorri e assenti, antes de sair às pressas.

Deus se mostrou misericordioso naquela tarde, pois me concedeu algumas horas tranquilas de solidão, para ordenar minhas ideias e chorar pelo que havia perdido. Quando dei a notícia do rompimento do noivado à rainha Lenore, criei uma história que mesclava verdade e fantasia, atribuindo todo aquele episódio a uma paixão

juvenil. Agora que eu havia chegado aos 18 anos, disse-lhe, eu percebia a importância de escolher um marido adequado à minha posição. Quando chorei no travesseiro naquela noite, os soluços retidos sacudiram meu corpo e jurei que minha senhora jamais saberia do sacrifício que eu tinha feito por ela.



O passar das semanas e dos meses abrandou minhas pontadas contundentes de tristeza, transformando-as numa dor surda. Toda vez que via Rosa correr pelo jardim ou recebia um sorriso agradecido da rainha, eu dizia a mim mesma que tinha feito a escolha certa. Eu estava bem alimentada e bem-vestida, levando uma vida que a maioria dos habitantes do reino invejaria. Quando, vez por outra, minha mente vagava por pensamentos sobre o que poderia ter sido, por visões de mim nos braços do Marcus, dividindo uma cama como marido e mulher, eu os afastava prontamente. Fixava minha atenção na estrada que teria pela frente, no meu trabalho com Flora e nos meus deveres para com a família real, na esperança de que o tempo funcionasse como um bálsamo e tirasse Marcus da minha cabeça.

Já à pobre Petra o castelo não ofereceu tal refúgio da decepção amorosa. E assim ela fugiu da única maneira que pôde. Meses depois da rejeição de Dorian, casou-se com um ferreiro da cidade, irmão de um dos estribeiros do castelo, um homem viúvo que procurava uma nova mãe para seus dois filhos pequenos. Vi-o pela primeira vez no jantar de casamento dos dois, um evento discreto, realizado na modesta casa do novo marido. Ele era um homem musculoso como a maioria dos ferreiros, mas tão calado que chegava a ser quase taciturno. Eu não conseguiria imaginar um contraste maior com o elegante e espirituoso Dorian.

Petra estava linda em seu vestido de noiva, feito de uma seda delicada que eu lhe dera de presente de casamento. Seu cabelo, livre da touca de criada e penteado com tranças e coques, reluzia à luz do sol que se infiltrava pelas janelas. As crianças pareciam muito apegadas a ela, e a menina menor passou a maior parte da tarde agarrada à sua saia.

Quando enfim tivemos um momento a sós, encostei minha taça de vinho na dela e fiz um brinde:

- Eu lhe desejo muitas felicidades.
- Deseje-me paz.

O rosto de Petra estava abatido de cansaço. Ela não era mais a moça que um dia eu havia conhecido, que adorava tagarelar na cama ao lado da minha e ria ao me puxar atrás dela no Salão Inferior.

- Não tenha pena de mim - pediu, com um sorriso breve e meio sarcástico. - Disseram-me que ele é um bom homem. O irmão me garantiu que ele nunca bateu na primeira mulher.

– É só isso que você quer de um marido? – perguntei.

Minha intenção era ser bem-humorada, mas o sorriso de Petra murchou.

– Não vi outra saída.

Sua expressão sofrida me revelou tudo o que ela não se atrevia a dizer em voz alta. Qualquer coisa, até servir de dona de casa para um ferreiro caladão e seus filhos carentes, era preferível a conviver com Dorian. Ele continuava a flertar e a se exibir diante das damas do castelo, e eu tinha convicção de que sua promessa de casamento não havia passado de um stratagema para levar Petra para a cama. Minha amiga – como minha mãe antes dela – tinha sido usada e jogada fora.

Segurei suas mãos.

– Eu compreendo.

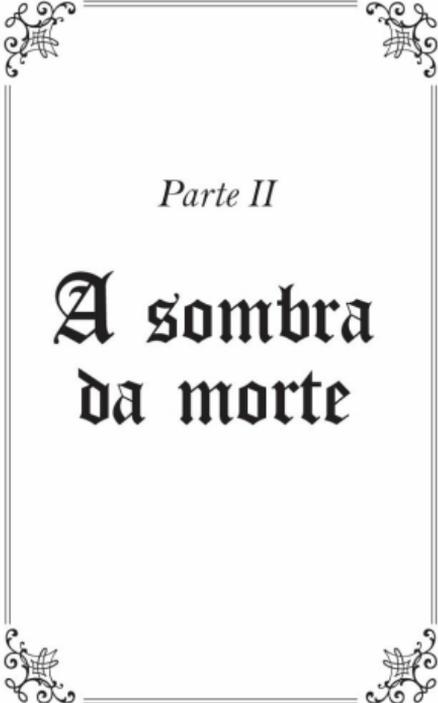
Será que só fazia mesmo alguns meses desde o tempo em que Petra e eu ríamos das histórias de nossos namorados, regozijando-nos no prazer de sermos amadas? Parecia outra época, muito distante. Distante o suficiente para nos transformar de moças esperançosas em mulheres de coração endurecido.

Apesar de termos nos despedido com lágrimas e juras de amizade, Petra e o marido mudaram-se logo depois para um vilarejo do outro lado do reino, que havia perdido seu ferreiro e se dispunha a pagar bem por um novo artesão. Ela prometeu escrever, mas não o fez. No começo, achei que seu silêncio era uma traição à nossa amizade, mas, com o tempo, compreendi e respeitei sua decisão. Qualquer que fosse sua afeição por mim, eu fazia parte de uma vida que ela deixara para trás e qualquer notícia que eu lhe enviasse do castelo só prolongaria sua dor. A Petra que tinha sido minha amiga já não existia.

Eu também havia mudado. Em vez de contemplar, esperançosa, o futuro, aprendi a me contentar em viver um dia de cada vez. Todas as manhãs, acordava com a luz do sol e me levantava do meu canto junto ao quarto da rainha Lenore. Molhava um pano na água fria, passava-o nos olhos para afastar o sono e ajudava minha senhora a fazer o mesmo. Ia buscar as bandejas do café da manhã, vestia a rainha com os trajes escolhidos para o dia, acompanhava-a nos ofícios religiosos na capela e me sentava a seu lado diante da lareira para bordar almofadas ou ler poesia. Brincava com Rosa, encantando-me com seu uso inteligente das palavras e seu riso contagiante. Acompanhava Flora em seus passeios pelos canteiros de ervas e, com o tempo, encarreguei-me do plantio e da colheita, à medida que seus dedos foram enrijecendo com a idade. Eu penteava o cabelo da rainha Lenore para o jantar e o escovava, horas depois, enquanto a vela de sua penteadeira gotejava até se apagar. As estações do ano passavam e eu via as flores desabrocharem no roseiral, depois murcharem e caírem. A agitação das emoções juvenis tornou-se uma lembrança distante.

Eu pensava que aqueles anos comuns se sucederiam até o fim da minha vida. Não sabia que estava destinada a ser novamente parte da história, a estar no centro de acontecimentos terríveis demais para imaginar. E dessa vez eu desempenharia o

papel de protagonista.



*Parte II*

**A sombra  
da morte**



## SEGUNDAS CHANCES

Será possível dez anos se passarem como se fossem um? Uma única tarde com Marcus exigia às vezes uma hora para ser narrada: a sensação do sol no meu rosto, os olhares que trocávamos, as coisas que ele dizia para me fazer enrubescer. Mas sou capaz de contar em poucas palavras a década transcorrida desde que nos separamos. Minha vida prosseguiu sem se alterar. No castelo, foi um dia após outro, meses após meses, sem que os rituais da corte se modificassem pela passagem do tempo. No entanto, fora daquelas muralhas as sombras se acumulavam. O mal que leváramos tanto tempo procurando repelir aproximava-se inevitavelmente, espalhando a desconfiança e o pânico no caminho.

O reino tinha se tornado uma terra governada pelo medo em vez da força. A morte de lorde Steffon foi a primeira de uma série de falecimentos misteriosos, cujas vítimas eram sempre nobres viajando em regiões distantes. Passava-se um ano sem nenhum incidente, até dois, mas acabava chegando a notícia de uma queda terrível ou um colapso inexplicável sofridos por algum parente da família real ou pelo sobrinho de um cortesão. Seria obra de Millicent? Nunca dava para ter certeza, e a dúvida impeliu o rei Ranolf a governar com mão cada vez mais pesada. Foram enviados soldados ao norte, para confiscar as residências dos DeRauleys e daqueles que os apoiavam. Em seguida, essas casas foram fortificadas como cidadelas de onde se podia patrulhar a região. Redes de informantes pagos investigavam até os mexericos mais inofensivos, e a masmorra do castelo encheu-se dos que haviam cometido a tolice de proferir ideias desleais em voz alta. A rainha Lenore voltou-se para dentro de si mesma e passava horas rezando na capela real. Desesperada para obter o perdão e a proteção de Deus, ela trocou quase todos os seus trajes requintados por humildes vestidos pretos e se tornou presa fácil de freiras missionárias e pretensas videntes que lhe vendiam talismãs religiosos, tidos como capazes de repelir o mal.

Mesmo assim, apesar dos boatos aflitos que eram nossa companhia constante, pensávamos estar seguros dentro daquele círculo majestoso de pedras brutas. Até o fim, acreditamos que o castelo nos protegeria.

Eu já não era a menina tímida do interior que havia estremecido à visão dos portões imponentes do castelo. Solteira aos 28 anos, talvez fosse alvo de piedade para alguns, mas não a meus próprios olhos. Eu era uma peça permanente da corte e tinha confiança em meu papel e em minha posição. Os antigos parâmetros da minha vida desapareceram. Meu único irmão sobrevivente, Nairn, mandou a notícia de que nosso pai havia morrido, sem ninguém para chorar sua perda, e de que ele estava de partida para tentar a sorte no mar. Marcus e os pais tinham se mudado de sua loja na cidade muito tempo antes, e Flora, minha mestra e aliada, tornara-se

uma reclusa acamada pela doença. Eu passava um ou outro domingo com tia Agna, cuja casa se tornara menos animada à medida que os filhos se casaram e foram embora. Lá permaneceram apenas minha prima Damilla e seu marido, que havia assumido a direção do negócio de tecidos da família com sua filha, Prielle. A menina tinha se tornado uma criança calada, mas curiosa, que me fazia lembrar de mim mesma na sua idade. Eu me empenhava ao máximo em tirá-la do casulo com minhas histórias da vida na corte, que ela escutava em êxtase.

A hesitação de Prielle não poderia ser mais diferente do temperamento de Rosa, que, agora com 13 anos, adorava conversas animadas e não pensava duas vezes antes de divulgar suas opiniões. Ela foi um facho de luz naqueles tempos sombrios, com uma saúde de ferro que desafiava diariamente o ódio de Millicent. Rosa tinha os cabelos castanho-avermelhados brilhantes do pai, os olhos expressivos da mãe e seus contêrrâneos, e lábios vermelhos e carnudos que lembravam os botões da flor que lhe dera nome. Essa beleza inspiraria propostas de casamento até mesmo sem o título e a vasta fortuna que ela possuía, mas o rei não esperou para garantir seu futuro: aos 10 anos, ela ficou noiva de sir Hugill Welstig, um parente distante cuja família era dona de uma extensa propriedade na região ocidental do reino. As meninas de sangue real costumavam fazer seus votos matrimoniais aos 14 ou 15 anos, mas Rosa tinha pedido para não se casar antes de completar 18 anos e, como sempre, o rei cedera aos pedidos da filha. Nunca soubera negar-lhe nada.

Como eu mesma não sentia grande atração pelo casamento, solidarizava-me com a relutância de Rosa. Eu poderia ter me casado com algum colega de serviço do palácio, conservado meu cargo e não ter feito nada além de deslocar meu catre para outro quarto. Mais de um homem havia dado indicações – com olhares de admiração ou flertes brincalhões – de que se casaria comigo. Mas meus padrões haviam sido estabelecidos numa altura perigosa. Nunca cheguei perto de sentir o que sentira por Marcus. Eu já conhecera o amor, e a afeição modesta não bastava para me tentar.

Eu não era tola a ponto de julgar o amor necessário para um casamento bem-sucedido. As mulheres se uniam em matrimônio para garantir um teto sobre a cabeça e comida na mesa. Casavam-se por precisarem de um protetor ou desejarem filhos. Todas estas eram razões perfeitamente sensatas, e nenhuma tinha a ver com amor. Mas minhas necessidades estavam satisfeitas: eu tinha uma casa ótima, roupas ótimas, comia bem... Como ajudante pessoal da rainha, era respeitada e respeitável, mesmo sem ter marido. Com tudo o que eu já vira de partos, era um alívio ser poupada desse sofrimento, embora seja verdade que eu sentisse uma pontada de dor toda vez que segurava um bebê envolto em cueiros. Ficava pensando em qual seria a sensação de estar ligada pelo sangue a uma criatura tão pequenina. Todo o amor que eu poderia ter dado a meus próprios filhos ia para Rosa e Prielle.

Somente uma vez, em todos aqueles anos, questionei minha decisão de não me casar. Ao andar pelas ruas de St. Elsip após uma visita a minha tia, fui arrancada

de meus devaneios por um rosto conhecido. Marcus havia perdido todos os traços de menino nos cinco anos decorridos desde nossa separação e caminhava com o porte de um homem de posses, atravessando a praça da catedral com uma mulher baixa e robusta e uma garotinha. Ao vê-lo com a mão apoiada nas costas da mulher, guiando-a pela praça movimentada, tive a lembrança visceral da sensação de ser alvo do gentil cuidado dele. Ali, diante de mim, estava a vida que eu poderia ter tido. Uma onda de saudade me trouxe um aperto no peito e me virei para ir embora antes que ele me visse.

Mas era tarde demais. Marcus havia parado de andar e estava com os olhos fixados em mim, esperando que eu definisse o que viria em seguida.

Meu primeiro impulso foi fugir, mas a rainha tinha me treinado bem. Esbocei um sorriso educado e segui em direção a ele. Marcus me cumprimentou como a uma velha conhecida, com uma gentileza formal, e me apresentou a sua filha, Evaline, e a sua mulher, Hester. Olhando-a de perto, vi a que se devia sua robustez: era o sinal de outro filho a caminho. Senti uma satisfação mesquinha ao notar seu vestido deselegante e seu rosto sardento e gorducho; meu cabelo estava penteado em tranças, conforme a última moda, com finas mechas encaracoladas me emoldurando o rosto, e minha pele, protegida do sol pelas paredes do castelo, era lisa e sem manchas. No entanto, ela havia levado o prêmio que eu um dia pensara ser meu.

– Como vai você? – perguntou Marcus.

Ao contrário de muitas pessoas que fazem essa pergunta, ele pareceu sinceramente interessado na minha resposta. Dei-a da melhor maneira que pude, mas havia pouco a dizer. A vida dele se transformara desde a última vez que nos víamos; a minha não tinha mudado muito.

– Então você não se casou?

Balancei a cabeça. Se Marcus ficou surpreso com a notícia, ou satisfeito, não o demonstrou.

– A vida na corte pareceu-me suficientemente rica sem um marido – acrescentei, sem conseguir resistir.

Hester franziu a testa em sinal de reprovação e Marcus tentou, sem grande empenho, prender um sorriso. Se o que o divertiu foram minhas palavras ou a reação de sua mulher, eu não saberia dizer.

– Alegra-me que a sua lealdade à rainha e à princesa Rosa tenha sido bem recompensada – disse ele.

Nossos olhos se encontraram e a rigidez entre nós se abrandou. Por um instante, foi como no passado, quando Marcus era meu amigo. O tempo havia atenuado a dor da nossa separação, e me lembrei da relação descontraída que um dia havíamos compartilhado, numa época em que nos entendíamos com um simples olhar.

– Foi um prazer vê-lo – falei, contente por ter resistido a meu primeiro impulso de evitá-lo. – É bom vê-lo feliz.

Ele me deu um sorriso caloroso e pude intuir, sem que uma só palavra fosse dita em voz alta, a mensagem que ele queria que eu ouvisse: *Não ofereço meu amor de forma leviana nem deixo de amar com facilidade. O que quer que tenha acontecido entre nós, sempre me importarei com você.*

*Assim como eu me importo com você,* respondi em silêncio.

Hester pegou a mão da menina para puxá-la.

– Vamos – ordenou a Marcus. – A missa deve estar começando.

– A catedral – explicou ele. – Hoje é aniversário de Evaline, e achamos que seria apropriado fazer um agradecimento especial.

– Sim, é claro. A rainha também deve estar me esperando.

E assim nos despedimos, com gentileza e perdão. Estávamos ambos com saúde e contentes, o que era mais do que a maioria podia dizer. Era o bastante.

A passagem dos anos fora uma bênção, pois havia embotado a lembrança dos beijos vorazes de Marcus e a sensação de seus dedos em minha pele. Quanto mais tempo eu passava sem o toque de um homem, menos sentia necessidade dele. Só quando eu havia me resignado por completo a uma vida solitária foi que surgiu um pretendente difícil de recusar. Um pretendente que me mostrou quão pouco eu compreendia meus desejos.



Foi a rainha Lenore quem me contou. Eu havia acabado de voltar de uma visita ao quarto de Flora, com o ânimo abatido pelos novos sinais de declínio que notara nela. Seus tratamentos eram inúteis contra a implacável devastação da idade avançada: pernas enfraquecidas, que já não conseguiam andar até o jardim, vista fraca, uma mente que se lembrava melhor das histórias do passado do que de eventos do dia anterior. Agora eu a procurava mais como companheira do que como discípula, pois minha presença era uma garantia de que ela não fora esquecida.

– Elise! Que grande notícia! – cantarolou a rainha, com inusitado entusiasmo, quando entrei em seu quarto. Deu um tapinha na colcha a seu lado, para que eu me sentasse na cama. A etiqueta apropriada entre criada e patroa não lhe interessava quando estávamos sozinhas. – Você nem vai acreditar. Você recebeu uma proposta de casamento.

A ideia me espantou a tal ponto que levei um instante para reagir. Ao longo dos anos, a rainha Lenore me perguntara, algumas vezes, se eu tinha um homem especial, e eu sempre dissera que não. Com o tempo, ela havia parado de perguntar.

– Não é possível – protestei, achando que a proposta só podia ser um mal-entendido. – Não tenho pretendentes.

– Sem dúvida você está a par do interesse de certa pessoa por você, não é? –

insistiu a rainha, com os olhos arregalados de empolgação.

– Para dizer a verdade, não.

Minha perplexidade era visível, pois o sorriso da rainha se extinguiu e ela me olhou com ar curioso.

– Dorian não disse nada?

Dorian? O nome era tão inesperado, tão intrigante, que devia ser a prova de que eu fora confundida com outra mulher. O talento de Dorian para montar e caçar o havia introduzido no círculo íntimo do rei e, pouco tempo antes, ele tinha voltado de dois anos no comando de uma tropa de soldados no norte, uma incumbência considerada um sinal de favorecimento. Pelo que eu tinha notado, suas façanhas de cavaleiro só haviam aumentado seus atrativos entre as jovens nobres do castelo, e qualquer uma delas se casaria com ele num instante. O fato de ele querer a *minha* mão era um absurdo.

– Mal trocamos duas palavras desde que vim morar aqui. Deve haver um mal-entendido.

A rainha pareceu intrigada.

– Mandarei chamar sir Walthur – disse. – Foi ele quem me falou das intenções do filho.

Uma visita de sir Walthur aos aposentos da rainha Lenore desencadearia uma enxurrada de boatos, comigo no centro.

– Por favor, milady. É melhor eu mesma esclarecer essa confusão – retruquei, colocando-me de pé a seu lado.

Os assessores do rei e seus familiares ficavam instalados ao longo de um corredor logo acima da Câmara do Conselho. Como principal conselheiro do rei, sir Walthur ocupava a suíte maior, favorecida com mais luz e mais espaço que os outros aposentos. Quando cheguei a sua sala de entrada, vi-o sentado diante de uma grande escrivaninha. Embora não fosse gordo, ele dava uma impressão de solidez, desde os ombros largos até o rosto bochechudo e o nariz largo. A espessa cabeleira branca cobria sua testa e suas orelhas, e se destacava ainda mais contra as lúgubres roupas pretas que ele gostava de usar. Não fosse a pesada corrente de ouro com o sinete real, pendurada em seu pescoço, ele poderia ser confundido com um monge especialmente bem-nutrido. Mas nada tinha da humildade dos clérigos, fosse ela real ou fingida. Sir Walthur exibia seu cargo com orgulho e cultivava a fama de ser alguém que se atrevia a dizer a verdade ao rei. A seriedade de seus modos formava um contraste marcante com a espirosidade de seu filho; acho que eu nunca tinha ouvido sir Walthur rir.

Ele ergueu a cabeça quando entrei e vi um eco de Dorian na forma como seus olhos correram por meu rosto e meu corpo, de cima a baixo. Era um hábito de homem acostumado a inspecionar e avaliar os encantos das mulheres, ou a falta deles.

– Sir Walthur – falei, fazendo uma mesura –, posso falar com o senhor?

Ele fez um meneio seco com a cabeça e estendeu a mão para as cadeiras à frente da escrivadinha. Parei por um momento, dividida. Em geral uma criada não tinha permissão para sentar-se na presença de tão alta autoridade. Lentamente, acomodei-me diante dele, quase esperando ser repreendida pela impertinência.

– A rainha lhe falou de nossa proposta? – perguntou sir Walthur.

Passou-me pela cabeça a ideia de perguntar se ele e o filho tencionavam tomar-me por esposa. Em vez disso, fiz que sim e aguardei que ele continuasse.

– Espero que aprecie a honra que lhe concedemos – declarou. Sua voz ribombava ao falar, dando até às palavras mais simples um toque de autoridade. – Não pretendo insultá-la dizendo que Dorian teve outras perspectivas melhores. Contudo, dadas as circunstâncias, devemos fazer o melhor possível. Espero que você se mostre à altura da situação.

– Perdão, mas...? – falei.

Sir Walthur não estava acostumado a ter seus monólogos interrompidos e franziu a testa, irritado.

– Sim?

– Desculpe-me – prossegui, no meu tom mais obsequioso –, mas seu filho não falou nada comigo sobre casamento. Aliás, não falou nada comigo sobre assunto algum de que eu tenha lembrança. Essa proposta vem dele ou do senhor?

Sir Walthur me olhou, impassível, sem deixar transparecer qualquer emoção.

– Você sabe alguma coisa sobre a minha família? – perguntou.

Balancei a cabeça.

– Tenho dois filhos. Dorian é o mais novo. Alston, o primogênito, é um homem de nervos firmes e muito pouca reflexão. Jamais fará coisas grandiosas, mas cuida de minhas propriedades no interior e cumpre bem as suas obrigações. Há alguns anos, casou-se com uma jovem respeitável de uma aldeia vizinha e os dois tiveram três filhos, fora os outros que virão, se Deus quiser. Garantida a linhagem da família, não houve pressa para que Dorian se casasse. Por que ele deveria fazê-lo? Tinha livre acesso ao castelo, e os homens com seu tipo de temperamento precisam de tempo para se entregarem aos prazeres da juventude antes de assentarem a cabeça.

Tive vontade de interromper aquele fluxo arrogante e confiante de palavras para lhe dizer que rapazes ricos como Dorian deixavam em seu caminho uma trilha de mulheres desoladas. Mas mantive a boca fechada e uma expressão respeitosa.

– Estamos vivendo tempos de insegurança – prosseguiu ele. – Mantivemos a paz graças aos esforços de meu filho e de seus colegas militares. Mas os DeRauleys são demônios ardilosos e continuam a fomentar a insatisfação. É apenas uma questão de tempo até precisarmos enfrentar uma insurreição declarada.

Aquilo me chocou. Isolada como estava do restante do reino, eu não fazia ideia de que o governo do soberano se apoiasse em alicerces tão instáveis.

– Dorian é jovem o suficiente para gostar da ideia de derramamento de sangue.

No campo de batalha, confio tanto nas habilidades dele quanto nas de qualquer outro homem, mas não posso ignorar a ideia de que ele talvez nunca regresse. Eu ficaria muito mais tranquilo se ele tivesse um herdeiro. Caso aconteça o impensável e meu filho venha a ser morto, deve deixar um legado. Você compreende?

Assenti, pensando no que seria correto fazer, embora ainda não visse de que modo essa história se relacionaria a mim.

– Cumpri meu dever de pai e encontrei uma moça para Dorian desposar, uma parenta distante da minha falecida esposa. Ele ficou noivo há alguns anos e o casamento deveria ocorrer neste verão, quando a jovem atingisse a maioridade. Infelizmente, recebemos a notícia de que ela faleceu de uma febre. As outras mulheres que eu havia considerado estão todas casadas ou prometidas a outros homens. Eu já me preparava para buscar alguém numa área mais distante quando Dorian me procurou com uma sugestão: você.

A ideia havia partido do próprio Dorian. Eu ainda não sabia por quê.

– Uma criada, e com a sua idade, estava longe de ser a mulher que eu havia imaginado para meu filho – continuou sir Walthur. – No entanto, veio a meu conhecimento que sua linhagem é menos humilde do que eu supunha.

Sir Walthur me observou com seus grandes olhos esbugalhados, fitando-me com aquele olhar severo que fazia homens mais fracos desmoronarem diante de suas exigências. Ele sabia. Sabia que o príncipe Bowen era meu pai, e essa fora a única razão para ter concordado com tal união.

– Nunca falei da minha ascendência, por bons motivos – apressei-me a informar. – Por favor, imploro-lhe que não diga nada sobre isto, nem mesmo ao rei e à rainha.

Se fosse revelado que eu era filha de Bowen, eu poderia perder tudo: a confiança da rainha Lenore, meu emprego na corte e a amizade de Rosa.

– Concordo, devemos manter isto em segredo – retrucou ele. – E então, o que me diz?

Minha primeira inclinação foi responder que eu não era digna de tamanha honra; eu tinha grande talento em fingir humildade. Mas, enquanto fitava o rosto altivo de sir Walthur, minha polidez transformou-se em raiva. O homem havia arquitetado esse plano como se minhas preferências fossem uma consideração secundária. Esperava que eu concordasse sem questionamento, que caísse de joelhos em sinal de gratidão. Mas eu não o faria. Uma onda de atrevimento tomou conta de mim, suplantando a moderação que eu usava como escudo. Foi a mesma sensação que eu tivera ao sair da fazenda, decidida a criar uma vida nova. A mesma sensação que tivera ao deitar nos braços de Marcus naquela campina, pronta para deixar de lado a cautela e a virtude. Era uma sensação que superava toda a razão, exigindo ser satisfeita.

Fixei os olhos em sir Walthur com meu mais meigo sorriso e disse:

– Dificilmente eu poderia aceitar uma proposta de casamento sem ouvir o que

meu futuro marido tem a dizer por si. Falarei com Dorian antes de lhe dar minha resposta.

*Ele que fique fumegando de raiva*, pensei, de forma imprudente, enquanto me retirava de sua presença. Antes de enfrentar Dorian, eu precisava procurar a única outra pessoa no castelo que sabia a verdade sobre minha ascendência. Uma pessoa que eu julgara que jamais me trairia.



Irrrompi pelo quarto da Sra. Tewkes sem bater. Ela estava sentada à sua mesa, fazendo anotações num livro contábil, e se assustou com minha entrada.

– Como pôde fazer isso? – exige saber.

Embora eu sentisse uma pontada de fúria no peito, minha voz saiu como um gemido.

– Elise, controle-se – disse ela em tom enérgico.

Anos de experiência com criadas históricas tinham-me ensinado muitas coisas. Ela baixou a pena, segurou-me pelos ombros e me plantou com firmeza num banco diante da lareira. Então sentou-se numa cadeira de balanço em frente e inclinou o corpo, apoiando as mãos nos joelhos:

– Agora, o que vem a ser tudo isso? – perguntou-me, com delicadeza.

– Sir Walthur. Ele sabe sobre mim e o príncipe Bowen. Foi a senhora mesma quem disse que essa informação deveria ser mantida em segredo.

– Quando achei que ela poderia ser perigosa para você, sim – retrucou a Sra. Tewkes.

– Nem mesmo a rainha sabe! – exclamei. – Que história é essa de sir Walthur? E o que Dorian quer de mim?

A Sra. Tewkes recostou-se e cruzou as mãos no peito. Olhou-me com uma expressão que eu conhecia bem e que evidenciava sua sabedoria em relação às coisas da vida. Era um olhar que ela usava com frequência, para silenciar qualquer criado jovem que se atrevesse a questionar suas ordens.

– Estou vendo que foi um choque, e levarei isto em consideração, mas você deve perceber que lhe foi oferecido um grande privilégio. Eu esperava um agradecimento, não uma repreensão.

Encarei-a, perplexa.

– Sim, fui eu que citei seu nome como uma possível esposa para Dorian, e fico feliz por tê-lo feito. Você acha que sua mãe gostaria de vê-la permanecer solteira? Sei que você teve uma desilusão amorosa. Quase todas tivemos. Mas aprendemos a catar os nossos cacões e a seguir adiante.

– Quando você tinha 20 ou 21 anos – prosseguiu –, poderia ter feito um bom casamento. Mas afastou qualquer homem que demonstrasse interesse. O que acha

que acontece com a mulher solteira quando ela envelhece? O que acontecerá quando você já não tiver ânimo para cuidar da rainha? Você não tem família, não tem sua própria casa. Sim, talvez economize o bastante para viver numa casa de cômodos e fazer uma ou duas refeições por dia. Mas não deseja nada melhor?

Talvez eu pudesse ser considerada solteirona, mas estava longe de ser velha, e nunca havia pensado no que me aconteceria dali a vinte ou trinta anos. Nesse momento, considerando as palavras da Sra. Tewkes, dei-me conta de que não havia criadas idosas no castelo. É claro que não. Casa e comida só eram asseguradas àquelas que podiam trabalhar. Se alguma fosse ouvida arfando ao subir as escadas ou se suas mãos não conseguissem segurar uma travessa com firmeza, seria despedida. E aí?

– Vou contar-lhe o que aconteceu e você pode guardar sua opinião para o final – disse a Sra. Tewkes. – Ontem, Dorian veio me procurar no Grande Salão, com aquele sorriso largo, e falou: “Sra. T., estou com um problema que só a senhora pode resolver.” Contou-me que o pai vinha fazendo pressão para ele se casar e quis saber se eu conhecia alguma boa candidata. “A senhora sabe de tudo o que acontece na corte, muito melhor do que o meu pai”, prosseguiu ele, e é verdade. Mencionei algumas damas de idade e família adequadas, e ele hesitou e disfarçou, mas pude perceber que já havia considerado e rejeitado essas moças. Não sei o que me fez mencionar o seu nome, mas ele se animou imediatamente.

Minha postura desconfiada e rígida foi relaxando aos poucos, e escutei com muita atenção.

– Lembro-me das palavras exatas que ele usou: “Ela me intriga.” Imagine só, um homem da posição de Dorian dizendo isso sobre você! Mas, muitas vezes, é assim que acontece com os homens. A mulher que sucumbe depressa perde o encanto, ao passo que a que se mantém distante conserva os atrativos. É possível que você seja a mulher mais atraente da corte em quem ele nunca pôs as mãos.

– Por boas razões – retruquei, indignada.

– Ele sempre foi um patife – concordou a Sra. Tewkes. – Mas agora está mais velho, pensando no futuro. Já imaginou ser nora do conselheiro do rei?

– E então a senhora resolveu tornar a ideia mais atraente, falando-lhe dos meus ancestrais.

A Sra. Tewkes balançou a cabeça.

– Não, Dorian mostrou-se positivamente disposto a aceitá-la. Foi o pai dele que precisou ser convencido. Irrompeu aqui sem a menor cerimônia, assim como você há alguns minutos, exigindo que eu lhe desse detalhes sobre seus antecedentes e seu temperamento. Eu lhe falei da sua lealdade ao rei e à rainha e ofereci garantias sobre a sua virtude. Mas ele continuou a relutar. Assim, ofereci um último ponto a seu favor, e foi como eu esperava. À menção do seu verdadeiro pai, ele abandonou as objeções.

Sentei-me recurvada no banco, sentindo a força da indignação honrada ser

drenada de mim.

– Coragem, moça – bradou a Sra. Tewkes. – Seu futuro está garantido!

O homem mais bonito da corte queria casar-se comigo, e seu pai, a Sra. Tewkes e a rainha aprovavam a união. Que importância tinham meus próprios desejos? Como a Sra. Tewkes deixou muito claro, uma chance como aquela nunca mais apareceria na minha vida.

Levantei-me para sair e agradei à governanta por seus esforços a meu favor. Antes de me retirar, parei na soleira da porta.

– Não esqueci que Dorian largou Petra depois das promessas que lhe fez. Quantas outras criadas ele seduziu?

A Sra. Tewkes deu de ombros.

– Ele teve aquelas que desejou. Mas entenda bem, nenhuma foi seduzida a contragosto. Só sei de uma que lhe deu um filho. Sir Walthur providenciou para que ela fosse bem cuidada.

Assenti, mas a Sra. Tewkes notou o meu desagrado.

– As coisas nem sempre são tão claras quanto você imagina – alertou. – Karina nunca foi de negar seus favores aos homens. Talvez o filho nem seja dele. Pode ser que ela tenha enganado Dorian, fazendo-o pagar para criar o filho bastardo de outro homem.

Estava longe de ser reconfortante. Tudo o que eu ouvira dizer do meu futuro marido só confirmava minhas piores suspeitas.



Quando voltei aos aposentos da rainha Lenore, algumas damas de companhia estavam reunidas na sala de estar, costurando em silêncio.

– Você recebeu uma visita – disse uma delas. Manteve os olhos fixos nos pontos da costura ao dizer o nome de Dorian, mas pude ouvir a curiosidade que ameaçava romper seu ar de indiferença. – Ele disse que estará na sala de armas, se você quiser falar-lhe.

Perguntei-me se já teriam corrido boatos na corte sobre a proposta dele. Assim que saí da sala, ouvi as damas de companhia da rainha começarem a cochichar. Como jamais tinha sido objeto de mexericos das mulheres da nobreza, achei aquele som perturbador.

A sala de armas era uma construção de tijolos atrás dos estâbulos, encostada a um dos muros do castelo. Era um território agressivamente masculino, cheio de espadas e lanças, além de insalubre, por causa da fumaça vinda dos foles dos ferreiros. Da entrada em arco, fitei suas profundezas obscuras e dei um passo cauteloso para dentro, preocupada com a possibilidade de ser atingida por uma arma errante. Bem à minha frente havia dois homens empapados de suor, trocando

insultos em voz ríspida e raivosa. Interrompendo a discussão ao perceberem minha presença, os dois avaliaram minha aparência de nervosismo e meu vestido delicado e fecharam a cara, cheios de desconfiança. Temi haver cometido um erro indo até lá.

– Ah! Srta. Elise!

Dorian aproximou-se, vindo do meio do cômodo escuro, com uma espada que cintilava ao refletir as chamas próximas. Com seus ombros largos e o andar vigoroso, ele era a própria imagem do soldado. O cabelo perdera o fulgor dourado da juventude, mas sua beleza continuava marcante: olhos azul-daros que pareciam incapazes de demonstrar raiva, queixo forte, pernas e braços musculosos. Na penumbra da sala de armas, só ele parecia iluminado por um brilho mágico. Foi impossível meu olhar não ser atraído para ele.

Parei de andar e esperei. Ele fez um gesto com a cabeça na minha direção e disse algumas palavras ao artífice dos metais a seu lado. Balançou rapidamente a espada de um lado para outro, talvez exibindo-se para mim, já que ficava lindo ao fazê-lo e tinha plena consciência do efeito que sua beleza causava nas mulheres. Satisfeito, entregou a arma ao ferreiro e veio falar comigo.

– Está na hora de conversarmos – falou. – Venha.

Estava acostumado a ser obedecido, e eu estava acostumada a ser conduzida. Sem perguntar aonde iríamos, segui-o para além da estrebaria, em direção a uma escada que levava ao topo do muro do castelo.

– Já esteve lá em cima? – perguntou-me, apontando para o passadiço que contornava o topo.

Fiz que não com a cabeça.

– A vista é linda. Além disso, é menos provável que sejamos ouvidos lá em cima.

Subiu de dois em dois os degraus de pedra; preocupada com minhas saias, andei devagar e senti a cabeça girar ao me aproximar do topo. Parado na estreita passagem de pedra no alto do muro, Dorian estendeu a mão para me ajudar a me equilibrar. Conduziu-me por alguns passos até uma pequena torre fechada de guarda.

Apontou para fora da janela e vi as viçosas terras agrícolas que se estendiam sob meus pés até onde a vista alcançava. À minha direita ficava St. Elsip; bem em frente, as montanhas de Allsbury avultavam no horizonte. Observando as terras lá embaixo, percebi, com um sobressalto, que estava contemplando o bosque a que Marcus me levara, anos antes. Em algum ponto em meio àquelas árvores ficava a campina em que nos beijáramos. E logo adiante ficava o curtume, o curtume dele, o lugar em que ele trabalhava e vivia com a mulher e a filha. Desviei os olhos e contemplei a distância. Campos de culturas de fim de verão cobriam as terras de um quadriculado dourado e verde. Estradas de terra batida serpenteavam por entre eles como videiras retorcidas.

– É lindo – comentei.

– Os soldados se acostumam com essas paisagens – disse Dorian. – Você as contempla com novos olhos.

O som da voz dele me trouxe de volta à razão do nosso encontro.

– Dorian... – comecei.

Ele encostou um dedo nos meus lábios. A intimidade contida no gesto me surpreendeu. Eu não soube direito se devia sentir-me ofendida ou envaidecida com a presunção dele.

– Primeiro eu devo apresentar-lhe minhas desculpas – falou. – Minha intenção tinha sido procurá-la pessoalmente e expor minha posição, como um cavalheiro. Em vez disso, constato que meu pai estragou meu projeto galante com a sua intromissão. Nunca pretendi que minha proposta fosse discutida por metade do castelo antes de termos a oportunidade de conversar.

Ele retirou a mão do meu rosto e a pôs no meu braço. Por baixo da manga, minha pele aqueceu-se à quele contato.

– Não nos conhecemos bem, Elise, mas você possui todas as qualidades que busco numa esposa. Lealdade, discrição, paciência. E outros encantos que não se evidenciam tão facilmente. O seu recato tem mantido bem escondidos os seus atrativos.

O calor do meu braço espalhou-se, subindo para meu rosto. Envergonhada, lembrei-me do momento em que ele me vira espionando seu momento de sedução com Petra. Do prazer que ele sentira com minha atenção. Como desejei ser incapaz de enrubescer, já que isso revelava emoções que eu preferia mascarar!

– Sinto-me imensamente honrada – murmurei, afastando-me dele –, mas creio ter havido uma ocasião em que você se comprometeu com outra moça, mais bonita que eu.

– Freydidg? – perguntou ele, intrigado, e imaginei que essa seria a noiva que falecera pouco tempo antes. – Ela estava longe de ser uma beldade, que Deus a tenha.

Com que rapidez ele se esquecera! Eu ainda via claramente o rosto desolado da minha amiga, e meu estômago se contraiu de raiva pela traição de Dorian. Então seu rosto abateu-se e, de repente, vislumbrei um outro lado do homem que eu passara tanto tempo menosprezando.

– Petra.

Ele disse o nome dela num sussurro, e foi o bastante para eu saber que a havia amado.

– Ela está bem? – perguntou-me, a voz retornando ao tom suave e polido dos cortesãos.

– Ela se casou e se mudou da cidade há alguns anos – respondi.

Resolvi não dizer nada sobre o marido de minha amiga. Um homem da posição de Dorian dificilmente consideraria um ferreiro um grande partido.

– E desde então você não teve outras notícias dela?

Fiz que não com a cabeça.

Por um breve momento, o desapontamento invadiu-lhe o rosto. Dorian virou-se e baixou os olhos para o pátio, onde um grupo de cavaleiros se preparava para partir, em meio a muitos empurrões e gritos. Se ele havia pretendido participar do grupo, devia ter mudado de ideia, pois logo tornou a voltar a atenção para mim.

– Ela sempre falou bem de você – disse-me.

– Também teve muito a dizer sobre você.

Ele soltou uma risada e sua inesperada jovialidade me surpreendeu. Estaria zombando de mim ou admirando minha espiritualidade?

– Imagino que sim. Petra nunca foi de medir as palavras. Era uma de suas qualidades mais admiráveis.

– Mas essas qualidades não foram suficientes para que a tornasse sua esposa.

Dorian fixou os olhos nos meus, agora sem nenhum traço de humor. De perto, vi os sinais da vida rigorosa gravados em seu rosto, porém eles mais acentuavam do que maculavam seus belos traços. Eu sentira pouca atração pelo garoto bonito por quem Petra havia se apaixonado, mas esse Dorian tinha conquistado o direito de andar com o porte altivo de um cavaleiro.

– Nunca pretendi agir mal com a Petra – disse ele. – Éramos jovens e tolos, e falamos de casamento como duas crianças apaixonadas fariam. Pensando muito pouco no futuro.

Durante anos eu havia considerado Petra uma vítima da astúcia de Dorian. Mas e se ele estivesse dizendo a verdade? E se tivesse acreditado nas próprias promessas na ocasião em que as fizera?

– Desde sempre, obedeci às ordens do meu pai – continuou. – Ele escolhia meus colegas e meu cavalo quando eu era pequeno, e eu sabia que escolheria a minha esposa quando chegasse a hora. Como qualquer jovem voluntarioso que acha que já é adulto, eu brincava com a ideia de desafiá-lo. Mas nunca tive coragem para isso. Até agora.

Estendeu as mãos e segurou as minhas.

– Elise, vou falar sem rodeios. Nada agradaria mais ao meu pai do que me arranjar outro casamento, com uma moça adequadamente rica. Mas, desta vez, eu mesmo farei a escolha.

– E essa escolha sou eu? Por quê?

– Creio que fariamos um bom par. Você entende o funcionamento da corte e é capaz de cuidar de si mesma se eu for chamado para o combate. Não tenho as qualidades de um marido perfeito, mas posso lhe prometer toda a honradez do meu sobrenome.

Seus polegares ásperos acariciaram a pele delicada de meus pulsos.

– Você me aceita? – perguntou.

Não era, de modo nenhum, a declaração de amor que eu havia imaginado de meu futuro marido. Mas Dorian não fez promessas falsas, e talvez isso fosse mais valioso que a poesia.

– Estou longe de ser merecedora – respondi.

– Falou como uma perfeita dama – observou ele, com um sorriso satisfeito. – Já vi mulheres muito mais bem-nascidas se tornarem uma desonra para os maridos. Não temo isso com você.

Suas mãos desceram até minha cintura, puxando-me aos poucos para mais perto.

– Se você concordar, poderemos tornar-nos marido e mulher na época da colheita.

Dorian encostou o quadril no meu e suas mãos poderosas pressionaram minhas costas, aproximando-me cada vez mais dele, até nossos corpos se fundirem. Eu poderia ter desmaiado, mas permaneci de pé, tamanho era seu domínio sobre mim. Dorian inclinou-se para beijar minha testa, depois a face, depois a boca. Fechei os olhos e me entreguei à sensação de calor que perpassou minha pele, entorpecendo qualquer resistência. Por mais indiferente que eu me achasse aos ardis de Dorian, não pude negar o desejo que seu contato provocou, a súbita aceleração de minha pulsação, a ânsia poderosa que me impeliu a retribuir seu beijo com intensidade crescente. Livrei meus braços de seu domínio, deslizei as mãos por suas costas e depois mais para baixo; senti suas pernas rijas através de minhas saias e essa sensação debilitou qualquer determinação que me restasse.

Lentamente, Dorian afastou os lábios dos meus e sorriu.

– Posso entender isto como um sim à minha proposta?

Enrubescendo e evitando seu olhar, assenti, tardiamente mortificada com meu atrevimento. Dorian pôs as mãos nas minhas faces e me fez encará-lo. A princípio, pensei que estivesse sorrindo à minha custa, mas logo percebi que ele estava contente com meu ardor. Abandonando qualquer tentativa de me recompor, assenti de bom grado quando ele correu os dedos por baixo da minha touca e por meu cabelo, tornando a me puxar para junto de si.

Eu tinha levado a sério a advertência da Sra. Tewkes. Sabia que o prestígio e a riqueza da família de Dorian me garantiriam um futuro confortável e, como esposa ou viúva dele, eu seria bem cuidada na velhice. Mas não foi essa a razão pela qual aceitei sua proposta. Eu não o amava nem confiava inteiramente nele. No entanto, no momento em que ele me beijou, meu corpo rendeu-se ao seu. Uma vez casados, esses abraços apaixonados não seriam motivo de vergonha. Comecei a pensar na nossa noite de núpcias e, de repente, mal pude esperar para descobrir que prazeres encontraria nos braços do meu marido.

## UMA MULHER CASADA

Dorian e eu fizemos nossos votos matrimoniais na capela real, tendo o rei e a rainha por testemunhas. A rainha Lenore me deu um vestido novo para a ocasião, feito de um veludo vermelho-escuro escolhido para combinar com meus cabelos e olhos castanhos, e insistiu que eu usasse emprestado o colar de flores de ouro que ela ganhara da mãe como presente de casamento, e que um dia seria passado para Rosa. Dorian sorriu de satisfação ao me ver parada na entrada da capela. Parecia profundamente seguro, como se a cerimônia fosse um torneio ou uma caçada, uma aventura divertida, e não um evento capaz de modificar nossas vidas para sempre. Acompanhei-o em silêncio até o altar, ainda atônita por ter sido escolhida como esposa por aquele belo e forte cavaleiro. A luz do sol, infiltrando-se pelos vitrais, iluminou-o com uma aura lustrosa, enquanto eu repetia as palavras do padre e prometia obedecer a meu marido e pôr seus interesses acima dos meus. Só ao dizer as palavras em voz alta foi que compreendi de fato as consequências de meus atos. Quando Dorian pôs no meu dedo uma reluzente aliança de ouro, o caráter definitivo desse gesto fez minha mão tremer. Teria eu renunciado a minha liberdade de forma fácil demais?

Depois da cerimônia, foi nos oferecido um banquete no Grande Salão. O rei Ranolf deu a Dorian seu presente de casamento – um punhal de caça cuja lâmina se projetava de um cabo cravejado de pedras preciosas. Os outros cavaleiros, colegas de Dorian, se entreolharam com inveja ante essa prova extravagante da predileção do soberano, enquanto suas esposas trocaram olhares de silenciosa reprovação quando me sentei entre elas. Rosa veio correndo me abraçar, parabenizando-se fervorosamente, e fiquei ainda mais sem graça com esse abandono inesperado do protocolo do castelo. A julgar pelas expressões das outras mulheres, minha súbita ascensão na escala social também tinha sido quase inacreditável para elas. Durante todo o restante da refeição, olhei ininterruptamente para meu prato, a fim de poupá-las do incômodo da minha atenção.

Apenas Dorian pareceu não se deixar afetar. Portou-se com a jovialidade de sempre durante o banquete, trocando piadas sobre suas proezas como amante com os cavaleiros sentados à nossa mesa. Afagou meu cabelo e beijou minhas mãos, orgulhoso em reivindicar em público a posse de sua mulher. Quando se aproximou a hora de nos recolhermos, fui ficando cada vez mais nervosa. Havíamos trocado muitos beijos apaixonados desde que ficáramos noivos, mas eu tinha contido várias vezes suas mãos errantes, decidida a só consumir nossa união na noite de núpcias. No entanto, agora que o momento estava chegando, tive medo de decepcioná-lo. Eu desconhecía as maneiras de uma mulher satisfazer um homem, e Dorian havia

desfrutado de um vasto leque de companhias femininas. Será que eu o entediaria?

Após o jantar e uma série de brindes embriagados e desconexos, um grupo de amigos de Dorian escoltou-nos do salão, brincando com meu marido sobre a grande prova que o esperava. Embora eu soubesse que esses gracejos faziam parte das noites de núpcias, eles alimentaram meu mal-estar. Acelerei o passo, ouvindo as vozes se extinguírem atrás de mim, e entrei no quarto de Dorian. Eu vira seus aposentos pela primeira vez nesse dia, um pouco mais cedo, ao acompanhar o carregador que havia transportado minhas poucas posses para o andar de baixo. Acostumada à amplitude dos aposentos da rainha, achei aquele cômodo lastimavelmente apertado e escuro. Havia uma cama simples no centro, com postes nos quatro cantos, mas sem dossel. Duas cadeiras ficavam sob uma janela pequena, que dava para a estrebaria. Numa das paredes, um crucifixo liso de madeira constituía a única tentativa de adorno. Aquele quarto despojado era um testemunho precário do caráter do homem que dormia ali.

Comecei a andar entre a cama e as cadeiras, a única parte do quarto em que havia espaço para isso. Ouvi passos e ergui a cabeça, preparando-me para novas chacotas. Dorian entrou, sozinho, e fechou a porta às suas costas.

– Não me diga que aqueles tolos a aborreceram.

Ele se portou como se essa noite fosse igual a qualquer outra. Passou por mim tirando o casaco e jogou-o numa das cadeiras. Depois largou as botas de lado com a mesma displicência. Será que ele esperava que eu me despisse com semelhante indiferença? Dorian postou-se de frente para mim, deixando visível a forma do seu peito largo através da camisa de linho. Retirou delicadamente minha grinalda e soltou meus cachos das presilhas, causando arrepios em meu couro cabeludo. Então ele desceu as mãos até meus ombros, deslizou-as por meus braços e levou-as às minhas costas, soltando com habilidade os fitilhos que prendiam meu vestido. O veludo flexível escorregou para o chão e fiquei só de combinação, trêmula de nervoso. Dorian contemplou-me devagar, enquanto eu olhava fixamente para o chão, sem saber ao certo o que fazer. E então, de repente, vi-me em seus braços, sendo deitada de costas na cama, aprisionada pelo peso do seu corpo.

– Você não faz ideia de quanto esperei por este momento – disse-me, num murmúrio rouco, enquanto levantava minha saia e deslizava as mãos pelas minhas pernas.

Meu coração batia tão forte que o ritmo parecia atravessar nós dois.

– Vai fazer o que eu pedir, não vai, minha esposa? – perguntou ele, em tom malicioso.

– Vou obedecer-lhe – respondi, ecoando o juramento que fizera poucas horas antes.

Eu pensava no corpo dele como uma terra incógnita a ser explorada com cautela, mas Dorian tratou o meu como um território a ser conquistado. Guiando-me nos movimentos que unem marido e mulher, foi dando ordens como um militar,

mas as palavras eram proferidas com o calor do discurso dos amantes; a força de suas mãos calejadas poderia ter sido ameaçadora, se eu não me sentisse tão protegida em seu abraço potente. Porque Dorian tinha uma habilidade que imagino ser um dom de poucos homens: a capacidade de amenizar o perigo com a ternura.

Na penumbra daquela cama, iluminada pela chama de uma única vela, meu nervosismo fugiu sob os dedos seguros de Dorian. Quando ele desabotoou minha combinação e a fez descer por meus ombros, sorridente, enrubesci à revelação de minha nudez. Mas a sensação da pele dele na minha, quando nossos braços e pernas se entrelaçaram, logo me arrebatou para um reino de puro prazer. Com seu encorajamento maravilhado, minhas mãos passearam pelos músculos rijos de suas pernas, endurecidos por anos de montaria, e seguiram para a pele surpreendentemente macia de sua nuca; quando me estiquei para beijá-lo nesse lugar, ele estremeceu de prazer e eu me delicieei com meu poder de afetá-lo tanto. Querendo mais, segui seus estímulos, ora aqui, ora ali, saboreando sua pele almiscarada com voracidade cada vez maior. Quando sua investida final tirou-me o fôlego, com uma dor súbita e aguda, ele encostou o rosto no meu e sussurrou palavras para me tranquilizar, segurando-me com força enquanto estremeia em seu êxtase.

Após afagar meu braço e rolar para se deitar a meu lado, ele disse:

– Tive razão em confiar na sua virtude. Foi um belo presente de casamento para seu marido.

Então ele me beijou de leve na testa e se virou para o outro lado. Pouco depois, sua respiração transformou-se em roncossossonoros. Após tantos anos dormindo sozinha, eu não sabia como posicionar o corpo ao lado dele. Fiquei ali, rígida e alerta, sentindo o calor que emanava de sua pele, exausta, mas sem conseguir dormir.



O casamento me transformou de criada da rainha em esposa de um cavaleiro. A rainha Lenore recebeu uma nova ajudante pessoal, uma jovem amável chamada Heva, e eu me tornei a mais nova de suas damas de companhia. Em vez de me postar num canto da sua sala de estar, esperando ser chamada, fui autorizada a ocupar uma cadeira entre as mulheres de linhagem nobre e a conversar como uma igual. Embora eu continuasse a tratá-las com deferência, as damas da rainha não me receberam bem. Em mais de uma ocasião, aproximei-me de um grupo reunido, que conversava aos cochichos, e vi o som cessar à minha chegada. Uma delas me fez uma pergunta impertinente, querendo saber se eu estava grávida, como se essa fosse a única maneira de o solteiro mais famoso do castelo ser induzido ao casamento. Sem dúvida, algumas haviam imaginado Dorian como seu próprio parceiro.

Esses olhares reprovadores ocasionais eram um pequeno preço a pagar pelos

benefícios da minha nova posição. Eu já não despertava ao alvorecer para servir outra pessoa; podia acordar devagar, nos braços de meu marido. Os dias eram meus para usar como quisesse, pois as damas de companhia da rainha tinham liberdade para ir e vir. Na verdade, após tantos anos de serviço e sem amigas da minha posição que me ajudassem a passar o tempo, tive dificuldade para preencher as horas vagas que me saudavam no começo de cada dia. Por hábito e afeição pela rainha, continuei a passar grande parte do tempo em seus aposentos, que eram uma fuga bem-vinda dos cômodos frios e masculinos divididos por sir Walthur e Dorian.

Rosa, uma das poucas pessoas que festejaram minha nova posição, tornou-se minha companhia mais íntima. Quando menor, ela havia gozado de alguma liberdade, escapando das fortificações do castelo em cavalgadas com o pai pela zona rural ou em visitas a propriedades vizinhas. Dadas as ameaças crescentes a sua segurança, esses passeios começaram a lhe ser negados, assim como a companhia de jovens da sua idade, pois a maioria das famílias nobres criava seus filhos longe da corte. Desesperada por alguma diversão e sem outras amigas para quem se voltar, Rosa me procurava para conversar e pedir conselhos. Não muito depois de meus votos matrimoniais, ela quis saber se a noite de núpcias tinha sido o que eu esperava.

– Você diz depois do banquete? – perguntei. Considerei criteriosamente como enunciar as palavras. – A consumação?

– Ouvi os homens implicando com o Dorian, mas não entendi o que queriam dizer.

– Sua mãe não conversou com você sobre essas coisas?

Ela balançou a cabeça.

– Só me disse que a esposa deve cumprir certos deveres. O resto poderia esperar até eu ficar mais velha.

Dada minha criação rústica, eu não podia imaginar que alguém chegasse aos 14 anos sem saber como os homens se deitavam com as mulheres. Desde que me entendia por gente, eu tinha visto ovelhas no cio pelos campos e ouvido os grunhidos de meu pai em cima da minha mãe na escuridão do nosso casebre. Não achei que coubesse a mim educar Rosa, mas fiquei comovida com sua confiança ao me fazer essas perguntas.

– Tenho que respeitar os desejos de sua mãe – disse-lhe. – Prometo que lhe contarei tudo que você precisar saber quando forem tomadas as providências para o seu casamento.

– Você é feliz com Dorian, não é?

Uma pergunta tão simples, mas tão difícil de responder com sinceridade.

– É claro – falei, com grande segurança.

– Espero ser feliz com sir Hugill – disse Rosa, que ainda não havia conhecido o futuro marido, embora contemplasse com frequência um pequeno retrato que ele lhe mandara. – Não sei nada sobre o caráter ou o temperamento dele, mas estou presa a

ele pelo resto da vida. Isto não lhe parece cruel?

– As coisas são assim – respondi, cautelosa.

Questionar seu destino não faria bem nenhum, e eu não queria ser acusada de incentivar tais sentimentos.

– Sou mais prisioneira que princesa. Nunca me perguntam o que eu penso nem pedem minha opinião. Sou apenas informada do que devo fazer. Minha mãe nunca fala de amor quando se trata do meu casamento. Como invejo você!

Infelizmente, Rosa era pequena demais quando seus pais fitavam um ao outro com adoração diante de toda a corte ou liam poesia em voz alta na sala de estar da rainha Lenore, então não se lembrava de nenhuma dessas coisas. Agora os dois eram pouco mais que figuras simbólicas, um rei e uma rainha que levavam vidas separadas. O pai de Rosa passava os dias fixado em ameaças reais ou imaginárias, enquanto sua mãe buscava consolo nos ensinamentos de seu mais novo assessor favorito, um monge missionário chamado Gabriel, um padre capaz de discorrer durante horas sobre a vaidade humana. Alto e ascético, com uma estrutura que fazia lembrar uma ave desengonçada e magra, ele se orgulhava de dormir no chão das cozinhas, enrolado apenas em sua capa. Com essa presença santificada pairando pelos aposentos da rainha, eu não podia censurar o rei por buscar diversão noutro lugar. Segundo Heva, ele já não dividia a cama da mulher. Não era de admirar que Rosa considerasse meu casamento uma união de amor, comparado ao de seus pais.

Será que meu casamento era feliz? Eu não saberia dizer. Era comum que nosso temperamento imensamente diferente nos levasse a discordâncias; nas cavalgadas pela zona rural, Dorian se aborrecia com meu ritmo lento, enquanto suas tentativas de me explicar as complexidades da tática das justas me faziam bocejar. Achando mais divertida que impressionante a tutela de Flora, ele se referia à coleção de vidros e potes que eu guardava num canto de nosso quarto como poções de feiticizas, embora ficasse bem satisfeito quando eu aplicava um de meus unguentos em seus músculos doloridos. Casado ou não, ele não renunciava a seu papel de animador e gostava da admiração de mulheres e homens. Em sua eterna busca por divertir os outros e a si mesmo, Dorian adorava fazer de mim um objeto de pilhérias, lamentando a perda da sua liberdade ou reclamando da língua ferina de sua esposa, quando ambos sabíamos que eu nunca tinha dito uma palavra contra ele. Quando eu falei que essas reclamações me magoavam, ele revirou os olhos e declarou que o casamento me fizera perder o senso de humor, e com isso provou sua colocação.

Assim, como eu poderia explicar quanto ele me fascinava na intimidade? Nas noites em que eu lhe virava as costas, irritada, frustrada com algum comentário ou gesto irrefletido, ele deslizava os dedos por meus cabelos ou me beijava os seios, seguindo o decote de minha camisola, até meu corpo me trair, reagindo ao seu contato. Ao contrário de muitos homens que usam a mulher apenas para satisfazer suas preferências, Dorian adorava me dar prazer. O fato de eu ser conhecida em todo o castelo por minha discrição e meu recato só fazia aumentar sua vontade de me ver

cheia de desejo. Revelei a Dorian um lado meu que ninguém mais tinha visto, e a consciência desses eus secretos é capaz de unir um casal no matrimônio com mais solidez do que seus votos eclesiásticos.

Eu não esperava que Dorian me fosse fiel, e ele não era. Eu aceitava isso como o preço a ser pago para poder passar meus dias como me aprovesse, pois ele me fazia poucas solicitações durante as horas diurnas. Dorian podia ser rude e arrogante, mas também era generoso e encantador, ofendendo sem querer, mas nunca sendo cruel de propósito. Meus próprios pais tinham me mostrado que a sorte de uma mulher podia ser muito pior. Eu tinha esperança de que a paternidade pudesse domar seu olhar irrequieto e seu jeito juvenil, mas passou-se um ano, depois dois, sem nenhuma alteração no meu ciclo menstrual.

Os temores referentes à minha possível infertilidade não me cegaram para os perigos enfrentados pelo reino. Uma aparente vitória – a captura do irmão caçula dos DeRauleys – revelou-se, com o tempo, mais um estímulo para os rebeldes. O julgamento do rapaz por traição foi uma farsa, pois ele não sabia quase nada das maquinações de seus irmãos mais velhos, e a crueldade de sua execução, prolongada para provocar o máximo de sofrimento, só fez endurecer o coração dos que já se opunham ao rei. Sir Walthur passava os dias encerrado com o Conselho Real, debatendo se conviria enviar mais tropas para o norte, onde já se tornara corriqueira a ideia de que o príncipe Bowen assumiria o trono. Embora Bowen, em si, escapasse aos espíões do rei, estava claro que ele vinha conspirando naquela área, atiçando o descontentamento com o reinado de seu irmão.

Dorian passava os dias montado a cavalo, treinando formações de batalha com os outros cavaleiros – meninos crescidos demais, brincando de guerra enquanto a realidade não chegava. Na intimidade do nosso quarto, Dorian me ensinava a manejar o punhal de cabo de pedras preciosas, que se tornara seu bem mais precioso, e para isso pressionava o peito nas minhas costas e segurava minha mão, para demonstrar uma estocada ou um corte. Foi o máximo que me aproximei de compreender a atração pela vida militar, pois até meus ossos pareciam adquirir o peso daquele aço, enchendo-me de uma força inusitada. A insinuação oculta de perigo era emocionante, e esses encontros terminavam, invariavelmente, com o punhal caindo no chão e nós dois procurando o corpo um do outro.

Embora Dorian se proclamasse ansioso por lutar, o rei e seus conselheiros acreditavam ter o poder de intimidar os revoltosos sem recorrer a uma invasão completa. Só quando olhamos para trás é que temos a certeza de que a guerra era inevitável. Durante meses – anos –, depositamos nossas esperanças em outras soluções. Os mais velhos dos irmãos DeRauleys poderiam ser capturados, pondo fim a sua conspiração, ou a arrogância do príncipe Bowen poderia afastar seus seguidores. O rei investiu um esforço enorme na construção de uma rede de aliados que tornasse inabalável a sua manutenção do poder. Os governantes de terras vizinhas tinham todas as razões para apoiar o rei Ranolf, pois qualquer agitação em

nosso país poderia afetar seus territórios. A base dessa estratégia era Hirathion, o reino que fazia fronteira com o nosso no norte e que, por isso mesmo, era o que mais seria afetado por um possível derramamento de sangue.

Se o rei de Hirathion assumisse uma posição favorável a nós, o reduto dos rebeldes ficaria cercado por terras fiéis ao rei Ranolf, o que desferiria um golpe mortal na conspiração dos nortistas. Por isso, pareceu um sinal extremamente auspicioso quando esse soberano mandou informar que um representante seu visitaria o castelo, a fim de discutir uma aliança formal.

Não vi a chegada da delegação de Hirathion; os homens desapareceram quase de imediato na Câmara do Conselho, para conferenciar com o rei Ranolf. No entanto, logo se espalhou a notícia de que o grupo visitante compunha-se apenas de um punhado de autoridades, chefiadas por um embaixador cujo nome sir Walthur não conhecia. Dorian entrou no nosso quarto, imundo e exausto após uma semana de exercícios militares na região oeste do reino, e reclamou que a pouca idade do embaixador provava a indiferença de Hirathion a nossos problemas.

Ainda assim, entre as damas do castelo, qualquer mudança na rotina era motivo de empolgação. Preparou-se um grande banquete para a primeira noite do embaixador, e até a rainha Lenore arrumou-se para a ocasião, colocando as joias preciosas que geralmente deixava de lado. Usei o vestido vermelho do meu casamento, o que provocou em Dorian um sorriso lascivo quando saí do nosso quarto. Todos os membros da corte estavam presentes no Grande Salão no momento em que os homens de Hirathion chegaram, introduzidos por um burburinho de cochichos curiosos. Eles vieram conduzidos por um jovem moreno que se movia com a dignidade própria de homens mais velhos. Seus olhos correram pelo aposento e no mesmo instante intuí uma curiosidade intensa, uma ânsia de observar e recordar tudo o que estava vendo. Seu nome, Dorian cochichou para mim, era Joffrey Oberliss, o embaixador de quem nosso destino talvez dependesse.

Reparei em sua ausência de título – prova adicional de sua importância relativamente pequena –, mas ele se portou com a graça de quem estava acostumado aos círculos aristocráticos, sendo-lhe destinado o lugar de honra ao lado da rainha. Durante toda a refeição, meu olhar foi atraído por ele, que conversava com a rainha Lenore e ouvia as respostas dela com toda a atenção. Rosa, separada do convidado de honra pelos dois pais, não parava de se inclinar para a frente, a fim de ouvir as palavras dele, com a expressão claramente extasiada. Lancei-lhe um olhar de reprovação, mas não pude culpá-la por achar o nosso visitante irresistível. Joffrey exibia refinamento e consideração que eram raros entre os cavaleiros atléticos e tempestuosos do círculo do rei Ranolf.

Depois que os pratos foram retirados e ergueu-se uma série de brindes cheios de flores, o rei fez sinal para que os músicos comessem. Os cortesãos mais jovens levantaram-se de suas cadeiras e se reuniram no centro do salão, dispendo-se em fileiras frente a frente para dançar. Eu só havia aprendido os passos recentemente,

depois do casamento, e recusei com firmeza os pedidos de Dorian de que dançasse com ele. Não correria o risco de tropeçar nos meus pés num evento tão formal.

Quando os músicos fizeram soar a primeira nota, Rosa virou-se para o pai e tocou em seu braço. Não pude ouvir suas palavras, mas o rei se levantou e pediu silêncio.

– Um momento! – anunciou. – Minha Bela gostaria de participar da dança, mas somente se nosso convidado lhe servir de parceiro.

Virou-se para Joffrey com um sorriso brincalhão, encantado com a surpresa do jovem. Uma expressão alarmada cruzou o rosto da rainha Lenore, tão depressa que poucos a teriam notado, e foi substituída por seu habitual sorriso gentil. O atrevimento de Rosa, ao pedir uma dança a um homem de posição drasticamente inferior, era uma quebra considerável do protocolo. Mas, se o rei Ranolf havia optado por encorajar a animação juvenil da filha, a rainha Lenore não podia dar a impressão de discordar.

Rosa já se deslocara para a pista de dança quando Joffrey se levantou da cadeira. Como convinha à posição dela, colocou-se na extremidade da fileira das damas, onde ficaria à vista de todos os convidados ao redor. Eu me perguntei se Joffrey saberia fazer os passos; nem todos os rapazes têm talento para se movimentar, e o andar dele pareceu hesitante enquanto ia em direção ao seu lugar.

Os dois ficaram frente a frente, os olhos de Joffrey cravados direto nos dela, pois Rosa, aos 16 anos, tivera um estirão de crescimento que a havia tornado mais alta que a média das moças. Começou a música e a princesa deu dois passos graciosos à frente, depois deslizou com delicadeza para o lado e em volta do parceiro, como se o envolvesse numa rede invisível. Seu sorriso caloroso derreteu a reserva cautelosa de Joffrey, que sucumbiu mais a cada movimento, seguindo com os olhos cada inclinação e cada volteio e entreabrindo os lábios de prazer ao acompanhar os passos de Rosa. Quando suas mãos se encontraram brevemente no final, as palmas dele demoraram demais nas dela, e Rosa se afastou com uma risada de encantamento.

Todos percebemos. O embaixador ficou tão enfeitiçado por Rosa que não se importou se a corte inteira tinha notado. O par executou outra dança, depois mais outra. O rei, que deveria ter posto fim àquela intimidade, estava absorto na conversa com seus cortesãos; a rainha Lenore, sempre deferente aos desejos do marido, não fez nenhum gesto para advertir a filha. A honra de uma mulher é seu bem mais precioso, e temí que Rosa estivesse expondo demais a dela.

Na pausa seguinte na música, levantei-me e fui até a extremidade da fileira de dançarinos. Vi Rosa fitar Joffrey com as sobranceiras arqueadas, desafiando-o a ignorar o protocolo e tirá-la mais uma vez para dançar. Entrei na linha de visão dela e balancei a cabeça lentamente, torcendo para que a severidade da minha expressão acentuasse a advertência. O sorriso de Rosa murchou, assim como sua animação, e ela me apresentou a seu convidado com gentileza formal.

– Posso ter a honra? – perguntou Joffrey, estendendo a mão para mim.

Ruborizado pela dança e me dedicando toda a atenção, ele era ainda mais bonito do que havia parecido a distância. Não era de admirar que Rosa estivesse deslumbrada.

Balancei a cabeça.

– Devo declinar, com todo o respeito. Infelizmente, sou péssima dançarina.

– Como eu era, até hoje.

Sua brincadeira me desarmou e eu me vi sorrindo junto com Rosa. Em seguida, consciente de todos os olhares voltados para nós, cutuquei Rosa discretamente para que ela voltasse à sua mesa.

– Está na hora de ir para o seu lugar – sussurrei.

– Sim, sim – murmurou Rosa, e então levantou a voz, para incluir Joffrey em nossa conversa: – Eu acharia muito refrescante uma sidra gelada. Nada como a dança para despertar a sede.

– Vou pedir que a tragam – falei, procurando inutilmente no salão um dos criados que serviam.

Como de praxe, a maioria havia desaparecido ao se iniciar a música, sem dúvida para aproveitar a própria festa no térreo. Saí de forma discreta pela porta atrás do estrado, que levava à Sala de Recepção, e me lembrei de ter fugido para aquele mesmo lugar, anos antes, no dia do batismo de Rosa. Ali eu me reunira com o rei e com Flora, enquanto a rainha Lenore contava a história macabra dos poderes obscuros de Millicent. Agora a sala estava vazia e calma, e passei rapidamente por aquele espaço escuro, desviando os olhos das sombras que se mexiam junto comigo. Sozinha, descí a escada estreita que levava ao Salão Inferior e estremei ao roçar a pele nas paredes úmidas. O barulho e a alegria do banquete haviam ficado para trás e o único som audível era o dos meus sapatos batendo de leve nas lajes do piso. Apesar dos muitos anos de vida no castelo, eu nunca havia superado minha sensação de incômodo ao andar sozinha por aquelas passagens, temendo em segredo que virar na direção errada me levasse para um túnel ou um calabouço de onde eu nunca mais pudesse regressar.

Uma vez no térreo, abordei um laçao meio ébrio e o encarreguei de levar jarras de sidra gelada para a mesa do rei. Disparei de novo escada acima, tão distraída que não vi a figura negra que me bloqueava o caminho até bater de frente na massa sólida do seu corpo. Seus braços me aprisionaram, pressionando meu rosto contra seu peito e abafando meu grito. Seus dedos se abriram sobre a minha nuca e em meu cabelo, antes de puxarem minha cabeça para trás, de leve, para que eu pudesse olhá-lo. Era Dorian.

– Sinto muito tê-la assustado – disse-me num sussurro. – Foi só uma brincadeira.

Brincadeira? Furiosa, livre-me do seu abraço. Ele estendeu a mão para segurar a minha e a prendeu com inesperada ternura, levando meus dedos aos lábios para beijá-los. A delicadeza desse gesto foi suficiente para me fazer parar e Dorian chegou

mais perto, deslizando as mãos por minhas mangas e subindo-as até meus ombros.

– Como você me tortura – murmurou, deslizando os lábios pela curva do meu pescoço. – Parece que faz uma eternidade desde a última vez que a toquei. Foi um tormento observá-la esta noite e não poder fazer isto.

Sua mão deslizou suavemente pela lateral do meu corpo, até minha coxa. Senti a pele das minhas panturrilhas arrepiar-se no ar úmido quando ele levantou minha saia.

– O que quer que eu faça, esposa, com o sangue fervendo assim? – perguntou.

Com uma das mãos segurando a curva das minhas nádegas para me manter no lugar, Dorian iniciou com a outra uma carícia ritmada pela parte interna das minhas coxas.

– Não posso ficar – falei, mas a languidez contida em meu tom dizia outra coisa.

– Por favor.

O desejo em sua voz me apanhou de surpresa. Ele afastou os lábios dos meus e levou-os às minhas faces, testa e orelhas, em movimentos desesperados, movidos por uma necessidade que ele não conseguia controlar. Agarrei seus quadris com as duas mãos e os pressionei contra meu corpo até sentir a rigidez de seu desejo. Seus dedos moveram-se entre minhas pernas, atíçando minha própria ânsia do que viria depois.

De repente, ouvi o barulho distante de uma panela caindo, seguido por vagas risadas. Despertada daquela loucura momentânea, lembrei-me que estávamos no alto da escada dos serviços, à vista de qualquer um que subisse. Apavorada, fiquei imóvel e olhei fixamente para Dorian. Ele deu um sorriso demoníaco e levantou minha saia quase até a cintura. Sua ousadia instigou meu próprio desejo; eu não podia parar, não nessa hora. Enfiar a mão por baixo de sua túnica, com o medo da descoberta acelerando meus movimentos. Dorian me empurrou contra a parede e me possuiu ali, de pé, penetrando-me com uma força que me deixou sem fôlego. Mesmo depois de terminar, ele me manteve ali, perdido naquele momento, não querendo deixá-lo passar.

Durante esses minutos de silêncio, eu o abracei. Embora houvéssimos gozado juntos num frenesi de luxúria, senti uma inesperada ternura por meu marido. Dorian tinha revelado uma fresta em sua armadura, uma necessidade de mim da qual eu nunca havia suspeitado. Talvez, no fundo, ele até me amasse.

Lembrando-me tardiamente de minhas obrigações, afastei-me e ajeitei às pressas o vestido. Dorian ficou observando, com ar divertido, enquanto eu escondia todos os vestígios de devassidão. Ao entrarmos na Sala de Recepção, fiquei surpresa, depois em pânico, ao ver duas figuras junto à porta em frente a mim. Quem seriam? O que teriam ouvido?

Ao chegar mais perto, hesitante, vi que eram Rosa e Joffrey, absortos num diálogo. Os sons emitidos por mim e Dorian não teriam chegado tão longe, pois os dois se assustaram à minha aproximação e deram um passo para trás, para

augmentar a distância que os separava. Enquanto Joffrey ficou tão acanhado que evitou meu olhar, Rosa dirigiu-se a mim e a meu marido com seu jeito animado habitual:

– Eu estava mostrando as tapeçarias ao nosso visitante.

– É mesmo um grande desafio, nesta penumbra – observou Dorian, com uma preocupação zombeteira.

Lancei-lhe um olhar rápido e dei um empurrão firme no ombro de Rosa.

– Haverá bastante tempo para ver as atrações turísticas amanhã. Venha, senhor. Não convém que o nosso convidado de honra desapareça.

Quando entramos de novo no Grande Salão, fiquei aliviada ao perceber que nossa volta não causou grande comoção. Embora a ausência de Rosa e Joffrey não pudesse haver passado despercebida, minha presença como cicerone tornou respeitável sua breve saída. Só eu sabia que os dois tinham estado juntos a sós – um erro que poderia ter maculado para sempre a reputação de Rosa. Ela e Joffrey foram juntar-se ao rei e à rainha, enquanto Dorian e eu voltamos para nossa mesa. No caminho, ele passou um braço possessivo por minha cintura e chegou bem perto.

– Se eles soubessem o que você andou fazendo... – murmurou no meu ouvido, e deu uma risada sugestiva.

Sua respiração fez cócegas no meu pescoço e meu rosto enrubesceu. Dei uma olhadela em volta, torcendo para que as palavras de meu marido não tivessem sido ouvidas. O zumbido das conversas continuava a nos cercar, ininterrupto, mas de repente me dei conta de um olhar fixado em mim. Vi uma figura alta que avultava junto à porta, completamente imóvel e de braços cruzados, numa postura que era, por si só, uma rígida censura aos festejos observados. Era o padre Gabriel.

Fiquei surpresa, depois apreensiva. Ele se gabava com frequência de sua indiferença às coisas mundanas; então, por que havia de aparecer nessa noite? E por que seu olhar desdenhoso era dirigido a mim? Era impossível que ele soubesse do meu encontro com Dorian na escada, mas intuí que algo na minha postura ou no toque descontraído e possessivo de meu marido tinha revelado nosso segredo. Pedindo licença a Dorian às pressas, aproximei-me do monge e o cumprimentei com o que esperei ser uma expressão inocente.

– Não pensei vê-lo aqui esta noite, padre. O senhor deseja falar comigo?

– De acordo com o falatório dos serviços, a princesa Rosa deu um espetáculo e tanto na dança – disse ele, fungando. – Agora vejo a senhora escoltá-la de um encontro particular com o embaixador. Eu não esperava tamanha permissividade nem da senhora nem da rainha.

– É o pai quem faz as vontades da Rosa – retruquei, com um sorriso irônico. – Mas não vejo mal nenhum em que ela encante nosso hóspede. Talvez isso até traga o rei de Hirathion para o nosso lado.

A expressão carrancuda de desaprovação do padre Gabriel não se modificou.

– Está na hora de essa moça se casar. Ela precisa de uma mão firme.

Em si, suas palavras não foram chocantes, mas assustei-me com a veemência do seu tom. O papel dele na corte era cuidar das necessidades espirituais da rainha, não dos assuntos pessoais da princesa. Estaria usando sua influência junto à rainha para se intrometer em assuntos de Estado? *É claro que não*, apressei-me a me repreender, pois não tinha visto nenhum sinal disso. Os castos sacerdotes, eu havia constatado, demonstravam pouca simpatia pelas jovens propensas a flertes, e eu não podia negar que a censura do padre Gabriel se justificava: Rosa nunca deveria ter tido permissão para tomar tais liberdades.

Mais tarde, quando perguntei a ela o que se passara na Sala de Recepção, ela enrubescou e se recusou a falar. Eu não soube dizer se sua reticência visou encobrir um comportamento que eu teria reprovado ou esconder sua decepção por Joffrey não haver tentado praticar tal comportamento.

Na manhã seguinte, irritado e frustrado, Dorian me contou que Joffrey tinha dado vagas garantias de apoio, mas havia admitido que o rei de Hirathion não mandaria nenhum soldado para auxiliar na nossa causa. Furioso, o rei lhe atirara acusações de falsidade e a delegação tinha se retirado abruptamente do castelo, sem as costumeiras despedidas formais.

– Estamos sozinhos – resmungou Dorian.

Sir Walthur juntou-se a nós na sala de estar da família. As horas de conversas infrutíferas tinham lhe deixado olheiras escuras e sua severidade habitual fora abrandada pelo cansaço.

– Hirathion continua a ser um aliado – disse ele em tom solene.

– Estamos defendendo os direitos de uma família da nobreza. Um rei deveria considerar que esta é uma causa pela qual vale a pena lutar – opinou Dorian.

– Você precisa pensar na situação dele. Se mandar soldados para cá, ele estará deixando as próprias terras vulneráveis.

– Ao diabo com todos eles! – exclamou Dorian.

Sir Walthur respirou fundo ante a falta de respeito do filho. Permaneci sentada em silêncio, como era meu costume quando os dois discutiam assuntos de Estado. A opinião de uma mulher não tinha a menor importância para nenhum dos dois.

– O rei Ranolf comanda as melhores forças que estas terras já viram – continuou Dorian. – Está na hora de provarmos nosso valor.

Sir Walthur balançou a cabeça com ar tristonho. Em seguida, virou-se para mim.

– Há um assunto que preciso tratar com você, Elise. Quando os homens de Hirathion se foram, hoje de manhã, acompanhei-os até o pátio para vê-los ir embora. Quando já iam partindo, o embaixador Joffrey virou seu cavalo de lado para falar com alguém parado junto aos portões. A pessoa estava envolta numa capa escura, e eu teria prestado pouca atenção ao ocorrido se a direção do vento não houvesse mudado e levantado o capuz. Era Rosa. Reconheci-a no mesmo instante.

Fiquei surpresa, mas não chocada. Deveria ter imaginado que Rosa buscaria

uma dramática despedida do homem que tanto a havia fascinado. Torci apenas para que nenhum dos homens da delegação de Joffrey houvesse testemunhado esse gesto impetuoso da princesa.

– Alguém mais a viu? – perguntei.

– Acho que não. Graças a Deus. Mas creio que é meu dever notificar o rei.

– Não, não, por favor, não faça isso – pedi. – Falarei com ela.

Sir Walthur estava sentado como um ancião, com os ombros caídos e os braços frouxos e sem vida em cima da mesa.

– Os jovens não pensam nas consequências. Como os que anseiam pela batalha – disse, e olhou para Dorian. – Quando vier à tona que não dispomos de reforços a que recorrer, não vejo como a guerra poderá ser evitada.

– Eu lhe darei as boas-vindas – declarou meu marido, em tom desafiador, e senti um calafrio momentâneo diante de seu anseio obstinado de derramar sangue.

Como sir Walthur havia observado, seu filho era incansável na busca de seus desejos, fosse qual fosse o custo. O mesmo acontecia com Rosa, que se recusou a admitir que houvesse cometido um erro quando a repreendi por ter corrido atrás de Joffrey como uma mulher perdida. Quando apelei para seu bom senso, dizendo que era perigoso ficar tão perto dos portões do castelo, ela deu um risinho de desdém.

– Mais perigoso do que andar por St. Elsip? Pois foi o que eu fiz, e voltei intacta.

– Você saiu? – perguntei, horrorizada. – Sozinha?

– Ninguém olha duas vezes para uma garota com roupa de camareira.

Eu compreendia que ela lutasse contra as restrições de sua posição, mas nunca havia imaginado que Rosa chegasse a tais extremos para fugir delas. Implorei-lhe que não voltasse a escapular e, no momento em que ela me prometeu isso, eu soube que não honraria sua palavra. Entretanto, nunca revelei isto a seus pais nem pedi que a criada dela me desse informações sobre seus passos. Não tomei qualquer providência para detê-la. As saídas de Rosa para além dos muros alimentavam uma parte vital de sua alma. Se eu não apoiasse tacitamente suas tentativas furtivas de independência, correria o risco de perder sua confiança – e seu amor – para sempre.



Os temores de sir Walthur sobre a guerra revelaram-se proféticos. Menos de duas semanas após a partida de Joffrey e sua comitiva, recebemos uma notícia devastadora. A fortaleza de Embriss, antes sede da família DeRauley, mas controlada nos últimos dez anos por soldados leais ao rei, tinha sido tomada. Eu estava no pátio da frente com Dorian quando o mensageiro chegou, arfante e apavorado, num cavalo exausto que mal conseguia pôr um casco à frente do outro. Dorian gritou para que um dos cavaleiros segurasse as rédeas. A pessoa que

desmontou não passava de um mancebo, porém seus olhos eram os de quem vira sofrimentos de mais para a pouca idade que tinha.

Dorian praticamente arrastou o mensageiro até a Câmara do Conselho, onde o rei estava reunido com sir Walthur e seus demais conselheiros. Embora não fosse esse o meu papel, segui-os a uma distância discreta, acompanhada por outros membros da corte que intuíram a importância daquela chegada repentina.

O rei mandou o rapaz entrar e dizer a que vinha. Aguardando no corredor, eu tinha apenas vislumbres dos homens do lado de dentro, mas ouvi claramente o relato terrível do jovem. Dois dias antes, salteadores haviam atacado Embriss sem aviso prévio, irrompendo portões adentro como uma matilha de lobos, ávidos de sangue. Tinham sido rápidos e implacáveis. Enquanto o menino observava, horrorizado, de uma colina próxima, corpos foram lançados das torres e as chamas haviam devorado as paredes.

– Você conseguiu ver os agressores? – perguntou o rei.

– Os homens que conduziam o ataque levavam a bandeira dos DeRauleys: três cabeças de urso numa campina amarela – respondeu o rapaz. – Um deles montava um cavalo preto, o maior que já vi.

– Marl – disse o rei, com a voz reduzida a um sussurro.

As histórias sobre o primogênito dos DeRauleys haviam se tornado lendas. Dizia-se que ele era uma cabeça mais alto que qualquer outro homem e montava um enorme animal negro que parecia mais um touro que um cavalo. Se o próprio Marl havia desferido o ataque, tratava-se de um ato de guerra.

Mas como era possível que uma fortaleza tão poderosa caísse tão depressa? Mais tarde, quando o mensageiro foi dispensado, ofereci-me para levá-lo ao Salão Inferior, para que ele se alimentasse.

– Você viu os agressores se aproximarem do castelo? – perguntei.

O garoto fez que sim.

– Como eles entraram? Sem dúvida os muros eram bem defendidos, não?

– Eu não conseguia ver os portões do lugar onde estava. Mas me pareceu não ter passado tempo nenhum até eu ouvir gritos do lado de dentro.

Não houvera ataque nem sítio. Um traidor tinha aberto os portões de Embriss para os inimigos, numa prova adicional de que o domínio do rei sobre o povo tinha se afrouxado com o tempo. Dorian e seus amigos podiam imaginar-se os soldados mais corajosos do país, mas a perícia no manejo da espada não constituía defesa contra a traição.

Após anos de boatos e ameaças incertas, fazer planos de guerra trouxe um alívio catártico para o rei e seus militares. Os comandantes treinavam seus soldados no vasto campo de torneios ao sul das muralhas do castelo, e as batidas dos cascos dos cavalos ressoavam como trovões. Os foles da sala de armas ficavam iluminados até alta madrugada; deitada em minha cama, eu ouvia o tilintar dos metais. A rainha Lenore passava os dias rezando na capela, com o padre Gabriel a seu lado. Ela

governaria em nome do rei durante a ausência dele, e temi que o peso desse dever fosse grande demais para ela. No entanto, a rainha enfrentou a perspectiva da partida do marido com serena resignação, o que creditei, a contragosto, aos cuidados sacerdotais do monge. Eu poderia perdoar seu modo distante de tratar a mim e aos demais membros da corte se suas orações dessem forças a si própria.

Fora dos aposentos reais, os dias que antecederam a partida do exército foram repletos de encontros lascivos, com muitas jovens que haviam negado certos favores a seus pretendentes pondo seus receios de lado, subitamente. Qualquer homem de armadura era alvo de muitos suspiros, tendo suas falhas desconsideradas e sua bravura enaltecida. Até eu me apanhei apegando-me a Dorian de um modo que contrariava muito minha reserva habitual durante as poucas horas em que ele não estava treinando seus soldados.

Na véspera do dia em que o exército deveria marchar para fora dos muros do castelo, Dorian irrompeu em nosso quarto muito depois do anoitecer. Desgastado pelos acontecimentos do dia, desabou na cama com um grunhido de satisfação. Busquei a jarra de água e lavei seu rosto sujo enquanto ele permanecia deitado de costas, de olhos fechados, exaurido por seus esforços. Com delicadeza, afastei o cabelo desgrenhado de sua testa, ouvindo sua respiração lenta e regular. Justo quando pensava que ele havia pegado no sono, Dorian estendeu as mãos e me puxou, apertando-me com força junto ao peito. Não falei nada quando ele tirou meu vestido e despiu sua túnica pelos ombros. Nós nos unimos em silêncio, com suas mãos ásperas de soldado afagando minha pele delicada, como se ele pudesse guardar lembranças pelo tato.

Depois, esperei que ele adormecesse, como costumava fazer, mas a partida iminente despertou em meu marido uma ternura atípica. Dorian ficou deitado de lado, de frente para mim, enroscando os dedos nos cachos do meu cabelo.

– A ideia de me afastar de você é quase o bastante para me fazer lamentar a chegada da guerra.

Não houve sorriso maroto nem risadas descontraídas. Durante aquele breve momento, eu nos vi como poderíamos ter sido se houvéssemos aprendido a falar com honestidade e franqueza um com o outro. Talvez ainda nos fosse possível criar uma parceria verdadeira, depois que a guerra acabasse.

– Então fique um pouco mais – murmurei, alisando seu peito com as palmas das mãos.

Ruborizada de afeição, pensei em contar-lhe o segredo que vinha guardando fazia algumas semanas. A ausência das minhas regras estava longe de ser uma prova segura de que eu esperava um filho, e tive medo de alimentar suas esperanças e as minhas antes que se passasse mais tempo. Seria melhor aguardar, perguntei-me, e lhe exibir um ventre redondo quando ele retornasse? Imaginei um Dorian exausto e todo respingado de lama, voltando da batalha para casa, e eu à sua espera nos portões do castelo, para compartilhar a notícia.

– Sentirei falta dessas mãos macias quando estiver acampado com uma horda de soldados imundos – disse Dorian.

– Você não terá tempo para essas recordações – brinquei. – Estará muito ocupado se gabando.

– Você me conhece bem demais – retrucou ele, com um sorriso maroto. – Não posso negar. Estou pronto para a luta. Pronto para ver isto resolvido.

O pensamento dele já estava naqueles campos de batalha do norte. Chamar sua atenção para outras questões não seria gentil, e resolvi não dizer nada sobre meu estado. Se eu estivesse enganada e a ausência da minha menstruação não passasse de um problema feminino, ele nunca precisaria saber.

Adormeci com os braços de Dorian a meu redor, aninhada na firmeza de seu corpo. Acordada ao amanhecer por um beijo delicado, abri os olhos e o vi de pé ao lado da cama, já vestido.

– Estou saindo para reunir os homens.

– Tão cedo? – perguntei, grogue.

– Há muito a fazer – disse ele. Em seguida, abrandando o tom, perguntou: – Você vai assistir à minha partida?

– É claro – respondi.

Dorian hesitou, olhando para meus ombros nus, e a curva de meus seios sob as cobertas o tentou a voltar para um último abraço. Eu ardia de desejo. Ele nem havia deixado o castelo e eu já sentia falta de sua presença calorosa e sólida.

– Procurarei por você – disse ele, por fim curvando a cabeça numa despedida.

O marido que murmurara palavras de ternura durante a madrugada havia desaparecido. Agora Dorian era um guerreiro, pronto para enfrentar seu destino.

Os soldados partiram com grande cerimônia do pátio da frente. Erguera-se uma plataforma para que a rainha e suas damas de companhia pudessem despedir-se cara a cara com seus maridos montados. As muralhas estavam cercadas por uma massa humana; era como se todos os habitantes do castelo, nobres ou servos, houvessem se reunido para assistir. A rainha Lenore portou-se com dignidade, como sempre, em seu trono dourado, inspecionando a comoção com expressão impassível. Apenas os olhos negros revelavam a melancolia que se apoderara dela com intensidade cada vez maior. Rosa sentou-se a meu lado, mas não conseguia ficar quieta: batia com os pés sob a barra da saia e corria os olhos inquietos por toda a cena.

O toque agudo das cornetas soou no pátio dos fundos, onde o exército estava se reunindo. Vozes cantarolaram de expectativa e a agitação de Rosa afetou meus nervos. Os arautos foram os primeiros a marchar sob o arco, avançando ao ritmo de seus clarins. Foram seguidos pelos porta-estandartes, alinhados em fileiras de seis, cada um brandindo com orgulho o brasão do rei. Dorian me dissera que essas bandeiras eram de enorme importância na batalha, pois marcavam a posição de cada comandante durante a luta. Ele comandaria a cavalaria real, e eu me perguntei

qual daqueles porta-estandartes cavalgaria a seu lado.

Com as armaduras tilintando e batendo os pés com força, fileira após fileira de soldados em traje completo de batalha surgiu diante de nós. No pátio ecoaram vivas extasiados. Alguns homens acenaram e gritaram sugestões picantes para as moças que lhes chamaram a atenção, porém a maioria passou por nós numa marcha solene e silenciosa, saindo dos portões do castelo. Vi muitos rostos que reconheci, de lacaios e artífices que haviam pedido para pegar em armas a serviço do rei. Alguns eu conhecia desde que eram meninos. E outros, inúmeros outros, vinham de famílias leais que haviam saído de todas as partes do reino para se unir a nossa causa. Uma multidão ladeava a trilha que conduzia à cidade e seus gritos se elevaram junto com os nossos quando o exército passou em seu desfile. A meu lado, Rosa ficou rouca de tanto gritar. Só a rainha Lenore permaneceu calada.

Os últimos a surgir foram o rei e seus cavaleiros. Eles montavam os melhores cavalos das estrebarias reais, criados para ter velocidade e força e que, nesse dia, estavam cobertos com as cores da coroa. Os animais puxaram as rédeas, impacientes, quando os homens os orientaram para a plataforma da rainha. Ali estava o pequeno número dos favoritos que comandariam os ataques, exortando os outros com sua própria coragem. Eles eram seguidos por seus escudeiros, prontos para cuidar de seus senhores em campos lamacentos ou em quartos de dormir.

Apenas algumas mechas do cabelo louro-escuro de Dorian escapavam da frente do elmo, porém eu reconheceria sua ossatura larga mesmo que ele estivesse de costas. Ele abriu um sorriso exultante ao me ver. Achava-se finalmente na posição para a qual havia treinado durante a vida inteira. Meu coração encheu-se de orgulho. Eu nunca me sentira mais feliz por chamá-lo de meu marido.

O rei aproximou-se da rainha Lenore e fez seu cavalo parar. Ela se levantou e lhe ofereceu um lenço em que fora bordado o brasão da família. O soberano o levou aos lábios antes de guardá-lo sob a frente de sua sela. Depois, quebrando o protocolo formal da cerimônia, segurou as mãos de sua mulher e as beijou. Um rugido ensurdecedor irrompeu da multidão; sem dúvida, um som semelhante se fizera ouvir quando o rei Ranolf havia abraçado pela primeira vez sua linda esposa, muitos anos antes. Os olhos da rainha Lenore encheram-se de lágrimas, obscurecendo o que talvez fosse sua última visão do homem a quem havia amado tão profundamente. Os olhos de ameaças tinham minado o casal, mas aquele momento me deu a esperança de que ainda restasse algum vestígio de sua antiga afeição.

O rei virou-se para Rosa, que se atirou em seus braços. Deixou o rosto afundar no cabelo arruivado da filha e abraçou-a. O gesto me trouxe à lembrança uma imagem clara e dolorosa: aquelas mesmas mãos embalando o corpinho de Rosa no dia do seu nascimento, quando o rei sorriu com gratidão enquanto outros homens teriam esbravejado contra o destino. Aos poucos, delicadamente, ele se afastou do abraço da filha e baixou a frente do elmo. Esse sinal de determinação fez os espectadores soltarem outra rodada de vivas, mas eu me perguntei se o gesto teria

sido feito para esconder a expressão do soberano após tal despedida.

Os seguidores do rei deslocaram-se para assumir seus lugares atrás dele nos portões. De repente, Dorian desviou-se e levou o cavalo na minha direção.

– Elise.

Surpresa, andei até a borda da plataforma, para ele não ter que gritar o que queria dizer.

O rosto de Dorian abrandou-se, com a mesma expressão pensativa que eu tinha vislumbrado na noite anterior. Despojado de sua garbosa autoconfiança, ele parecia mais velho, porém também mais sereno.

– Você tem sido uma esposa melhor do que mereço – falou. – Talvez eu tenha lhedado motivos para se arrepender dos seus votos, mas nunca me arrependi dos meus.

Aturdida, balancei depressa a cabeça, e de repente desejei ter pensado em lhe dar alguma lembrança da minha estima.

– Quando isto terminar – acrescentou –, agirei melhor. Não espero que você acredite que a mudança venha com facilidade, mas vou tornar-me digno de você.

Esperei a gargalhada que assinalaria a floreada pilhéria feita à minha custa. Ela não veio. Dorian segurou minha manga e me puxou para ele, então me beijou impetuosamente na boca, diante de todos. Meu rosto enrubesceu de vergonha e prazer, e eu o afundei na curva de seu pescoço, como fizera tantas vezes na intimidade do nosso quarto.

Como eu gostaria de ter-lhe contado! Que alegria Dorian teria experimentado em saber que seria pai! Em vez disso, ao notar os olhares escandalizados das outras damas de companhia, baixei recatadamente os olhos e não falei nada. Rosa virou o rosto para a frente, depressa, na vã tentativa de negar que estivera bisbilhotando. Soaram os clarins enquanto o rei Ranolf ocupou seu lugar adiante dos cavaleiros no portão. Dorian firmou os pés nos estribos e instigou seu cavalo em direção aos homens cujas vidas comandava.

E foi assim que vi meu marido preparar-se para o derramamento de sangue e rezei de todo o coração para que voltasse são e salvo. Apesar de todas as suas falhas, ele seria um pai orgulhoso e afetuoso, e eu queria que meu filho ou filha tivesse o que eu nunca tivera.



Os simples números asseguravam a vitória certa de nossas tropas, dissemos a nós mesmos naquele verão. Sir Hugill, o futuro marido de Rosa, havia reunido um exército de centenas de homens de suas terras, e outros nobres de todo o reino juntaram-se a nós. Num campo de batalha aberto, o tamanho de nossas forças levaria uma clara vantagem. Mas os relatórios que recebemos falavam de escaramuças e provocações, porque os DeRauleys e seus seguidores foram espertos o

suficiente para evitar o confronto direto. Enganavam os batedores do rei, fazendo-os comunicarem posições falsas, e roubavam o comboio de suprimentos do exército enquanto os soldados se reuniam noutro local. Preferiam fazer suas matanças na surdina, sem honra. As mensagens recebidas dos soldados e enviadas para eles só eram entregues ocasionalmente, mas as poucas linhas que recebi de Dorian deram o que pensar.

“Hoje, dois dos meus homens foram derrubados por flechadas”, escreveu ele, em garranchos malfeitos e irregulares. “Ainda estou para ver o inimigo que vim combater.” A carta terminava com promessas de vitória, não de amor, mas eu não era tola a ponto de esperar tais declarações. O simples fato de ele haver arranjado tempo para escrever era um sinal da sua afeição.

Era fácil se instalarem ideias sinistras naqueles dias. Os salões majestosos e os corredores largos estavam sombrios e desertos, sem o vozerio e os passos pesados dos homens que haviam partido para a luta, e toda noite eu me recolhia a um quarto que parecia vazio e sem vida, sem a presença ruidosa de Dorian. O tempo de incertezas refreou a voluntariedade de Rosa, que parou de se queixar de tédio ou pedir para dançar depois do jantar. Ela consultava sir Walthur, respeitosamente, em busca de notícias sobre o avanço do exército. Mas não abandonou por completo suas perambulações secretas. Um dia, quando apontei a lama na barra de sua saia, admitiu ter ido ao porto de St. Elsip. Repreendi-a pelo perigo de se misturar com os tipos execráveis que frequentavam o cais, mas Rosa descartou minhas preocupações:

– Eu me senti atraída pela água, Elise. Talvez tenha sido a visão de todos aqueles barcos, tão cheios de possibilidades. Já imaginou zarpar para uma terra que você nunca viu? Na emoção de não saber onde estará no mês que vem ou no ano que vem?

– Durmo melhor sabendo exatamente onde estarei no mês que vem – retruquei, em tom cortante. – Na minha cama confortável.

Rosa riu, mas nos dias que se seguiram pairou sobre ela certa melancolia. Como tantas vezes acontece, só reconheci a profundidade de sua insatisfação ao pensar em sua vida pela perspectiva de uma pessoa de fora. Meses depois que as tropas marcharam para o norte, minha sobrinha, Prielle, foi ao castelo me informar do falecimento de minha tia Agna. Não era inesperado – fazia algum tempo que ela andava mal de saúde –, mas fiquei muito abalada. Outro vínculo entre mim e minha mãe fora cortado e, embora tia Agna não fosse de natureza efusiva, ela havia me recebido com bondade na época em que eu não tinha nada, e eu lhe seria grata para sempre por isso.

Levei Prielle à Sala de Recepção, embora esse cômodo costumasse ser reservado a visitantes de posição mais elevada. Ela me relatou as últimas horas de tia Agna e, quando lhe perguntei como estava lidando com a perda, mostrou-se incomumente evasiva. Aos poucos, com delicadeza, arranquei dela a verdade. O negócio de tecidos da família fora bastante abalado pelo fechamento das rotas comerciais do norte, e as

relações entre seus pais tinham se tornado tão tensas quanto suas finanças. Fazia muito que eu suspeitava que o marido de minha prima Damilla estava entre os homens que achavam necessário bater na esposa, e eu temia que as adversidades financeiras só fizessem agravar seu mau gênio. Mas o que eu podia fazer? Prielle tinha apenas 16 anos, ainda se encontrava sob a tutela dos pais e eu estava longe de ter condições de assumir a responsabilidade por ela.

– Você tem muita sorte, Elise.

Lembrei-me de ter ouvido essas mesmas palavras de Rosa muito tempo antes, quando ela se referira ao fato de eu me casar com Dorian por amor.

– Meu pai era um homem difícil – contei a Prielle. – Sei o que é ficar escondida num canto durante uma briga.

– Não, quero dizer que sinto inveja da sua vida aqui. Cercada por coisas tão encantadoras. – Prielle contemplou, deslumbrada, as tapeçarias e os móveis dourados, elementos que eu considerava corriqueiros fazia muito tempo. – Eu daria qualquer coisa para viver como a princesa Rosa.

*E ela daria qualquer coisa pela sua liberdade*, pensei. Naquele momento, pareceu-me um golpe cruel do destino que essas duas jovens houvessem nascido em circunstâncias tão contrárias a sua natureza. Rosa, com sua mente ágil e suas opiniões fortes, daria uma esplêndida filha de mercador, ao passo que os modos gentis de Prielle e sua apreciação da beleza seriam valorizados em qualquer família real.

– A vida dela não é tão fácil quanto você imagina – retruquei, cautelosa. – Todos devemos fazer o possível com a posição em que nos encontramos – acrescentei. Eu também dissera isso a Rosa um dia, embora fosse mais provável que Prielle me desse ouvido. – Espero que você se lembre de que estou aqui como sua amiga, se um dia precisar de mim.

Ela apertou minha mão, agradecida, e eu lhe ofereci um passeio pelo Grande Salão e pelo jardim do castelo, para distraí-la de assuntos mais pesados. Mas não pude olhar para Prielle, aquela menina meiga e inocente, sem temer por seu futuro. Sem a presença severa de tia Agna, a animosidade dos pais dela teria rédea solta. Mas eu não tinha o poder de efetuar qualquer mudança na situação da menina. Minha influência na corte, se é que merecia este nome, não podia ser usada a seu favor: ela era de família muito humilde para servir como dama de companhia, porém educada e refinada demais para ser contratada como serviçal.

Abracei-a com força ao nos despedirmos, na esperança de que a pressão de meus braços pudesse instilar um pouco da minha força em seu corpo delicado.

– Não devemos deixar que o medo abata nosso ânimo – declarei.

Disse-o tanto para mim quanto para ela. A inquietação com Prielle somou-se a minha preocupação com a rainha Lenore, com Dorian e com todos os soldados que serviam com ele. Prielle deu um sorriso hesitante, que revelou o desabrochar da beleza. Seu corpo ainda imaturo tornara-se anguloso por conta do crescimento

acelerado, mas, quando seu rosto e seu corpo ganhassem mais forma, ela seria muito bonita. Talvez isso bastasse para conseguir um bom casamento, apesar da situação precária de sua família.

Eu tentava acolher cada dia com esperança em vez de pavor, mas não se poderia dizer o mesmo da rainha Lenore. Encarregada de governar o reino na ausência do marido, ela buscava cada vez mais encontrar orientação através das preces com padre Gabriel, e não em conversas com os conselheiros do rei. Sir Walthur resmungava, frustrado, que bem se poderia dar ao monge um assento na Câmara do Conselho. Ao mesmo tempo, ia cuidando com discrição da maioria dos assuntos, sem o conhecimento da rainha. Na esperança de promover uma reconciliação entre eles, insisti que a rainha comparecesse a uma reunião do Conselho.

– As pessoas buscam a sua liderança – afirmei. – Seria um grande estímulo para o ânimo delas se a senhora fosse vista cuidando das questões de Estado.

– Não, não – protestou a rainha. – Sir Walthur e os outros só se importam com questões mundanas. Devo servir a meus súditos por meio da oração.

– É uma missão digna. Mas uma rainha não pode se afastar completamente do mundo, pode?

Proferi estas palavras com delicadeza, sorrindo, mas ela reagiu como se eu a houvesse esbofetado.

– Como é possível que você não entenda? – perguntou-me, abalada. – Estamos impregnados de pecado, todos nós. Nossas próprias almas correm perigo.

Apesar de todo o seu crescente interesse pelos assuntos religiosos, eu nunca a ouvira falar de suas crenças em termos tão inflexíveis.

– Milady, Deus é misericordioso com aqueles que se arrependem, não é? Sejam quais forem as transgressões que a senhora possa ter cometido, elas já foram há muito perdoadas.

A rainha começou a chorar, desatando em soluços torturantes que sacudiram seus ombros frágeis. Ver a mulher que eu havia admirado por tanto tempo ser destroçada por tamanho sofrimento foi um choque profundo e, por um momento, eu não soube o que fazer. Com cuidado, envolvi-a nos braços e a consolei como faria com uma criança pequena, murmurando que ficaria tudo bem. Não sei se ela me ouviu, tão consumida estava pela tristeza. Com o tempo, seu pranto abrandou-se em gemidos. Ela enxugou as lágrimas na manga do vestido e me olhou com ar cansado. Seus olhos negros e expressivos, ainda belos e fascinantes, fitaram-me com uma intensidade desesperada.

– Você acredita mesmo que serei perdoada?

– Acredito.

– Para receber o perdão, é preciso oferecê-lo. É isso que diz o padre Gabriel.

Uma onda de ciúme cresceu dentro de mim e recordei num lampejo meus antigos tempos como ajudante pessoal da rainha, quando morria de inveja ao ver a soberana e Isla rindo juntas, conversando em sua língua natal. Mais uma vez, senti-

me posta de lado em favor de uma terceira pessoa.

Ou talvez não, pois eu tinha um segredo que poderia criar um novo laço entre nós. Engolindo meu ciúme infantil, declarei:

– Rendo-me de bom grado ao padre Gabriel nas questões espirituais. Mas devo pedir-lhe que acrescente uma nova pessoa a sua lista de orações.

Ela arregalou os olhos de surpresa e, logo em seguida, de alegria, enquanto eu lhe contava sobre o filho que crescia dentro de mim. A gravidez estava no começo – eu ainda não havia sentido o bebê se mexer –, mas desconfeiei, com razão, que isso distrairia a rainha do seu estado melancólico. Pedi-lhe que não contasse a ninguém naquele momento, nem mesmo a Rosa, e ela saboreou o segredo como uma dádiva preciosa, uma oferenda de esperança para o futuro.

Com o aumento do calor, nossas ambições foram minguando e os dias do verão passaram num estupor letárgico. Eu caminhava no jardim, cuidava de trabalhos de costura com as outras damas de companhia e tentava, com esforço, avançar na leitura de um dos áridos livros de filosofia de sir Walthur. Visitei Flora quase todos os dias, às vezes com Rosa, cuja vivacidade acendia nos olhos da anciã um lampejo havia muito perdido. A maioria das moças da idade de Rosa inquietava-se com os sinais de declínio do corpo, mas ela nunca se assustou ao ver as gengivas desdentadas de Flora nem ao sentir o toque de seus dedos nodosos. Ouvia com paciência as cansativas histórias de épocas passadas que a tia-avó contava, apesar de algumas serem repetidas, palavra por palavra, de um dia para outro. Eu aguardava com ansiedade que viessem à tona histórias sobre Millicent; Rosa sabia apenas que a irmã de Flora tinha deixado o castelo em desgraça, anos antes, e eu temia enfrentar suas perguntas. Apesar de meus temores, Flora nunca mencionou o nome de Millicent. Era como se ela nunca houvesse existido.

A maioria de nossas noites transcorria em silêncio, com todas as senhoras recolhendo-se logo depois do jantar, mas uma noite se destacará para sempre em minhas lembranças sobre aquela época. Tendo ouvido falar da calorosa hospitalidade concedida pela rainha a peregrinos religiosos, um dia um grupo de freiras missionárias pediu abrigo no castelo. Após compartilharmos uma refeição, a mais velha delas ofereceu-se para tocar harpa. A música era uma dádiva do Senhor, disse ela à rainha, e tocar para a glória de Deus era a sua forma de oração. Senti a presença do Divino enquanto a freira tirava as notas das cordas, tangendo-as com uma delicadeza e uma velocidade que só podiam ser resultado da intervenção divina. Aquele espírito de serenidade persistiu, mesmo depois de eu retornar ao meu quarto, e fui dormir embalada pela lembrança da música a meu redor.

Acordei no meio da noite, perturbada por um sonho em que eu me afogava numa banheira. Virei de um lado para outro, tentando me livrar daquela sensação, até perceber que a umidade entre minhas pernas não era uma ilusão. À tênue luz das brasas quase apagadas da lareira, vi manchas vermelho-escuras nos lençóis. Nesse momento, deixei escapar um grito desesperado, horrorizado. Jamais esquecerei o

rosto de sir Walthur quando ele irrompeu porta adentro, segurando uma vela, e contraiu o rosto com repugnância ante aquela visão. Ele recuou, murmurando que chamaria uma criada.

– A Sra. Tewkes! – implorei. – Por favor, chame a Sra. Tewkes!

Fiquei ali por alguns minutos até a chegada dela. Quando a governanta entrou correndo, com os olhos pesados de sono, mas apreensivos, não precisei contar-lhe nada. Eu havia perdido o bebê.

A Sra. Tewkes já tinha enfrentado essas cenas dilacerantes. Com gestos rápidos e desenvoltos, tirou da cama os lençóis manchados e despiu minha camisola. Enquanto eu tremia, nua, ela lavou o sangue de minhas pernas com uma água tão fria que quase me fez congelar. Depois envolveu minhas pernas em panos limpos, antes de me vestir com uma nova camisola.

– Anika vai chegar logo com os cobertores – disse-me. – Vou mandá-la reacender o fogo.

Eu não conseguia parar de tremer. A Sra. Tewkes deitou-se na cama ao meu lado e envolveu meus ombros com os braços.

– Quer que eu fique até você pegar no sono? – murmurou

Não vi como poderia um dia voltar a dormir. A Sra. Tewkes me abraçou mais forte enquanto eu chorava, arfando com tanta força que os uivos ameaçavam arrebentar-me o peito. Depois, o pranto foi baixando para um gemido exausto e, quando minhas lágrimas secaram, meus olhos se fecharam. Quando dei por mim, a manhã havia chegado e acordei sozinha em minha cama de casal.

## OS ÔNUS DA PERDA

Ó cabia a mim carregar aquela tristeza. Anika, a criada, levou-me uma tigela de caldo quente logo depois que acordei, dizendo que a Sra. Tewkes lhe informara que eu havia adoecido e passaria o dia na cama, em repouso. Caí no sono e acordei várias vezes, e me levantei em uma ocasião para trocar o pano encharcado de sangue entre minhas pernas, com o peito tremendo pelos soluços abafados. Meus sonhos trouxeram alívio, mas a consciência da minha perda me atingiu com força renovada a cada novo despertar. Imersa na tristeza, agradei por ter guardado meu segredo. A visão de minha devastação refletida em outros olhos poderia cegar-me.

Passei dois dias trancada no quarto. Sir Walthur deve ter adivinhado a natureza do incidente que havia ensanguentado meus lençóis, mas não invadiu meu isolamento e eu me senti grata por isso. O silêncio irritante do quarto acentuava o meu desespero, e talvez eu houvesse afundado ainda mais na desolação se a rainha Lenore não me tivesse feito uma visita inesperada. Ao longo de todos os meus anos no castelo, eu me orgulhara da minha autonomia, mas me agarrei a ela como uma criança, enquanto ruíam as últimas barreiras entre nós. Ela já não era minha soberana nem minha ama; era minha amiga e estava ali para me oferecer uma tábua de salvação sob a forma de esperança. O rosto de minha mãe tinha se tornado indistinto com o passar dos anos, mas eu me lembrava vividamente da sensação de ser abraçada dessa maneira, de ser consolada por alguém que me amava.

As tempestades de inverno chegam cedo naquele ano, e as damas do castelo ficam rondando suas lareiras, o único lugar em que era possível afastar a friagem que emanava das paredes de pedra. O frio inesperado desferiu um golpe mais significativo nos exércitos do rei, deixando-os presos do outro lado das montanhas do norte, que eram propensas a avalanches. Impossibilitados de retornar a St. Elsip para aguardar a passagem do inverno, eles se enfiaram em abrigos em vilarejos distantes, enquanto os revoltosos se recolhiam a suas fortalezas. Alguns mensageiros valentes enfrentaram os picos gelados para nos levar notícias do destino de nossas tropas. Os soldados do rei eram obrigados a procurar comida, contaram esses homens fatigados, mas mantinham o moral elevado e não haviam saciado seu apetite pela batalha.

Em razão desse período de incerteza, o aniversário de 17 anos de Rosa foi comemorado em uma cerimônia simples, mas ela usou a ocasião para desferir um golpe em prol de sua independência que nos chocou a todos. Desde que era um bebê, ela havia dormido num quarto adjacente à sala de estar da mãe; nesse momento, declarou sua intenção de se mudar para a Torre Norte. Estarrecida, a rainha Lenore disse nem querer ouvir falar desse assunto, mas, no final, exausta, sucumbiu aos

apelos lacrimosos da filha.

Quando manifestei minha surpresa ante sua súbita mudança de ideia, a rainha me disse:

– Como posso negar a minha filha uma pequena dose de felicidade? Ela tem tido pouquíssimas razões para sorrir nestes tempos sombrios. E o padre Gabriel me assegurou que ela pode beneficiar-se de certo grau de independência.

O monge estava ao lado dela, refestelado em seu papel de conselheiro de maior confiança da rainha. Não me pareceu nada sensato deixar Rosa solta numa parte praticamente deserta do castelo, fora do alcance dos aposentos reais, mas percebi que era inútil contrariar as vontades do padre. Assenti de um modo que pretendeu ser cortês, mas o padre Gabriel deve ter notado a crispação austera de meus lábios, pois seu olhar frio representou um desafio silencioso. Eu tinha sido reconhecida como uma rival e seria tratada como tal.

Quando Rosa me arrastou para ver os aposentos que havia escolhido no alto da torre, não pude deixar de admitir que eram encantadores. A porta principal dava para uma sala de recepção semicircular, formada pelas paredes curvas da torre, e o quarto ficava depois de um arco decorado com entalhes de vinhas retorcidas. Rosa levava para lá tapeçarias bordadas e cobrira a cama com um dossel de veludo vermelho, para marcar o lugar como seu. Apesar do céu cinzento, os cômodos pareciam luminosos e arejados, com janelas ainda mais altas e largas que as de outras partes do prédio.

Rosa apontou a paisagem do lado de fora.

– Agora você entende, Elise?

Enquanto a maioria das janelas dos andares superiores do castelo dava para St. Elsip ou para os pátios movimentados, as de Rosa mostravam o campo de torneios em que o pai dela e seus cavaleiros faziam competições frequentes, com as ondulações dos morros relvados estendendo-se ao longe. Aquela era a zona rural em que Rosa havia aprendido a cavalgar e na qual se aventurara com a mãe em dias amenos de verão, parando para desfrutar de uma refeição à sombra de um carvalho.

– Sabe quantas vezes sonhei cavalgar em direção àquele horizonte? Eu achava que podia continuar seguindo sem parar, até chegar a um lugar em que fosse apenas Rosa, e não uma princesa – disse ela. Sua voz baixou para pouco mais que um sussurro. – Fantasia boba.

Eu podia compreender a sedução daquela paisagem, mas, na minha opinião, o preço para obtê-la era alto demais. Como Rosa conseguiria tolerar o silêncio opressivo da Torre Norte, quanto mais acolhê-lo? Desconfiei que a mudança de acomodação tinha sido instigada pela iminência de seu casamento: uma última oportunidade de criar um refúgio particular em que ela pudesse fazer o que bem entendesse antes de se submeter aos deveres esperados de uma esposa e governante. Mas, se reivindicar esse setor do castelo era um gesto de desafio, era ao mesmo

tempo o reconhecimento do isolamento dela. Rosa não tinha amigos verdadeiros, ninguém da sua idade com quem pudesse conversar livremente. Ela e Besslin, sua criada pessoal, não compartilhavam a confiança que me ligava à rainha Lenore, e as outras moças que viviam no castelo deviam sua vida ao rei; nenhuma se arriscaria a ofender a família da princesa dizendo o que pensava. Era, sob muitos aspectos, uma existência solitária.

Rosa virou-se da janela, com expressão solene.

– Elise, quero lhe pedir uma coisa. Receio que minha mãe esteja me poupando da verdade sobre a evolução da guerra. É verdade que o exército foi muito enfraquecido pelo inverno?

– Você não deve deixar que qualquer rumorzinho a aborreça – adverti, alisando os lençóis da cama.

Como muitas mulheres que haviam passado a vida servindo ao castelo, eu achava malfeito o trabalho realizado por qualquer pessoa mais jovem, e Besslin parecia ser particularmente descuidada em seus deveres.

– O que me aborrece é que meu pai possa estar próximo da derrota.

Virei-me para ela e falei num tom ríspido que jamais usaria com outra pessoa da sua posição:

– Como você pode dizer uma coisa dessas?

– Está ficando mais quente. A neve das montanhas deve estar derretendo. Por que não soubemos nada sobre o avanço de nossas tropas?

Eu havia me perguntado a mesma coisa. Como era comum acontecer nos momentos difíceis, minha mente voltou à maldição de Millicent, a sua promessa de levar Rosa embora no auge da sua beleza. Seria essa a forma que assumiria sua vingança, com o príncipe Bowen vitorioso e Rosa morta pela mão dele, num sacrifício à terrível sede de poder daquele homem? Essa simples ideia me revoltava, mas eu temia que ele fosse mesmo capaz de tais atrocidades.

– A guerra é imprevisível por natureza – respondi. – Os soldados do seu pai são os mais bem treinados do reino. Eles vencerão.

– Têm que vencer – disse Rosa, olhando-me com apaixonada intensidade. Não estava pronta para governar, longe disso, e naquele momento sofri por tudo o que ela havia perdido. Sua mente deveria estar ocupada com pretendentes e vestidos, não com a possível morte de seu pai. – Se todos os homens tivessem a força do seu marido, eu não duvidaria das nossas chances de vitória – acrescentou. Sentou-se na cama e deslizou os dedos pelo bordado em relevo da colcha. – Você sente saudade dele?

– De Dorian? Sim, às vezes. Mas não posso recusar-lhe a chance de servir em combate. Ele ansiou por isso a vida inteira.

Rosa baixou os olhos, subitamente tímida:

– Foi como você esperava? O casamento?

O receio com que ela fez a pergunta, como quem se preparasse para receber uma

notícia ruim, pegou-me de surpresa. Eu não havia falado com ninguém sobre meus verdadeiros sentimentos a respeito de Dorian. Na verdade, quais eram eles? Eles mudavam de um dia para outro.

Considerarei minhas palavras com cuidado.

– Eu tinha me resignado à vida de solteira. Mas o casamento foi melhor do que eu esperava.

– Ah, mas você se casou por amor – comentou Rosa.

Sorri, divertida. O amor não havia desempenhado nenhum papel nos projetos matrimoniais de Dorian nem nos meus. O laço que havíamos formado tinha começado com o puro desejo físico. Lembrei-me então de como ele tinha me beijado no pátio, à vista de todos, e da promessa que fizera de ser um marido melhor. Por que fazer coisas assim, a não ser por amor?

– A afeição pode nascer com o tempo – assegurei-lhe. – Sir Hugill é um bom homem, segundo a opinião geral.

Essa mesma opinião geral também o havia retratado como alguém severo e desprovido de senso de humor, o que estava longe de constituir qualidades atraentes para uma pessoa do temperamento de Rosa.

– Tenho certeza de que ele é digno do meu respeito – disse ela, obediente. – Só que... – desviou os olhos, hesitando quanto às palavras seguintes. – Eu esperava mais.

Com a compreensão instantânea que surge nos servidores fiéis, percebi que ela estava pensando em Joffrey. Lembrei-me dos olhos negros do rapaz, reluzindo de prazer ao vê-la dançar graciosamente diante dele. Aquilo nunca poderia ser mais que uma diversão juvenil: mesmo que o rei conseguisse liberar Rosa do contrato com sir Hugill, ela nunca teria permissão para se casar com alguém que não viesse de uma família real. Mas que mal havia em tecer devaneios sobre um belo rapaz? Eu acolheria de bom grado qualquer distração do clima desolador na corte.

– Eu não me surpreenderia se um certo embaixador voltasse para dançar com você quando a guerra terminar – comentei. – Mas veja bem, ele terá de lutar com sir Hugill pelas suas graças. Imagino que vá ser uma batalha e tanto.

– É mesmo? – perguntou ela, em tom brincalhão. – E quem seria o vencedor?

– Bem, Joffrey tem a vantagem da juventude. Mas não devemos desconsiderar a ardorosa paixão de sir Hugill, que transparece com tanta clareza nas cartas dele.

Rosa virou o olhar para mim.

– Deus a abençoe, Elise. Você sabe melhorar meu humor.

– E você o meu – retruquei.

Revivemos juntas a noite da visita de Joffrey, quando Rosa sentira pela primeira vez as palpitações do que poderia tornar-se amor. Ele tinha sido o primeiro homem de fora do reino com quem ela já havia conversado, e ficou claro que se encantou com as histórias de viagens e de terras exóticas que ele contou. Rosa recusou-se a me dizer do que tinham falado durante o tempo que ficaram na Sala de Recepção;

preferiu guardar aquele momento na intimidade, para saboreá-lo sozinha – assim como fiz com minhas lembranças de Dorian, deitada em minha cama naquela noite, imaginando sua volta para casa e como poderíamos comemorá-la.



O degelo da primavera, no qual nosso exército havia depositado suas esperanças, foi acompanhado por chuvas torrenciais, que criaram atoleiros intransponíveis. Era como se a própria natureza houvesse tomado o partido dos rebeldes. O mau tempo desferiu um golpe adicional nos comerciantes de St. Elsip, cujos negócios já vinham sofrendo com a guerra, e minhas visitas a Damilla e Prielle passaram a ser ofuscadas por uma sensação penetrante de desesperança. Quando chamei Prielle à parte e lhe perguntei como ia passando, ela me disse suspeitar de que o pai estava desfalcando seu dote para pagar os credores da família.

– Sem dote, o que será de mim? – perguntou-me.

Tive vontade de sacudir os pais dela, para tirá-los do seu egoísmo cego. Então não viam que a filha era seu bem mais precioso, aquele que deviam prezar e proteger acima de tudo? Mas Prielle me implorou que não dissesse nada e tive medo de que o pai descontasse a sua raiva nela, se eu me manifestasse.

– Tomarei providências para ver você bem casada – prometi. – Dorian tem muito dinheiro. Ficaré feliz em pagar o seu dote, se for necessário.

Prielle aproximou-se de mim e passei o braço por seus ombros estreitos.

– Tudo está mudando, Elise – disse ela, tristonha. – Já não sei o que o futuro me reserva.

– Nenhum de nós pode saber. Mas você não o enfrentará sozinha. Eu juro.

Torci para apresentar uma imagem de força à minha jovem e assustada prima, porém, na verdade, os últimos acontecimentos no castelo haviam abalado minha confiança em que tudo se ajeitaria depois que a guerra terminasse. O ônus de governar sem a orientação do marido durante quase um ano tinha arrasado o estado de espírito já precário da rainha Lenore, e foi impossível restabelecer o clima descontraído de outrora. Segundo sua ajudante, Heva, era raro a rainha dormir mais que poucas horas durante a noite, pois se levantava bem antes da aurora para iniciar suas orações diárias. Ainda mais preocupante era o fato de Heva ter notado inquietantes marcas vermelhas nas costas da soberana, as quais reconheceu como sinais do castigo a que se entregavam os místicos religiosos mais fervorosos. Revoltada com a ideia dessa autoflagelação violenta, fui confrontar o padre Gabriel. A rainha Lenore nunca faria uma coisa dessas sem o incentivo dele.

Para minha surpresa, o padre ouviu minhas preocupações com compaixão. Contudo, declarou-se impotente para controlar os atos da soberana.

– Tenho tão pouco domínio sobre a rainha quanto a senhora – disse-me, com as

mãos cruzadas. Notei a sujeira em suas unhas, o mau cheiro de seu hábito imundo. Como podia a rainha, conhecida por seu amor à beleza, ter se extasiado com um tipo como aquele? – Caso ela se sinta impelida pelo Espírito Santo a mortificar a carne, assim fará.

Só havia um acontecimento na vida da rainha Lenore – imaculada a não ser por isso – capaz de trazer tamanha autodepreciação. Será que ela tinha contado ao padre Gabriel o juramento que fizera, por insistência de Millicent? Se assim fosse, o domínio desse homem sobre ela estaria completo.

– Como é possível que a deformação da rainha agrade ao Senhor? – indaguei.

– A senhora tem a pretensão de conhecer os desígnios de nosso Pai? – retrucou ele. – A rainha está seguindo seu caminho para a redenção, e creio que o encontrará, antes do que a senhora supõe.

*E quem vai declará-la redimida?*, por pouco não perguntei. *O senhor, quando isso convier aos seus propósitos?* Apesar de todo o seu discurso devoto, o padre Gabriel havia revelado uma satisfação bastante mundana em me superar. Tornei a me perguntar o que o mantinha entre nós. Um sincero interesse espiritual pela rainha? Ou a oportunidade de dominar uma aristocrata mentalmente enferma? Apesar de minhas suspeitas, o religioso não dava sinais de corrupção: não acumulou bens durante seus meses no castelo e a Sra. Tewkes me contou que ele não havia recebido nenhum pagamento do tesouro do palácio. O homem chegou até a rejeitar as reiteradas ofertas de um quarto feitas pela rainha Lenore, preferindo permanecer no canto em que dormia em uma das cozinhas. Ainda assim, jurei vigiar mais de perto suas interações com a soberana. Se ela mostrasse outros sinais de declínio, eu poria firmemente a culpa no padre Gabriel, quaisquer que fossem as consequências.

O abatimento crescente de sir Walthur era outra causa de apreensão. Nossas interações diárias eram breves e formais. Ao contrário de outros homens de posição elevada, ele não puxava conversa pelo prazer de ouvir a própria voz. Passava a maioria das noites diante da lareira crepitante de nossa sala de estar, imerso em pensamentos, e eu raramente perturbava sua solidão. Uma noite, porém, ele se sentou à mesa com os ombros mais recurvados que de hábito e o rosto crispado de preocupação, e senti um aperto no peito, pressentindo uma desgraça.

– Recebeu alguma notícia de Dorian? – disparei.

Sir Walthur virou-se para mim, surpreso, e balançou a cabeça.

– Não, nenhuma.

– Desculpe. Achei que o senhor poderia saber de alguma novidade.

Ele lançou-me um olhar penetrante que a princípio tomei por irritação. Então me dei conta de que seus olhos estavam atentamente cravados em mim, curiosos.

– O que você ouviu? – perguntou-me com urgência.

– Nada – protestei. – Falei apenas como uma esposa que deseja que o marido volte para casa em segurança.

Sir Walthur deu um grunhido. Baixou a colher e espalmou as mãos na mesa.

– Se isto a tranquiliza, eu soube de algo que talvez vire a maré a nosso favor.

Observou-me para ver a reação que suas palavras despertariam em mim.

– Você sabe quando manter a boca fechada, ao contrário da maioria das outras mulheres. É a única razão de eu estar falando deste assunto. Se eu souber que você contou alguma coisa a alguém...

– Eu jamais trairia uma confidência – retruquei, sem me alterar.

– Muito bem.

Sir Walthur afastou a tigela vazia e bebeu um gole de vinho. Segurou a haste da taça com o punho fechado, num gesto deselegante que deixava claro que ele era um homem de origem humilde. Apesar de todos os seus anos na corte, nunca havia dominado a etiqueta da aristocracia. Ou não se importava com isso ou sentia um orgulho perverso em exibir sua despreensão.

– Hoje recebi a notícia de que talvez seja possível induzir os brithnianos a se unirem a nossa causa – falou.

Conhecidos por sua ferocidade, os brithnianos seriam parceiros bem-vindos no campo de batalha. Mas será que a necessidade dessa aliança significava que nossos soldados não conseguiram vencer a guerra sozinhos?

– Dorian me disse que nossos homens poderiam derrotar facilmente os DeRauleys – observei, cautelosa.

– Assim parecia. Até o rei se gabou de que eles regressariam vitoriosos em questão de semanas. Mas nove meses se passaram e ainda não travamos uma só batalha. Nossos adversários parecem fazer questão de nos derrubar pela astúcia. Atacam à noite, em sigilo, matando dois aqui, três ali, e desaparecendo na escuridão. Nossas baixas vêm aumentando e não chegamos nem perto de arrancá-los de seus esconderijos nas montanhas.

Os rumores que circulavam pelo castelo contavam uma história diferente, falando de rebeldes fugindo assustados. Será que tais histórias haviam nascido de um otimismo fantasioso ou teriam sido criadas de propósito, para manterem vivas as nossas esperanças?

– Nossos homens continuam determinados – assegurou-me sir Walthur – e sairão vitoriosos no final. Mas nosso exército enfraqueceu-se muito mais do que esperávamos. Se o rei voltar com a cabeça de Marl deRauley, porém com apenas metade dos seus cavaleiros, isto ainda será motivo de comemoração?

Metade dos cavaleiros? Não era possível. Os comandantes daquele exército eram amigos de infância de Dorian, maridos de mulheres com quem eu falava todos os dias. Essa perspectiva pessimista significava que meu marido corria mais perigo do que eu havia imaginado.

– E se os brithnianos ficarem do nosso lado? – perguntei.

– A vitória será nossa – respondeu sir Walthur. – Os brithnianos têm certa crueldade que falta a nossos homens, que provém da vida naquelas terras miseráveis, imagino. A morte é uma característica tão comum em sua vida que eles

não a temem, e lutam até o fim. Se merecem confiança, já é outra história. É bem provável que Bowen também esteja disputando os serviços deles. No entanto, pelo menos nesse aspecto, a vantagem é nossa. Nosso erário é muito mais persuasivo do que a magra fortuna dos DeRauley.

– O rei da Brithnia nunca pegaria em armas contra nós! – exclamei. – Ele jurou amizade ao rei Ranolf.

Sir Walthur riu, um riso amargo, sem o menor sinal de diversão.

– Você tem ouvido muitas histórias sentimentais da rainha. O dinheiro, e não a camaradagem, é o que forja alianças no campo de batalha.

Eu sabia que muitas vezes se compravam e se vendiam exércitos por sacos de ouro, mas a aceitação despreocupada de tais arranjos por sir Walthur pareceu-me uma traição das convicções de seu próprio filho. Dorian apreciava as roupas de luxo e comidas requintadas, mas não era movido pela busca de riqueza. Lutava porque tinha alma de soldado, orgulho em derramar seu sangue a serviço de um bem maior. Nem todos os guerreiros buscavam a guerra como um modo de encher os bolsos.

Sir Walthur empurrou a cadeira para trás, com um estardalhaço abrupto, e se levantou.

– Preciso voltar à Câmara do Conselho – disse, apanhando uma das velas que iluminavam nossa mesa. – Vamos mandar uma oferta aos brithnianos pela manhã. Restam apenas algumas horas para calcular o que nos dispomos a pagar pela vitória. – Aproximou-se do meu lado da mesa e pôs a mão no meu ombro. – Você tem servido bem a meu filho – acrescentou em voz baixa. – Farei o que puder para trazê-lo para casa.

Meu sogro não era dado a confidências emocionadas, e eu soube que isso era o máximo que se aproximaria de reconhecer que tinha desenvolvido certa afeição por mim. E se eu tivesse dado um herdeiro a Dorian? Quanto mais ele me valorizaria? Senti a dor espalhar-se por meu ventre vazio.

Os passos de sir Walthur ecoaram no corredor e terminei minha ceia sozinha, à luz tênue da vela que restara. Eu não sabia das finanças do reino, mas devia haver ouro suficiente para garantir a lealdade dos brithnianos. A rainha Lenore esvaziaria o tesouro se isso significasse a volta do rei, são e salvo.

Os pedidos de discrição de sir Walthur foram atendidos, pois não ouvi nada sobre os brithnianos nos dias que se seguiram. Somente algumas semanas depois seu aparecimento no campo de batalha foi anunciado, e essa informação foi recebida como se fosse a notícia da própria vitória. Embora os brithnianos tivessem sido desdenhados durante anos como patifes perigosos e desleixados, nessa hora foram enaltecidos como bravos guerreiros, falando-se muito dos sentimentos de afeição entre o rei deles e o nosso. O pagamento feito à Brithnia, fosse qual fosse, tinha sido combinado em transações sigilosas.

A notícia dos reforços brithnianos foi a última que tivemos do norte por algum

tempo. Lembro-me de uma interminável sucessão de dias, todos passados à espera de novidades que nunca chegavam. Foram designados guardas adicionais às muralhas do castelo, cada um deles esperando ser o primeiro a avistar um mensageiro carregando o estandarte real. Na cidade, a festa da Páscoa transcorreu em orações e reflexões silenciosas, evitando-se os mastros de maio e as danças dos anos anteriores. A rainha Lenore ficava imóvel toda vez que se abria a porta de seus aposentos, e então arriava, decepcionada, quando via lady Wintermale ou alguma criada perguntando sobre uma questão doméstica qualquer. Rosa procurava distrair-se com a literatura, encerrando-se em seu quarto durante horas a fio para escrever um poema comemorativo da vitória de seu pai. Grata por ela haver encontrado um modo de se ocupar durante suas noites sempre inquietas, eu lhe passava furtivamente algumas velas extras, para que sua criada não contasse à rainha quanto tempo a princesa ficava acordada, escrevendo.

Foi durante esses dias intermináveis de expectativa que Flora entrou em seu declínio final. Embora ela não manifestasse qualquer reação, mal preservando a consciência, fiquei de vigília à sua cabeceira, para evitar que ela passasse suas últimas horas sozinha. Em certos momentos, eu ficava sentada em silêncio, segurando sua mão; em outros, sentia-me impelida a rezar. Não sei o que me instigou a cantar, naquela última noite. Flora me dissera que Lorenz tinha lhe ensinado aquela simples canção popular durante a breve corte dos dois, e pensei que talvez a melodia lhe trouxesse uma derradeira lembrança da felicidade do passado.

– Mãe.

Tive de chegar mais perto, para ter certeza do que tinha ouvido. Os olhos de Flora permaneceram fechados, como se ela estivesse sonhando.

– Mãe. Ele se foi.

A voz débil da anciã ainda tinha as inflexões de uma jovem destroçada pelo desgosto. Afaguei-lhe a mão, desejando encontrar palavras para diminuir seu tormento.

– Por quê? Por que ele me deixou?

Não suportei ouvi-la reviver o suicídio de Lorenz, cuja morte lançaria uma sombra sobre a dela. Nem sempre podemos conhecer a verdade, e os momentos finais da Flora não deveriam ser gastos na angústia por acontecimentos de um passado tão remoto. Ela merecia um fim sereno.

– Ele a está esperando – murmurei. – Vá encontrá-lo.

A respiração dela tornou-se mais lenta. Observei a árdua entrada e saída do ar. E então, hesitante, Flora disse em voz rouca:

– Elise.

Pega de surpresa, inclinei-me para a frente até quase colar o rosto no dela.

– Sim, estou aqui.

– Sinto muito.

Balancei a cabeça, afito para tranquilizá-la.

- Psssiu. Você não tem nada de que se desculpar comigo.

Cada som emitido por ela foi um esforço saído da respiração entrecortada, quando Flora reuniu suas forças para proferir um último aviso:

- Ela está chegando. Não posso detê-la.

## ATÉ QUE A MORTE NOS SEPARE

Esperávamos que o fim da guerra fosse anunciado com fanfarra e comemoração. Mas sempre constatei que os eventos mais transformadores da vida batem à porta sem avisar. Quando menina, despertei de um sonho febril para encontrar quase toda a minha família morta. Anos depois, comecei um dia como solteirona e, no jantar, descobri-me noiva de um homem que eu mal conhecia. E não fazia muito tempo que eu havia adormecido imaginando a sensação da mãozinha de um bebê e acordara para encontrar meus lençóis inundados de sangue. E assim foi também com a notícia que finalmente nos chegou do norte apenas algumas horas depois de Flora ser sepultada na cripta da capela real.

Mais tarde, fiquei sabendo que a confusão fora culpa dos guardas. Apenas os soldados mais jovens e menos qualificados haviam permanecido para defender o castelo, e os responsáveis pela vigilância noturna tinham adormecido em seus postos ao amanhecer. A presença dos cavaleiros só foi notada quando eles chegaram aos portões do castelo e gritaram que os deixassem entrar. Estavam tão andrajosos e com cavalos tão maltratados que o velho guardião da entrada os tomou por salteadores e lhes recusou a entrada. Então soou uma voz que o guardião reconheceu como a do rei.

Seguindo o padrão estabelecido por anos de serviço, eu tinha o hábito de levantar cedo e havia acabado de me vestir quando ouvi gritos fora de minha janela. Olhei para baixo e vi dois cavaleiros conduzindo dois animais arfantes pelas portas do estábulo. Era um horário incomum para visitas, porém não dei maior atenção ao fato até entrar na sala da frente e ouvir passos ruidosos no corredor.

Espiei pela porta e vi Anika correndo na minha direção. Ela teria prosseguido em sua disparada se eu não a segurasse pelo cotovelo e perguntasse a causa daquela comoção toda.

– O rei voltou! – exclamou ela, com o pânico brilhando nos olhos. – Recebi ordens de buscar água quente na cozinha.

Soltei sua manga, perplexa. O pão que eu havia planejado comer no café da manhã caiu da minha mão quando me precipitei para a escadaria. No momento em que alcancei os aposentos reais, já estava correndo. Passei aos tropeços pela porta da sala de estar da rainha e parei tão de repente que quase caí. Ali, diante de mim, estava a rainha Lenore, ainda de camisola, com o cabelo descendo em ondas pelas costas. Em frente a ela, de joelhos, encontrava-se o rei, agarrado ao corpo da esposa como alguém se afogando se agarra a um galho para tentar se salvar. Não fosse a sua túnica debruada de pele e bordada com o selo real, eu não o teria reconhecido. Sua barba bem cuidada tinha crescido e se transformado numa massa irregular de

fios emaranhados, a pele estava vermelha e castigada pelas intempéries e os olhos, fechados e encovados.

A rainha Lenore me encarou em pânico, com os olhos arregalados.

– Vou buscar alguém para cuidar do rei – declarei em tom calmo, com uma voz que desmentia meu medo.

Os valetes do rei haviam partido para o norte com ele; será que algum havia retornado? E quanto a Dorian? Eu estava prestes a pedir notícias de meu marido, mas a rainha me deteve com um olhar severo, e com toda a razão. O rei mal parecia capaz de falar.

– Cuidarei dele – disse ela, pousando a mão com delicadeza na cabeça do rei. – Vá buscar roupas limpas. Ele não pode ser visto assim.

– É claro – respondi. Ouvi passos arrastados no corredor, onde serviçais e atendentes estavam reunidos, aguardando ordens. – Devo fechar a porta?

A rainha assentiu, com a atenção já voltada para o marido. Retirei-me discretamente e comeci a abrir caminho entre a multidão de pessoas do lado de fora. Avistei lady Wintermale ao fundo, tentando em vão se aproximar.

– Quais são as notícias? – perguntou ela.

Ao som de suas palavras, a aglomeração à nossa volta calou-se.

Balancei a cabeça.

– Não sei.

Pelo estado arrasado do rei Ranolf, temi que não houvesse motivo para nos alegrarmos. Mas não podia dizer a ninguém o que tinha visto. Estendi o braço e puxei lady Wintermale para a frente.

– A rainha quer ficar a sós com o rei – cochichei em seu ouvido. – Por favor, certifique-se de que ela não seja perturbada.

Quando voltei com as roupas do rei, abri uma fresta da porta, apenas o bastante para entregar a pilha dobrada a Heva.

– O rei quer se dirigir à corte – sussurrou ela. – Todos devem reunir-se no Grande Salão. Mas, primeiro, a rainha pediu para chamar Rosa.

Assenti. Em todas as minhas fantasias sobre o regresso do rei, eu tinha visualizado cenas de comemoração, não o desfile de rostos entristecidos e feições preocupadas que passou por mim nos corredores. As pessoas se moviam em silêncio, com cuidado. Esperando.

Rosa ainda dormia quando cheguei a seu quarto. Besslin, a criada, havia aproveitado o cansaço de sua senhora para se estirar preguiçosamente em seu catre, embora tenha se levantado com bastante rapidez quando cruzei a porta.

– Vá buscar um vestido – ordenei, e fui me sentar na cama de Rosa.

Ela estava linda em seu sono, com a farta cabeleira avermelhada enrolando-se em espirais no travesseiro e a pele ligeiramente rosada. Fazia meses que eu não a via tão serena.

Passei um dedo pelo seu rosto e seus olhos se abriram, piscando. Ao me ver, ela

se sentou de imediato, num sobressalto de preocupação.

– Seu pai voltou – informei, sorrindo para tranquilizá-la. – Ele está a salvo.

– Deus seja louvado! – suspirou Rosa. Afastou as cobertas e se levantou da cama. – Onde ele está?

– Acabo de deixá-lo no quarto da sua mãe.

Rosa ficou em tamanho alvoroço que Besslin e eu mal conseguimos arrumar o seu vestido antes que ela enfiasse os chinelos de seda e corresse para a porta. Disparou pelos corredores e escada abaixo tão depressa que eu já tinha ficado para trás quando ela escancarou a porta dos aposentos da mãe. Ouvi-a soltar um grito ao entrar e então a porta se fechou, bloqueando o reencontro familiar dos olhares curiosos do lado de fora.

– Estamos sendo chamados no Grande Salão – declarei, exortando os cortesãos reunidos. – Todos para baixo.

Ao descer a grande escadaria que levava ao saguão de entrada, vi a Sra. Tewkes esperando lá embaixo. Ela se aproximou de mim rapidamente.

– Vi Rengard, o laçao que voltou com o rei – falou depressa, aflita em sua tentativa de transmitir mais palavras por segundo do que era possível. – Ele tem um corte tão profundo no ombro que é um milagre ter conseguido manter-se sobre o cavalo. Disse que nossos homens saíram vitoriosos, mas não senti alegria em suas palavras. O que será que isso quer dizer?

Senti meu estômago contrair-se de pavor. Respondi-lhe que não sabia, que deveríamos esperar pelo rei, e ambas nos juntamos ao fluxo de pessoas que entravam no Grande Salão. Quando o rei Ranolf chegou, o aposento estava apinhado. Os nobres e as famílias dos favoritos ocuparam seus lugares costumeiros à frente, diante do tablado, enquanto os criados se posicionaram ao longo das paredes do fundo. As criadas pessoais postaram-se atrás de suas senhoras, enquanto os cantos mais distantes foram ocupados por estribeiros e camareiras, cozinheiras e lavadeiras. Eu nunca tinha visto tantas pessoas reunidas em tamanho silêncio.

Esse silêncio não foi rompido com a chegada do rei e sua família. O homem alquebrado que eu vislumbrara antes havia desaparecido, tendo sido substituído por um líder aristocrático de andar altivo, cabeça erguida e olhos luminosos que encaravam direto à sua frente. Para as criadas e os pajens ao fundo, ele deve ter parecido pouco alterado pelas provações da batalha. Mas aqueles por quem ele passou diretamente devem ter notado as mudanças – o cabelo mais grisalho que avermelhado, a leve hesitação a cada passo, a rigidez dos braços. Naqueles meses de ausência, ele tinha envelhecido anos.

O soberano pegou a mão da rainha Lenore e lhe pediu para se sentar. Depois, fez o mesmo com Rosa. As duas mulheres usavam trajes formais, com expressões sombrias que combinavam com a ocasião. Rosa, com sua animação costumeira reprimida, poderia passar por uma estátua.

– Trago-vos boas notícias do campo de batalha – disse o rei, a voz ecoando nas

paredes de pedra. – Os DeRauleys foram derrotados. O reino está salvo.

Por um momento, as palavras pairaram à nossa volta, além da nossa compreensão. Então soou um viva entre os pajens e os estribeiros, seguido por gritos dos homens mais velhos ao fundo. O som foi se elevando ao passar pelas criadas e aumentou à medida que uma voz após outra se juntava ao coro. Apenas eu não gritei, por não ter visto alegria nos olhos do soberano.

Ele levantou a mão e o silêncio voltou ao aposento.

– Esta é uma notícia boa, e vamos comemorá-la no devido tempo. Mas nosso sucesso custou-nos um preço enorme. Nossos adversários lutaram com empenho e sem demência. Perdemos muitos homens esplêndidos, entre eles, lamento dizer, o marido prometido a minha filha, sir Hugill.

Olhei de relance para Rosa, como fez a corte inteira. Fiel a sua educação, ela manteve a compostura, baixando a cabeça em homenagem àquele falecimento.

– Muitos outros voltarão a nós com ferimentos graves – continuou o rei. – Vós tereis perguntas sobre o destino de entes queridos e eu as responderei da melhor maneira que puder. Mas só conheceremos a plena extensão de nossas perdas quando nossos soldados voltarem. O avanço deles será lento, e eu vos peço paciência.

Um burburinho de preocupação começou a se espalhar pelo grupo das mulheres que me cercavam. Eram esposas de cavaleiros, de homens que cavalgavam à frente dos soldados de infantaria e eram os primeiros a enfrentar o inimigo. Homens cujos cavalos esplêndidos e cujas armaduras caras os distinguiam como presas particularmente valiosas. Se tinha havido grandes perdas, nossos maridos estariam entre as vítimas. Enquanto as outras mulheres abriam caminho para chegar ao estrado, dirigindo apelos ao rei, deixei-me ficar para trás. Se Dorian estava morto, não haveria consolo em ser a primeira a ouvir a notícia.

A maioria das mulheres não recebeu nenhuma resposta a suas perguntas. O próprio rei estivera no centro da batalha, capaz de ver apenas os que tombavam a seu lado, e havia deixado o campo quase sem dispor de um só momento para absorver sua vitória. Vi o rosto de uma mulher crispar-se quando o soberano se inclinou para falar com ela, colocando a mão gentilmente em seu ombro. Ela se afastou, trôpega, gemendo de tristeza, e duas primas suas correram a consolá-la. Seu marido tinha sido amigo de Dorian, um homem efusivo cuja voz se projetava muito à frente dele. Era impossível imaginá-lo silenciado para sempre.

Quando a aglomeração se desfez e foi saindo aos poucos do salão, a rainha Lenore fez sinal para que eu me aproximasse. Caminhei para o estrado e ela veio em minha direção.

– O rei quer falar com você e com sir Walthur – informou, tocando de leve em meu braço.

Essa convocação só poderia significar que o soberano queria fazer-nos um relato pessoal do falecimento de Dorian. Uma estranha calma desceu sobre mim e eu pensei que deveria honrar a memória de meu marido comportando-me dignamente.

Não deveria me esquecer de agradecer ao rei, por mais devastadora que fosse a história contada por ele. Atravessei o salão atrás dos soberanos, em direção à Câmara do Conselho, onde sir Walthur e os outros conselheiros agrupavam-se à porta, conversando em voz baixa. O rei fez um gesto de assentimento para sir Walthur. Os outros homens, entendendo isso como uma dispensa, fizeram uma mesura rápida e se retiraram.

Com a rainha Lenore a meu lado, entrei na sala atrás do rei e de meu sogro. Embora fosse muito menor que o Grande Salão, aquele cômodo era não menos grandioso em seu mobiliário e sua decoração. As paredes eram revestidas de painéis entalhados que retratavam as grandes maravilhas do reino: as montanhas setentrionais, a catedral de St. Elsip, o poderoso rio que corria pela paisagem. No centro da sala, uma mesa oval de madeira escura reluzia de tão polida. Tocheiros de ouro, mais altos que eu, erguiam-se nos cantos, e sua luz bruxuleante era a única iluminação naquele espaço tenebroso.

– Dorian está vivo – disse o rei simplesmente, e a intensidade do meu alívio me apanhou de surpresa, a ponto de eu segurar o encosto de uma cadeira, temendo desmoronar. Sir Walthur respirou fundo, mas sua expressão impassível não se alterou. – Seu filho portou-se com enorme bravura – prosseguiu o rei, dirigindo-se a ele. – Pretendo conferir-lhe um título, porque ele salvou minha vida.

O soberano segurou a mão de meu sogro e esse gesto acabou com sua postura reservada. Sua boca curvou-se para cima, num simulacro de sorriso, e seus olhos se encheram de lágrimas.

– Meu menino.

– Bowen teria me matado – contou o rei. – Nunca pensei... – Sua voz extinguiu-se e vi o peso daquela lembrança cair como um fardo sobre ele, ao mencionar o nome do irmão. O soberano se recompôs e continuou: – Nunca imaginei que ele viesse me atacar. Esperava que Marl e seus asseclas fossem apreciar a carnificina, mas acreditava que Bowen cuidaria de sua traição longe dos meus olhos. Quando o vi cavalcando na minha direção, fiquei tão surpreso que nem pensei em me defender. Permaneci parado, vendo-o se aproximar. Seu rosto... Eu não sabia que ele me odiava tanto.

Imaginei o príncipe Bowen, enfurecido, brandindo a espada e galopando a toda velocidade. Quem não tremeria diante de tal visão?

– Dorian estava a meu lado. Havia perdido o elmo e estava com a armadura danificada. Ordenei que voltasse e pegasse o elmo de um dos homens que haviam tombado. Estava virado para ele, gritando minhas ordens, quando ouvi um grito terrível à minha esquerda. Girei o corpo e deparei com Bowen. Quando pensei em erguer a espada, Dorian já havia posicionado seu cavalo entre nós e entrado em combate com meu irmão. Foi uma luta curta, mas feroz. Vi Dorian vacilar e cair do cavalo. Na queda, desferiu um último golpe com a espada e perfurou a barriga de Bowen por uma brecha na armadura dele. Meu irmão morreu ali mesmo, diante de

mim.

– Foi um fim ruim, mas um fim que ele mesmo provocou – disse sir Walthur, em tom amargo.

– O senhor disse que Dorian caiu? – perguntei, aflita.

Os homens sobressaltaram-se ao som da minha voz, como se houvessem esquecido a minha presença, e no mesmo instante lamentei meu atrevimento.

– Sim – confirmou o soberano –, mas se levantou logo em seguida, e parti com meus cavaleiros para compartilhar a notícia da morte de Bowen. Àquela altura, Marl e seus primos também tinham sido mortos e os poucos rebeldes remanescentes estavam batendo em retirada, derrotados.

O reino fora salvo e meu marido voltaria como herói. A humildade não estava entre as virtudes de Dorian e um título de nobreza inflaria ainda mais o seu orgulho. Mas eu cuidaria dele sem reclamar, pois me fora concedida outra chance de criar a família pela qual ansiava. Acaso eu não ouvira histórias de maridos desgarrados que renovavam seu amor por esposas leais depois de escaparem da morte por um triz? Meu alívio diante da notícia do rei tinha sido uma prova vívida de que meus sentimentos por Dorian tinham raízes mais profundas do que eu me permitira acreditar.

Passei os dias subsequentes me preparando para o regresso de meu marido. Quando os soldados começaram a chegar, mandei levar água quente para meu quarto e me banhei minuciosamente, esfregando algumas preciosas gotas de perfume no cabelo. Pus meu melhor vestido e subi às ameias do castelo, pronta para dar a Dorian uma recepção adequada.

Passou-se um dia, depois outro. Os soldados apareceram descendo a estrada que vinha do norte, primeiro alguns a cavalo, depois vários a pé, imundos e famintos. Dorian não estava entre eles. No terceiro dia, comecei a ficar inquieta, pois só os feridos haviam levado tanto tempo para retornar. Os soldados falavam balançando a cabeça e baixando os olhos ao se referirem aos que ainda viriam e comecei a temer a visão do marido por quem tanto havia ansiado.

Quando corria os olhos pelos homens que se aproximavam a passos lentos, um rosto conhecido chamou minha atenção. Era o valete de Dorian, Percel, integrando uma procissão de soldados claudicantes e carroças cobertas de feridos mais graves. Desci correndo a escada do alto do muro até os portões do castelo e fui falar com ele assim que entrou. Muito tempo depois, dei graças por ter sido esse jovem solene a pessoa encarregada de um dever tão difícil, porque ele não perdeu tempo com floreios de linguagem nem sentimentos grandiloquentes. Simplesmente me disse que meu marido estava morto.

– Mas como...? – As palavras saíram gaguejadas, depois me ficaram presas na garganta. – O rei me disse que viu Dorian afastar-se do campo de batalha caminhando...

Prcel assentiu, com a expressão abatida.

– Eu o vi no nosso acampamento depois que o rei declarou a vitória. Parecia tão bem quanto qualquer um de nós. Cansado e com o cheiro fétido da batalha, mas ileso. Só à noite, quando começamos a caminhada para casa, foi que ele falou pela primeira vez da dor de cabeça. Disse que tinha caído do cavalo, mas deu a impressão de que não havia sido nada sério. Seu estado piorou durante a viagem. Ele começou a tropeçar. A falar de forma engrolada. Restavam pouquíssimos cavalos em condição suficientemente boa para servir de montaria, mas, como meu amo era um favorito do rei, recebeu um deles. Nós o amarramos no animal e ele pegou no sono. Quando paramos para pernoitar, ele havia morrido.

Não consegui chorar. Eu tivera medo de que Dorian estivesse morto e fora informada de que continuava vivo. Agora, havia morrido outra vez. Qual era a verdade?

– Dizem que ele será levado para a capela com os outros nobres – informou Percel, apontando para os corpos amortalhados que nesse momento eram carregados pelas portas do castelo. Observou sem emoção aquela parada lúgubre. – Terei que contar ao pai dele, a menos que a senhora prefira lhe falar.

Eu não poderia enfrentar sir Walthur. Não poderia levar-lhe a notícia na qual eu mesma ainda não acreditava.

– Ele deve ouvir de você a história completa – retruquei. – Irei para a capela.

Passei pelo saguão da entrada e segui pelos corredores. A capela sempre fora um de meus lugares favoritos no castelo, mas, nessa hora, tive medo de entrar. Parei na passagem que conduzia ao interior, com os pés sobre a laje de pedra que marcava a cripta da família real. Olhei de relance para o entalhe mais recente e me ajoelhei para correr os dedos pelas letras do nome de Flora. Senti falta dela, uma dor súbita e aguda. Não da mulher frágil em que ela se transformara em seus últimos dias, mas da Flora que eu havia conhecido anos antes, tímida, porém bondosa – uma força do bem num mundo perverso.

Entrei e fui em direção a um grupo de mulheres que choravam. Passei por corpos inertes, manchados de sangue, estendidos no chão. A maioria dos mortos no campo de batalha seria sepultada onde havia tombado. Apenas a um punhado de privilegiados fora concedida a honra de serem levados de volta para casa.

Quando dois guardas entraram com o corpo de Dorian, reconheci-o de imediato, mesmo do outro lado da capela. Caminhei lentamente até lá, com os pés parecendo mover-se por conta própria. Dorian descansava como se estivesse adormecido, com o lindo rosto intacto e o cabelo dourado sujo de lama, mas sem sangue. Prostreime de joelhos, certa de que haviam cometido um erro e de que ele se levantaria ao ser tocado por mim. Mas retraí a mão no instante em que senti sua face gelada. A carne havia perdido toda a vitalidade e seu calor humano fora substituído por uma friagem de cera. Amarrado à sua coxa estava o punhal que ele tanto prezava. Peguei-o e passei a mão pelo cabo em que a mão dele havia pousado. Hesitante, cortei uma mecha do seu cabelo e a guardei em meu corpete. Pensei em dizer

algumas palavras, enviando-o com minha bênção para o repouso eterno, mas seu corpo rígido tornou minha intenção ridícula. Fazia muito tempo que a alma de Dorian havia partido.

Fitei-o por tempo suficiente para ficar com os joelhos dormentes no piso de pedra. Só me mexi ao ouvir passos arrastados atrás de mim. Virei-me e vi sir Walthur olhando para o corpo do filho, com o rosto transtornado de dor. Ele nunca havia demonstrado nenhuma afeição por mim, mas a visão daquele homem grande degradado a tal ponto impeliu-me a agir. Fiquei de pé e o envolvi num abraço, e ele afundou o rosto em meu pescoço, entregando-se a sua dor. Até murmurar palavras de solidariedade teria sido uma cruel invasão, por isso me mantive em silêncio. Depois de se recompor, ele se curvou e deslizou lentamente os dedos pelo rosto de Dorian. Levantou-se, evitando meu olhar, e se retirou.



Os homens que trouxeram meu marido para casa foram os últimos remanescentes do que um dia tinha sido um grande exército. Depois de dar meu último adeus a Dorian, deixei o castelo e subi a escada estreita até o alto do muro. Era o local em que nos beijáramos pela primeira vez, no dia em que eu havia aceitado casar-me com ele. Fazia meses que Dorian já não estava a meu lado, mas eu ainda podia evocar a lembrança de seu abraço, podia sentir seus lábios colados aos meus. No entanto, quando tentei visualizar seu rosto, tudo o que me veio à lembrança foi a lúgubre máscara mortuária que eu tinha visto na capela. Arriei o corpo pela parede, entorpecida e perdida. Não sabia como passar o resto do dia ou o dia seguinte. Ou todos os dias que viriam. A vida que eu pensara ser minha, com um marido e filhos, havia acabado. Meu futuro fora trucidado num campo de batalha, nas inóspitas montanhas setentrionais. Apenas eu restava, inalterada. Mas completamente mudada.

Olhando para fora, observei um grupo de vivandeiros maltrapilhos que vinham descendo a estrada para St. Elsip – os habituais mascates e mulheres caídas em desgraça que encontravam na guerra uma oportunidade de lucro. Apenas eles poderiam lamentar o fim dos combates. Depois que aquele desfile de passos arrastados cruzou a ponte, uma pessoa separou-se e enveredou pelo caminho que levava ao castelo. À medida que se aproximava, vi que era uma mulher, uma anciã, com as costas recurvadas. Na véspera, uma chuva persistente deixara uma camada de lama no chão, e a mulher subiu a ladeira com passos inseguros. Não consegui imaginar o que a traria ao castelo, a não ser pedir esmolas.

O sol estava baixo na linha do horizonte e as trombetas logo soariam o toque do jantar. A ideia de comer me trouxe uma onda de náusea, mas o dever me impeliu a descer. Àquela altura, a rainha Lenore teria sabido da notícia. Desejaria consolar-me

por minha perda, e eu precisava me preparar para lidar com a solidariedade do castelo. Com uma fisgada de dor, recordei as obrigações de uma esposa: o funeral que teria de ser planejado, os trajes negros que eu teria de encomendar para declarar meu luto. Mais do que tudo, eu ansiava por afundar na minha cama e me esconder embaixo das cobertas, livre para me entregar ao sofrimento sem ser observada.

Desci devagar, tendo o cuidado de levantar a barra das saias para que nenhum passo meu fosse atrapalhado. Quando ia passando pela guarita, ouvi uma comoção. A anciã estava gritando com o porteiro e alguma coisa em seu tom me fez parar. Sua voz tinha um toque de autoridade e sua dicção era a de uma mulher instruída. Virei-me para o portão e a vi apontando um dedo acusador para os guardas, jurando que a rainha os faria pagar pelo modo como a estavam tratando.

Era Millicent.

Senti uma onda tão exasperante de horror que não consegui me mexer. Ela virou o rosto encovado e curtido para mim e espiou-me por baixo do capuz da capa. Parecia um duende de contos de fadas, uma criatura encurvada, envolta em roupas pretas, que raptava criancinhas na madrugada. Seus olhos cravaram-se em mim com uma alegria malévola. Passado tanto tempo, eu me imaginaria imune a seus ardis, mas incrivelmente me senti impelida a me aproximar.

– Elise! – vociferou. – Venha, segure minha mão.

– Não vou segurar nada – retruquei. A veemência da minha recusa assustou os guardas. Dirigi-me aos homens, falando com firmeza: – Ela não pode entrar.

Os mais jovens dentre eles deviam ser crianças na época em que Millicent fora banida, mas vi pela expressão nervosa do porteiro-chefe, que aparentava uns 40 anos, que ele sabia exatamente de quem se tratava.

– Ela afirma ter sido chamada – explicou-me ele, em tom inseguro. – Mandei um pajem informar à rainha.

– Essa mulher não tem permissão para ver a rainha nem qualquer outra pessoa – declarei, com o que esperava ser um tom firme.

– Estou vendo que você subiu na vida – comentou Millicent. – Dando ordens como se fosse uma duquesa! Serei eu a única a se lembrar de quando você não servia para nada além de carregar urinóis?

Dei-lhe as costas e comecei a me dirigir ao pátio dos fundos. Não poderia expulsar Millicent sozinha, mas alguns dos soldados que estavam de regresso acrescentariam força a minhas ordens.

– Como vai nossa querida Rosa?

Foi o “nossa” que me enfureceu, o som daquela voz rouca de velha megera, reivindicando direitos sobre a pessoa que me era mais preciosa. Voltei-me, tomada de ódio. Ela nunca deveria ver Rosa. Nunca mais.

– Vá embora! – gritei, com o sangue fervendo de raiva. Os guardas ficaram boquiabertos. Eu estava dando armas a Millicent, sucumbindo ao medo do qual ela se alimentava, mas não pude refrear meu pânico. – Você foi banida! Para sempre!

– Para sempre? – ecoou ela, em tom frio. – Tem certeza?

Vista de perto, ela já não era a mulher orgulhosa que antes andava pelo castelo com tanta autoridade. Tinha os ombros recurvados e o lábio superior pendia sobre gengivas desdentadas. Mas fiquei arrepiada e senti um nó na garganta, como se uma nuvem de maldade brotasse dela, sufocando qualquer um que lhe bloqueasse o caminho.

Millicent ergueu a mão encarquilhada e retrai-me ao ver um lampejo de vermelho-escuro. Por um momento, achei que ela estivesse mostrando os dedos salpicados de sangue, até perceber que ela usava luvas carmesim. Havia um pedaço de papel amassado em sua mão e, quando ela avançou na minha direção, a borda da capa recuou, revelando seu braço. A pele pálida e franzida pela idade, estava tomada de rugas e cicatrizes. Com asco, lembrei-me da marca semelhante que ainda havia no pulso da rainha. Quantas vezes Millicent teria cortado a própria carne, naquela caverna oculta, invocando forças obscuras, para que obedecessem a seus comandos?

Ela brandiu o papel na altura do meu rosto, perto o bastante para que eu pudesse discernir o que estava escrito no final. Era a assinatura da rainha Lenore, uma assinatura que eu vira inúmeras vezes em suas cartas. Apanhada de surpresa, eu me contive, tentando ordenar as ideias. Seria aquele texto uma hábil simulação? Não era possível que a rainha tivesse mandado chamar a mulher que havia ameaçado sua filha de morte.

Antes que eu pudesse decidir a melhor forma de agir, a escolha foi retirada de minhas mãos. Ouvi passos se aproximando, virei-me e vi o padre Gabriel. Ele meneou humildemente a cabeça para os guardas e disse:

– A rainha deu permissão para ela entrar. Vou acompanhá-la até a Sala de Recepção.

Perplexa, observei com horror o sorriso que Millicent me deu, desfrutando de sua vitória. Seus pés falsearam na lama quando ela deu um passo à frente e o padre Gabriel aproximou-se para lhe oferecer o braço. Quando aquele corpo decrépito e recurvado inclinou-se para o dele, os olhares dos dois se cruzaram de relance. Foi muito rápido, mas eu vi: era o olhar de duas pessoas que já se conheciam.

Teria o padre Gabriel obedecido às ordens dela durante todo aquele tempo? Teria enaltecido as virtudes do perdão com o único intuito de permitir a volta de Millicent?

– Não! – gritei.

Cambaleei para a frente, com os braços estendidos, desesperada para barrar o avanço deles. Mal havia agarrado as costas do hábito do padre Gabriel quando dois guardas me seguraram pelos ombros e me puxaram. O tecido marrom grosseiro escapou-me por entre os dedos e o religioso virou para trás, irritado, olhando-me com desdém, enquanto eu me debatia nos braços de meus captores. A expressão de perplexidade fingida de Millicent só fez com que eu me enfurecesse ainda mais.

– Tenho que falar com o rei! – implorei aos guardas. – Ele jamais permitirá a

entrada dela!

Outras pessoas que passavam pelo pátio pararam para ver a comoção. Em meio a meu ataque de pânico, captei apenas lampejos do que acontecia à minha volta, mas havia rostos que reconheci, de servidores e cortesãos assombrados. A seus olhos, a louca era *eu*, esbravejando contra um homem de Deus e uma anciã aparentemente inofensiva.

O porteiro apareceu a meu lado. Falou em voz baixa, em tom solidário:

– A senhora mesma viu, ela trazia uma carta com o selo da rainha. Não podíamos detê-la.

– Por favor, preciso avisar o rei.

Ele olhou para a figura claudicante de Millicent, que se aproximava da entrada principal. Fez um aceno afirmativo para os guardas, ordenando que me soltassem.

– Vá com Deus – murmurou.

Corri em direção ao quarto do rei, mas fui informada de que ele fora chamado pela rainha, alguns minutos antes. Arfante e com o coração aos saltos, cheguei à sala de espera dela e encontrei a porta fechada, embora os gritos do rei Ranolf a atravessassem com bastante clareza. Algumas damas de companhia estavam reunidas no corredor, de olhos arregalados, e se assustaram ainda mais quando entreabri a porta e me esgueirei para dentro.

O soberano andava de um lado para outro em frente à lareira, com o rosto vermelho. Parou ao me ver e, por um instante, senti o pavor de todos que o haviam enfrentado no campo de batalha. Trêmulo de fúria, ele pareceu capaz de me achatar no chão sem pestanejar.

– É verdade? – esbravejou.

Assenti.

– Millicent foi levada para a Sala de Recepção pelo padre Gabriel.

– Ela tem que ir embora imediatamente! – berrou o rei.

A rainha Lenore falou com uma calma peculiar:

– Quando você souber de toda a história, compreenderá por que agi assim.

– Que história?

– De como Millicent nos ajudou a vencer a guerra.

O rei Ranolf pareceu tão estarecido quanto eu.

– Faz algum tempo que venho me correspondendo com ela – explicou a rainha. – Sei que foi um erro não lhe contar, mas eu temia justamente essa reação.

*Algum tempo?* Meu estômago se contraiu e olhei para a rainha com um assombro horrorizado. Como podia ter guardado um segredo desses de nós? E por quê?

O rei Ranolf fulminou-a com o olhar, o corpo tenso como o de um felino que se prepara para atacar.

– Tantos anos gastos à procura de traidores – murmurou num tom gélido –, quando a pior traição estava bem aqui, diante de mim, o tempo todo.

Perdendo o autocontrole, ele rugiu de ódio e chutou a cadeira ao lado da de sua mulher, atirando-a para o outro lado da sala. A rainha Lenore estremeceu, como se o golpe tivesse visado a ela, e eu me encolhi junto à parede.

– Ela me pediu perdão – disse a rainha, em tom hesitante, preparando-se para outro golpe. – Estava à beira da morte, com medo de ir ao encontro do Criador. A Bíblia não nos diz que todo pecador merece uma oportunidade de salvação?

– Isso foi obra do padre Gabriel – falei, e que se danasse a etiqueta. – Creio que ele foi mandado por Millicent para agir em nome dela.

A rainha Lenore descartou minhas suspeitas com um gesto de cabeça.

– É claro que não. Ele é movido unicamente pelo desejo de servir a Deus.

Ela jamais acreditaria no conluio dos dois sem provas, e eu não tinha nenhuma.

– Que mentiras Millicent lhe contou? – perguntou o soberano.

– Ela disse que provaria sua lealdade. Passou algum tempo entre os brithnianos, como você sabe, e foi ela quem os convenceu a ficarem do nosso lado.

– Bobagem! Pagamos um valor alto para que eles lutassem junto conosco. Sir Walthur passou semanas em contato com os ministros deles para tomar as providências.

– Você acha que os DeRauleys também não ofereceram um pagamento? O rei da Brithnia ouviu os conselhos de Millicent desde que ela curou o filho dele de uma doença debilitante, há alguns anos. Sem os apelos dela, os brithnianos teriam continuado a nos jogar contra os DeRauleys, tirando ouro dos dois lados e mantendo seus soldados a salvo em casa.

A expressão de ódio do rei não se abrandou, mas ele considerou as palavras da mulher sem protestar.

– Jamais esquecerei o que Millicent nos fez, tal como as ameaças que fez a Rose – disse a rainha. – Mas será que você não percebe? Sem perdão não há paz.

Então esse era o ápice dos ensinamentos do padre Gabriel: a rainha Lenore ganharia a redenção ao perdoar os pecados de Millicent. Eu já podia ver a diferença em seu comportamento. A serenidade havia substituído a agitação que a atormentara durante tanto tempo e ela falava com a confiança da fé verdadeira. Tinha as mãos cruzadas de forma recatada no colo, mas meu olhar foi captado pelo movimento sutil de um polegar que esfregava distraidamente a pele do braço oposto. Apalpando o lugar em que a faca de Millicent tinha se cravado na pele dela.

Dezessete anos, quase a vida inteira de Rosa, haviam se passado desde que o rei banira Millicent do castelo, mas a influência dela sobre a rainha não havia desaparecido. Fazia muito tempo que eu descartara a ideia de que a feitiçaria provocara o nascimento da princesa. Mas o que poderia explicar a contínua fidelidade da rainha Lenore a uma mulher que tinha jurado que sua família seria morta? Era como se uma força maléfica tivesse entrado na ferida aberta quando a pele dela fora cortada – um espírito cujas ordens ela não conseguia desafiar.

– Millicent tem um último desejo: passar seus últimos dias aqui, no único lar que

já conheceu.

O rei esteve muito perto de recusar. Mas, após tantas perdas, tantas mágoas, já não tinha disposição para discutir com a mulher. Heva me dissera em segredo que o rei Ranolf, desde seu regresso, tinha dormido todas as noites na cama da rainha e muitas vezes acordava aos gritos de seus sonhos sanguinolentos. Talvez tenha sido por isso que acabou se rendendo aos desejos dela, para preservar o consolo da sua presença naquelas longas horas antes do alvorecer.

– Ela ficará confinada ao próprio quarto, sob vigilância – disse o rei. – E o padre Gabriel tem que ser mandado embora imediatamente.

A rainha Lenore tentou defender o homem em quem havia depositado tanta confiança, mas o rei interrompeu suas palavras com uma batida do pé no chão.

– Ele já exerceu controle sobre você por tempo suficiente! De agora em diante, você vai viver sob a minha orientação, e de mais ninguém! É o preço que exijo pela volta de Millicent.

A rainha baixou a cabeça, como uma santa que aceita os termos de seu martírio.

– A Sra. Tewkes pode cuidar de Millicent – resmungou o rei Ranolf. – Ela não deve cruzar meu caminho jamais. Jamais.

– Como quiser. Você nem saberá que ela está aqui.

A rainha acreditava que essa promessa poderia ser cumprida. Mas não demorou muito para que a presença de Millicent se fizesse sentir por todo o castelo. Ao abrir as portas para ela, a rainha Lenore deu o primeiro passo em direção à nossa ruína.

## O MAL LIBERTADO

☉ retorno de sua inimiga não dissuadiu o rei de celebrar sua vitória contra os rebeldes. No mínimo, a presença de Millicent o instigou a fazer uma demonstração pública de força. No dia seguinte à chegada dela, o soberano presidiu um banquete suntuoso e, mais uma vez, o Grande Salão ressoou com a música e o clamor de centenas de pessoas conversando. A comemoração foi mais discreta que as festas do passado, pois a família real vivia, oficialmente, o luto pela morte de sir Hugill e dos muitos outros nobres mortos, cujos nomes foram citados em brindes comoventes que se estenderam pela noite. O rei e a rainha distribuíram pedras preciosas e ouro a cavaleiros que haviam se distinguido no campo de batalha, vários dos quais andaram com dificuldade até o estrado para receber suas homenagens. A rainha Lenore trocou seus costumeiros trajés por um elegante vestido de tom creme, sinal, esperava eu, de que enfim estivesse se libertando da influência do padre Gabriel. Segundo a Sra. Tewkes, o monge havia sido escoltado até os portões do castelo aos primeiros raios da aurora e fora visto pela última vez embarcando num navio no porto, dando graças em suas orações por ter se livrado da ira do rei.

Rosa brindou os cavaleiros mais jovens com sorrisos galanteadores, exibindo a malícia que havia reprimido desde o início da guerra. Lady Wintermale e outras mulheres afeitas às tradições testemunharam esse comportamento com ar reprovador, mas não vi razão para que Rosa derramasse lágrimas falsas por um marido prometido que nunca havia conhecido. Do mesmo modo, não pude condenar as mulheres recém-enviuvasdas que engoliram uma taça de vinho atrás da outra, perdendo-se em gargalhadas ou em soluços igualmente frenéticos. Cada um lida com o luto à própria maneira.

A minha foi a desorientação. Cruzei aqueles dias com a cabeça desnorteada, sem saber como executar as tarefas mais simples. Até meu medo de Millicent mal chegou a romper aquela camada de névoa. Ela estava invisível a meus olhos – um desafio a ser enfrentado noutro dia, quando eu tivesse forças para isso. Passei horas no quarto que ainda considerava propriedade de Dorian, não minha, alisando o cabo incrustado de pedras preciosas do punhal que havia pertencido a ele e chorando até dormir, enquanto segurava uma camisa que ainda conservava um vestígio de seu perfume almiscarado. Jantei com sir Walthur, fazendo tentativas desajeitadas de conversa, sempre consciente da minha precariedade como substituta de seu filho. Perguntei a mim mesma por quanto tempo ainda suportaríamos compartilhar os mesmos aposentos, sem Dorian para nos unir.

Quase todos os nobres que haviam tombado no norte foram sepultados em suas paróquias de origem, mas os oficiais de alta patente que tinham residido no castelo

foram lembrados em ofícios religiosos na capela real. A única exceção foi Dorian. Como filho de sir Walthur e cavaleiro que salvara a vida do rei Ranolf, ele foi julgado digno de um funeral na catedral de St. Elsip e enterrado com honras numa cripta próxima ao altar. Sir Walthur e eu, agradecidos, havíamos aceitado a oferta da Sra. Tewkes de tomar as providências, e o ritual foi uma despedida adequada para um herói amado.

Não consegui chorar. Algumas pessoas da multidão talvez tenham admirado minha força moral, porém as demais, sem dúvida, sentiram-se privadas de uma exibição apropriada do luto, considerando-se que as viúvas enlouquecidas eram parte essencial de qualquer funeral que se prezasse. Ouvi passagens bíblicas que compararam Dorian ao rei Davi e vi o caixão do meu marido, coberto de veludo púrpura e verde, ser carregado pela nave central. Coloquei um de meus lenços nas dobras do tecido quando o cortejo parou diante de mim. Era a lembrança simbólica que eu deveria ter lhe dado no dia em que ele partiu para a batalha. Senti as lágrimas brotarem apenas uma vez, no momento em que o arauto que servira sob o comando de Dorian executou um toque de clarim em homenagem a seu comandante.

O resto foi um espetáculo vazio, exatamente o tipo de evento formal que era uma tentação para a irreverência de Dorian quando ele estava vivo. Lembrei-me de ter sentado na capela real no ano anterior, no enterro de um cortesão idoso, enquanto Dorian me segredava boatos sobre o pendor do ancião para belos criados do sexo masculino. Se seus desejos fossem levados em conta, eu sabia que Dorian teria preferido ser enterrado em meio a bebidas e danças, com seus amigos competindo para compartilhar as histórias mais ultrajantes do seu mau comportamento. Em vez disso, seus companheiros que tinham sobrevivido ocuparam os bancos da capela em silêncio e com uma expressão impassível. Sem o seu líder, ficavam perdidos.

O funeral foi seguido por um almoço igualmente sombrio no Grande Salão. Quando o rei levantou um brinde a Dorian, sir Walthur piscou de maneira frenética, proibindo as lágrimas de caírem. Grandes damas que antes haviam me evitado seguraram minha mão e murmuraram palavras de solidariedade; as que tinham ficado viúvas acolheram-me com ar pesaroso em uma dolorosa irmandade compartilhada. No fim da refeição, levantei-me para me despedir do rei e da rainha e Rosa saiu de sua cadeira num salto e correu para o meu lado. Atirou os braços em volta dos meus ombros e se agarrou a mim como se quisesse passar sua força juvenil para meu corpo desgastado.

– Há alguma coisa que eu possa fazer? – perguntou-me.

Ela estava com os olhos e o nariz vermelhos e irritados. Qualquer estranho teria pensado que era ela a viúva enlutada.

– Não sei – respondi, com a mente vazia.

Só conseguia pensar em me deitar na minha cama, esperando ser dominada pela apatia do sono.

– Você pode vir comigo, se quiser – disse Rosa. – Mamãe se ofereceu para

mandar fazer vestidos novos para mim, e eu agradeceria a sua orientação.

Vestidos novos! Parecia que se passara uma eternidade desde a última vez que alguém tinha pensado nessas frivolidades. Mas a rainha Lenore fora sensata ao dar essa distração à filha. Pela primeira vez desde a morte de Dorian, senti vontade de sorrir.

– Não sou nenhum modelo de perfeição em matéria de moda, mas seria um prazer dar uma olhada – falei.

Ao dizer essas palavras, percebi que eram verdadeiras. Conversar sobre roupas seria uma fuga da melancolia dos aposentos de sir Walthur, uma fuga do meu próprio sofrimento. Eu poderia me render ao desespero, lamentando para sempre a família que havia perdido, ou poderia seguir em frente, pelo bem de Rosa. Um olhar de relance para seu rosto meigo e apreensivo e a escolha estava feita.

Ela pegou minhas mãos e inclinou-se para fazer uma confidência:

– Andei trabalhando num novo poema, para enaltecer o sacrifício de Dorian. Um dia espero dá-lo de presente a você.

Emocionada e sem palavras, abracei-a, escondendo minhas lágrimas em seu cabelo. Como Dorian ficaria encantado ao se ver imortalizado numa epopeia! Não haveria limite para sua fanfarronice. Cheguei a ouvir sua voz, clara como se ele estivesse a meu lado, zombando com bom humor de minhas lágrimas: *O que foi agora, mulher? Isso não são modos de enaltecer um soldado valente!*

Senti-me eternamente grata por aquele breve som de sua voz, que funcionou como uma força invisível empurrando-me para longe da tristeza. Toda vez que me sentia vacilar e fraquejar, eu relembrava o sorriso zombeteiro de Dorian, sua impaciência com quem se entregava à autocomiseração. Para que meu marido se eternizasse como herói, eu precisava transformar-me numa viúva digna de sua reputação.

A companhia de Rosa foi um bálsamo a mais para meu espírito. Sua risada e sua alegria no banquete assinalaram o fim do abatimento que a havia dominado durante a guerra, e incentivei suas fantasias juvenis. No entanto, ela continuou a se recolher em seu quarto por horas a fio, sozinha, e eu ficava inquieta ao imaginá-la andando desacompanhada por aqueles salões e corredores isolados. Foi por conta desse sentimento protetor que eu falei em tom rispido com sua criada, Besslin, ao vê-la rindo com um grupo de serviçais igualmente tolas no Salão Inferior, num fim de tarde.

– Você não deveria estar preparando sua senhora para o jantar? – perguntei, em tom rispido.

Ela deu de ombros, despreocupada.

– Ela me disse que se vestiria sozinha.

Rosa preferia usar o cabelo solto, descendo em cascata pelos ombros, e gostava de vestidos simples. Não duvidei de que pudesse tornar-se apresentável sem ajuda, mas fiquei irritada com a insolência de Besslin.

– Não importa o que ela lhe disse. Seu lugar é lá em cima, para o caso de ela precisar de você.

– Minha senhora me deu o resto do dia de folga – retrucou Besslin, adorando provar que eu estava errada.

Rosa já não era criança. Podia dar ordens a sua criada como bem entendesse. Mas apertei o passo a caminho de seu quarto. Com o reino em paz e o rei em segurança, eu havia pensado que ela já não precisaria isolar-se. Se continuava com a mente agitada, talvez confiasse em mim para desabafar.

Bati de leve à sua porta e entrei, mas não houve resposta quando a chamei. A sala e o quarto estavam vazios. Eu já estava saindo para procurar Rosa noutro lugar quando algo me chamou a atenção na parede atrás da cama. Uma peça de tapeçaria pendurada fora afastada para o lado, revelando um painel antes escondido, que tinha sido puxado para fora. Dei uma espiada lá dentro, sentindo um cheiro rançoso e úmido de cripta, e vi um lance de uma escada estreita em espiral. Hesitante, desci os degraus para a escuridão, temendo o que encontraria lá embaixo.

Emergi num cômodo em que não entrava fazia anos, mas do qual me lembrei no mesmo instante. A cena à minha frente me enregelou de pavor: a linda e vibrante Rosa sentada na cama suntuosa de Millicent, com os olhos brilhando de empolgação. A seu lado, uma figura encurvada e ressequida, envolta numa capa verde esfarrapada. E aos pés das duas, uma roca de fiar.

– O que está fazendo aqui? – perguntei, encarando Rosa.

– Elise – disse ela com cuidado, surpresa com meu tom ríspido –, sem dúvida você conhece minha tia-avó Millicent, não é?

– É claro que sim – respondeu Millicent, com as palavras saindo engroladamente de sua boca desdentada. Ainda assim, a imperiosidade de sua voz soou familiar num instante.

– Tia Millicent estava me falando dos velhos tempos na corte – contou Rosa. – Ela se lembra de quando esta torre foi construída.

– O quarto de Rosa destinava-se a ser um quarto de crianças – disse Millicent. Tinha a pele emaciada e os olhos lacrimejantes, com as pálpebras vermelhas; todos os vestígios de beleza de seu rosto haviam desaparecido muito tempo antes. – Não foi inteligente o meu pai ter construído aquela escada oculta, para que uma mãe pudesse ver como estava seu filho sempre que quisesse?

– Foi uma surpresa e tanto quando ela bateu à parede! – exclamou Rosa. – Minha mãe tinha dito que tia Millicent estava doente demais para receber visitas, mas é claro que não é verdade. Ela tem me mostrado um monte de coisas maravilhosas.

Sorrindo para mim, com os olhos cintilantes, Millicent acenou com a mão para a roca.

– Você acredita que a Rosa nunca tinha visto uma?

Enojada ao ver a facilidade com que Millicent tinha conquistado a confiança de

Rosa, tentei reprimir meu pânico crescente.

– Guardas! – chamei.

Rosa me olhou sem entender. Dois homens apareceram na porta atrás de mim, aguardando instruções. Mas o que eu poderia dizer? Como poderia explicar que aquela cena doméstica, aparentemente inofensiva, me apavorava?

– Por que uma velha não deveria passar seus dias executando um trabalho útil? – perguntou Millicent, com exagerada inocência. – Esses guardas não fizeram objeção quando pedi a uma criada para trazer esta roca.

É claro que não. Eram jovens demais para se lembrar das palavras odiosas de Millicent no batismo da Rosa. Não tinham visto a fogueira gigantesca que havia iluminado o céu naquela noite.

– Não é uma coisa curiosíssima? – exclamou Rosa, estendendo a mão para alisar a madeira curva.

Dei um salto à frente, gritando “Não toque nisso!”, mas minha exclamação repentina fez Rosa desequilibrar-se e escorregar. Sua mão voou para a frente, em direção à roca, e vi o sangue brotar da ponta de seu dedo quando ele bateu no fuso pontudo e cortante. A princesa recuou, com um gemido, e Millicent abriu os braços para acolhê-la.

Impelida por um medo tão visceral que banii qualquer reflexão, soltei um grito e corri para a frente. Empurrei Millicent para longe de Rosa e ela caiu na cama. Rosa levantou-se de um salto, berrando meu nome, mas eu a fiz calar-se. Minhas mãos, como que se movendo por conta própria, agarraram os braços de Millicent para detê-la.

– É assim que você trata uma pobre velha que ainda chora a morte da irmã? – gemeu ela. – Que história triste Rosa me contou! É verdade que o nome do antigo amor de Flora estava em seus lábios na hora da morte?

A raiva brotou dentro de mim ao ver o rosto triunfante de Millicent. Eu havia contado a história da morte de Flora a Rosa em confiança, mas ela não tinha pensado duas vezes antes de compartilhá-la com essa bruxa velha. Uma mulher que tinha levado a irmã à beira da loucura.

– Flora me contou tudo – disparei, cada vez mais histérica. – Como você seduziu o homem que ela amava e o levou à morte. Não pôde ficar com ele para si e por isso destruiu os dois. Um homem inocente e sua própria irmã!

– Elise!

Rosa puxou meu braço, tentando fazer com que eu me afastasse. Tive uma vaga consciência das pessoas que se juntavam do lado de fora da porta, atraídas pela comomoção, assistindo à minha loucura. Mas não me importei. A única coisa que tinha importância era manter Rosa em segurança.

– Vá lá para cima! – ordenei. – Já!

Rosa saiu acuada, fazendo um muxoxo ressentido. Larguei abruptamente os braços de Millicent e a vi cair no chão à minha frente, como um amontoado de

membros.

– Você nunca mais verá Rosa! – gritei. – Nunca mais!

Millicent me olhou com um esgar que mesclava dor e exultação. Sua boca se mexeu e eu me preparei para uma enxurrada de xingamentos. Mas ela riu, numa chacota medonha, que ecoou à minha volta naquele espaço fechado. Um som que me fez lembrar por que ela já fora chamada de bruxa.

Ordenei que um dos guardas a vigiasse dentro do quarto e que o outro fosse buscar um pedreiro, para emparedar a entrada da escada oculta. Os dois se entreolharam, inseguros.

– Consultem o rei, se quiserem! – exclamei. – Só não demorem! Depressa!

Quando ficou claro que minhas exigências seriam cumpridas, subi correndo para o quarto de Rosa. Quase tropecei nela no alto da passagem, onde ela estivera empoleirada, bisbilhotando.

– Elise? – disse-me, oscilando entre a raiva e a apreensão.

Peguei sua mão e a examinei freneticamente, à procura de sinais de que a espetadela havia deixado o veneno penetrar em seu corpo. Não encontrei nada. A pele estava clara e lisa como sempre, e um pontinho vermelho era o único indício do que havia ocorrido no andar de baixo.

– Você nunca mais deve deixar aquela mulher chegar perto de você – falei-lhe, em tom firme.

– Por que não? Ela está velha e doente. Senti pena dela, largada lá para apodrecer.

– Ela não merece a sua bondade.

– Só porque ela e meu pai tiveram uma briga, anos atrás? – ironizou Rosa. – Com certeza já houve tempo suficiente para eles consertarem as coisas.

Por Deus, por pouco não a sacudi. Como se atrevia a falar do rompimento entre seu pai e Millicent como uma discordância banal? E então compreendi. *Ela não sabia*. Eu tinha pensado que a volta de Millicent ao castelo levaria seus pais a lhe contarem os acontecimentos do seu batismo. Porém Rosa continuava mimada e ignorante, tão alheia ao perigo que havia entrado voluntariamente no quarto de Millicent. O que teria acontecido se eu não houvesse chegado?

– Millicent foi banida por ter amaldiçoado a sua família, logo depois de você nascer – declarei em voz baixa. – Ela desejou a sua morte.

Ao ver o rosto perplexo de Rosa, temi ter sido brusca demais. Uma pessoa criada conhecendo apenas o amor nunca poderia entender tamanho ódio.

– Por quê? – disse ela.

Por mais que eu quisesse ajudá-la, era melhor que certas histórias não fossem contadas.

– Millicent achava que sua mãe devia seguir mais as palavras dela que as de seu pai – respondi. Estava longe de ser uma explicação satisfatória, mas era próxima da verdade. – Ela é uma mulher cruel e vingativa. E mais perigosa do que você supõe.

– Ela ainda quer que eu morra? – indagou Rosa, com a voz trêmula.

Seria gentil aplacar seus temores. Porém a verdade a manteria em segurança.

– Não sei. Não me surpreenderia que sim. Sua mãe optou por ser misericordiosa com Millicent, mas eu não o farei. Fique longe dela, bem longe. Vou mandar fechar a entrada dessa escada com uma parede, para que você fique segura.

Rosa assentiu, devagar.

– Duvido que ela volte a perturbá-la – acrescentei, acalmando-a. – A julgar pela aparência, ela não permanecerá neste mundo por muito tempo.

Lembrei-me de ter ouvido as mesmas palavras muito tempo antes, quando o rei trouxera a notícia da fuga de Millicent para a Brithnia. Diziam que ela fora para lá para morrer, mas ela permanecera viva. Será que se demoraria no castelo também, tramando uma destruição que não podíamos imaginar?

O rei teria que ser informado da intromissão de Millicent, mas eu tinha esperança de não precisar dar essa notícia à rainha Lenore, cuja mente andava muito inquieta naqueles dias, com o destino dos soldados feridos na guerra. Enquanto os pais e maridos feridos de boa posição haviam sido buscados por carruagens solicitadas por suas famílias, os de origem humilde tinham sido enviados para a estrebaria, onde seguravam suas ataduras e gemiam de agonia. Após a chegada dos últimos retardatários, quase uma centena de homens estava deitada no chão, os pés de um na cabeça de outro, praticamente fazendo desaparecer de vista a palha sob seus corpos. Alguns criados receberam ordens de lhes levar sopa quente e cuidar dos ferimentos da melhor maneira que pudessem, mas, afora isso, os feridos sofriam sozinhos.

Contrariando as objeções do rei, a rainha Lenore havia insistido em visitar a enfermaria improvisada. Os soldados animavam-se muito ao vê-la caminhando entre eles, perguntando pela família de cada um e oferecendo palavras de estímulo. Ela convocou o Sr. Gungen e conversou com ele sobre algumas medidas para aumentar o conforto dos homens: catres de palha, água quente, lençóis limpos. A partir daí, passou a solicitar relatórios diários sobre o progresso deles e a escrever cartas de condolências às famílias dos mortos, tarefa que foi consumindo mais tempo a cada dia que passava.

– Tantas mortes – lamentou ela. – Pensei que nossos cuidados apressariam sua recuperação, mas eles continuam a morrer, um atrás do outro.

Não consegui pensar em palavras adequadamente reconfortantes, pois também vinha sentindo desânimo semelhante. Na mesma manhã, ao ouvir uma comoção no pátio dos fundos, eu tinha olhado pela janela do quarto e visto os corpos dos que haviam morrido durante a madrugada serem retirados dos estábulos – estátuas rígidas, envoltas em lençóis brancos. Eu contara doze, ao todo, que foram depositados em carroças e levados em procissão solene pelo pátio. A esses lavradores, artífices e criados mortos não seria concedida a cerimônia oferecida a Dorian; eles se juntariam a seus colegas combatentes numa sepultura comum, de onde seguiriam para o repouso eterno com algumas orações apressadas do padre do

castelo. À passagem deles, vi cavalaria levarem um par de ganhões do rei para o interior da estrebaria. Com todas aquelas mortes, logo haveria espaço para os cavalos reais retomarem seus lugares.

Não se falava abertamente das notícias que vinham dos estábulos, mas eu ouvia os cochichos de criados e cortesãos. Havia mais homens morrendo que se recuperando. O mau cheiro lá dentro se tornara insuportável e as criadas se recusavam a tocar nos ferimentos já infectados dos homens. Algumas relutavam inclusive em lhes entregar a comida, até a Sra. Tewkes ameaçar demiti-las.

Mesmo nessa hora, não suspeitei do que estava por vir. Não vi os soldados doentes nem achei que seu destino se entrelaçasse de algum modo com o meu. Não houve grandes premonições de desgraça no dia em que me demorei num depósito do Salão Inferior, examinando rolos de tecido para os vestidos novos de Rosa. Houve apenas um puxão delicado na minha manga, dado por uma jovem criada.

– Com licença, madame?

Veza por outra, eu ainda me surpreendia quando os serviçais me tratavam como uma senhora, e não como um deles. Virei-me e vi uma jovem magra, de rosto macilento, que se apresentou como Liya e disse:

– A Sra. Tewkes me encarregou de cuidar das refeições de lady Millicent. Desde ontem ela se recusa a comer e seu quarto está com um cheiro horrível. Acho que ela sujou os lençóis, mas não me deixa trocá-los.

Portanto, finalmente chegara a hora de Millicent. Essa era uma morte que eu não choraria.

– Fale com a Sra. Tewkes – ordenei, dispensando-a. – Ela lhe dirá o que fazer.

A criada assentiu com a cabeça e acrescentou:

– Eu não incomodaria a senhora, só que ela chamou a princesa Rosa pelo nome. Disse que chegou a hora da sua última despedida.

A bruxa velha estava criando problemas até o fim.

– Ela não deve ver a princesa em nenhuma circunstância – retruquei em tom severo. – Ignore os pedidos.

– Sim, senhora.

Enquanto eu examinava os rolos de tecido, alisando cada peça para avaliar sua qualidade, não consegui me livrar da suspeita de que Millicent estava tramando algum outro truque. Estaria usando a doença como um artifício para atrair Rosa para sua cabeceira? Eu não sosseitaria enquanto não visse com os próprios olhos qual era o estado dela. Deixei o Salão Inferior e subi pela escadaria principal até a Torre Norte, com os passos ecoando por aquela vastidão de mármore. Quantas vezes eu fizera esse mesmo trajeto para o quarto da Flora, em dias mais felizes! Naqueles tempos, ia para lá apressada, cheia de expectativa; agora, cada passo era carregado de pavor. Os dois guardas à porta de Millicent cumprimentaram-me com um meneio da cabeça e abriram o trinco, a meu pedido.

Os janelões, que conferiam aos quartos da Torre Norte um ar de amplitude,

tinham sido cobertos com cortinas escuras, para barrar toda a luz. Sem uma lamparina, era difícil enxergar a uma distância maior que um braço esticado. Consegui discernir os contornos da cama de Millicent, com um urinol no chão, ao lado. O que estava sobre o móvel, parado, não era evidente. Talvez fosse uma pessoa, mas poderia ser também um amontoado de lençóis. Um fedor nauseante me assaltou, inescapável até quando respirei pela boca, para poupar o nariz. Quem cresceu numa fazenda não pode ser preciosista em matéria de aromas terrenos, e eu nunca fora do tipo a agitar um lenço perfumado diante do rosto ao entrar numa estrebaria. O cheiro de excremento misturado ao de sangue não bastaria para me enfraquecer. Havia mais alguma coisa por baixo, um azedume penetrante.

Odor de putrefação.

Se houvesse algo menos que a vida da Rosa em jogo, eu teria fugido dali. Aproximei-me da cama aos poucos, forçando cada passo, até que o amontoado em cima dela se revelou uma figura humana. A elevação das pernas era visível sob a cobertura fina e mãos esqueléticas seguravam o tecido manchado. Ela estava deitada de costas, com o rosto imóvel, até eu parar a seu lado. Então ela virou a cabeça, cada movimento uma agonia. À medida que suas feições foram se revelando, eu me descobri fitando um monstro.

A pele curtida de Millicent fora dominada por feridas cheias de pus, que desfiguravam os traços anteriormente belos, e o suor colava seus cabelos brancos à cabeça. As maçãs do rosto e as órbitas oculares projetavam-se de um jeito macabro, deixando evidente o formato do crânio sob a pele, e a boca estava repuxada num esgar. Cada respiração era trabalhosa, sufocada pelo filete de sangue que escorria da boca. Os olhos, cravados em mim, estavam em brasa – um olhar que não continha nada senão ódio.

Millicent deixou escapar a risada zombeteira de quem levou a melhor numa batalha árdua. Porque ela viu no meu rosto que eu sabia qual era a doença que a havia acometido. Tinha se vingado do rei, finalmente, levando a devastação para dentro da própria casa dele. Estava exultante em seu sofrimento, ciente de que sua morte significaria a morte de todos nós.

Eu havia entrado no quarto fervilhando de raiva justificada, mas o risinho dela abalou minha determinação. Virei-me e corri, com minha cabeça rodando, afrita para me distanciar da criatura em que ela havia se transformado. Eu tinha de encontrar o rei. Tinha de lhe dizer o que vira. Lembrei-me dos soldados, morrendo apesar da preocupação da rainha Lenore com os cuidados que lhes eram ministrados. Vi o rosto da minha mãe, cruelmente desfigurado em seus momentos finais. Minha mente lutou contra essas lembranças, contra o avanço da lógica que me levava a uma só conclusão, enquanto eu torcia, desesperada, para estar errada.

Quando cheguei à Câmara do Conselho, encontrei apenas sir Walthur e um dos escreventes da corte. Se meu sogro notou a tensão em minha voz quando perguntei pelo rei, não o demonstrou. Disse-me apenas para procurá-lo nos aposentos da

rainha e se voltou novamente para seus papéis. Sempre fora diligente nos seus deveres, mas agora quase nunca saía da Câmara do Conselho, exceto para fazer as refeições. Eu achava que suas ausências frequentes dos aposentos da família eram um claro sinal de que ele preferia não estar na minha companhia. Se entendesse melhor os modos de lidar com o luto, teria compreendido que não era a mim que sir Walthur evitava, e sim as lembranças do filho morto.

Encontrei o rei e a rainha sentados perto das janelas de sua sala de estar. Não me lembrava da última vez que os vira juntos assim, absortos numa conversa particular. Passado o peso da guerra, o soberano havia recuperado um pouco da saúde e em seu rosto não havia mais a expressão assombrada que ele exibira ao regressar da batalha. Embora eu não pudesse ouvir as palavras dele, estas haviam despertado um sorriso na rainha Lenore, um sorriso que se alargou quando ela me viu. A alegria de sua recepção deixou-me quase desolada.

– Elise – disse ela, com um sinal para que eu me aproximasse. – Você sabe há quanto tempo Rosa tem pedido para fazer uma viagem para além das fronteiras do reino. O rei concorda que este poderia ser um momento adequado para isso. Já imaginou o rosto dela, quando lhe contarmos?

Fazia um tempo enorme que eu não via a rainha contemplar o futuro com uma expectativa feliz. Foi doloroso interrompê-la com minhas notícias terríveis.

– Estou vindo do quarto de Millicent. Ela está à beira da morte.

– Então você traz uma boa notícia – disse o rei, com um sorriso, mas a rainha se apressou a balançar a cabeça.

Apesar de eu haver planejado enunciar minhas suspeitas com palavras cautelosas, descobri que podia apenas dizer a verdade. No fundo, eu sabia o que havia ocorrido com Millicent. Já tinha visto os mesmos sinais.

– Ela está com varíola.

Os olhos da rainha se arregalaram, mas a expressão do rei manteve-se inalterada.

– Bobagem. Ela é uma velha doente. Chegou a sua hora.

– Milorde, com todo o respeito, o senhor não a viu. A pele está coberta de pústulas e ela está sangrando pela boca e pelo nariz. Minha mãe morreu de varíola e teve exatamente essas aflições. Eu mesma tive a doença. Eu sei.

Vi o choque no rosto de ambos, o medo que entrou correndo, na esteira do meu anúncio.

– Os soldados – comentei, virando-me para a rainha Lenore. – Receio que eles também tenham sido contaminados.

– Impossível. Disseram-me que a varíola enegrece a pele e faz o corpo inchar. Não vi nenhuma dessas desfigurações.

– Ela pode assumir formas diferentes. O sinal mais certo são as pústulas. Quando foi visitá-los, a senhora viu erupções na pele de algum dos homens?

A preocupação começou a anuviá-lo seu olhar.

– Eles vinham dormindo do lado de fora, no chão. Achei que fossem picadas de insetos...

O rei a interrompeu, aborrecido, como se, por dizer aquelas palavras, eu houvesse lhes levado essa calamidade:

– Faz anos que não temos varíola nesta região!

– Millicent veio da Brithnia – ponderei. – Nossos soldados foram contaminados depois de lutar ao lado dos brithnianos. Talvez os homens deles tenham levado a doença para o campo de batalha.

Confrontado com a desgraça à sua porta, o rei Ranolf bem poderia haver desmoronado de desespero ou se revoltado contra a crueldade do destino. Em vez disso, levantou-se abruptamente, movido pela determinação, e anunciou que não havia tempo a perder. Depois de beijar o rosto da esposa e lhe garantir que tudo ficaria bem, saiu da sala em passos firmes, gritando ordens para seus lacaios e convocando os conselheiros à Câmara.

Menos de uma hora depois de minha visita a Millicent, o castelo estava em polvorosa. O rei ordenou que os feridos fossem retirados do terreno do castelo e levados para o convento de Santa Lúcia, escoltados pelos serviçais que haviam cuidado deles. Embora o pôr do sol se aproximasse, carros de mão e carroças foram enviados a St. Elsip para buscar estoques de cerveja, farinha de trigo e outros mantimentos. Pajens viajaram a fazendas vizinhas com sacos de ouro, para comprar animais das criações. Nenhum súdito do rei sabia a natureza do perigo que teria de enfrentar, mas todos cumpriram suas ordens sem hesitação.

Só à noite, à luz bruxuleante das velas do Grande Salão, foi que o rei anunciou o que alguns já tinham adivinhado. Àquela altura, alguns criados tinham regressado de St. Elsip com histórias de homens da cidade cujos ferimentos não se curavam e que agora pareciam mais frágeis do que ao retornarem da batalha. Um mau pressentimento vagou pelo castelo como uma névoa úmida, tornando mais lenta a nossa marcha, ao nos dirigirmos à assembleia do soberano.

O rei Ranolf não se absteve de falar com clareza. Nossos soldados tinham sido contaminados pela varíola, disse, em meio a arquejos dispersos. St. Elsip – o reino inteiro, na verdade – poderia ser varrida pela peste, mas ele não se curvaria diante da moléstia. Os homens doentes tinham sido banidos do castelo e, na manhã seguinte, ele fecharia os portões, para nos proteger de qualquer outra ameaça da doença. Os que desejassem reunir-se com seus familiares em outros locais teriam liberdade para partir. Nas semanas e nos meses seguintes, o restante de nós permaneceria encerrado dentro daquelas paredes, sem contato com o exterior.

## TEMPOS DE DESESPERO

Se a varíola houvesse se espalhado tão rápido quanto nossos temores, teríamos estado mortos pela manhã. O fogo ardeu nas lareiras do Salão Inferior até muito depois do horário em que costumava ter se reduzido a cinzas. Relutando em enfrentar a desanimação de sir Walthur em meus aposentos, optei por me sentar entre os criados, enquanto redigia às pressas uma carta para Prielle, instando-a a permanecer dentro de casa até que a doença passasse pela cidade. A meu redor, vozes se misturavam com o crepitar das chamas e fiquei contemplando o brilho do fogo enquanto ele fazia meu rosto ficar coberto de suor.

Uma sombra avultou a meu lado e, ao me virar, vi a jovem criada Liya, que me fitava com um olhar de assombro.

– É verdade? Lady Millicent está com varíola? – perguntou.

Embora o rei Ranolf não houvesse falado o nome da doença em seu discurso perante a corte, eu ouvira outras pessoas murmurado pelo castelo. Assenti.

– O que devo fazer? – disse a moça num apelo. – Não suporto voltar lá.

Na última vez em que eu vira Millicent, ela mal chegava a ser humana. A comida seria desperdiçada na casca putrefata em que ela se transformara.

– Ela já deve estar morta ou perto disso – retruquei, com firme autoridade. – Deixe que apodreça.

Surpresa com meu tom ríspido, Liya assentiu depressa e saiu correndo. Não me importava que ela me achasse cruel. Millicent merecia jazer sozinha em seu leito de morte.

Fartos de se angustiar com sua possível desgraça, os outros serviais começaram a se retirar para suas acomodações, conscientes de que a crise não os liberaria de suas tarefas na manhã seguinte. Chamei à parte um dos meninos que trabalhavam nos depósitos de mantimentos e lhe dei uma moeda para que entregasse minha carta naquela noite. Havendo cumprido meu dever para com o que restava de minha família, voltei ao meu quarto, mas passei o resto da noite num estupor desorientado, sem conseguir dormir.

Ao amanhecer, quando ouvi sons na sala de estar, levantei-me da cama, aliviada por Anika ter me levado o desjejum, pois eu mal havia comido na véspera. Ao sair do quarto, no entanto, vi sir Walthur retirando sua preciosa coleção de livros do alto de um baú e colocando-os numa bolsa de couro. Ele parou ao me ver.

– Lamento tê-la acordado – disse.

– Não consegui dormir – respondi. Notei duas sacolas a seus pés. – O senhor vai embora?

Ele fez um breve meneio com a cabeça, assentindo.

– Decidi voltar para minha propriedade no interior.

Eu nunca havia imaginado que o conselheiro mais íntimo do rei fosse abandoná-lo nessa hora de desespero. Meu rosto deve ter deixado transparecer meu choque, pois sir Walthur apressou-se a se explicar:

– Lá será muito mais seguro. Apesar das garantias do rei, temo que o castelo não seja poupado pela varíola.

– Tenho o mesmo receio – falei.

Era a primeira vez que eu enunciava minhas dúvidas em voz alta. Sir Walthur não pareceu surpreso, apenas resignado.

– Confesso que, desde a morte de Dorian, tenho me sentido atraído pelo que resta da minha família. Meu filho mais velho não tem nenhum dos encantos de Dorian, mas é leal. Agora, os filhos dele são meus herdeiros, meu legado, e está na hora de eu compartilhar com eles a pouca sabedoria que possuo. Como esposa de Dorian, você tem direito a um lugar conosco.

Pelo tom de sua voz, eu não soube dizer o que ele esperava que eu dissesse.

– Obrigada, mas não posso abandonar minha senhora nem a princesa Rosa. Elas precisarão de mim.

– Precisarão, sim – concordou ele.

Tornou a se voltar para seus livros e me perguntei se eu estaria sendo dispensada. Quando me encaminhava para a porta, sir Walthur me deteve:

– O rei me disse que foi você quem chamou a atenção dele para a varíola.

– Vi os sinais em Millicent. Desejaria de todo o coração não tê-los testemunhado.

– Você já tinha visto esses sinais?

Assenti.

– A varíola levou minha mãe e quatro de meus irmãos.

Sir Walthur me avaliou com ar solene.

– E você escapou ilesa?

– A doença me derrubou por alguns dias, mas recuperei a saúde.

– Então deverá ser poupada desta vez. Você é mesmo abençoada.

*Não, tive vontade de lhe dizer, sou amaldiçoada. Que pecado terei cometido para que esse flagelo torne a me atingir?*

– Você fará bem em ficar – continuou sir Walthur, fechando a bolsa de couro. – Creio que as fileiras do castelo serão muito reduzidas, e o rei e a rainha precisarão da sua força. – Abaixou-se e pegou sua bagagem. – Está na hora de ir. Se partir agora, talvez faça a viagem em dois dias.

– O senhor pediu uma carruagem? – perguntei. – Vou mandar Anika...

Sir Walthur me deteve com um gesto.

– Faz muito tempo que as carruagens foram tomadas. Não ouviu a comoção, ontem à noite? Damas e cavalheiros brigando feito crianças para ver quem conseguia partir mais depressa? Não, viajarei como já fiz: sozinho, a cavalo. Minha égua branca me servirá bem.

– Nesse caso, deixe-me ajudá-lo com a bagagem – ofereci-me. – A menos que o senhor queira dar uma palavra com o rei, antes disso.

– Eu lhe disse o que tinha a dizer ontem à noite – retrucou sir Walthur.

Uma expressão sofrida cruzou rapidamente seu rosto e me fez pensar no que teria acontecido entre eles. Meu sogro era mais que um conselheiro: era um dos poucos homens em quem o rei depositava absoluta confiança. Pela sua expressão, a despedida tinha sido dolorosa para os dois.

Ele me deixou carregar a bolsa de livros enquanto levantava as outras sacolas e as pendurava nas costas. Embora seu rosto houvesse envelhecido de tristeza desde a morte de Dorian, ele mantinha a coluna firmemente empertigada, ciente de que todos os olhares se voltariam para ele. Descemos e passamos pelas cozinhas, saindo pelas portas em frente à estrebaria. O cenário no pátio dos fundos era de completa desordem: ovelhas e porcos trazidos de fazendas vizinhas vagavam a esmo, enquanto damas trajando elegantes roupas de viagem disputavam cavalos e carruagens, com pilhas de bens amontoadas entre elas. Na corrida louca para fugir do castelo, a etiqueta da corte fora substituída pelo desespero egoísta.

Uma indicação de quanto já haviam baixado os padrões foi que ninguém correu para auxiliar o principal conselheiro do rei. Notei um jovem cavaleiro nas imediações, observando as ocorrências de boca aberta. Puxei-o pela orelha e apontei para sir Walthur.

– Vá buscar o cavalo e a sela dele, depressa! – ordenei.

O garoto saiu correndo e, minutos depois, sir Walthur estava montado, pronto para partir. Inclinou-se para mim e elevou a voz acima de seu costureiro murmurio grave, para se fazer ouvir apesar da comoção:

– Não quer reconsiderar minha oferta?

Balancei a cabeça.

– Nesse caso, desejo que tenha sempre saúde. E felicidade. É o que Dorian também desejaria para você.

Meus olhos se encheram de lágrimas ao som do nome do filho dele. Naquele breve momento, senti a presença de Dorian, observando-nos em silêncio, com seu conhecido sorriso maroto.

Sir Walthur balançou as rédeas e o cavalo foi pisando, cauteloso, por entre a massa humana. Sem rumo em meio à comoção, não consegui pensar em outra coisa para fazer senão ir atrás dele. Evitando os cavalos e as rodas das carruagens, fui beirando a parede áspera de pedra e cruzei o arco para o pátio da frente. Esse espaço vasto, em geral sereno, não fora poupado do tumulto que havia transtornado o resto da fortaleza. A área ao ar livre em que um dia houvera crianças girando seus arcos e onde os cavaleiros tinham desfilado para admiração das damas de companhia da rainha Lenore estava abarrotada de porcos e galinhas. Sacos de cereal amontoavam-se em pilhas confusas e grupos de criados reuniam-se num ócio inusitado. A cacofonia das vozes quase abafava o barulho das carruagens, mas as

peçoas que vi no pátio estavam em silêncio, observando, ressabiadas, algo que eu ainda não conseguia ver. Quando o cavalo de sir Walthur se aproximou dos portões parcialmente abertos, dei alguns passos à frente e me detive, assustada.

Pela abertura estreita vi um enxame de peçoas que se acotovelavam, pedindo atenção aos gritos. Minha primeira impressão foi que estavam aborrecidas com a decisão do rei de isolar sua corte. Mas logo percebi que a verdade era justamente o inverso. Fazendo força ombro a ombro, elas se empurravam e oscilavam contra os braços esticados dos guardas, como uma massa pulsante de corpos. Mães desesperadas empurravam os filhos pequenos para a frente. Uma delas procurou chamar minha atenção e me estendeu seu bebê:

– Pegue-o! – implorou. – Mantenha meu filho seguro!

Recuei, horrorizada. Tive vontade de lhes dizer que a varíola já estava entre nós, que o castelo poderia muito bem tornar-se uma sepultura em vez de um refúgio. Mas essas verdades não podiam ser enunciadas em voz alta. De qualquer modo, duvido que as centenas de peçoas ali reunidas acreditassem em mim. Estavam desesperadas para se salvar e viam no castelo sua única esperança.

Quando o cavalo de sir Walthur e as últimas carruagens se aproximaram dos portões, os guardas começaram a gritar “Para trás! Para trás!”. Puxaram os portões pesados para dentro, alargando a abertura, e a multidão avançou. Um garoto de não mais que 5 ou 6 anos foi o primeiro a entrar correndo. Só deu alguns passos até um chicote estalar e ele cair com um gemido de dar pena. Outra estalada cortou o barulho estridente e levantei os olhos para a carruagem que havia parado a meu lado. Elgar, agora um dos estribeiros, estava na plataforma do cocheiro, com as rédeas numa das mãos e o chicote na outra. Capsei um breve vislumbre dos passageiros pela janela: duas irmãs que eram parentas distantes de lady Wintermale e haviam passado alguns anos na corte sob a supervisão dela; a mais velha fechou depressa a cortina, para esconder o rosto de ambas.

– Abram passagem, seus animais! – gritou Elgar.

Aos poucos, com cautela, a multidão se dividiu e a carruagem conduzida por Elgar cruzou estrepitosamente os portões. Foi seguida por outras duas e por sir Walthur. Ele não olhou para trás. Assim que os últimos cavalos passaram, os guardas retomaram sua defesa e o povo lá fora recomeçou seus apelos.

Voltei ao pátio, por pouco não tropeçando num galo que era perseguido por um garoto de rosto afogueado. Talvez aquela visão diminuisse a dignidade do castelo, mas senti-me grata ao rei por ter dedicado a atenção necessária a nossos mantimentos. Precisaria haver uma quantidade considerável de animais para manter o castelo alimentado. Talvez em algum momento fôssemos forçados a comer como os homens sitiados, que recebem uma pequena porção de mingau que diminui a cada manhã e precisa durar o dia inteiro.

– Sra. Elise?

Parei ao som do meu nome. Diante de mim estava um jovem lacaio cujo rosto

reconheci, embora não conseguisse lembrar seu nome.

– Há um homem lá na frente perguntando pela senhora. Os guardas têm ordem de não deixar ninguém entrar, sem exceção, mas ele me jogou uma moeda para que eu viesse procurá-la.

– Um homem? Que homem? – perguntei.

O laçao deu de ombros.

– Um homem da cidade, bem falante. Queria que eu visse se a senhora estava bem, e está. Foi o dinheiro mais fácil que já ganhei.

Ele se virou para voltar aos portões do castelo e eu o segui, com medo de me aproximar da massa desvairada do lado de fora. O laçao postou-se logo atrás da fileira de guardas e correu os olhos pela multidão, até achar quem estava procurando e levantar uma das mãos. Um homem forçou a passagem entre as pessoas amontoadas e criou uma onda contínua de movimento de ambos os lados, ao avançar com determinação.

Era Marcus.

As mudanças provocadas pela idade foram fáceis de notar: o cabelo estava bem aparado, e não caindo pela testa de qualquer jeito, e sua estrutura havia encorpado, assumindo uma saudável solidez. Mas o que me impressionou foi o que *não* havia mudado. Olhamos um para o outro, separados por um escudo humano de soldados, mas foi como se estivéssemos sozinhos. O alívio inundou-lhe o rosto e ele falou depressa, sabendo que o momento não dava margem a amenidades:

– Elise, graças a Deus a encontrei.

– O que está fazendo aqui? – perguntei, desnorteada pela visão inesperada dele, em meio à comoção.

– O cunhado da Hester está doente, e a irmã dela perguntou se ela poderia vir ajudar. Trouxe-a hoje de manhã, mas na cidade só se fala de uma doença estranha...

– Leve a sua mulher para casa – falei, com urgência. – Imediatamente. Vocês deverão estar a salvo do contágio no curtime.

– Então é verdade? É varíola?

– Sim.

As pessoas que imprensavam Marcus, confirmadas as suas suspeitas, começaram a repetir minhas palavras umas para as outras e os pedidos de ingresso no castelo adquiriram uma nova urgência. Elas acreditavam cega e desesperadamente que seu rei poderia mantê-las seguras. O comandante da guarda, postado no final dessa fileira de homens, fechou a carranca, inspecionando o tumulto.

– Você ficará segura aqui? – perguntou Marcus.

Quase ri. Ali estava eu, alguém a quem fora concedido refúgio na companhia da realeza, uma honra que as massas à nossa volta se considerariam abençoadas por compartilhar.

– Não se preocupe comigo – respondi.

Enquanto eu terminava a frase, percebi a magnitude do que ele tinha feito. A

preocupação comigo é que o levara até ali, atravessando aquela multidão, apesar das solicitações de sua família. Ao surgir a ameaça de desastre, minha segurança é que havia brotado na cabeça dele.

– Se você quiser ir embora – ofereceu –, será bem-vinda para ficar conosco o tempo que quiser.

Fiquei pensando no que sua mulher diria sobre meu aparecimento repentino. Porque pude ver no rosto decidido de Marcus o mesmo homem que um dia me dissera que não oferecia seu amor de forma leviana. Não conseguia esconder sua preocupação pelo meu bem-estar, assim como eu não podia disfarçar meu prazer em revê-lo. Eram sentimentos perigosos para serem revelados por um homem casado e uma viúva.

– Você sabe que não posso partir – falei.

Ecos de nossa antiga despedida ressoaram pelos anos decorridos. Mais uma vez, Marcus me oferecia a fuga e eu escolhia o dever. Dessa vez ele aceitou minha resposta com resignação, como se não houvesse esperado outra.

– Elise, você tem que me prometer...

A barganha que ele pretendia propor, fosse qual fosse, de repente foi abafada por um grito ríspido do comandante da guarda. A fileira de homens se fechou mais e, com um ressoar de madeira e metal, os portões começaram a se mover. Gritos de consternação e raiva irromperam do lado de fora. Marcus estendeu a mão para mim, num gesto aflito de despedida, mas logo foi tragado pela pressão dos corpos e puxado para trás. Um rapazinho mirrado tentou entrar, espremendo-se entre dois guardas, e foi repelido com tanta força que caiu esparramado na lama. O rosto aflito de Marcus desapareceu entre as mãos, os bebês e os velhos, enquanto as portas maciças se fechavam. Com um som decidido, barras de ferro foram atravessadas nos portões, para mantê-los no lugar. Aturdida e arrasada, corri os olhos pelo pátio e vi pastores, pajens, criadas de cozinha e estribeiros. Ninguém parecia grato por ser trancafiado longe da doença. O que vi em todos os rostos foi medo.



Podíamos ter nos retirado do mundo, mas o castelo se encontrava longe de estar sereno. Com os balidos dos animais e as conversas constantes pelos corredores, havia várias atividades em curso, sem propósito definido. Um bom número de nobres havia optado por partir, como vi pelas mesas vazias no jantar daquela noite, porém a maioria dos criados não tinha outro lugar para ir. O rei, a rainha e Rosa sentaram-se em seus lugares habituais, mais por dever do que por fome, pois mal tocaram em suas refeições. Mais tarde, Rosa me perguntou se eu poderia acompanhá-la até seu quarto. Dispensou a criada e se pôs a andar de um lado para outro, entre a porta e a janela, com os nervos à flor da pele.

– Os empregados estão dizendo que tia Millicent está quase morrendo de varíola. É verdade?

– É – respondi.

E fechei minha mente para os horrores daquele quarto fétido.

– Ela pode ter passado a doença para mim?

– Não poderia ter prejudicado você numa visita tão curta – retruquei, com uma certeza que não sentia.

– Eu bem que poderia morrer – disse ela, em tom pesaroso. – Minha mãe prometeu que me deixaria viajar quando a guerra terminasse. Pensei que enfim veria alguma coisa do mundo. Em vez disso, estou condenada a apodrecer dentro destas paredes.

– Está longe de ser tão ruim assim – retruquei. *Ela precisava de uma distração*, pensei, *alguma outra coisa para a qual voltasse sua mente*. – Você já avançou mais no seu poema?

– Tenho achado difícil captar a vitalidade de Dorian – disse Rosa, desanimada. Em seguida, levantou a cabeça para mim, os olhos brilhando com uma curiosidade estimulante. – Seria de grande ajuda se você me falasse mais dele e de suas proezas.

Tive de engolir o riso. As proezas de Dorian eram principalmente do tipo sexual e não chegavam nem perto de ser dignas dos versos de uma donzela.

– Vou pensar nisso – prometi. – Mas não quero você lamentando heróis que tombaram. Precisamos descobrir outras maneiras de ocupar seu tempo. Quem sabe o bordado?

Rosa franziu a testa.

– Não é um substituto tão interessante da dança.

– Faremos alguma coisa bonita. Quando a varíola passar, voltará a haver conversas sobre pretendentes. Não podemos casar você sem anáguas e camisolas refinadas.

– Você acha que serei consultada na minha próxima escolha de um marido?

– Bem, agora você está mais velha. Sem dúvida tem algumas preferências que vai querer compartilhar com seu pai.

– Tenho, sim.

– Hum. – Fingi considerar o assunto. – Alguém lindo e elegante, é claro. Inteligente e viajado. Um homem do mundo, diríamos. Que seja tão talentoso na conversa quanto na dança.

Rosa riu, provando com as faces ruborizadas que minhas insinuações sobre Joffrey haviam acertado o alvo. Nessa ocasião, ela estava com a mesma idade que eu tinha na época em que Marcus ocupava todos os meus pensamentos, em que meu coração disparava ao imaginar os beijos dele. Talvez Rosa também encontrasse consolo nessas fantasias. Eu esperava que sim. Queria protegê-la da varíola acima de tudo, mas, se também pudesse preservar seu espírito, eu consideraria bem-feito o meu trabalho.



Quando recordo aqueles dias, é da vigilância que mais me lembro. Como faziam muitos serviçais, era comum eu subir ao topo das muralhas do castelo para observar St. Elsip, mas, daquela distância, o destino da cidade não ficava claro. A diferença mais marcante era o vazio das ruas. Vez por outra, viam-se figuras minúsculas correndo ao longe, mas os parâmetros habituais que marcavam a passagem do tempo haviam desaparecido. Não havia feiras livres nem chamados dos sinos da igreja para o ofício religioso, nem crianças correndo no campo ao longo das margens dos rios. Como estaria Prielle, eu me perguntava, confinada em casa com seus pais infelizes, temendo por seu futuro? Uma moça com o seu temperamento sensível sentiria o peso daqueles tempos difíceis de forma mais profunda que outras, e eu torcia desesperadamente para que a varíola não atingisse sua família. Depois, meus olhos vagavam para além de St. Elsip, para as árvores que cercavam o curtume, e meus pensamentos voltavam-se para Marcus. Estaria em segurança? Será que um dia eu voltaria a vê-lo?

Dentro das muralhas, buscávamos sinais da doença entre nós. Qualquer tosse era motivo de cochichos, e dores e indisposições normais eram discutidas como assuntos de vida ou morte. Uma ajudante de cozinha tornou-se alvo de conjecturas assustadas quando acordou febril e não conseguiu levantar-se da cama; foi imediatamente afastada e recebeu ordens de dormir na estrebaria. Depois disso, ninguém se atreveu a demonstrar qualquer fraqueza. Mas estávamos todos adoecidos na mente. Desde os mais jovens meninos de recado até as damas de companhia que ainda restavam com a rainha Lenore, todos carregavam o fardo do medo. Seguíamos em frente apesar do seu peso, cumprindo nossos deveres sem muito ânimo e contando em silêncio os dias que faltavam para o momento em que poderíamos considerar-nos fora de perigo.

Uma vez ou outra, alguém pedia permissão para ir embora e uma fresta era aberta nos portões para que a pessoa saísse. Em sua maioria, os que partiam haviam deixado familiares no interior e tinham esperança de que a casa longínqua de uma irmã ou um primo oferecesse segurança. Só uma dessas partidas me causou tristeza pessoal. Passada uma semana de nossa reclusão, espalhou-se no Salão Inferior a notícia de que a Sra. Tewkes tinha ido embora. Mandara avisar a rainha e saíra na calada da noite, sem se despedir de nenhum de seus subalternos. Isso foi visto como um presságio inquietante, porque a mulher havia dedicado a vida inteira ao serviço do rei. Nunca imaginaríamos que nos abandonasse.

Eu me julgava ligada à Sra. Tewkes por nosso amor por minha mãe, e fiquei arrasada por ela ter ido embora sem falar comigo. Talvez ela houvesse achado a partida silenciosa mais suportável, mas isso cobrou um tributo pesado de todos nós que permanecemos. Viúva desde longa data e sem filhos, eu não fazia ideia de quem a acolheria; ela nunca havia falado comigo sobre nenhum parente. Mas, como eu

vinha aprendendo depressa, os tempos de desespero levavam até os mais equilibrados a loucuras atípicas.

Entretanto, havendo tempo suficiente, a vida se adapta até às guinadas mais surpreendentes. Talvez eu nunca mais tivesse voltado a pensar na Sra. Tewkes se não fosse por Rosa e seu poema. Impedida de ter outros prazeres, ela dedicava horas a escrever sua celebração de Dorian e, vez por outra, lia uns trechos em voz alta para minha aprovação. Seu estilo me pareceu muito influenciado pelos autores favoritos de sua mãe, porém admirável para alguém com sua experiência limitada. Embora o herói virtuoso e abnegado que sua obra retratava tivesse pouca semelhança com meu marido, Rosa havia capturado bem a aparência e os maneirismos dele, e achei que não seria mau que essa imagem de Dorian viesse um dia a suplantiar as lembranças do homem, tal como tinha sido.

Minha única preocupação era o tempo enorme que Rosa dedicava à escrita. Pouco familiarizada com a narração de histórias, eu havia suposto que um poema fosse obra de um ou dois dias; a epopeia de Rosa já havia preenchido semanas, sem sinal visível do fim. A pele sob seus olhos tinha toques escurecidos e toda manhã ela pedia mais velas. Quando lhe perguntei em tom delicado se não gostaria de voltar sua atenção para outras coisas, ela descartou minha preocupação.

– Não posso parar agora – retrucou. – Comecei a cena da batalha, na qual Dorian salva a vida do meu pai.

O que uma menina mimada poderia entender da guerra? As imagens que me vinham à cabeça eram sombrias e cruéis: cavalos enlameados, levados ao limite de sua resistência, borrifos de sangue salpicando armaduras sem brilho, espadas afiadas rasgando a carne humana. Eu não queria que a mente de Rosa se perturbasse com essas coisas; já havia horror suficiente em nossa vida.

– É só que... – Rosa fez uma pausa e ajeitou seus papéis, como se estivesse ordenando as ideias. – Não sei descrever o príncipe Bowen. Marl é bem fácil: ele parecia um vilão, com o cabelo escuro e o gigantesco cavalo preto. Como era o príncipe Bowen?

Parou e me olhou, em expectativa. Bowen era seu tio, irmão do seu pai, mas ela nunca o havia conhecido. Era incrível que não tivesse perguntado por ele antes.

– Creio que, na juventude, ele tenha sido muito parecido com seu pai. Os dois tinham o mesmo cabelo meio ruivo, meio dourado, muito semelhante ao seu. Disseram-me que foi muito bonito. Quando eu o conheci, sua beleza tinha se desgastado. É o preço da vida devassa, suponho.

Arrependi-me dessas palavras no instante em que as disse. Felizmente, Rosa não pediu descrição dos muitos pecados do tio.

– Mas como é que ele pode ter sentido tanto ódio, a ponto de querer assassinar o próprio irmão?

– A inveja é uma força poderosa – respondi. – Mas nenhum de nós achou que Bowen seria capaz de praticar esse ato com as próprias mãos. Foi por isso que seu

pai foi pego desprevenido.

– Ah. – Rosa deu um suspiro e esfregou os olhos. – Sim, farei um final dramático.

Não pareceu entusiasmada com a perspectiva de escrevê-lo.

– Acho que você precisa de um descanso – falei, e balancei a cabeça quando ela começou a protestar. – Não pode só escrever, sem fazer nenhuma pausa. Que tal lermos uns outros poemas? Talvez você se inspire neles e tenha ideias para o seu.

– Não sei se vai adiantar alguma coisa. Conheço de cor os livros da mamãe.

É claro que conhecia; livros eram uma mercadoria rara na corte. De repente, lembrei-me da pilha bem arrumada no quarto da Sra. Tewkes e do susto que eu levava ao vê-la, na minha chegada ao castelo. Afora a rainha e sir Walthur, a Sra. Tewkes era a única pessoa que sabia ler alguma outra coisa que não versículos da Bíblia. Teria levado seus livros ao partir? Nem todos, com certeza; uma mulher, viajando sozinha, haveria de se poupar de uma carga tão pesada. Resolvi fazer uma surpresa a Rosa e pedi licença, no intuito de descer e dar uma olhada.

A porta do quarto da Sra. Tewkes, no fim do Salão Inferior, estava fechada desde que ela partira. Como a maioria das portas do castelo, não tinha fechadura, mas hesitei antes de entrar. A Sra. Tewkes tinha sido uma força muito poderosa para todos os que serviram sob a sua chefia; vasculhar seus pertences parecia uma traição dos padrões elevados que ela sempre defendera. Eu disse a mim mesma que só estava fazendo aquilo para ajudar Rosa, um objetivo que a própria Sra. Tewkes teria enaltecido, e abri a porta. O quarto estava mergulhado na penumbra; um pesado tapete cinzento fora pendurado na janela, bloqueando a luz do sol. A pilha de livros continuava em seu lugar habitual na mesa, mas decifrar os títulos com aquela iluminação tênue seria impossível. Fui até a janela retirar a cobertura, mas tropecei num obstáculo entre a escrivaninha e a cama. Distraída pelo barulho, abaixei-me para levantar uma banquetta que havia caído. Nessa posição mais baixa, fiquei com os olhos na altura da cama e pude ver que ali havia uma figura humana.

O susto me deixou paralisada. Quem seria tão desrespeitoso com a Sra. Tewkes a ponto de dormir em sua cama? Será que eu poderia recuar sem ser notada?

– Elise?

A voz foi pouco mais que um coaxo. Aproximei-me da cabeceira e fitei a Sra. Tewkes, com o rosto empolado e ardendo em febre. Os sinais da varíola estavam dolorosamente claros.

– Disseram-me que a senhora tinha ido embora... – comecei.

Ela me interrompeu balançando a cabeça, contraindo-se com a dor desse movimento.

– Eu não quis preocupar a rainha – disse.

A voz estava fraca, mas ainda com um toque da autoridade anterior.

– A senhora não pode ficar sozinha aqui! Vai precisar de água fresca, comida...

– Quem cuidaria de mim neste estado?

A Sra. Tewkes, que um dia havia comandado um exército de criados com pouco mais que um olhar, agora não era melhor que um leproso. Se viesse a público que estava com varíola, o próprio rei seria capaz de expulsá-la dos portões. Certificando-me de que ninguém me veria sair do quarto, fui buscar água e um pedaço de pão, depois esvaziei os dejetos do urinol que estava aos pés da cama, com os olhos lacrimejando por conta do mau cheiro.

– O que mais posso fazer? – perguntei.

– Meu sofrimento não vai demorar muito mais. Não preciso de nada além das suas orações – disse ela, e desviou o rosto. – Você já se expôs ao perigo. Vá.

– Logo tornarei a vir vê-la. Fique tranquila, não vou contar a ninguém.

A visão da Sra. Tewkes, resignada a seu destino terrível, perseguiu-me pelo resto do dia. Na manhã seguinte, voltei ao quarto dela com um jarro de água e mais pão. Umedeci um pano e o coloquei sobre sua testa. Os pontos inchados pareciam prestes a estourar. Seus olhos já sucumbiam à vermelhidão ardente que vinha das horas de vigília. Era uma bênção ela nunca ter visto a varíola, porque isso lhe poupava a noção do que estava por vir.

*Isto foi obra de Millicent*, pensei, sentindo uma onda de raiva. Embora a Sra. Tewkes estivesse fraca demais para responder a minhas perguntas, eu sabia que ela fora encarregada de cuidar de Millicent quando a bruxa velha retornara ao castelo. Era possível que Millicent tivesse segurado o braço dela. Sussurrado em seu ouvido. Ao amaldiçoar a Sra. Tewkes com aquela desgraça, ela também havia condenado todos os criados, pois poucos não precisavam ter contato com a governanta. Senti a varíola nos cercar, mas não podia fazer nada. Nada além de cuidar da Sra. Tewkes da melhor maneira possível, esfriando sua febre para lhe dar uma breve trégua da dor.

Ela morreu dois dias depois. Não tinha dito uma palavra desde a minha primeira visita e, quase no fim, perdida na névoa de uma febre eterna e escaldante, dificilmente estaria ciente da minha presença. A morte foi uma bênção, pois lhe trouxe o descanso que por tanto tempo lhe fora negado. Quando enfim seus olhos se fecharam e seu corpo foi libertado da angústia, puxei as cobertas sobre seu rosto desfigurado e murmurei uma prece por sua alma. Durante cada hora em que cuidara dela, eu soubera que era meu dever alertar o rei e a rainha sobre o destino da governanta. Mas não o fizera, na esperança vã de que meus cuidados pudessem bastar para salvá-la. A morte da Sra. Tewkes foi um duro lembrete da macabra determinação da peste de levar os maus e os bons. Mas minha pele continuou sem máculas, e meus olhos, límpidos.

Quando saí do quarto da governanta pela última vez, fechando a porta atrás de mim, um grupo de homens e mulheres da criadagem passou por mim no Salão Inferior, aparentemente desinteressado da minha presença. Eles conversavam em voz baixa, sem nenhuma das brincadeiras espirituosas que sempre tinham feito dessa parte do castelo a mais animada, porém não vi nenhum sinal de febre ou doença.

Será que a Sra. Tewkes se afastara cedo o bastante para impedir a disseminação da varíola? Seria possível que os outros criados fossem poupados? Eu estava tão focada em descartar a doença entre as criadas e os lacaios que não a procurei alguns andares acima, entre os de posição superior.

Quase todas as damas de companhia haviam abandonado o castelo, deixando lady Wintermale como a principal companheira da rainha – um destaque de que ela não desfrutava fazia alguns anos. Agora passava os dias ao lado da soberana, depreciando os mexericos mais recentes, ao mesmo tempo que compartilhava cada detalhe deles. Eu não me ressentia das atenções que ela dedicava à rainha; ao contrário de muitos que buscam conquistar a simpatia com lisonjas e mentiras, ela se orgulhava de dizer a verdade. Por mais exigente e imperiosa que fosse, tudo o que ela fazia era por amor à soberana.

Ouvi o som pela primeira vez quando lady Wintermale passou por mim no corredor, do lado de fora dos aposentos reais. Ela seguiu adiante com um breve aceno na minha direção, o bastante para eu perceber que seu rosto estava mais corado que de hábito, e em seguida pigarreou, com uma tosse curta e seca. Parei e me virei. Lady Wintermale entrou em seu quarto e fechou a porta. Segui-a, olhando em volta para ter certeza de que não estava sendo observada, e encostei o ouvido na porta. A tosse repetiu-se, dessa vez mais áspera. E de novo. Eu já ouvira aqueles sons, anos antes, na fazenda. Havia tossido exatamente do mesmo modo, certa manhã, sentindo-me ruborizada e indisposta; no dia seguinte, as manchas tinham aparecido em minha pele. Talvez lady Wintermale não soubesse o que aquela tosse pressagiava. Ou talvez estivesse esquadrinhando seu corpo, naquele exato momento, à procura das pústulas mortíferas. Senti um aperto de tristeza no peito. Essa notícia não poderia ser ocultada do rei e da rainha, mas encolhi-me à ideia de assumir esse dever. *Preciso ter certeza*, disse a mim mesma. *Só quando eu tiver certeza.*

Acenei para uma camareira que passava.

– Você viu a criada de lady Wintermale?

A moça balançou a cabeça.

– Não, senhora, hoje não. Nem ontem, pensando bem.

Bati à porta do quarto da dama de companhia. Após um momento, ela a abriu e me lançou um olhar raivoso de desconfiança. Estava com as faces rosadas e os olhos injetados.

– Perdoe-me – falei, curvando respeitosamente a cabeça. – Posso ter uma palavra com sua criada?

– Ela está doente – retrucou lady Wintermale. Em seguida, ao ver em meu rosto o desânimo ante suas palavras, apressou-se a explicar: – Um problema digestivo, ela me disse. Sempre teve o estômago fraco.

A Sra. Tewkes. Uma criada doente. Uma senhora da nobreza com tosse, fitando-me com olhos vermelhos. Num instante, percebi tudo: a morte avançando sem parar. Inevitável. Irreversível.

Mas o que eu poderia dizer? Embora meu mundo estivesse desmoronando, eu não podia lançar acusações sobre uma mulher de posição superior à minha.

– A sua saúde vai bem, espero? – perguntei.

Lady Wintermale empertigou-se, a imagem perfeita da honra ofendida.

– Ótima! – declarou.

Não compreendi como uma mulher direta como aquela, tão pronta a apontar erros nos outros, podia cegar-se para a verdade do seu estado.

– Se é só isso... – disse, torcendo o nariz, e fechou a porta na minha cara.

Esperei alguns momentos, ouvindo. A tosse não recomeçou. Será que minhas meras suspeitas convenceriam o rei a confinar lady Wintermale em seu quarto? Quem seria o próximo?

Uma visão terrível me ocorreu nesse momento, tão clara que meu peito se contraiu de horror. Vi todos os moradores do castelo, servos e senhores, sendo atingidos um a um por tosses e edemas, todos morrendo à minha volta numa inundação de sangue. E eu, sozinha naquele vasto castelo, como a única sobrevivente num reino de cadáveres.

*Dezoito*  
NO TÚMULO

No caminho para os aposentados da rainha Lenore, fui saudada pelo rei, que chegava para acompanhar a esposa no jantar. Com a drástica mudança de situação da corte, muitas das formalidades tinham sido abandonadas, e agora a refeição noturna era a única servida no Grande Salão. Os banquetes ricos em iguarias tinham sido substituídos por alguns pratos simples, e o número de mesas postas era metade do que tinha sido antes da guerra. Mas a família real continuava a sentar-se em seu estrado, presidindo o que restava de sua corte.

A rainha Lenore nos recebeu com um sorriso.

– Deem-me um momento, preciso me aprontar – falou, indicando o colo e os braços sem adornos.

Uma mulher de sua posição jamais apareceria em público sem joias adequadas a sua categoria.

– Lady Wintermale... – comecei, com o coração palpitando.

– Sim. É ela que tem a chave da minha caixa de joias. Aonde ela foi?

– Creio que adoeceu.

Pronunciei as palavras quase num sussurro, mas isso não atenuou seu efeito. A rainha Lenore prendeu a respiração e deu um passo em direção a mim.

– Adoeceu? – perguntou, segurando meu braço. – O que ela tem?

Meu rosto sombrio foi resposta suficiente, e a rainha me soltou com uma expressão de tanto desespero que me condeí dela.

– Sinto muito, mas a senhora precisa saber que a Sra. Tewkes também sucumbiu à doença, embora tenha tomado o cuidado de esconder esse fato. Ela morreu há pouco tempo.

– A Sra. Tewkes? Morta? – disse a rainha, a voz elevando-se junto com seu pânico. – Se a varíola a levou, levará todos nós. Achei que estávamos protegidos, mas não há como escapar desse mal, agora percebo...

Esperei que o rei a acalmasse, mas, em vez disso, ele deixou a esposa prosseguir em suas divagações aterrorizadas. Afundou numa cadeira e ficou olhando para o nada. Foi a primeira vez que vi seu dom com as palavras abandoná-lo, e seu silêncio me enregelou mais do que as profecias de desgraça da rainha.

– Temos que sair daqui – disse a soberana, torcendo as mãos nas dobras da saia e andando de um lado para outro diante do marido. – O rei de Hirathion nos daria asilo, não é?

O rei Ranolf não respondeu.

– Um navio! – exclamou ela. – Sim, sim, a saída é essa. Navegaremos pelo rio até estarmos longe do contágio. Se conseguirmos chegar ao mar, há muitas terras

que nos ofereceriam abrigo. Eu poderia mandar avisar meu pai. Ele nos receberia pelo tempo que fosse necessário, tenho certeza.

Mesmo que o rei aprovasse esse plano louco, eu sabia, por minhas caminhadas no topo das muralhas, que não se poderia obter nenhuma embarcação. O porto de St. Elsip estava deserto; qualquer um que dispusesse de um barco havia zarpado fazia muito tempo. Não haveria como fugir pela água.

– Nenhum de nós será poupado – disse o rei, cuja voz fez cessar num instante a movimentação frenética da esposa. – Fui um tolo ao pensar que poderia manter a variola afastada.

Falou com a voz saudosa, a de um velho que recorda a juventude.

– Se lady Wintermale adoeceu, não há mais nada a fazer. Devemos aceitar nosso destino.

As pernas da rainha Lenore cederam e ela caiu aos pés do marido, afundando o rosto na barra da sua túnica. Seu corpo ficou trêmulo e ela irrompeu em gritos desesperados, atormentados, a destilação da própria essência do sofrimento humano. Não pude deixar de lembrar a rainha que eu havia conhecido um dia, muito tempo antes, capaz de ficar deitada na cama, chorando, sem emitir um único som. Anos de autorrecriminação haviam desgastado aquela força interna e não restava nenhuma defesa. O rei Ranolf permaneceu sentado, imóvel, sem fazer qualquer tentativa de aplacar a angústia da mulher. Seria aquele momento a sentença de morte do seu casamento, antes tão apaixonado? Eu nunca poderia assistir com tanta frieza ao sofrimento de uma pessoa querida. Se fosse Rosa soluçando diante de mim, eu a abraçaria, a fagaria seu cabelo, murmuraria palavras de estímulo...

– Rosa! – deixei escapar.

Ao ouvir o nome da filha, a rainha Lenore virou-se para mim, com um desvario de pavor no rosto manchado de lágrimas.

– Ela está bem – tranquilizei-a. – Desde que os portões foram fechados, tem permanecido quase o tempo todo em seus aposentos. – Olhei para o rei, na esperança de que ele entendesse aonde levavam meus pensamentos. – Talvez seja a salvação dela.

– Então ainda há uma chance para Rosa – disse o soberano, com súbita urgência. – Ela precisa ser afastada de qualquer um que possa estar com variola, seja cortesão ou criado. Elise, é verdade que a doença não pode atingir a mesma pessoa duas vezes?

Assenti.

– Nesse caso, você é a única em quem confio como companheira da minha filha.

Olhei do rei para a rainha. Ela escutava com os lábios cerrados, reprimindo as objeções. Não se oporia às ordens do marido na minha presença, porém jamais concordaria com uma separação da filha. Seria um preço alto demais a pagar.

– Vamos precisar de comida – falei em voz baixa. – E de lenha.

– Pois então, providencie. Já. Vou mandar meu valete ajudá-la nos depósitos.

Assenti.

– Cuide das suas tarefas com discrição. Se essa notícia se espalhar, é possível que desencadeie o pânico. Você e Rosa devem se trancar antes que qualquer pessoa saiba por quê.

Trançafiadas. Senti um aperto no peito ante essa perspectiva, mas me obriguei a voltar o pensamento para questões mais práticas. Por quanto tempo ficaríamos afastadas? De que outros suprimentos precisaríamos? A varíola levaria mais do que alguns dias para percorrer todo o castelo. Poderíamos sobreviver sozinhas durante semanas? Meses?

– Vá! – ordenou o rei.

Antes que eu tivesse tempo de compreender o que acontecia, o processo foi acionado. Corri até meu quarto e enchi um saco com roupas e meus poucos pertences pessoais; quando o levei para o quarto de Rosa, no alto da Torre Norte, já havia barris de vinho sendo carregados pela escada em caracol atrás de mim. Desci às cozinhas para ajudar a recolher alimentos. Sem a Sra. Tewkes e metade da criadagem, as instalações de serviço haviam mergulhado na desordem: as lareiras já não eram acendidas de manhã e as refeições de todos, exceto do círculo do rei, eram preparadas de qualquer jeito, quando o eram. Mas ali as palavras do soberano ainda tinham peso, e as ajudantes de cozinha me ajudaram com rapidez e sem questionamentos. O castelo não se degradara a ponto de desconsiderar os desejos do rei Ranolf.

Quando me convenci de que tínhamos mantimentos fartos o suficiente, arrastei um último saco de maçãs desidratadas para o quarto da Rosa. Fiz uma mesura para o rei ao cruzar com ele na porta, mas o soberano não registrou minha presença. A rainha Lenore estava logo à entrada, com as costas apoiadas na parede, como se pudesse desabar no chão sem aquele respaldo. Ao me avistar, chamou-me com um movimento rápido dos olhos e pôs uma bolsinha de veludo na minha mão. Capsei um lampejo de ouro pela abertura e, no mesmo instante, soube do que se tratava. Assenti, registrando em silêncio o desejo dela, e pus a bolsinha no fundo do baú em que ficavam guardados os vestidos de Rosa.

Do outro lado do quarto, a princesa achava-se sentada na cama, com as pernas dobradas embaixo das saias. Os pais deviam tê-la informado dos planos do rei enquanto eu estava lá embaixo, porque ela não fez nenhuma pergunta. Seu lábio inferior pendia num ligeiro muxoxo, um gesto com que eu era bastante familiarizada, por ser a mesma expressão de desagrado que ela usava desde que, ainda pequena, alguém lhe recusava um doce antes do jantar.

O valete do rei Ranolf depositou uma última tora sobre uma pilha de lenha. Virou-se para o soberano e disse:

– Pronto, milorde.

O rei assentiu com a cabeça e mandou que ele se retirasse. Inspeionei os limites da minha nova vida. À direita ficava a janela grande que dava para a zona rural,

uma paisagem intocada pelo contágio que havia silenciado St. Elsip. Abaixo dela estavam arrumadas pilhas de alimentos, junto a baldes de metal cheios de água. À minha esquerda ficava a mesa em que Rosa escrevia seus textos e costurava. Duas cadeiras com assento e encosto forrados de tapeçaria dispunham-se em frente à lareira. Para lá do arco ficava a cama grande de Rosa, coberta por um dossel de veludo púrpura. Embaixo dela vislumbrei uma ponta do catre de palha que seria minha cama. Recordei a choupana em que meus pais haviam criado seis filhos, num espaço que tinha a metade do tamanho daquele. Eles não achariam um transtorno o meu aprisionamento ali.

– Elise, tudo o que você solicitou está aqui? – perguntou-me o rei.

Assenti.

– Ótimo.

Ele não se mexeu. Olhei de relance para a rainha Lenore e vi uma mulher esmagada pela tristeza. Seus olhos estavam marejados de lágrimas quando ela contemplou Rosa, devorando a visão da filha.

– Quanto tempo terei de ficar trancada? – perguntou a princesa, num tom imperioso.

Começou a se levantar da cama, porém o rei levantou a mão para detê-la.

– Deixarei que Elise determine isso – respondeu ele. Fez sinal para eu me aproximar e murmurou suas ordens, longe dos ouvidos da filha. – Fique aqui enquanto durarem seus suprimentos. Se a varíola nos deixar, eu a avisarei assim que for seguro. Compreendeu?

– Sim, milorde.

– Tranque a porta e não a abra para ninguém.

Rosa deve ter ouvido isso, porque levantou a voz:

– Não me serão permitidas visitas?

– Não – rebateu o rei, num tom endurecido pela preocupação. – Ninguém pode chegar perto de você, não entende? Qualquer um de nós pode ser portador da doença, inclusive neste momento. – Virou-se para mim, resabiado: – Você não sentiu nenhum sinal?

– Não, milorde.

– O futuro do reino está em suas mãos.

A rainha Lenore prendeu a respiração num soluço abafado e Rosa saltou da cama. Estendi o braço para detê-la enquanto o rei gritava:

– Fique aí!

O semblante de Rosa abateu-se quando lhe veio a compreensão.

– Mamãe? – implorou.

As lágrimas corriam pelo rosto da rainha, cuja voz emergiu como um tênue sussurro:

– Temos de manter você em segurança. Não há outra saída.

Os lábios de Rosa estavam trêmulos. Ela olhou da mãe para o pai em desespero.

– Mas vocês não estão doentes. Por que tenho de ficar longe dos dois? Não vou suportar...

O rei deu as costas à filha, num gesto que pareceria insensível a quem não o conhecesse. Mas eu vi sua indiferença como o que realmente era: um modo de se proteger do desespero da filha.

– Lenore! – ordenou ele, em tom enérgico.

Soluços dilacerantes sacudiam o corpo da rainha quando ela afundou o rosto no peito do marido. Com firmeza, ele passou o braço em volta de seus ombros e a conduziu para a porta, enquanto eu segurava os pulsos de Rosa para impedi-la de atravessar correndo o quarto. Ela e a mãe irromperam numa cacofonia de lamentos, os gemidos da rainha soando graves e desconsolados, os protestos de Rosa tomando a forma de gritos histéricos. O rei arrastou a esposa para fora sem olhar para trás, o corpo dela arriado. Assim que os dois se afastaram, corri para a porta e a tranquei, instantes antes de Rosa se atirar contra ela, batendo freneticamente na madeira.

– Mamãe! – gritava. – Mamãe! Não me deixe!

Mantive as mãos no trinco, com firmeza, pronta a lutar com Rosa, se necessário. Mas ela descarregou a angústia nos painéis da porta, batendo tanto com as palmas das mãos que elas devem ter ardido em fogo. Quando enfim se prostrou de joelhos, abracei-a como costumava fazer quando ela era pequena e os pesadelos a faziam acordar aos gritos. Eu sabia que meu aconchego não podia oferecer o mesmo consolo de antes, e meu corpo chegou a doer com a sensação de impotência.

– Elise, e se eu não voltar a vê-los? E se eles morrerem? – perguntou a princesa, fitando-me com as bochechas coradas e os olhos vermelhos.

Ela enunciou meus próprios medos em voz alta. Mas eu levarei a sério as ordens do rei. Meu dever era proteger Rosa, mesmo à custa da verdade.

– Eles ficarão seguros – garanti-lhe. – A varíola passou pelas instalações dos criados, longe dos aposentos da sua mãe. Eles querem poupá-la de qualquer risco da doença, é só isso.

– Quanto tempo devemos esperar?

– Não muito. Uma semana, talvez duas. Ficaremos muito bem, você vai ver.

Rosa enxugou o rosto com o dorso da mão e respirou fundo, acalmando-se.

– Uma semana. Podemos aguentar.

– É claro que podemos – retruquei, confiante, estendendo a mão para que ela se levantasse. – Vamos, você precisa me ajudar a decidir a melhor maneira de arrumar todos esses mantimentos.

Rosa me acompanhou nessa tarefa com bastante disposição. Mas o eco dos soluços da rainha Lenore assombrou o quarto. Tentei pensar em alguma coisa para dizer, mas não adiantou. Nada seria capaz de abafar aquele som dilacerante.



Se revelei algum talento para relatar os acontecimentos da minha vida, agradeço aos dias que passei confinada com Rosa, pois eles fizeram de mim uma contadora de histórias. Ordenei nossos dias com a precisão com que antes a Sra. Tewkes havia supervisionado o funcionamento da casa: jejum ao raiar do dia, a manhã passada em leituras ou escrevendo, almoço ao meio-dia, seguido por trabalhos manuais à tarde, um jantar leve, que Rosa me ajudava a preparar, deslumbrando-se com minha capacidade de cozinhar sobre a chama de sua lareira, e, quando a luz do lado de fora esmaecia, uma conversa noturna, na qual nossas vozes vagavam na escuridão, até adormecermos.

Nas primeiras noites, recontei histórias que Rosa adorava quando pequena, histórias de belas princesas e nobres cavaleiros que matavam dragões cuspidores de fogo. Lendas em que se quebravam feitiços e o amor triunfava. Quando se esgotou meu estoque dessas diversões, passei para relatos mais verídicos. Tentei pintar imagens do lugar em que havia nascido, descrevendo a bruma que se elevava do chão ao alvorecer quando eu caminhava até o celeiro para ordenhar as vacas. Descrevi o modo como os bois marchavam pelos campos, abrindo sulcos ao passar. O cheiro das frutas fervendo em fogo brando, que nos enchia de uma fome voraz quando mamãe preparava os mantimentos para o inverno.

Não contei tudo: poupei-a da descrição das frieiras que nos atormentavam no inverno ou de como era me aninhar com meus irmãos sob um cobertor puído, nossos corpos tremendo uns contra os outros, num amontoado de membros ossudos e estômagos roncando. Não falei das surras do meu pai nem do desespero da minha mãe, com o olhar embotado. E não disse nada sobre a morte que havia roubado minha família. Recusei-me a falar da variola.

Em vez disso, relatei meu assombro ao ver o castelo pela primeira vez e meu deslumbramento ante a bondade da mãe dela. Falei da alegria da rainha Lenore à medida que seu ventre ia crescendo e da ternura com que o rei punha a mão na barriga dela. Como os dois ficaram felizes no dia em que Rosa nasceu! A lembrança trouxe pontadas de dor pelas perdas sofridas, mas essas histórias pareciam animar Rosa, pois era comum ela me pedir para descrever uma mesma cena várias vezes. De quando em quando, deitadas ali na escuridão, os anos se diluíam e era como se eu estivesse de volta ao quarto das criadas com Petra, trocando confidências sussurradas. Como Petra me parecera madura e segura naquela época, e como eu havia desejado ser igual a ela! Com o passar do tempo, nossas discordâncias tinham se reduzido a coisas insignificantes, e eu me contentava em recordá-la como uma amiga leal e em chorar sua ausência da minha vida. Como jamais havia conhecido uma amizade assim, Rosa não sentia falta de ter uma, mas, a meu ver, essa era a única riqueza que ela nunca havia possuído.

Os dias se passaram, uns iguais aos outros. Quando o quarto era banhado pela luz do dia, ficávamos animadas. Cuidávamos de nossas tarefas como se fosse perfeitamente razoável duas mulheres viverem isoladas do mundo, fazendo o papel

de damas graciosas, sem qualquer preocupação. Mas, quando se aproximava a noite, nosso ânimo ia ficando sombrio como o céu. Tendo apenas uma tênue visão do rosto uma da outra à luz do luar, abríamos nossos corações. Rosa começou a me pedir para preencher as lacunas de minhas lembranças.

– Você não falou do meu batismo – disse-me, uma noite.

– O que tem ele? – perguntei, precavida.

– Millicent. A maldição.

A voz dela estava carregada de tristeza. Ainda que, por um milagre, o rei e a rainha escapassem ilesos, Rosa carregaria para sempre o fardo desses dias. Os últimos vestígios da infância em seu corpo de mulher haviam desaparecido, substituídos pela consciência de que o destino era caprichoso e cruel. De que a beleza, a posição social e a fortuna não protegiam contra as perdas.

Depois de tudo o que havia acontecido, achei que já não lhe faria mal saber da verdade. Aliás, a história veio à tona facilmente, pois eu recordava cada momento com estranha clareza, desde o aparecimento de Millicent no Grande Salão até as garantias de Flora de que ela protegeria o bebê. A única parte de que não ousei falar foi da descrição da rainha Lenore sobre seu enfeitiçamento na caverna abaixo da igreja de Santa Agrelle. Essa história, decidi, devia permanecer tão enterrada quanto o próprio santuário maléfico.

– Ela acabou se vingando – murmurou Rosa. – Trouxe a morte para minha casa.

Apresei-me em afastar essas ideias:

– Millicent foi uma mulher ardilosa, mas não tinha poderes mágicos. A variola se espalha por conta própria, e atinge santos e pecadores sem distinção.

– Você acredita nisso?

– É claro – respondi em tom firme.

Mas eu não tinha como saber quem ela havia atingido fora da nossa porta, pois tinham se passado duas semanas desde aquela terrível separação entre mãe e filha. Não recebêramos nenhuma visita nem ouvimos passos no corredor do lado de fora. Eu havia esperado que a rainha Lenore buscasse algum tipo de contato com Rosa, através de cartas enfiadas por baixo da porta ou sussurros do lado de fora. Teria o rei ordenado que ela ficasse longe ou seria a doença que a impedia de ir à porta do quarto da filha? A melancolia de Rosa me contaminou e, nessa noite, não houve mais histórias, apenas lembranças silenciosas.

Todas as manhãs, Rosa me olhava ressabiada, os olhos formulando uma pergunta silenciosa. E todas as manhãs eu saía da minha cama e lhe virava as costas para lavar o rosto, recusando-me a responder. Preciso dar-lhe o crédito por não ficar gemendo suas queixas nem implorando para ser libertada; ela obedecia às minhas ordens e fazia de bom grado as tarefas que eu lhe dava. Depois de bordarmos todas as suas anáguas e as minhas, falei que começaríamos a fazer o mesmo com os lençóis; não podia permitir que passássemos o tempo ociosas. À

medida que meu estoque de histórias foi minguando, passei a florescer mexericos insignificantes da corte, transformando-os em grandes dramas, na tentativa cada vez mais desesperada de preencher nossas horas vazias. Uma noite, falei de um flerte de muitos anos antes entre uma cozinheira gorda e seu namorado comicamente miúdo, e estiquei cada incidente daquele romance, na esperança de que ele nos levasse além do pôr do sol. As sombras envolveram o quarto aos poucos e comecei a desatar os fitilhos do corpete de Rosa, preparando-a para dormir.

– Você contou muitas histórias de amor – disse ela, baixinho, olhando para a frente. – Não tem uma que seja sua?

Enrubesci, mesmo sabendo que ela não podia me ver. Fazia anos que eu não falava sobre Marcus. Conseguiria contar nossa história com o desapego do tempo que já passara ou ainda haveria em minha voz um vestígio dos anseios da juventude?

Rosa rompeu o silêncio enquanto tirava o vestido:

– Desculpe-me. Deve ser doloroso para você falar da felicidade que teve com seu marido.

Meu marido. Quando Rosa falava de amor, não era o nome de Dorian que me vinha à cabeça. Hesitei, lembrando-me do rosto de Marcus nos portões do castelo. A visão dele havia desencadeado muitas emoções que eu imaginava já terem sido enterradas havia muito tempo, e me peguei ansiando por resgatar as pessoas que um dia tínhamos sido, jovens, esperançosas e repletas de desejo.

– Houve um outro homem por quem me perdi de amores, muito antes de me casar com Dorian.

Rosa virou-se, com os olhos iluminados de expectativa. Sentou-se na cama e dobrou as pernas sob a camisola.

– Foi alguém que você conheceu quando era jovem? Na fazenda?

Dobrei seu vestido e o coloquei delicadamente no baú ao pé da cama.

– Não. Eu o conheci aqui, na cidade.

– Por que vocês não se casaram?

Rosa havia soltado as fitas do cabelo e as ondas avermelhadas desciam por seus ombros e braços. Voltou a parecer uma menina, tão livre de preocupações que me senti lançada de volta no tempo. Se a história do meu desgosto amoroso podia desviá-la do seu, valia a pena contá-la.

E foi assim que revelei o que se passara entre mim e Marcus. Com a sabedoria trazida pela idade, pude dar um depoimento objetivo sobre nós dois, reconhecendo nosso amor recíproco e as escolhas difíceis que tínhamos sido obrigados a fazer. Apesar disso, Rosa ficou indignada por mim.

– Devia haver um modo de você poder se casar com Marcus e continuar a trabalhar no castelo. O amor e o dever não podem andar juntos?

– Para uns poucos afortunados, sim. Como aconteceu com seus pais.

No instante em que proferi as palavras em voz alta, soube que havia cometido

um erro. O semblante de Rosa abateu-se e a escuridão do quarto deixou de ser calmante, tornando-se opressiva. Levantei-me depressa e acendi uma vela na mesinha ao lado da cama.

– Toda esta conversa sobre o amor me deixou pensando – comecei, descontraída, na esperança de levar o pensamento de Rosa para outro lugar. – Você nunca me contou o que aconteceu entre você e o belo embaixador naquela noite, na Sala de Recepção.

– Você vai me achar uma tola – disse ela.

Parou abruptamente, com aquele tipo de hesitação dramática que as mocinhas usam quando querem ser instigadas a prosseguir.

– Duvido muito. Eu não lhe confessei meu romance trágico? Em troca, preciso ouvir sua história.

– Você disse uma coisa sobre o seu rapaz, o Marcus. Sobre como soube que ele tinha certas qualidades, apesar de vocês quase não terem se falado. Parece quase impossível, não é, termos a sensação de já conhecer uma pessoa a quem acabamos de ser apresentados?

– Foi assim com Joffrey?

As palavras jorraram de sua boca como uma torrente irrefreável:

– Ah, se você o escutasse no banquete naquela noite! Ele era encantador, é claro, como devia ser um homem da sua posição. Mas não foi isso. Ele falou com a deferência apropriada, mas também como um igual. Eu seria capaz de passar horas conversando com ele, sem nunca me cansar. Sempre que ele sorria, era como se toda a minha alma se iluminasse. E depois, quando nós dançamos e nossas mãos se tocaram... houve um entendimento entre nós, algo além das palavras. Eu sabia que era errado, mas levei-o à Sala de Recepção sem pestanejar. Estava aflita por alguns momentos a sós.

Ela fez uma pausa, baixou os olhos para a saia e então continuou, com a voz apressada e nervosa:

– Ele beijou minhas mãos e disse que eu tinha roubado seu coração. Sei que os cortesãos vivem fazendo declarações desse tipo e que eu devia ter rido na cara dele, mas não ri. Eu acreditei.

Sua história tinha todas as marcas da paixão juvenil: o amor que brota de um olhar, dois corações que se unem sem palavras. Eu tinha lido mil vezes essas histórias nos poemas da rainha. O que não tornava a de Rosa menos verdadeira aos olhos dela.

– Joffrey me pareceu um homem honrado – comentei. – Do tipo que não brinca com a afeição de uma mulher.

– Eu disse que visitaria Hirathion – prosseguiu Rosa, animada por meu incentivo. – Que não descansaria enquanto não tornasse a vê-lo.

– Se o laço entre vocês foi tão forte quanto você diz, seus caminhos tornarão a se cruzar – garanti.

– Eles se cruzaram, de certo modo.

Rosa enfiou a mão embaixo do travesseiro e pegou um pedaço de papel dobrado num quadradinho. Ofereceu-o a mim em silêncio e eu o abri junto à vela que bruxuleava na mesa de cabeceira, alisando com cuidado as dobras. O texto fora bem redigido, como se esperaria de um homem tarimbado na diplomacia. Joffrey enviava suas congratulações pela vitória do rei Ranolf e expressava o desejo de seu soberano de que os dois reinos se mantivessem unidos pela amizade. Falava da acolhida calorosa que esperaria a família de Rosa, caso eles decidissem fazer uma visita, e dos locais que esperava mostrar-lhes. Não era uma carta de amor, pois qualquer de suas linhas poderia ser lida sem desconfiança por um genitor ou guardião curioso; cartas particulares não era algo que fizesse parte da vida de uma princesa real. No entanto, um tom saudoso perpassava cada palavra, para quem se dispusesse a vê-lo.

– Esta foi a única carta que ele mandou?

Rosa balançou a cabeça.

– Houve outras, antes que a guerra fechasse as estradas do Norte. Esta foi a primeira que recebi em meses. Eu estava muito aflita para saber se ele ainda pensava em mim!

– Pensava – falei. – E pensa.

– Sei que não posso me casar com ele – disse Rosa, fitando-me com aquele olhar atento que tanto me lembrava seu pai. O olhar de uma mulher que se fortalecia para assumir o peso da liderança. – Cumprirei meu dever. Casarei com um príncipe. Mas quero saber o que é amar, ao menos uma vez.

O rei Ranolf explodiria de raiva ao ouvir tal declaração de sua mimada Bela. Foi quase de partir o coração.

– Nesse caso, você o saberá. Seus pais já haviam concordado com essa viagem. Vou me certificar de que você e Joffrey possam ter algum tempo juntos, a sós.

Era uma promessa temerária. Rosa era impetuosa o bastante para beijá-lo; talvez mais. Não me importei. Passamos o resto dessa noite conversando como duas mocinhas, enquanto ela revivia cada momento da visita de Joffrey – e bloqueava a escuridão que nos cercava com lembranças de uma época em que tinha reluzido de felicidade.

Essa foi a conversa mais descontraída que me lembro de ter havido entre nós. Dias depois, quase todos os nossos baldes estavam vazios e a água no último deles não ultrapassava a altura de um dedo. Fazia tempo que o mau cheiro de nossos urinóis havia dominado o lilás e a sálvia desidratados que eu havia posto na caixa de madeira que os continha. Pelos meus cálculos, fazia três semanas que estávamos trancadas ali. Apesar das advertências do rei de que eu esperasse sua convocação, eu não podia mais adiar uma expedição para fora do nosso claustro.

– Você tem que ficar aqui – insisti com Rosa.

– Minha mãe e meu pai... – começou ela.

- Você não pode sair deste quarto até eu lhe dizer que é seguro. Vou encontrar seus pais, e talvez me aventure a ir a St. Elsip para ver minha prima, Prielle. Serei o mais veloz que puder. Prometa-me que vai esperar.

Rosa assentiu.

O trinco recuou com um ruído metálico. Abri a porta e dei uma olhada no corredor. Estava deserto. Embora o silêncio dessa ala remota sempre houvesse me deixado assustada, eu nunca a vira tão completamente quieta. Não havia passos distantes nem barulho de cascos de cavalo ou de trabalhadores no pátio da frente, tampouco uma única voz.

Arrastei nossos urinóis fétidos até a casinha de dejetos que havia ali perto e os esvaziei na fossa, pegando um urinol limpo depois. Rosa ficou parada na soleira da porta, observando, com o rosto inexpressivo. Entreguei-lhe o novo urinol e peguei nosso balde vazio de água, fazendo-lhe um aceno rápido com a cabeça antes de fechar a porta. Do outro lado, ouvi o trinco encaixar-se no lugar.

Diante de mim se estendia o corredor escuro que levava ao coração do castelo, entremeado de recuos sombrios que marcavam as entradas das passagens dos serviços. Achar o caminho para os aposentos reais significava vencer sozinha aqueles corredores e escadarias escuros e, por um momento, perdi a vontade de prosseguir. Lutando contra a ânsia de dar meia-volta, apertei com mais força a alça do balde e me obriguei a ir em frente. Meus passos ecoaram nas paredes de pedra e acelerei o passo até chegar à escadaria larga que levava direto às salas públicas do andar principal do castelo. Eu nunca vira aquela escada totalmente vazia, e foi nesse momento que eu soube, no fundo do coração, o que encontraria ao chegar lá embaixo.

Foi o cheiro que me atingiu primeiro. Quem já matou porcos ou galinhas numa fazenda reconhece o odor fétido da morte. Saí da escada e caminhei, hesitante, pelo corredor largo que passava pelos grandes salões públicos do castelo. Logo depois cheguei à capela e a uma cena de carnificina que eu gostaria de poder banir de meus pesadelos.

Havia começado de forma ordeira. Damas e cavalheiros de linhagem nobre tinham sido estendidos em fileiras bem arrumadas, diretamente em frente ao altar, sendo preparados para o sepultamento. Era provável que lady Wintermale estivesse entre eles. Mas esse respeito cuidadoso havia se transformado num caos repulsivo. À medida que a morte fizera a ronda do castelo, os corpos passaram a ser jogados uns sobre os outros, em pilhas espalhadas por todo o aposento, pés de um atravessados sobre os olhos de outro. Alguns tinham sido embrulhados em lençóis brancos, porém outros jaziam como haviam morrido, pessoas vestidas com as simples batas marrons das criadas misturando-se com outras, trajadas de luxuoso veludo tingido. Não me aproximei o bastante para reconhecer nenhum rosto; duvido que o conseguisse, pois as feições estavam inchadas e monstruosas, e a pele devastada e as bocas manchadas de sangue davam a todos, qualquer que fosse sua origem, a

mesma máscara mortuária.

O odor nauseante fez minha cabeça rodar e deixei cair o balde, temendo um desmaio. Mas não poderia voltar para junto de Rosa sem descobrir o destino de seus pais, mesmo já sabendo, no fundo, qual seria ele. Por maior que fosse o tumulto que tivesse tomado o castelo, os corpos do rei e da rainha nunca seriam acrescentados àquelas pilhas macabras. Seriam deixados expostos à visitação, como sua posição exigia. Aos poucos, com relutância, deixei a capela e subi a escada majestosa que passava pelo centro do castelo.

A sala de estar da rainha Lenore parecia inalterada: cadeiras dispostas com capricho em frente à lareira, a harpa num canto, à espera de um músico para tocá-la. Só as flores murchas num vaso sob a janela mostravam algum sinal de negligência. Pela porta do quarto, vi uma cena que me deixou por um momento enfraquecida de alívio. O rei e a rainha estavam pacificamente deitados na cama, juntos, de costas para mim, dormindo.

Bastou um passo à frente para que aquela cena se revelasse um retrato trágico. Quando me aproximei o bastante para ver o rosto do rei, descobri que a variola o havia submetido à sua devastação. As belas feições tinham sido dominadas por pústulas viscosas e a boca, com um contorno de sangue seco, fora aberta à força pela língua inchada e enegrecida. Olhá-lo era ver a agonia da morte transformada em realidade.

A seu lado, o rosto da rainha parecia singularmente intacto. Embora houvesse lanhos vermelhos espalhados por seu pescoço e queixo, as faces permaneciam lisas e a testa estava limpa. A variola parecia haver respeitado os restos de sua beleza, apesar de ter levado seu último suspiro.

A visão dos dois, unidos na morte, quase acabou comigo. Como eu poderia dizer a Rosa que seus amados pais estavam mortos? Que consolo poderia oferecer-lhe, depois de uma perda dessas proporções? Aflita para fugir do ranço de morte da câmara mortuária do rei e da rainha, saí correndo do quarto e descí a escada. Apanhei o balde de água e disparei pelas cozinhas desertas, seguindo até o poço no pátio dos fundos. As baias dos cavalos estavam vazias, assim como os cercados que haviam abrigado as ovelhas e os porcos, e rastros de cereais e farinha de trigo marcavam o caminho pelo qual os sacos tinham sido retirados dos depósitos. Carços de maçã descartados e ossos roídos eram um indício de que pessoas tinham estado ali não muito tempo antes, empanturrando-se dos mantimentos do castelo. Mas as batidas do meu balde e o ranger da corda, quando puxei água fresca do poço, não acarretaram nenhum chamado, nenhuma resposta. Será que Rosa e eu éramos as únicas criaturas ainda vivas no interior daquela vasta fortaleza?

Fui ao pátio da frente e vi que os portões principais estavam abertos. Abaixo dali, St. Elsip chamava, e fui momentaneamente tranquilizada por suas sólidas casas e igrejas. Pus o balde de água na entrada frontal do castelo, aguardando meu regresso, e descí correndo o morro em direção à cidade, caçando com os olhos qualquer

movimento, qualquer sinal de vida. As aglomerações humanas que outrora teriam cruzado comigo, aos empurrões, haviam sumido. Não ouvi nada senão meus próprios passos solitários, ao caminhar pelas ruas sinistramente desertas. Casas, lojas, tabernas, tudo permanecia em silêncio por trás das portas trancadas. Em meio à quietude, tive a estranha sensação de haver olhos voltados para mim, observando. Eu mesma era prova de que a varíola não matava todos em quem tocava. *Não posso ser a única*, pensei. *Outros devem ter sobrevivido*. Se isso era verdade, preferiam me observar das sombras.

A casa de tia Agna tinha o mesmo aspecto abandonado de todas construções por que passei. Tábuas de madeira tinham sido pregadas nas janelas do térreo e a porta parecia trancada por dentro, pois não se moveu nem ranguu quando tentei abri-la. Bati algumas vezes com os nós dos dedos, depois bati forte com a palma da mão.

– Prielle! – chamei. – Há alguém em casa?

Encostei o ouvido na porta, mas não escutei nenhum movimento no interior. Uma tristeza cansada se abateu sobre mim e me apoiei no umbral, incapaz de encontrar disposição para me mexer. Eu havia suposto que minha carta a Prielle a manteria a salvo do contágio, mas assim mesmo ela fora levada. Não haveria fim para minhas perdas?

Um barulho repentino soou na rua silenciosa e, ao som inesperado, fiquei alerta. Mais desesperada por contato humano do que cautelosa com o perigo, saí da soleira da porta para ver de onde viera o ruído. Quando corri os olhos pelas construções, passando depressa pela casa de tia Agna, pensei ter visto um clarão branco numa janela de cima. Seria um rosto, talvez atraído pela comoção, como eu? Fosse o que fosse, desapareceu depressa, e eu o atribuí a uma ilusão de ótica.

Um homem imundo, de olhos arregalados, emergiu de uma casa da esquina, com um saco protuberante pendurado num ombro. Olhou para mim, virou-se e saiu correndo. Estaria tão apavorado com a varíola a ponto de temer o contato com qualquer outro ser vivo? Corri até a casa da qual ele havia saído e olhei para seu interior. Taças de prata e pratos pintados espalhavam-se pelo chão. Somente uma família de recursos poderia possuir objetos tão finos, e o homem que saíra correndo estava maltrapilho. Lembrei-me do saco e de sua expressão arisca e entendi: ele estava roubando as casas dos mortos.

Temendo as outras ilegalidades com que pudesse deparar, apertei o passo na volta para casa. Se havia ladrões saqueando St. Elsip, será que não acabariam chegando ao castelo indefeso? Por quanto tempo estaríamos seguras lá dentro? Senti-me terrivelmente só e perdida, desesperada pela visão de um rosto conhecido.

Eu havia chegado à Ponte das Estátuas e, depois dela, à estrada que levava ao curtume de Marcus. Ao lugar em que ele me oferecera abrigo. Uma força que ia além do meu corpo instigou-me a seguir adiante, e assim atravessei a ponte e meus passos foram ganhando velocidade, até que me vi correndo. Era como se fosse de novo uma mocinha tola, com o coração disparando à ideia de ver meu amado. Tão

desesperada era minha necessidade de consolo que não parei para pensar na imagem que eu apresentaria ao aparecer sem aviso, suja e desgrenhada à porta dele. Não considerei a possibilidade de que Marcus estivesse doente ou morto, com a família falecida à sua volta. Fui tropeçando pela trilha enlameada entre as árvores, com o pensamento unicamente fixado no meu destino.

Apesar de saber onde ficava o curtume, eu nunca o tinha visitado, por isso estaquei ao chegar a uma cerca alta de ferro. O portão no centro dela não estava trancado e eu o abri com cautela, surpresa com o tamanho da propriedade. Diante de mim se erguia uma bela casa de tijolos de dois andares, com três chaminés. À direita ficava um grande celeiro de madeira e, à esquerda, uma horta bem cuidada. Atrás dela, a alguma distância, estendia-se uma construção espaçosa com paredes de alvenaria, que presumi ser o curtume, cercado por chalés modestos que deviam abrigar os trabalhadores. O mau cheiro que eu esperava desse local de trabalho não era evidente, embora isso talvez se devesse à variola. Todas as atividades deviam ter sido suspensas nas semanas anteriores. Talvez para sempre.

Passei devagar pelo portão. O jardim parecia bem cuidado, o que era um sinal promissor. Segurei a aldraba, uma peça de bronze em formato de cabeça de carneiro, e bati duas vezes. A porta foi aberta por uma mocinha de uns 14 anos, com um vestido de lã de boa qualidade, que indicava não se tratar de uma criada. Ela enfrentou meu olhar diretamente, de um modo que me deixou nervosa, pois me vi baixando os olhos com timidez e perguntando pelo Sr. Yelling. Ela não disse nada, apenas virou-me as costas e se afastou, deixando a porta aberta.

Sem saber ao certo se devia ou não entrar, dei um passo para além da soleira e olhei ao redor. A casa era simples, mas bem arrumada, embora eu só conseguisse ter um vislumbre dos aposentos da frente. As cadeiras e mesas que vi eram tão boas quanto qualquer móvel da casa de minha tia. Aqui e ali se espalhavam as miudezas habituais da vida doméstica: meias parcialmente tricotadas e um rolo de lã jogados numa cadeira, casacos de vários tamanhos pendurados em ganchos na parede, uma variedade de miniaturas entalhadas em madeira sob a forma de bichinhos. De repente, senti vergonha de minha intromissão no mundo de Marcus. Eu havia chegado à sua porta sem ser chamada nem esperada, contando com sua ajuda, como se ele não tivesse outras preocupações a que se dedicar. Eu não tinha direito de esperar nada dele.

Ouvi passos que vinham dos fundos da casa e não tive chance de fazer nada, a não ser aguardar em posição de sentido enquanto Marcus vinha na minha direção. O sorriso que iluminava suas feições inspirou um sorriso igualmente alegre em meu rosto.

– Elise! – exclamou ele. – Que bom você ter vindo!

Diante de uma acolhida muito mais calorosa do que eu merecia, a confiança que me havia impellido para a porta dele desapareceu. Torcendo as mãos, nervosa, comecei a resmungar pedidos de desculpa:

– Sinto muito incomodá-lo...

– Que bobagem! – exclamou ele, mas percebi um indício de suspeita quando baixou os olhos do meu rosto para minhas mãos, à procura de sinais da varíola.

Eu mesma tinha sido perita nesses estudos, antes que tudo a meu redor caísse morto.

– Fique tranquilo, eu estou bem – apressei-me a dizer.

– Entre, por favor.

Ele me conduziu à sala da frente e insistiu que eu me sentasse. Depois, acomodou-se em uma cadeira em frente a mim. A menina o acompanhou e parou atrás do seu ombro, observando-me com uma intensidade que beirava a grosseria. Um menino alguns anos mais novo espiou pelo batente da porta, mas se afastou quando cruzei o olhar com o seu.

Seguindo meu olhar, Marcus disse:

– Meu filho, Lian. E esta é minha filha, Evaline. Evaline, esta é a Elise. Nós nos conhecemos desde crianças.

Não era estritamente a verdade, mas se aproximava bastante da essência dela. Nossos corpos já tinham se desenvolvido quando nos vimos pela primeira vez, mas nossas ideias e nossos sentimentos tinham sido infantis, instáveis. Eu ainda não sabia que tipo de homem Marcus se tornara.

Evaline continuou a me encarar, desconfiada. Incomodada com esse escrutínio, tornei a voltar a atenção para Marcus. Havia muito a dizer, mas as palavras não vinham. A descontração do nosso cumprimento inicial tinha se enrijecido num mal-estar; aquele pai cansado diante de mim pouco tinha em comum com o rapaz apaixonado que por tanto tempo eu guardara na memória. Será que eu tinha cometido um erro terrível?

– Você veio da cidade? – perguntou Evaline em tom ríspido. – Trouxe notícias da minha mãe?

Lembrei-me de ter dito a Marcus que sua mulher não estava segura em St. Elsip e que ele devia levá-la para casa. Será que ele não seguiu meu conselho? Olhei para Marcus com um ar de interrogação, mas ele desviou o olhar.

– Elise veio do castelo para tratar de um assunto pessoal – disse ele, repreendendo a filha. Levantou-se da cadeira e se dirigiu a mim diretamente: – Venha, vou mostrar-lhe a propriedade e poderemos conversar sossegados.

Evaline fez um muxoxo de reprovação, porém não disse mais nada. Marcus levou-me para o lado de fora e me conduziu a uma trilha que seguia pela lateral da casa. Passamos pelo jardim e pela estrebaria e fomos parar numa clareira na orla da floresta. Era um local tranquilo, à vista da casa, mas isolado o bastante para duas pessoas poderem conversar sem ser ouvidas.

– Preciso pedir desculpas pelo comportamento da Evaline – disse Marcus, revelando no rosto o cansaço que tantas vezes aflige os pais. – Ela se tornou muito rebelde desde a partida de Hester.

– Sua mulher ficou esse tempo todo na cidade?

Marcus pensou um pouco, como se reunisse forças para contar uma história que gostaria de esquecer.

– Fiz o que você me disse. Voltei à casa da irmã dela para buscá-la, mas àquela altura, você sabe, ela já havia respirado o ar do quarto do doente. Pensei em Evaline e Lian, na... saúde deles...

Marcus tropeçou nas palavras, tomado pela gagueira hesitante de que eu me lembrava tão bem. Condoí-me dele, por ter tido que enfrentar tão terrível opção.

– E assim, você pôs a segurança dos seus filhos acima de tudo e voltou sozinho para casa – calculei.

– Eu disse a mim mesmo que Hester voltaria sozinha. Eu não a teria impedido de entrar em casa, mesmo que ela estivesse doente, eu juro – explicou-se.

Estava claro que não havia se perdoado por ter regressado sem ela naquele dia. Por ter sentido medo.

– Quem poderia dizer o que aconteceu? Talvez sua mulher esteja bem, apenas com medo de viajar.

Marcus me olhou com atenção.

– Quantos sobreviveram?

Pensei nas ruas e casas de St. Elsip, aparentemente desertas a não ser pelos cadáveres. As lágrimas começaram a descer por minhas faces e meu peito arfou em soluços.

Marcus passou o braço pelos meus ombros, escorando meu corpo no seu. O caráter impróprio desse tipo de contato com um homem casado nem me passou pela cabeça; tudo o que senti foi um imenso alívio, por enfim me livrar do fardo da valentia. Ali, finalmente, eu podia desabafar minha tristeza.

À medida que meus soluços foram diminuindo, Marcus afrouxou o abraço. Eu me permiti respirar fundo mais algumas vezes, para sentir o peso de seus braços por mais um instante. Quando me calei, ele se afastou. Tinha o rosto tenso de preocupação e evitou enfrentar meu olhar, enquanto corria as mãos pelo cabelo e dava um passo para trás. Primeiro havíamos conversado de forma polida, como estranhos, depois nos agarráramos um ao outro como amantes. Embalada pela luz do sol, pelo ar puro e pelo cricrilar suave dos grilos, eu me imaginara voltando no tempo aos dias em que Marcus tinha o poder de aliviar minhas tensões. Mas o homem diante de mim era um estranho, sob muitos aspectos, e esse flerte tolo tinha me distraído de uma questão de vida ou morte.

– Preciso ir! – exclamei. – Deixei Rosa por tempo de mais.

– Ela está viva? – perguntou ele, o rosto se iluminando de esperança. – Então o plano do rei funcionou. O castelo está salvo.

– Quisera eu que fosse assim – respondi, falando depressa para não ter tempo de evocar a imagem dos corpos empilhados na capela. – O rei e a rainha morreram, e os sobreviventes fugiram. Rosa e eu somos as únicas que restaram.

– Vocês não podem ficar sozinhas naquele lugar imenso! – exclamou Marcus. – Foi por isso que veio me procurar? Vocês serão bem-vindas aqui. Nessas circunstâncias, ninguém censuraria a princesa por se abrigar numa casa tão modesta – acrescentou. Sua voz tinha a urgência de quem busca a paz através de atos penitentes. – Deve haver alguma coisa que eu possa fazer para ajudar.

– Você já fez.

– Elise...

Marcus fitou-me nos olhos, com um olhar direto e resoluto que me apanhou desprevenida. Por um momento tentador, pareceu prestes a confessar sentimentos que eu julgava reprimidos desde longa data. Em vez disso, baixou os olhos e esfregou as mãos nas faces e em volta da cabeça, cansado, num gesto que me trouxe uma lembrança dolorosa. Eu o vira fazer a mesma coisa, anos antes, para desanuviar as ideias.

– Estou longe de ser a pessoa que você deve procurar em busca de consolo – disse-me em tom tristonho. – Mal tenho conseguido sobreviver, na situação atual. Tivemos de fechar o curtume e, se não surgir nenhum trabalho, não poderei mais pagar o salário de meus empregados. Talvez a varíola tenha destruído meu negócio para sempre. Tenho procurado manter as aparências, por causa das crianças, mas elas perguntam incessantemente pela mãe. Estou cansado, muito cansado de mentir para elas.

– Se houver acontecido o pior com sua mulher, adiar a notícia não fará bem nenhum. É melhor eles saberem.

– Espere – disse Marcus, segurando meu braço. – Faz muito tempo desde a última vez que fui a St. Elsip. Vou levar você.

Aceitei a oferta, agradecida. Depois de Marcus se despedir dos filhos, sentei-me a seu lado no banco da frente de uma carroça decrépita.

– Se houver ladrões circulando, não fará sentido tentá-los com a minha carruagem – disse Marcus, com um sorriso maroto. – Sei que isto está longe de ser o transporte real a que você está acostumada.

Caí na gargalhada, numa reação muito desproporcional à brincadeira. Tornei a rir quando a carroça partiu e meu corpo balançou com o movimento, e minhas mãos aflitas buscaram a tábua embaixo de mim. Confinada durante tanto tempo por meus deveres, eu havia esquecido quanto eles me cerceavam. Desloquei-me no assento, tentando em vão posicionar-me de um jeito que não trouxesse o risco de eu cair no chão.

– Estou vendo que a vida mansa da corte a deixou mal-acostumada – brincou Marcus.

– Sem dúvida. Eu não me arriscaria a ser vista na humilde carroça de um curtume.

– Imagine a vergonha! – reforçou Marcus, balançando a cabeça para fingir reprovação.

Quando eu buscava uma réplica apropriadamente espirituosa, passamos por uma abertura entre as árvores e o brilho do sol na água me chamou a atenção. Era a campina em que havíamos deitado anos antes, o lugar em que eu quase me entregara a ele. O olhar de Marcus seguiu o meu, e desconfio que o mesmo tenha acontecido com seu pensamento. Relembramos o rapaz e a moça que um dia tínhamos sido, deleitando-nos um com o outro e acreditando que a felicidade estava a nosso alcance. Depois, olhamos para o homem e a mulher em que nos havíamos transformado: exaustos e assustados, conscientes de como a felicidade pode escapar por entre os dedos de qualquer um. Fizemos o resto do trajeto para a cidade em silêncio, incapazes de retomar a conversa descontraída.

Marcus parou a carroça na base da colina do castelo e disse:

– Considere a minha oferta, por favor.

Vi a tristeza em seus olhos, a necessidade aflitiva de resgatar alguma coisa de seu amor-próprio. De repente, dolorosamente, desejei que ele fosse comigo, para não ter que enfrentar sozinha os horrores do castelo. Mas Marcus estava prestes a descobrir se sua mulher estava viva ou morta; não podia se permitir nenhum tipo de inquietação em relação a mim.

Agradei-lhe educadamente, porém de um modo formal, e desci da carroça, tomando o cuidado de me afastar com andar firme e decidido. Mais adiante, o pátio deserto me chamava para cumprir meu último e temível dever. O peso do balde de água tornou os meus passos, já relutantes, ainda mais lentos na volta à Torre Norte. Nenhuma frase bonita seria capaz de abrandar o golpe que eu estava prestes a desferir. Os pais de Rosa estavam mortos e eu seria a única testemunha da terrível tristeza dela.

Dobrei a curva mais próxima do quarto da Rosa e, para minha surpresa, vi que a porta estava aberta. Acelerei o passo. Entrei depressa e coloquei o balde de água no chão, chamando o nome dela. Não houve resposta. A sala de estar e o quarto estavam vazios.

Começando a entrar em pânico, volvei para o corredor. Imaginei Rosa parada no mesmo lugar, ponderando suas opções, e soube no mesmo instante para onde ela fora. E o que veria lá.

Corri para os aposentos reais, com os pés batendo ruidosamente nos corredores sinuosos.

– Rosa! – gritei.

Um som vindo de dentro, mais uma fungadela que uma palavra, captou minha atenção e entrei correndo. Encontrei Rosa curvada no chão, junto à cama da mãe, segurando o braço duro e inerte da rainha. Horrorizada, caí de joelhos a seu lado.

– O que está fazendo aqui? – falei, e na mesma hora me arrependi de meu tom ríspido.

Rosa estava entregue ao sofrimento, a imagem personificada da tristeza.

– Dei um beijo nela. Senti sua respiração – sussurrou.

O medo acabou com minha polidez:

– Sua mãe está morta! Será que você não vê?

– Não, não, não pode ser!

Inclinei-me e pressionei delicadamente a palma da mão no rosto da rainha Lenore. A pele estava fria e o peito, imóvel. Eu sabia que o corpo era capaz de milagres. Poderia ela ter passado dias ali, vagando naquele estado insone e infernal entre a vida e a morte? Teria a visão da filha amada concedido a ela a serenidade para morrer?

Era possível. Também era possível que Rosa houvesse imaginado o que gostaria que fosse verdade. Eu jamais saberia. Só o que importava era que o espírito da rainha Lenore tinha partido e a vida de Rosa corria perigo a cada minuto que ela se aninhava no corpo da mãe.

– Levante-se – ordenei, segurando-a pelas mãos.

Ela lutou para resistir, mas eu me mantive firme.

– Você não pode ficar – insisti, quase arrastando-a para fora do quarto.

Rosa gemeu, mas veio tropeçando a meu lado pela sala de espera e de volta ao corredor. Mantive o braço em volta de seus ombros, levando-a adiante, enquanto ela olhava fixamente para a frente, aturdida. Quando nos aproximamos do seu quarto, ela se virou para mim e perguntou, baixinho:

– Onde estão todos?

Empurrei-a para dentro, depressa, e tranquei a porta. Embora eu acreditasse que estávamos sozinhas, os ladrões à solta em St. Elsip logo poderiam ser ousados o bastante para se aventurarem a entrar no castelo.

– Elise, por que não passamos por nenhuma outra dama ou criada? – perguntou Rosa, elevando a voz.

– Muitas fugiram – retruquei, sem encará-la.

– Ou estão mortas – disse ela. Proferir as palavras em voz alta chamou sua atenção para todo o significado de sua frase. – Estão?

– Nem todas – respondi.

Depois que a varíola passasse, os sobreviventes voltariam. Rosa e eu não seríamos abandonadas ali para sempre, sozinhas...

– Você está mentindo! Eles estão mortos! Todos mortos!

Os gritos saíam de sua boca como um espírito maléfico. Envolvi-a nos braços, mas ela desabou no chão. Agachei-me a seu lado, colocando as mãos em suas costas e tentando aninhar sua cabeça em meu colo, mas ela não queria ser consolada. Como uma criança histérica, debateu-se para se soltar de mim e se enroscou em si mesma, desesperada, arrancando gritos das profundezas do seu ser. Tive medo de que a visão dos pais a houvesse enlouquecido.

De repente, fez-se silêncio. Rosa ficou quieta, com as mãos em volta das pernas, abraçando-as junto ao peito, e o cabelo embaraçado cascateando à sua volta. Os olhos estavam fechados com força, a respiração, carregada.

– Venha – murmurei com carinho. – Você precisa descansar.

Ela não protestou quando a levantei e a coloquei na cama, nem quando desatei os cordões de seu vestido e a despi, deixando-a de combinação. Puxei as cobertas e as ajetei em volta dela. Os últimos raios da luz do dia brilhavam pela janela, num horário em que, em geral, eu estaria preparando o jantar e planejando minhas histórias da noite. Perguntei se Rosa queria beber alguma coisa e ela balançou a cabeça. Deitei-me a seu lado e lhe afaguei o cabelo para tranquilizá-la, mas ela já estava calma. Estranhamente calma. Quando a observei ao longo dessa noite, acendendo uma vela atrás da outra, ela se manteve quieta, mas não em paz. As lágrimas rolavam em silêncio por suas faces, sem que ela emitisse um som sequer. A quietude anormal deixou-me mais aflita do que sua histeria anterior.

– Outras pessoas sobreviveram à varíola, tal como eu – afirmei. – Não somos as únicas que foram poupadas.

– Poupadas – murmurou Rosa. – Para quê?

Observei seu olhar vazio, fixado no teto. Essas foram as últimas palavras que ela proferiu naquela noite, assim como no dia e na noite seguintes. Tive medo de sair do seu lado, enquanto ela jazia, aturdida, ignorando minhas perguntas e se recusando a aceitar mais que alguns goles de água. Eu disse a mim mesma que essa tristeza era previsível numa pessoa com seu temperamento emotivo. Com o tempo, ela se recuperaria.

E então as manchas apareceram.

## A BATALHA FINAL

Dei-as primeiro nas mãos, que estavam espalmadas sobre o cobertor. Quatro erupções cor-de-rosa, nenhuma delas maior que uma verruga. Mal seriam motivo para alarme, para quem não soubesse o que pressagiavam.

Será que Rosa havia notado? Dada a sua letargia, achei que não. Mas seu estupor e seu desinteresse pela comida ganharam um peso assustador. Eu havia suposto que a aflição dela fosse mais na mente que no corpo. Havia deixado escapar os sinais da doença que a vinha dominando, drenando suas forças na preparação para o ataque.

Por um momento, arriei junto à cama e lamentei a sorte dela. Todas as precauções do rei e todos os meus cuidados de nada tinham servido. Desamparada e vencida, mal consegui me impedir de soluçar de angústia, ao ver que a pessoa que eu mais amava no mundo seria levada de mim. E então, de repente, minha mente afastou-se desse pensamento. Com a mesma determinação obstinada que me levava a sair da fazenda, jurei que Rosa não morreria. Eu me agarraria a ela e me agarraria à vida. A varíola tinha levado minha mãe e meus irmãos. A Sra. Tewkes. A rainha Lenore. Eu não renunciaria a Rosa.

Meti a mão no saco de pertences que tinha levado do meu quarto e tirei do fundo uma caixinha de madeira. Abrindo-a, examinei o arsenal de ervas e tônicos de Flora. Não havia cura para a varíola, mas eu me recusei a me render, impotente. Eu debilitaria minha inimiga mortal, atacando a doença por todas as frentes. A pele de Rosa já começava a se aquecer com a febre, de modo que eu precisava começar por esfriá-la. Peguei um pano limpo numa mesa, encharquei-o de água e coloquei-o sobre a testa dela.

– Você está com calor – falei. – Isto a deixará mais confortável.

Praticar uma ação, por mais irrelevante que fosse, bastou para melhorar meu estado de ânimo. Peguei um punhado de aveia e o cozinhei numa panela sobre o fogo; quando ficou macia como uma papa, insisti que Rosa comesse algumas colheradas. Levei-lhe uma combinação limpa e disse que estava na hora de lavar a que ela tinha usado. Vê-la tirar a roupa me permitiria vislumbrar até onde a varíola tinha evoluído.

Rosa levantou-se lentamente da cama, afrouxou os laços da frente e a peça escorregou de seus ombros. Tive vontade de chorar ao ver aquilo: um exército de pústulas cor-de-rosa tinha invadido sua pele tenra e indefesa, migrando dos ombros e braços para as costas e a barriga. Mesmo em seu estado entorpecido, Rosa devia saber o que aquela visão significava.

– Estes são os sinais? – perguntou-me, com a voz desprovida de curiosidade.

- É cedo para dizer... - falei, atrapalhada.
- É varíola - afirmou Rosa, com simplicidade.

Estaria ela tão embotada pela tristeza que não se importava com a vida ou a morte?

Ajoelhei-me diante dela e segurei seus pulsos, torcendo-os de leve para chamar sua atenção para mim. Pressionei sua pele, como se minha força pudesse ser transmitida para seus ossos.

- Começou assim comigo, e eu sobrevivi. Você também vai sobreviver.

Rosa se desvencilhou das minhas mãos e pegou a camisola limpa que eu estendera no colchão. Enfiou-a pela cabeça, virando-me as costas, evitando meu olhar, e tornou a se deitar na cama.

- Vá embora, Elise - disse, baixinho. - Salve-se.
- Não sou eu que preciso ser salva - retruquei.

Senti uma raiva irracional, tanta que tive de andar para o outro lado do quarto e me ocupar com a lavagem da panela de sopa. Será que meus sentimentos significavam tão pouco para Rosa que ela podia desconsiderá-los por completo? Como é que uma moça jovem e linda podia ser tão facilmente levada pela morte? Não. Recusei-me a admitir que essa ideia permanecesse na minha cabeça. Se aquilo não pudesse ser imaginado, não aconteceria.

Durante o resto desse dia interminável e do seguinte, tentei invocar a voz de Flora, para que ela me guiasse na tarefa de diminuir o sofrimento de Rosa. Quando as manchas adquiriram um tom vermelho vivo e se estufaram nos braços e no peito dela, molhei tiras de pano em água fervente e as pressionei sobre as pústulas até estourá-las. Esfreguei uma pomada sobre as feridas resultantes, para diminuir sua ardência, e salpiquei essência de hortelã no peito de Rosa, para facilitar sua respiração. Quando suas bochechas arderam em febre, levei para junto da cama um balde de água fria salpicada com lilás desidratado e a banhei da cabeça aos pés. Assim que terminei, tirei seu lençol encharcado de suor e a cobri delicadamente com o meu.

- Elise - disse ela, esticando os dedos para segurar minha mão.
- Sim, meu amor?

A voz dela mal passava de um coaxo, mas fiquei radiante ao ouvi-la. Fazia quase dois dias que ela não falava.

- Você se lembra dos meus sonhos? Da bruxa?

Eu me lembrava bem deles, daqueles pesadelos que a arrancavam do sono com gritos desesperados. Naquelas noites de outrora, eu a havia aninhado nos braços até ela parar de chorar, e sentia seu corpo amolecer lentamente, enquanto ela adormecia. Que bom se fosse tão simples consolá-la agora! Que bom se a varíola a liberasse de suas garras por tempo suficiente para lhe dar uma noite, uma hora de sono.

- Os lábios de Rosa se entreabriram de leve, na débil tentativa de um sorriso.

- Você era a única que conseguia me acalmar. Fazia com que eu me sentisse

segura.

– Você está segura comigo, Rosa. Sempre.

– Mãe. Papai.

Quanta desolação pode ser transmitida por duas palavras simples! Condoí-me das perdas dela como se fossem minhas.

– Se eles morreram, eu sou a rainha – acrescentou.

Eu lhe disse para se calar, que esses assuntos podiam esperar, mas essa ideia também havia me perturbado. Agora, Rosa era a governante daquela terra arruinada, a pessoa a quem os sobreviventes de St. Elsip se voltariam ao lutarem para refazer sua vida e reconstruir sua cidade. Como poderia Rosa assumir esse fardo, mesmo gozando de plena saúde? Quem havia sobrado para ajudá-la? Será que nosso reino enfraquecido sucumbiria a invasores, conscientes de que não poderíamos rechaçá-los?

– Eu nunca lhe contei... – A voz de Rosa extinguiu-se e eu insisti que ela não se cansasse, mas ela reuniu forças e continuou: – Eu costumava imaginar que você era minha irmã mais velha, tomando conta de mim.

Lembrei-me de quando me abaixava para levantar seu corpinho pela cintura e balançá-la, num alvoroço de saias e risos. De esfregar meu nariz em suas bochechas gorduchas, enquanto as outras ajudantes da rainha Lenore observavam, estreitando os olhos em sinal de reprovação.

– Sempre amei você como se tivéssemos o mesmo sangue.

Ajoelhei-me junto à cama e passei os dedos de leve em sua testa. O calor da sua febre fez minha própria pele aquecer.

– Há uma coisa que eu preciso lhe contar.

Eu nunca havia pretendido confessar a Rosa a verdade sobre a minha ascendência, e talvez fosse um erro perturbar sua cabeça com revelações desse tipo no seu estado debilitado. A única defesa para o meu ato é a verdade. Naquele momento, eu disse a Rosa o que achei que ela precisava ouvir: que seus pais podiam ter morrido, mas sua família não fora destruída. Ainda restava uma pessoa no castelo que estaria eternamente ligada a ela pelo sangue.

– O homem que me criou não era meu pai. Minha mãe foi seduzida antes de se casar. Pelo príncipe Bowen.

Rosa só teve forças para um leve arquejo de susto.

– Por que você nunca me contou?

– Eu não queria desonrar a memória de minha mãe. A única razão para eu estar falando sobre isso agora é para lhe dizer que somos realmente da mesma família. Não vou deixá-la.

Rosa pôs a mão sobre a minha; estava com a palma pegajosa de suor.

– Então nós somos primas – sussurrou.

Assenti.

– Sim, meu amor. E somos irmãs em espírito.

– Fico muito contente.

A voz de Rosa mal passava de um suspiro. Sua mão escorregou da minha, mas os olhos continuaram abertos, olhando para cima, ardendo de exaustão. Minhas lembranças pessoais da varíola eram vagas e confusas, mas eu me recordava muito bem do tormento da vigília. Sem dormir, Rosa não teria como escapar da angústia. Sofreria através de um crepúsculo interminável de dor.

Com implacável determinação, a doença avançou pelo seu corpo. No dia seguinte, a respiração dela ficou entrecortada e a pele, inflamada. O único som que ela produzia era o de um ou outro gemido ocasional, e eu estremecia a cada choro, sentindo o sofrimento dela como se fosse meu. Quando sua língua começou a inchar e, em pânico, ela se engasgou com o alimento que eu lhe ofereci, pinguei água gota a gota no canto de sua boca. Assim como as fêmeas de pássaros que eu vira alimentarem seus filhotes, eu mastigava pedaços minúsculos de pão para amaciá-los e os empurrava delicadamente em sua boca.

Numa tarde em que a luz do sol poente refletiu meus maus pressentimentos, eu me perguntei por quanto tempo Rosa ainda conseguiria suportar aquele sofrimento. Minha experiência pessoal com a varíola não servia de guia: eu não sabia por quantos dias estivera doente nem de que modo meus sintomas haviam diferido dos dela. O rosto de Rosa tinha sido poupado da pior inchação, e considerei que sua beleza resistente era um facho de esperança até me lembrar do rosto liso de sua mãe, inalterado mas, ainda assim, morto. Se meus cuidados vinham prolongando a dor dela, talvez todos os meus esforços não passassem de crueldade.

*Se ao menos ela pudesse descansar.* Essa ideia me perseguia, porque eu sabia que estava a meu alcance conceder-lhe esse alívio, se eu me atrevesse. Entre as muitas fórmulas registradas nos livros de Flora havia a de uma poção sonífera, uma mistura que eu nunca tinha feito e contra a qual ela mesma me advertira. Lembrei-me da voz de Flora, alertando-me para o fato de que cada corpo reagia de maneira diferente às propriedades da poção: a mesma dose que embalava uma pessoa num cochilo podia ser mortal para outra. O estado debilitado de Rosa a poria num risco ainda maior. Se eu tivesse sentido alguma melhora, alguma pequena diminuição de sua agonia, não correria aquele risco terrível. Mas ela vinha piorando dia a dia, hora após hora, até estar ligada à vida unicamente por correntes de dor. Se ela morresse – e eu mal conseguia admitir essa ideia –, não seria o supremo ato de amor conceder-lhe paz nos seus instantes derradeiros?

Ajoelhei-me ao lado dela e murmurei seu nome:

– Se for demais para você suportar...

Não pude concluir. De qualquer modo, Rosa não deu sinal de ter me ouvido. Seus olhos estavam fixados nos meus com uma expressão vazia, tão inflamados que fitá-los chegava a ser doloroso. Debrucei-me sobre sua cabeceira, temendo que cada uma de suas trêmulas tentativas de respirar fosse a última. O tempo tornou-se mais lento. Meus joelhos ficaram dormentes no piso de pedra e minhas costas doíam, mas

sustentei minha vigília junto dela. Fazia dias que Rosa não dormia, e eu não havia cochilado mais do que algumas horas em todo esse período. Meus pensamentos tornaram-se frenéticos, febris. Levantei-me e olhei pela janela. Aproximava-se a noite, hora em que só os perversos circulam.

Minha mente girava com ideias emaranhadas, uma lembrança levando a outra. O sol no jardim de Marcus limpando o fedor de morte da minha pele. A mesma luz brilhante em meu rosto, anos antes, sentada com Marcus à beira do rio, vendo os navios entrarem no porto. Marcus e Rosa no pátio do castelo, o rosto vermelho de frio, levantando as mãos para pegar flocos de neve. Rosa ainda bebê, aninhada nos braços da mãe, enquanto Millicent jurava vê-la morta. A voz de Flora nos dizendo que nada de mau aconteceria com Rosa sob a sua vigilância. Será que a poção que eu mais temia era a que poderia salvá-la?

Tirei o livro de Flora da caixa de madeira em que guardava a coleção de ervas e pós. Folhiei as páginas num frenesi, até achar a lista de ingredientes. Eu tinha todos, exceto um: botões de alfazema. Uma lembrança surgiu na minha mente, esquiva, mas insistente. Fechei os olhos e me vi seguindo Flora pelo jardim do castelo. Vi sua saia diáfana roçar o chão ao passarmos pelos arbustos de alfazema. Lembrei-me daquele aroma doce e fragrante. Meu sorriso de prazer. A voz de menina de Flora: *Você o sente, não é? O poder da alfazema de acalmar a alma.*

Naquele momento, tomei minha decisão. Se eu continuasse sentada naquele quarto, esperando a morte de Rosa, enlouqueceria. Tirei um xale do meu baú e me detive, contemplando o brilho verde e vermelho que me chamava no fundo. Eu havia guardado o punhal de Dorian como lembrança dele, sem esperar que um objeto tão letal tivesse serventia algum dia. Mas, nesse momento, com bandidos à solta, levá-lo poderia reforçar minha coragem para o que viesse pela frente. Amarrei uma tira de couro na cintura, guardei o punhal nela e segurei o cabo para reforçar minha determinação.

Peguei uma vela e abri a porta. Sua luz fraca e bruxuleante estava longe de conseguir iluminar meu caminho, mas eu o conhecia tão bem que seria capaz de achá-lo na completa escuridão. Meus passos estalaram ao longo dos meandros silenciosos da fortaleza convertida em sepulcro, lugar onde eu tinha vivido uma felicidade inimaginável e tristeza esmagadoras. Passei depressa pelo Grande Salão, palco de tantos banquetes grandiosos, e entrei na Sala de Recepção, que um dia fora o domínio da minha amada rainha e agora nada mais era que outra concha vazia, desolada. Nenhuma voz souou quando eu entrei, mas não consegui fugir da sensação pungente de estar sendo observada. Como se as sombras de todos os que haviam partido me vissem passar, esperando para ver o que eu faria.

Empurrei a portinha do lado oposto da sala e saí no jardim. Os últimos raios de sol banhavam as plantas em um brilho âmbar. O mato invadira os canteiros, e os jardineiros – caso restasse algum – teriam recebido uma severa repreensão pela desordem com que deparei. Mas fiquei radiante ao ver o jardim, mesmo com a

grama alta e tão malcuída. Um eco da antiga felicidade ainda existia ali, nas trilhas por onde eu havia passeado com a rainha, Flora e Rosa. Eu podia estar cercada pela morte, mas vi ali um renascimento. As roseiras estavam cheias de brotos e as ervas explodiam em novos rebentos. Se restava alguma esperança, estava ali.

Roei as mãos nas pétalas macias e aspirei os aromas mesclados, reabastecendo o coração de recordações felizes. Embora pensar na rainha Lenore trouxesse fisgadas de dor, permiti-me imaginá-la corada de sol e risonha, acompanhando Rosa pelos arcos cobertos de vinhas. Por todas as gentilezas que ela me fizera, eu lhe devia a honra da lembrança. Não para relembrar como ela havia morrido, mas como vivera.

Ao me ver no coração do roseiral, lugar que me era tão sagrado quanto qualquer igreja, fiquei de joelhos. Unindo as mãos, fechei os olhos e rezei, pedindo orientação. Se a Flora ou a Deus, eu não saberia dizer. Orei pela salvação de Rosa e pela minha, pela força para continuar a viver se ela não resistisse. Aos poucos, o medo que vinha me oprimindo começou a se dissipar e minha respiração ficou mais fácil. O que quer que acontecesse dali em diante, eu saberia que tinha feito o melhor possível.

Levantei-me e fui até os arbustos de alfazema, em cujos botões as primeiras flores haviam desabrochado. Colhi um punhado, coloquei-as na minha manga e me preparei para o trajeto de volta à Torre Norte. Meus olhos levaram alguns minutos para se ajustar do crepúsculo lá fora para a penumbra do interior, e as sombras bruxuleantes pareceram zombar de mim quando balancei a vela, numa tentativa lastimável de espantá-las. Concentrada em chegar ao meu destino, não reparei no vago brilho que emanava do Grande Salão. Na verdade, teria passado por ele sem sequer notá-lo se um som não houvesse me imobilizado de pavor. Era uma voz, chamando meu nome.

Lentamente, avancei em passos furtivos até o arco aberto e olhei lá para dentro. Corri os olhos pelo piso de mármore, pelas paredes imponentes e pelas tapeçarias de valor inestimável. No lado oposto do salão, um fecho de luz me fez avançar em direção aos tronos reais, onde uma figura sombria se sentara, esperando.

Millicent

A mulher que eu tinha visto da última vez quase como um esqueleto não tinha perdido seu ar de decrepitude. A pele manchada e cheia de cicatrizes espichava-se sobre o rosto e os cabelos brancos pendiam em mechas esfiapadas pela testa e pelas faces. Mas ela embrulhara seu corpo recurvado na suntuosa capa verde de que eu me lembrava tão bem e trazia no alto da cabeça uma coroa brilhante. Que tola fora eu ao pensar que a varíola seria capaz de derrubar uma mulher como aquela! Seus olhos encovados reluziam com o reflexo da luz da lanterna a seus pés. Ela viu minha aproximação, passo a passo, e saboreou o momento, pois que satisfação existe na vitória quando não há uma plateia para aplaudi-la?

*Então é assim que termina, pensei, com Millicent triunfante.*

– Veio me render suas homenagens, finalmente?

Sua voz estridente ricocheteou pela sala e chegou a meus ouvidos num eco horripilante. Pude apenas olhar para Millicent, em muda consternação. Eu estava cansada, muito cansada, com um profundo esgotamento da vontade de lutar.

– Elise. – A palavra foi um sibilo, uma profanação do meu nome. – Curve-se diante de mim, como a legítima governante destas terras.

– É Rosa a legítima governante – retruquei, nem de longe com a força que havia pretendido.

– Não por muito tempo.

O caráter terrivelmente definitivo de suas palavras me enregelou. Como ela podia saber que Rosa estava à beira da morte? Lembrei-me então da passagem secreta que ligava seu quarto ao de Rosa. Seria possível que ela tivesse conseguido escutar-nos do seu leito de enferma? Que, enquanto eu a supunha morta, houvesse escutado os gemidos de Rosa e minhas preces desesperadas?

– Sou a última da linhagem da minha família – proclamou Millicent. – E, com a morte de Rosa, o trono é meu. Como deveria ter sido há muito tempo.

Millicent tinha a expressão e a postura de uma louca, mas não pude negar que havia certa veracidade em suas palavras. Se não tivesse nascido mulher, que governante ela poderia ter sido! Livre da amargura que tanto lhe corrompera a alma, teria sido capaz de um reinado grandioso.

– Até Flora concordava, não é? – perguntou-me, com olhos arregalados de falsa inocência, sabendo que o nome de sua irmã morta despertaria minha compaixão. – Ela sabia que meu irmão era um idiota. No entanto, ele tomou as rédeas da liderança e não me restou tarefa mais importante que a de encontrar um marido. Imagine, Elise! Isso teria bastado para você?

Eu sempre me manifestara a favor de que Rosa herdasse o trono. Como não sentiria uma ponta de empatia pela Millicent de outrora, uma mulher cujos talentos tinham sido esmagados pelos costumes e expectativas?

– O reino deve ter um líder forte nestes tempos conturbados – prosseguiu ela. – Serei a sua salvadora!

Será que ela sabia a que ponto o seu grito de vitória lembrava a tagarelice dos lunáticos? Ou será que simplesmente não se importava? Ainda havia algo de magnífico em sua postura, sentada de forma gloriosa no trono que durante tanto tempo lhe escapara. Parei junto ao estrado, olhando para cima, numa pose obsequiosa que inspirou um sorriso deformado em seu rosto.

– Você fez o melhor que pôde por Rosa, mas é tarde demais. Venha, vamos celebrar a aurora de uma nova era. Eu lhe asseguro, Elise, ela será diferente de tudo o que você já presenciou.

Então ela se esforçou para se levantar, apoiando-se no trono com uma das mãos e estendendo a outra para a frente. Captei um lampejo de ouro polido e vi que ela

usava o anel de sinete do rei Ranolf. A joia que fora passada de pai para filho por gerações, como símbolo de seu poder. A ideia de Millicent tirando-o do dedo sem vida do soberano encheu-me de uma raiva esmagadora. A ânsia de poder dela havia destruído a família real e transformado um castelo glorioso num cemitério.

Millicent balançou o anel diante do meu rosto com um floreio, exigindo o gesto supremo de súplica. Quando seus dedos retorcidos chegaram a poucos centímetros do meu rosto, apalpei a correia presa em minha cintura. Senti a pressão do punhal junto ao corpo. Com um movimento ligeiro e súbito, segurei a mão dela e a puxei com toda a força. Ela perdeu o equilíbrio e despencou do estrado, desabando no chão com um baque surdo. Apesar de todo o seu ar ameaçador, ainda era uma velha, e seu corpo frágil não era páreo para minha ferocidade. A capa e as saias tinham saído do lugar, revelando seus braços e pernas esqueléticos – uma visão patética que talvez despertasse solidariedade em qualquer outra situação. Mas não me restava um pingão de compaixão por Millicent. Eu jamais permitiria que o reino, não importava quão enfraquecido estivesse, fosse governado por aquela criatura.

Tirei o punhal da cintura e o brandi à frente. Meu corpo conservava a lembrança das lições de Dorian, cujos braços eu ainda sentia em torno dos meus, guiando meus golpes. Minha mão pareceu mover-se por conta própria, seguindo os passos ensinados por meu marido, anos antes: vire a lâmina de lado, para ela penetrar entre as costelas, depois empurre-a para cima, com força bruta e repentina. Não demonstre hesitação. Não tenha pena. Os gritos de Millicent e os meus se misturaram quando mirei em seu coração e enfiei o punhal em sua carne até o cabo travar em seu peito, com minha mão sobre ele. O sangue jorrou do ferimento, manchando meus dedos e minhas mangas. Soltei a lâmina e fiquei olhando, estarrecida, enquanto o líquido carmesim esguichava do corpote dela.

A boca de Millicent se abriu em lenta agonia, em sua luta para respirar. Dei um passo para trás, depois outro, afastando-me da poça de sangue que se formava a meus pés. Suas mãos nodosas agarraram o ar e seu corpo se contorceu, enquanto sua força vital escoava aos poucos. Ao menos uma vez, ela pareceu uma velha inofensiva e desamparada, e fiquei momentaneamente horrorizada com o que eu tinha feito. Então vi seus olhos, nos quais ardia um ódio que baniou qualquer dúvida. Eu nunca estaria segura enquanto ela não morresse.

Millicent me enganara uma vez, quando eu havia pensado que fora levada pela varíola. Eu não voltaria a cometer o mesmo erro. Fiquei observando enquanto seus movimentos espasmódicos tornavam-se mais lentos, os olhos se fechavam e os arquejos caíam no silêncio. Com cautela, dei um passo à frente para buscar sinais de vida. Seus braços e pernas estavam imóveis e seu peito se aquietara. A boca estava aberta, congelada num grito eterno e inútil.

Como era possível, então, que seus gritos atormentados continuassem a me assaltar os ouvidos?

Virei-me e olhei para trás. Ali no portal estava minha prima Prielle, os olhos

arregalados de choque, gritando alto o bastante para despertar os mortos.

Como se isso fosse possível.

Ver-me correndo na sua direção, ensanguentada e ainda empunhando minha arma assassina, não contribuiu em nada para diminuir a aflição dela, que fugiu do meu abraço, trêmula. Esfreguei o punhal na saia, para limpá-lo da melhor maneira possível; sabia que nunca mais voltaria a usar aquele vestido.

– Prielle, graças a Deus você está salva! Não tenha medo, por favor. Eu posso explicar.

– Pensei... – Prielle esforçou-se para manter a voz firme. – Pensei que eu estaria segura aqui. Quando você passou lá em casa naquele dia...

– Você estava lá dentro? Foi seu rosto que vi na janela?

Prielle assentiu.

– Quando recebi a sua carta, fiz exatamente o que você mandou. Fiquei dentro de casa e esperei meus pais. Eles tinham viajado assim que a guerra terminou, para restabelecer o comércio com os sócios deles no Norte.

Os pais de Prielle haviam seguido as mesmas vias usadas pelos soldados que voltavam, atravessando uma nuvem de contágio. Eu já podia adivinhar como terminaria a história dela.

– Eles disseram que passariam apenas uns dias fora, e eu esperei, esperei, mas eles não voltaram. Assim que veio a notícia da varíola, os empregados fugiram, dizendo que iam tentar a sorte no interior. Mas eu me lembrei da sua advertência e fiquei lá. Sozinha!

Coloquei uma das mãos em seu ombro para acalmá-la, porque as lágrimas já rolavam por suas faces.

– Calculei que meus pais tinham morrido. Caso contrário, nunca me deixariam por tanto tempo sem mandar notícias. Mas eu não sabia o que fazer! E então, um dia, ouvi uma batida na porta, mas tive medo demais para atender. Espiei pela janela e, quando vi o seu rosto, fiquei toda contente, por achar que finalmente seria resgatada, e desci a escada correndo, mas, quando saí, você já tinha ido embora.

– Eu sinto muito. Sinto muito mesmo.

– Eu não sabia o que fazer. Mas hoje, resolvi que eu preferia me arriscar a pegar varíola a passar mais uma hora sozinha naquela casa!

As sombras tinham se aprofundado; a vela que eu carregava e a lamparina de Millicent haviam apagado durante a briga. Em pouco tempo, Prielle e eu estaríamos na completa escuridão, e quem sabe que outros perigos espreitariam ali?

– Estou muito feliz por você ter vindo. Mas não podemos ficar aqui.

Dei outra olhada no corpo de Millicent, um amontoado de membros retorcidos que pouco lembrava a figura imponente que um dia exercera tanto poder sobre mim. Ela estava morta. Então por que eu me sentia tão vazia?

De repente, lembrei-me de Rosa, deitada sozinha durante todo aquele tempo. Sem a minha persuasão, teria desistido de lutar pela vida?

– Venha – convoquei Prielle. – Precisamos ir para o quarto da princesa.

Senti um aperto no peito ao entrarmos no aposento, pois Rosa estava tão quieta que era como se fosse uma efígie entalhada sobre um túmulo. Então, hesitante, ela se virou ao som dos meus passos. Suas bochechas estavam rosadas, mas não com o tom escarlate flamejante que tanto havia me assustado nos dias anteriores. Os olhos estavam injetados e a pele, brilhando de suor, mas minha querida Bela estava acordada e alerta. A febre havia cedido. Rosa sobrevivera.

Eu me imaginara prostrando-me de joelhos numa prece de agradecimento caso Rosa fosse poupada. E de fato caí no chão, mas não para dar graças a Deus. Desabei porque já não tinha forças para ficar de pé. O alívio misturou-se a uma tristeza sufocante e, com gemidos desconsolados, chorei pelo rei e pela rainha, por todas as almas que jaziam esquecidas e não pranteadas no andar de baixo, na capela. Chorei pela família de Prielle e pela minha, por meus pobres irmãos mortos, que só haviam conhecido o trabalho e a fome em sua curta vida. E chorei por meu eu mais jovem e inocente, que havia morrido com todo o resto.

Os lençóis farfalharam. Levantei a barra da saia para enxugar as lágrimas e o nariz que escorria, e puxei para trás os fios de cabelo que se soltaram dos grampos e caíam em desalinho em meu rosto. Encostando na lateral da cama, descansei a cabeça no travesseiro ao lado do usado por Rosa. Ela me olhou, confusa, com a mente ainda atropalhada.

– Elise – chamou, com a voz fraca como um eco ouvido num corredor distante.

– Estou aqui, meu bem.

Rosa olhou por cima do meu ombro, tentando entender de quem era o rosto desconhecido que havia entrado no quarto.

– Temos uma nova companheira – falei. – Minha prima, Prielle. Sei que vocês serão grandes amigas.

Prielle pairava atrás de mim, sem saber ao certo o seu lugar. Acenei para que se aproximasse e ela se juntou a mim ao lado da cama, abrandando a expressão tensa ao olhar para a princesa que tanto havia invejado. Em seguida, num gesto que me tocou o coração, abaixou-se numa reverência. Rosa a observou, imóvel como uma imagem da Ponte das Estátuas em St. Elsip, e se virou de novo para mim.

– É verdade? – murmurou Rosa. – Minha mãe?

Antes que eu pudesse formular as palavras, ela entendeu o que minha hesitação significava. Vi a força de tudo aquilo atingi-la de novo com toda a sua potência: o destino de seus pais, do castelo, de sua vida. Rosa fechou os olhos, na vã tentativa de afastar essa visão, e foi tomada pelo desamparo. Estava fora do meu poder curar a angústia que vi espalhar-se por seu rosto.

Prielle me encarou com um olhar inquisitivo e, pela primeira vez, vi-a como Rosa a devia estar enxergando: uma jovem magra e apavorada, com um vestido imundo, mais adequado a uma mendiga que à filha de um mercador de sucesso. Enormes borrões vermelhos manchavam seu corpete e sua saia, e me dei conta,

horrorizada, de que eram o sangue de Millicent, passado do meu vestido para o dela. Olhei de relance para minhas mãos avermelhadas e pegajosas e senti meu estômago revirar de nojo. Desatinada, arranquei o vestido. Joguei de lado os raminhos de alfazema que havia colhido no jardim e lavei e esfreguei as mãos e os braços até a pele arder. Depois de trocar de roupa, mandei Prielle fazer o mesmo e insisti que colocasse um dos vestidos de Rosa. Queimei nossas roupas velhas na lareira, destruindo todas as provas do homicídio que eu havia cometido.

Vi as chamas lamberem o tecido e tentei formular um plano para os dias seguintes. Agora eu tinha a meus cuidados duas jovens que esperavam que eu as orientasse. Quando Rosa estivesse bem o bastante, iríamos à procura de Marcus – ideia a que eu me apegava como uma luz iluminando meu caminho. Mas isso seria apenas uma trégua momentânea. Agora Rosa era a governante daquelas terras; não poderia esquivar-se para sempre de seus deveres. Quem haveria para se tornar seus conselheiros, seus cortesãos, suas damas de companhia? Quem retiraria os cadáveres do castelo? Quem reabasteceria os estábulos de cavalos e os depósitos de alimentos?

E como Rosa poderia sentar-se no trono do pai, algum dia, agora que ele estava manchado do sangue da Millicent?

Quando não restava nada na lareira além de cinzas, mandei Prielle deitar-se no meu catre. Ouvi o farfalhar do colchão de penas de ganso de Rosa quando ela trocou de posição e me perguntei se estaria sendo assaltada pelos mesmos pensamentos que eu. A varíola podia ter passado, mas, ainda assim, eu temia pela princesa. Iria sua mente agitada negar-lhe o repouso de que ela necessitava tão desesperadamente? Poderia seu corpo frágil suportar essa tensão? Consultando mais uma vez o livro de Flora, misturei a poção sonífera, forçando-me a me concentrar apenas nessa tarefa, e não no risco que eu estava prestes a correr. Com delicadeza, introduzi uma colherada na boca de Rosa e vi suas pálpebras trêmulas se fecharem, enquanto as mãos amoleciam sobre as cobertas. Continuei a observar, vendo seu peito subir e descer num ritmo pacífico, inalterado.

Enfim, minha Bela dormia.

Mas eu não consegui pegar no sono. Velei-a por toda aquela noite, atenta a cada respiração e cada gemido. Quando o sol despontou, preparei na lareira uma mistura de aveia e nozes e fiz uma lista de atividades para preencher o dia, tal como fizera quando Rosa e eu havíamos nos trancado naquele quarto. Peguei minha cesta de costura e pedi a Prielle para bordar lenços comigo. Achei o poema que Rosa tinha escrito em homenagem a Dorian e o li em voz alta, empenhando-me ao máximo em acrescentar floreios dramáticos. Prielle escutou de olhos arregalados e, no final, desmanchou-se em palavras de admiração. Rosa não manifestou qualquer reação. Não queria falar nem comer. Recusou-se até a olhar para mim.

Com o passar das horas, fiquei cada vez mais desesperada. À tardinha, exauri todas as minhas energias para assar um bolo numa frigideira sobre o fogo, usando a última porção de açúcar que nos restava, na esperança de que a iguaria lhe

apetecesse. O bolo saiu solado e meio queimado e, apesar de Prielle aceitar uma fatia, agradecida, e devorá-la em meio a uma chuva de migalhas, Rosa deu as costas para minha oferta, sem dizer nada. Frustrada, joguei a frigideira no chão. Nem mesmo esse barulho despertou seu interesse. O rosto dela continuou voltado para a parede, resolutamente inexpressivo. Quando as sombras tornaram a invadir o quarto, seus olhos vazios pareceram brilhar – um ponto de áspera claridade, quando todo o resto estava na penumbra.

Prielle ficou sentada no chão, aninhada diante do fogo quase apagado, com pensamentos que me eram tão misteriosos quanto os de Rosa. Certa vez ela me dissera que não esperava nada além de um bom casamento e uma casa cheia de coisas bonitas. Será que esse simples desejo também lhe seria negado? Senti uma onda de amor por aquela jovem assustada, mas de bom coração, enquanto minha paciência com o voluntarismo de Rosa ia minguando.

– Amanhã você vai se levantar dessa cama – disse-lhe. – Você precisa comer, do contrário nunca ficará boa.

– E depois, Elise? – As palavras foram concisas e frias. – Preparar-me para minha coroação? Empurrar o corpo da minha mãe para o lado, para poder dormir na cama em que ela morreu?

– É claro que não – retruquei. No entanto, o que mais eu havia imaginado? Aquela era a sede dos governantes do reino. Se Rosa assumisse a coroa, seria ali que dormiria. – Deixaremos o castelo por algum tempo, até ele ser posto em ordem.

– Em ordem? – repetiu ela, em tom irônico. – Como se algum dia eu pudesse esquecer o que vi aqui!

– Você não esquecerá. Mas esta é sua casa.

– Não é mais. Não sem minha mãe e meu pai. Nunca desejei o trono nem as joias ou a adulação. Meus pais estão mortos, e eu gostaria de ter morrido com eles. Melhor isso que ser condenada a uma vida como rainha!

Ela ainda não havia recuperado as forças para gritar, de modo que suas últimas palavras saíram como um sibilo. Mas vi a chama reacender-se em suas faces. Se ela hostilizasse a vida que se estendia à sua frente, não lutaria para reconquistá-la.

Antes que eu pudesse emitir outro protesto, ela puxou as cobertas por cima do rosto, escondendo-se do meu julgamento. Virei-me para Prielle, que estava sentada com os joelhos dobrados junto ao rosto e os braços envolvendo as pernas. Parecia uma criança covarde e, fugindo à regra, não encontrei palavras tranquilizadoras para lhe oferecer. A escuridão desceu sobre nós, mas não me levantei da cadeira em que havia desabado para acender uma vela. Fiquei simplesmente sentada, durante aquelas intermináveis horas de trevas, com a mente atormentada pelas reviravoltas de um quebra-cabeça sem solução.

Devo ter cochilado em algum momento, pois acordei com uma nova compreensão de por que é prudente nos recolhermos à cama quando anoitece. É que os maus pensamentos ganham força na escuridão, ao passo que a esperança viceja

na luz. À chegada do dia, minha situação não pareceu tão terrível quanto à meia-noite. Rosa e Prielle continuavam apáticas, mas sem febre, e agradei por estarem com saúde. Não demoraria muito para que eu pudesse ir atrás de Marcus – meu coração palpitou ante essa ideia –, e ele nos ajudaria a decidir os passos seguintes. Ao menos por algum tempo, ficaríamos livres do sofrimento do castelo.

Apesar de sua letargia, insisti para que Rosa se levantasse da cama e se lavasse. Troquei seus lençóis e tirei sua camisola manchada de suor, exortando-a a escolher um vestido limpo no baú. Com um muxoxo, ela pegou o primeiro que veio à mão – uma peça simples, sem qualquer adorno, que parecia combinar com seu humor taciturno. O corpete ficou frouxo na cintura, e eu me senti desolada ante a prova de quanto ela havia emagrecido. Mas seu rosto não mostrava nenhum vestígio do aspecto macilento que é comum a doença trazer. Seus olhos, antes expressivos, já não cintilavam, e suas faces pálidas haviam perdido o saudável brilho rosado, mas ela continuava linda. Quando tentei escovar seu cabelo, Rosa afastou minha mão, então usei as fitas que havia escolhido para ela no arranjo de tranças onduladas de Prielle.

Rosa afundou na cadeira em frente à janela, contemplando a paisagem campestre que primeiro a havia atraído para aquele quarto. Em silêncio, ficou observando as montanhas e os campos imutáveis, e tentei não me deixar desencorajar por seu jeito indolente no correr do dia. Convenci-a a tomar algumas colheradas de sopa ao meio-dia, mas ela não se juntou a mim e a Prielle em nossa conversa a meia voz. Notando a expressão exausta de Prielle, insisti que se deitasse para descansar na cama da Rosa e ela não tardou a adormecer, fazendo a inquietação apagar-se em seu rosto. Tinha um ar muito sereno, livre de qualquer preocupação, e desejei poder sentir o mesmo alívio. Os minutos se arrastaram, como se fossem horas. Quantas vezes eu havia aquecido água no fogo, tentado em vão fazer Rosa comer, olhado para aquelas quatro paredes? Tive a sensação de estar aprisionada naquela torre fazia anos, cuidando de uma princesa cujo encanto permanecia inalterado, enquanto o que restava da minha juventude se esvaía.

Foi o ruído surdo que ouvi primeiro, vago, mas contínuo. Cascos batendo.

– Rosa, você ouviu isso?

Foi como se me dirigisse a um quarto vazio. Rosa continuou sentada como fizera o dia inteiro, ignorando minha presença. Levantei-me de um salto, alisando meu vestido e ajeitando os cachos soltos para afastá-los do rosto. Embora não pudesse ver o pátio da frente pelas janelas da torre, ouvi a batida dos cascos de cavalo nas pedras do calçamento, um som familiar dos tempos em que o castelo fervilhava de vida. Eu havia pensado que nosso visitante deveria ser Marcus, mas, com certeza, aquele tropel era mais alto do que o ruído que uma só carruagem causaria.

– Vou ver quem é – informei a Rosa.

Recobrei o ânimo ao fugir do quarto. Desci depressa a escada para o saguão e, ao passar pela porta da frente, estaquei ao ver o que me esperava do lado de fora. Um contingente de cavalos musculosos e altivos batia os cascos e relinchava na

ladeira. Seus cavaleiros tinham o porte rígido de soldados, porém do tipo mais refinado, com túnicas de veludo e botas altas de couro. Alguns carregavam espadas com punhos ricamente entalhados. Quando me aproximei deles, desconfiada, os homens se reuniram num círculo à minha volta, fitando-me com o assombro de quem depara com uma criatura mítica. No centro estava um cavaleiro esguio, que avançou com seu cavalo branco e parou a meu lado. Tinha a altivez serena da autoridade e todos os traços de sua aparência indicavam uma ascendência nobre, desde o couro macio das luvas de montaria até seu modo de contemplar meu rosto e minha roupa, avaliando minha importância.

Curvei a cabeça.

– Sou Elise Tilleth, dama de companhia da princesa Rosa.

– Ela está viva?

A voz soou à minha esquerda e, ao me virar, vi um homem apeando da sela e tirando o chapéu de aba mole que lhe havia obscurecido parcialmente o rosto. Era Joffrey, o embaixador de Hirathion, fitando-me com uma intensidade desesperada.

– Ela adoeceu, mas o pior já passou.

– Ah...

A exalação suave foi uma expressão precária do alívio que lhe inundou o rosto.

– Lamento informar que a varíola não poupou os pais dela – prossegui. Com que facilidade vieram as palavras polidas, disfarçando com habilidade os horrores que permaneciam na construção atrás de mim. – Nossas perdas foram realmente terríveis.

Joffrey calou-se por um momento, permitindo que o efeito de minhas palavras fosse absorvido por seus companheiros. Em seguida, recompondo-se, indicou o homem imperioso no cavalo branco e disse, em tom formal:

– Permita-me apresentar Sua Majestade, o Príncipe Owin de Hirathion.

– Ouvimos histórias contadas por viajantes que fugiram do seu reino – disse o príncipe. – Narrativas de uma princesa real trancafiada, à espera de ser resgatada. Joffrey insistiu muito que viéssemos descobrir a veracidade delas.

Notei que o príncipe ainda era muito jovem. Da idade em que os homens são mais propensos a ir em busca da salvação de uma bela donzela. Ele apeou e olhou em volta.

– Onde estão os estribeiros?

– Desaparecidos ou mortos. Assim como os guardas, as cozinheiras e todos os demais.

– A senhora e a princesa estão aqui sozinhas? – perguntou Joffrey, horrorizado.

– Isso é inaceitável – disse o príncipe Owin. – Leve-me até ela.

Seu pedido provocou um movimento irrequieto num dos soldados. Avançando, ele se revelou um homem corpulento de meia-idade, o tipo de guerreiro fiel a quem se confia a segurança de um herdeiro do trono.

– Se ela esteve doente, seria melhor ficar longe – disse, em tom premente.

Joffrey perscrutou meu rosto, pedindo em silêncio minha aprovação.

– A senhora disse que ela se recuperou?

– Ela está fraca, mas a varíola já a deixou. Tenho certeza.

O príncipe Owin tirou as luvas e as atirou para um de seus homens, com a displicência das pessoas cujas necessidades sempre foram atendidas por terceiros.

– Gilbert, leve os homens e vasculhe o lugar, à procura de outros sobreviventes. Joffrey e eu iremos ver a princesa.

Àquela altura, eu já tivera tempo de aceitar a situação em que o castelo se encontrava, mas seu ar de presságio sinistro voltou a me atingir quando conduzi os dois homens para dentro. Eles se contraíram ante a fetidez que escapava da capela, e o silêncio dos corredores desceu sobre nós ao andarmos. Não houve perguntas, não houve conversas. Apenas o som de nossos passos, subindo cada vez mais, até a torre no alto do castelo.

Bati de leve na porta, para alertar as moças sobre minha chegada, e em seguida a abri. Por um momento, a imagem que se desnudou diante de nós foi a seguinte: Prielle adormecida na cama, com os cabelos castanho-dourados espalhados sobre o travesseiro, a pele iluminada pelo sol. O delicado vestido cor-de-rosa – um traje de princesa – acentuava o leve rubor de suas faces. Uma das mãos pousava de forma recatada sobre o ventre e a outra pendia de lado na cama, como num gesto de boas-vindas.

Ignorando totalmente o decoro, o príncipe Owin avançou quarto adentro e se apoiou num dos joelhos ao lado da cama.

– Princesa Rosa – murmurou.

Logo atrás de mim, Joffrey prendeu a respiração e me virei para ele a fim de ver se seria o embaixador a corrigir o engano de seu amo. Porém Joffrey não estava olhando para mim nem para o príncipe ou Prielle. Fitava Rosa, sentada na cadeira à janela, numa posição que de início fora escondida pela porta aberta. Ela estava boquiaberta com a surpresa e fitava Joffrey num silêncio atônito. Num instante ele pôs-se a seu lado, pegou suas mãos e as estreitou contra o peito, enquanto a expressão de assombro dela era substituída pela alegria. Ali estava, finalmente, a jovem que eu havia julgado perdida para sempre. Uma moça que ainda seria capaz de encontrar felicidade.

– Elise?

O chamado perplexo de Prielle veio da cama, e vi que a voz do príncipe a despertara do sono. Ele estendeu a mão para segurar a dela, depois levou-a aos lábios para um beijo. Foi um gesto temerário tocar alguém que ele julgava recém-atingido pela varíola, mas o príncipe estava tomado pelo espírito de bravata próprio da juventude.

Eu tinha toda a intenção de desfazer o mal-entendido, mas nesse momento ouvi algo que fez meu coração dar um pulo: o riso de Rosa. E soube de imediato que talvez nunca mais ouvisse aquele som se dissesse a verdade ao príncipe. Para os que

quiserem julgar-me com severidade, só posso dizer que a ideia já me ocorreu plenamente formada, como que entregue por um poder superior. Com uma simples troca de nomes, Prielle poderia levar a vida cheia de mimos pela qual ansiava, e a minha querida, adorada Bela ficaria livre.

Para uma trapaça de tamanha magnitude, até que ela foi fácil de executar. Prielle estava vestida de um modo compatível com a realeza, ao passo que Rosa, com sua enorme beleza diminuída pela doença e usando um traje simples, era fácil de descartar como uma mera criada. O pensamento de Joffrey seguiu o meu com rapidez. Da delegação vinda de Hirathion no passado, ele era o único que poderia denunciar o erro do príncipe. Para ele, seria traição compactuar com essa artimanha, mas ele o fez de bom grado, arriscando-se à morte para assegurar a felicidade de Rosa – e a sua.

Com alguns sussurros, olhares e acenos, ficou resolvido. Foi Prielle que o príncipe Owin levou da torre, foi Prielle que ele insistiu em envolver num cobertor e aninhar em seus braços sobre o cavalo branco. Rosa foi na garupa de Joffrey, com os braços agarrados à cintura dele e a cabeça apoiada em suas costas, até os dois parecerem formar um único ser. Gilbert, o valete do príncipe Owin, amarrou a sacola com meus pertences em suas costas e me içou para o lombo do seu cavalo, atrás dele.

Partimos e não olhei para trás.



Os que contam a história da Bela Adormecida a encerram aqui, com a princesa salva pelo beijo de um príncipe. Será verdade? Uma princesa foi trancada numa torre e descoberta por um príncipe. Mas não havia dormido, e não foi o beijo dele que a trouxe de volta à vida. Embora se tenha celebrado um casamento real – completando o necessário final feliz –, a princesa não foi a mulher que proferiu seus votos matrimoniais naquele dia. Ela desapareceu sob um novo nome, numa nova vida. Uma vida que enfim pôde escolher para si.

As criadas pessoais são heroínas precárias, e não me importa que meu papel na história de Rosa seja esquecido. Mas não quero que a lição de sua vida seja obscurecida no mito. O que salvou Rosa foi o amor. Não a paixão que um rapaz impressionável pode sentir ao ver uma bela jovem desamparada dormindo numa cama. Não, o amor de que falo é muito mais poderoso. É o amor entre aquelas que cresceram juntas, passando de meninas a mulheres, trocando risos e lágrimas, compartilhando um laço que ninguém consegue romper. O amor que me manteve à cabeceira da minha companheira mais querida, hora após hora, fazendo-a sobreviver pela força da minha vontade. O amor de uma mãe e um pai que fecharam os ouvidos aos gritos da filha, a fim de mantê-la em segurança. O amor de um homem que arriscou tudo para dar à sua amada um novo começo.

Um amor forte o bastante para vencer a morte.

## EPÍLOGO

Será que Raimy acredita em mim? Vi os olhos de minha bisneta se arregalarem de assombro e desalento enquanto eu contava minha história. Mas talvez ela não a considere nada além de outro conto de fadas, os devaneios floreados de uma velha biruta.

Contei-lhe que Rosa e Joffrey viveram felizes para sempre. E viveram, ou quase isso, pois será que algum dia uma jovem que viu a casa de sua família ser transformada num sepulcro pode ser realmente feliz? Por mais abençoada que ela seja com a fortuna e a honra, sempre desconfiará que a morte está à espreita nas sombras. Naquelas primeiras noites longe do castelo, que passamos na casa de uma parenta idosa do príncipe Owin, Rosa acordava aos gritos, torturada pelos mesmos pesadelos que atormentavam meu próprio repouso. Eu a abraçava com força, temendo que seu pobre corpo enfraquecido sucumbisse ao ataque daqueles soluços. Joffrey também se mostrou vigilante e terno. Tentava despertar o apetite dela à mesa, todas as noites, e eu o via deslizar delicadamente o dedo pela face de Rosa e murmurar palavras de ternura quando achava que os dois não estavam sendo observados.

Prielle elevou-se a seu novo papel como se houvesse nascido para ele, adorando cada medida e reverência que lhe eram dirigidas. Vez por outra, quando ficava insegura em matéria de etiqueta ou a quem se dirigir primeiro, sua hesitação era vista como efeito da doença, não como motivo de suspeita. E Prielle aprendia depressa. Tenha ou não desejado o príncipe Owin desde o começo, logo se formou um entendimento entre os dois e eu soube que ele a pediria em casamento. Para um jovem príncipe dado a gestos dramáticos, seria o suprássumo do resgate da donzela.

Um novo começo seria concedido a Prielle e a Rosa, mas, quanto a mim, a viagem para Hirathion não trouxe nada além de um grande temor. Eu viveria entre estranhos, como uma viúva de cavaleiro que seria tratada com desdém pelas damas da nobreza. Rosa precisava de mim nesse momento, mas por quanto tempo? Ela teria um marido carinhoso e, com a graça de Deus, filhos. Começaria uma vida nova. Eu não podia fazê-lo. Não tinha ânimo para isso.

Depois de tudo o que havia perdido, de tudo o que vira, eu ansiava por minha própria casa. Por um lugar em que eu fosse bem-vinda tal como era. Por mais que amasse Rosa, eu ansiava por Marcus.

Repreendi-me duramente por alimentar essas ideias com base em pouco mais de alguns momentos passados na presença dele. Era possível que sua mulher tivesse sobrevivido à varíola e, nesse caso, eu não teria qualquer direito sobre ele. Mesmo que Marcus estivesse viúvo, talvez não quisesse casar-se outra vez. Mas eu havia

sentido uma centelha de algo entre nós naquele dia, no seu jardim. E essa sensação bastou para nutrir minha determinação. Durante tempo de mais, meu destino estivera nas mãos dos outros. Dessa vez, jurei seguir meu próprio caminho.

Escrevi-lhe uma carta. Como me angustiei com aquelas linhas! Com toda a certeza, poeta nenhum jamais mediu suas palavras com tanto cuidado. Perguntei pela família dele, acrescentando, com ar displicente, que talvez pudesse visitá-los no futuro, em algum momento. No cômputo geral, foi um esforço respeitável, sociável, mas não excessivamente íntimo. Restou-me apenas a esperança de que ele adivinhasse os desejos entremeados às palavras educadas.

O mesmo mensageiro que levou minha carta ao raiar do sol voltou com uma resposta ao anoitecer. Marcus estava de fato enlutado pela morte da esposa, que havia morrido na casa da irmã. A epidemia de varíola parecia haver chegado ao fim em St. Elsip, e alguns barcos tinham até levado suprimentos para o porto. Todas essas notícias foram animadoras, mas não tanto quanto a última linha da carta:

*“Sua visita será extremamente bem-vinda, na primeira oportunidade.”* E foi seguida por um rabisco acrescentado às pressas, no finzinho da página: *“Venha, por favor.”*

Se tivesse alma de poeta, eu diria a Raimy que Marcus me arrebatou nos braços enquanto eu lhe jurava eterno amor. Mas, na verdade, fomos cautelosos ao nos reencontrarmos, totalmente conscientes dos olhares das crianças voltados para nós. Eu era uma mulher de 32 anos, não uma mocinha voluntariosa, e conversamos como conhecidos separados desde longa data, trocando novidades em tons comedidos, cuidando para que nossas vozes não carregassem o peso de nossas expectativas. Com medo de enunciar nossas esperanças em voz alta.

Somente no escuro foi que revelamos a verdade de nossos sentimentos, mais em atos do que em palavras. Depois que as crianças foram para a cama, nós nos sentamos diante das brasas quase extintas do fogo. Ele buscou minha mão e eu a sua. Seus lábios roçaram minha face e minhas mãos deslizaram por seus ombros. Exploramos com cautela as formas um do outro, as curvas e a pele quente que nos eram conhecidas, mas ao mesmo tempo não eram, pois estávamos mais velhos e o tempo havia nos modificado. Foi durante essas horas enluaradas que tornamos a nos comprometer um com o outro, murmurando palavras de ternura, enquanto as mãos dele acariciavam minhas faces. Meu amor por ele, como me encantou descobrir, assemelhava-se a brasas crepitantes: o tempo e a distância haviam diminuído seu calor, mas o atíçamento suave dos beijos ternos de Marcus as devolveu à vida.

Passei dois dias lá. O bastante para saber que um dia a casa de Marcus seria minha, que o laço entre nós era uma base suficientemente forte para construirmos um futuro sobre ela. Embora já houvéssemos esperado tanto para viver juntos, nossos votos foram mais adiados ainda, porque Marcus teve de cumprir o período de luto por sua mulher, e eu me recusei a deixar Rosa e Prielle antes de vê-las

acomodadas.

O casamento de Rosa foi uma cerimônia modesta, mas inundada de uma alegria que muitas vezes está ausente das cerimônias mais sofisticadas. Joffrey, encantado, observou sua esposa durante todo o jantar comemorativo, maravilhando-se com o fato de que aquela criatura pudesse ser sua. Ela, por sua vez, pareceu beber a admiração do marido como se fosse um elixir, e encantou a todos, dos cortesãos aos criados, com seu sorriso luminoso e sua conversa animada. Embora Joffrey a chamasse de Prielle em público e houvesse criado a história de que ela era filha de um comerciante de tecidos, tratava-a por Bela na intimidade, e eu soube que seu segredo compartilhado os uniria para sempre.

Na manhã do casamento, cumpri meu último dever para com a rainha Lenore, presenteando Rosa com o colar de flores de ouro que a soberana me confiara, ao ver a filha pela última vez. Rosa acariciou amorosamente os botões frágeis, alisando os mesmos relevos que os dedos de sua mãe um dia haviam seguido. Depois, juntou os fios de rosas, repôs o colar em sua bolsinha de veludo e a apertou na minha mão.

– Logo, logo você mesma vai se casar, Elise. Este é o meu presente para você.

Eu disse que não poderia aceitá-lo, mas Rosa me silenciou:

– Sei que você sempre o admirou. E ela queria que fosse seu, em sinal de gratidão por tudo o que você fez.

Rosa calou meus protestos adicionais lembrando-me que uma peça como aquela era extravagante demais para uma filha de mercador.

– Eu nunca poderia usá-lo sem despertar perguntas – falou. – Você é a esposa de um cavaleiro. O colar deve ser seu.

E foi assim que usei uma joia digna de uma rainha no casamento do príncipe Owin, que foi celebrado com a suntuosidade adequada. Prielle teve uma conduta majestosa durante toda a cerimônia, nobre no porte, mas graciosa nas maneiras. Saudada como princesa Rosa, demonstrou pelo marido uma afeição genuína, que foi um bom presságio para a futura parceria dos dois. Mas seu casamento não marcou apenas a união de um homem e uma mulher. Com aqueles votos, o reino de Rosa e o de Owin foram unidos e a linhagem do rei Ranolf chegou ao fim. Seu castelo, sede de um reino que já não existia, ficou entregue à decrepitude.

Rosa soluçou no dia em que a deixei, e eu também. Mas, justiça seja feita, nunca me pediu para ficar. Dado o seu gosto por histórias românticas, ela não quis negar-me uma segunda chance com o homem que chamava de meu verdadeiro amor. O príncipe Owin concedera a Joffrey um título e uma propriedade, por ocasião do seu casamento, como reconhecimento por seus serviços leais, e Rosa e o marido iam se mudar para uma residência senhorial no sopé das montanhas Trillian, com vista para o mar. Rosa me disse que a visão da água lhe acalmava o espírito, e me lembrei de suas idas furtivas ao porto de St. Elsip, quando, cheia de sonhos, ela contemplava o mar aberto. Imagino que isso fosse um toque do sangue herdado de sua mãe, porque a rainha Lenore vinha de um povo de navegadores.

Nossa despedida foi cheia de juras de amizade e exclamações de dedicação, mas eu temia que nossas situações distintas acabassem erguendo uma barreira entre nós. A casa de Rosa ganhou fama pela elegância e pelo bom gosto, pela animação dos divertimentos e pela cultura de sua dona. Ali foram recebidos poetas, músicos e pintores como convidados de honra. Mas não participei dessas diversões. Enquanto Rosa supervisionava a arrumação das tapeçarias e a distribuição dos móveis, eu estava de volta aos arredores de St. Elsip, mergulhada numa vida nova: dormindo e acordando com um marido que era meu sócio nos negócios e meu amante, meu velho amigo e meu novo conhecido, e cuidando de filhos que não eram meus por sangue, mas por criação. Eu não estava acostumada a dirigir uma casa; na verdade, entendia pouco de cozinha e nada de curtumes. Mesmo assim, fazia o que era preciso para manter unida a minha família improvisada.

Visitava Rosa quando possível, e me alegre dizer que estive a seu lado no nascimento do seu primeiro filho. Apenas a mim ela confidenciou as visões que ainda a perseguiam, as lágrimas que rolavam sem que ela as pudesse conter. Fiz o possível para diminuir sua dor, mas a casa dela ficava a alguns dias de viagem da minha. Quando, por minha vez, fui abençoada com uma filha, a minha querida Merissa, tornou-se ainda mais difícil que eu pudesse me ausentar. É o que costuma acontecer quando amigos ficam separados por muito tempo, seja qual for o grau de afeição entre eles. Os laços que se esticam por distâncias muito grandes não deixam de enfraquecer com o tempo.

Na ocasião em que Rosa me perguntara se meu casamento com Dorian tinha sido feliz, eu não soubera o que dizer. Com Marcus, a resposta era clara. Havia dias em que, cansada pelo choro de Merissa ou pela língua ressentida de Evaline, eu me perdia em amarguras e pensava na vida que poderia ter levado com Rosa. Mas a sensação dos braços de Marcus me envolvendo restabelecia o meu equilíbrio, e a alegria dele com nossa família caótica e remendada me inspirava a dar graças por minhas muitas bênçãos. Cheguei até a chorar ao ver Evaline casar-se. Nunca teria imaginado que a neta dela, Raimy, viria a se revelar a maior alegria de meus últimos anos de vida.

Quanto a Rosa, ela trouxe ao mundo três filhos lindos, dois meninos e uma menina. Sempre penso na caçula com uma pontada de dor, pois foi ela quem tirou a vida da mãe. Foi um parto difícil, feito aos 40 anos, quando Rosa achava ter passado da idade de ter filhos. Ela recebeu a neném com lágrimas de alegria, segundo me contaram, antes de sucumbir à hemorragia que já levou inúmeras mães. Sir Joffrey teve a gentileza de me mandar uma carta de próprio punho, embora ela pouco tenha ajudado a amenizar minha dor.

St. Elsip nunca se recuperou completamente da epidemia de varíola, embora algumas casas que ficaram abandonadas por anos tivessem começado aos poucos a ser habitadas de novo e houvésssemos ouvido boatos de que um nobre ambicioso desejava fixar residência no castelo ainda imponente. Algum dia ninguém mais se

lembrará da varíola. A sombra que pairou sobre a torre de pedra se dissipará e a construção oferecerá, mais uma vez, torneios e banquetes.

Raimy certamente quer que seja assim. Se o castelo voltar à vida, ela encontrará um lugar por lá, tenho certeza. As cortes estão sempre abertas para moças de encanto e beleza.

Quanto a mim, não desejo voltar a andar por aqueles corredores. Nos anos da minha velhice, contento-me em me sentar diante de uma lareira quente, com a barriga cheia. Embora as dores nas pernas e nos dentes venham ficando mais penosas com a idade, a dor do passado cedeu. Posso pensar na rainha Lenore e em Rosa tal como eram, passeando pelo jardim, com o sol dourando o cabelo avermelhado de Rosa e fazendo cintilar os olhos negros de sua mãe. Posso lembrar-me do riso delas e do aroma das folhas e pétalas que eu esmagava entre os dedos. Posso lembrar de mim mesma atrás das duas, contente em desempenhar um papel coadjuvante em sua história.

Houve uma época em que eu preferia esconder as lembranças da minha vida pregressa a reconhecer tudo o que havia perdido. Agora encontro consolo nessas recordações. A pulseira de couro que Marcus fez para mim há tantos anos, quando éramos pouco mais do que crianças, voltou a envolver meu pulso, como testemunho de um amor que durou muito além da paixão juvenil. O colar de ouro da rainha Lenore ficaria ridículo adornando meu pescoço encarquilhado, mas é comum eu me sentar com ele estendido no colo, admirando o trabalho delicado e recordando as noites em que eu gentilmente afastava o cabelo preto da rainha para o lado, para prender o fecho.

Consola-me pensar que a história da Bela Adormecida continuará viva depois de todos nós, uma história de maldade derrotada e amor triunfal que ressoará por séculos. E é assim que deve ser. Porque a verdade não é nenhum conto de fadas.

## AGRADECIMENTOS

Escrever pode ser uma ocupação solitária, mas o sistema certo de apoio é capaz de fazer toda a diferença nos anos decorridos entre o manuscrito inicial e a publicação. Desde os primeiros dias deste projeto, mantive uma lista mental de agradecimentos a todos os familiares e amigos que me incentivaram ao longo do caminho. Agora, posso finalmente torná-la oficial.

Primeiro, gostaria de agradecer a meus pais, Mike e Judy Canning, e a minha irmã, Rachel, por terem sido meus primeiros e mais fiéis torcedores. Vocês mantiveram meu ânimo elevado nas horas mais difíceis, e eu me sinto com uma sorte incrível por ter crescido numa família tão admirável. Um viva extra para a Rachel, pela capacidade de me fazer rir até perder o fôlego.

Ao meu marido, Bob, obrigada por ter entrado em cena para manter a família Blackwell em funcionamento toda vez que eu acionava o modo de operação “escrevendo feito louca”. Eu não poderia ter feito isto sem você. (Pontos extras por servir regularmente o café da manhã a três filhos, para que eu pudesse dormir depois de escrever até altas horas da madrugada – o maior presente que uma mãe notívaga pode receber.) Um agradecimento especial vai para minha filha, Clara, que assistiu *A Bela Adormecida*, da Disney, tantas vezes que o filme acabou servindo de inspiração para este livro.

Aos meus companheiros escritores Jennifer Szostak, Mary Jean Babic, Mike Austin, Adam Beechen e Peter Gianopulos: cada um de vocês me fez um discurso motivador crucial quando a minha confiança estava fraquejando e, de algum modo, todos os cinco souberam exatamente o que dizer (mas, é claro, todos vocês levam jeito com as palavras). Esta montanha-russa que é a vida dos escritores é muito mais divertida com vocês.

A minhas amigas e companheiras de paixão pelos livros Sarah Lyke, Gayle Starr, Helen Widlansky, Laura Pryzby e Barbara Kirchheimer. Sua amizade e seu estímulo enriqueceram a minha vida. Sinto-me grata por poder ligar para vocês para dar risadas, encontrar um ouvido solidário ou receber uma boa recomendação de leitura.

À minha agente, Danielle Egan-Miller, obrigada por ter acreditado neste livro – e em mim – desde o começo. Você é não apenas uma defensora apaixonada e uma editora talentosa, mas também uma ótima companhia (com um gosto fantástico em matéria de literatura barata dos anos 1980). Obrigada também a Joanna MacKenzie por sua incisiva edição de texto e suas sugestões para a trama. Shelby Campbell, você tem minha eterna gratidão por ter me tirado da pilha de originais de autores desconhecidos.

À minha editora, Amy Einhorn: obrigada por seu incentivo, por sua paixão pela excelência e pelo título perfeito. Sou uma escritora melhor por ter trabalhado com você. Agradeço também a Liz Stein por sua proveitosa orientação no mundo editorial.

Por último, tenho uma dívida de gratidão para com os músicos que me inspiraram durante as inúmeras revisões desta história. *Under the Iron Sea*, do Keane, *Sigh No More*, do Mumford & Sons, e *Clarity*, do Jimmy Eat World, podem não ter nenhuma ligação óbvia com a Bela Adormecida, mas penso nesses discos como a trilha sonora não oficial do meu livro – músicas que criaram uma atmosfera que pareceu fiel ao mundo de Elise e Rosa.

## SOBRE A AUTORA

© 2013 Jill Brazel Photography



**ELIZABETH BLACKWELL** se formou em história e comunicação na Universidade Northwestern e fez mestrado em jornalismo na Universidade Columbia. Teve muitos empregos – entre eles o de editora de uma revista e redatora freelance –, mas o de escritora é, de longe, seu preferido. Mora no subúrbio de Chicago com o marido, três filhos e uma pilha cada vez maior de livros de cabeceira.

## CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO

*Queda de gigantes, Inverno do mundo e Eternidade por um fio*, de Ken Follett

*Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim, Cilada, Fique comigo e Seis anos depois*, de Harlan Coben

*A cabana e A travessia*, de William P. Young

*A farsa, A vingança e A traição*, de Christopher Reich

*Água para elefantes*, de Sara Gruen

*Inferno, O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e Fortaleza digital*, de Dan Brown

*Uma longa jornada, O melhor de mim, O guardião, Uma curva na estrada, O casamento, À primeira vista, O resgate e O milagre*, de Nicholas Sparks

*Julietta*, de Anne Fortier

*As regras da sedução e Lições do desejo*, de Madeline Hunter

*O guardião de memórias*, de Kim Edwards

*O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes!; Praticamente inofensiva; O salmão da dúvida e Agência de investigações holísticas Dirk Gently*, de Douglas Adams

*O nome do vento e O temor do sábio*, de Patrick Rothfuss

*A passagem e Os Doze*, de Justin Cronin

*A revolta de Atlas e A nascente*, de Ayn Rand

*A conspiração franciscana*, de John Sack

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores da EDITORA ARQUEIRO, visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br) e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editoraarqueiro](https://facebook.com/editoraarqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skooob.com.br/editoraarqueiro](https://skooob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

## Sumário

[Créditos](#)

[Prólogo](#)

[PARTE I – Era uma vez..](#)

[Um – Um destino revelado](#)

[Dois – Para o castelo](#)

[Três – Senhora das aflições](#)

[Quatro – Herdeiro natural](#)

[Cinco – Nasce uma criança](#)

[Seis – Uma maldição sobre nós](#)

[Sete – Novos começos](#)

[Oito – O desabrochar do amor](#)

[Nove – O Caminho da corte amorosa](#)

[Dez – Um juramento é feito](#)

[Onze – A verdade sempre aparece](#)

[PARTE II – A sombra da morte](#)

[Doze – Segundas chances](#)

[Treze – Uma mulher casada](#)

[Catorze – Os ônus da perda](#)

[Quinze – Até que a morte nos separe](#)

[Dezesseis – O mal libertado](#)

[Dezessete – Tempos de desespero](#)

[Dezoito – No túmulo](#)

[Dezenove – A batalha final](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Conheça outros títulos da Editora Arqueiro](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)